



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

JULIANA MORATTO

**PERCEPÇÕES E ATITUDES LINGUÍSTICAS NO NORTE E
NORDESTE COM DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO
BRASIL-ALiB**

LONDRINA
2024

JULIANA MORATTO

**PERCEPÇÕES E ATITUDES LINGUÍSTICAS NO NORTE E
NORDESTE COM DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO
BRASIL-ALiB**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Vanderci Andrade Aguilera

LONDRINA
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

M831p Moratto, Juliana.
Percepções e atitudes linguísticas no Norte e Nordeste com dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil-ALiB / Juliana Moratto. - Londrina, 2024.
207 f. : il.

Orientador: Vanderci Andrade Aguilera.
Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2024.
Inclui bibliografia.

1. Percepções e Atitudes Linguísticas - Tese. 2. Projeto ALiB - Tese. 3. Regiões Norte e Nordeste - Tese. 4. Sociolinguística - Tese. I. Aguilera, Vanderci Andrade . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 8

JULIANA MORATTO

**PERCEPÇÕES E ATITUDES LINGUÍSTICAS NO NORTE E
NORDESTE COM DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO
BRASIL-ALiB**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Vanderci Andrade Aguilera (Orientadora)
Universidade Estadual de Londrina

Prof^ª. Dr^ª. Jacyra Andrade Mota
Universidade Federal da Bahia

Prof^ª. Dr^ª. Greize Alves da Silva
Universidade Federal de Tocantins

Prof^ª. Dr^ª. Jacqueline Ortelan Maia Botassini
Universidade Estadual de Maringá

Prof^ª. Dr^ª. Fabiane Cristina Altino
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 29 de fevereiro de 2024.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Dr.^a Vanderci Andrade Aguilera, que me aceitou como orientanda e me integrou na família ALiB, me orientou e me confiou a tarefa de explorar a Sociolinguística. Professora, sua vida é um exemplo de perseverança e ousadia para nós, professores! Mulher admirável, mulher empoderada, mulher maravilha! Que currículo invejável! Que produção acadêmica abençoada! Pessoas como você são raras, são anjos! Obrigada, oriANJA!

Agradeço ao meu esposo, Guilherme, pelo apoio dado na minha trajetória acadêmica, sempre me compreendendo e me incentivando ao longo dos processos, e celebrando a cada vitória. Seu amor foi essencial para a realização deste sonho! Agradeço tudo o que fez, e o que não fez (renúncias), para que eu pudesse concluir uma das etapas mais desafiadoras da minha vida: o doutorado. Gratidão eterna!

Agradeço às professoras doutoras que compõem a banca: Jacyra Andrade Mota, Greize Alves da Silva, Jaqueline Ortelan Maia Botassini e Fabiane Cristina Altino, pelo aceite e participação de todas na qualificação e na defesa. Foi uma honra contar com a contribuição de profissionais tão renomadas nesta área de pesquisa para aprimorar minha tese. Agradeço pelas valiosas e pertinentes sugestões, críticas e elogios que recebi de cada uma, pois reconheço minha pequenez diante de tamanha experiência e respeito ao Projeto ALiB. Espero poder contar com vocês na continuidade deste projeto com oportunidades de colaboração acadêmica, pois ainda tenho muito a aprender com vocês! Obrigada, pela disponibilidade e generosidade de vocês!

Agradeço aos professores da Universidade Estadual de Londrina (UEL), especialmente aos que tive o prazer de conhecer e a alegria de compartilhar momentos especiais de muito aprendizado. Recebam toda minha admiração e respeito. Nada se compara a estudar com quem, além de teorias, compartilha sua experiência de vida!

Agradeço aos amigos que conheci durante as aulas de pós-graduação, pessoas especiais, atenciosas, amorosas e das quais recebi muita instrução. Não me negaram atenção!

Agradeço aos meus companheiros professores, amigos de profissão e da vida, aos que passaram por minha vivência profissional e, não poderia deixar de mencionar, àqueles que, com muito carinho, fui aluna. Professores, segui seus conselhos com prudência. E posso dizer que nunca foi fácil, mas, para trabalhar na educação, tem que saber amar o que faz!

Agradeço à minha família, aos que depositaram confiança e me ampararam durante esses anos de estudo. A presença de vocês, minha rede de apoio, foi fundamental! Portanto,

aqui tem um pouquinho de cada um de vocês: da mãe, dos afilhados, do irmão, dos primos, dos tios, dos primos e dos sogros.

Agradeço aos meus afilhados, Enzo, Julia e Bia. Além de me fazerem muito feliz e encherem minha vida de cor, também me ensinam como amar! Sem vocês, eu não seria eu!

Agradeço à comunidade flamenca “Casa Tablao Michel Cássin”, que me recebeu com tanto acolhimento, carinho, força e cuidado. Lá aprendi tantas coisas boas! A entrega, o valor da persistência, superar os obstáculos da dedicação (física e mental) e fazer o melhor dentro das minhas limitações.

Agradeço ao Instituto Federal do Paraná, especialmente ao Campus Ivaiporã, por todos os incentivos e o mais importante para esta jornada, que foi o afastamento total para os estudos. Desde que iniciei minha vida profissional, esta é a primeira vez que me dedico integralmente aos estudos acadêmicos. Como é bom saber que ainda há incentivos pela qualidade da pesquisa científica!

Agradeço aos meus alunos, pela oportunidade de crescermos juntos!

DEDICATÓRIA

Dedico o resultado desta investigação a Deus. A Ele que, primeiramente, me ofereceu a missão de educar e estudar, que colocou uma cruz no meu caminho sabendo que eu era digna e capaz de carregá-la. Também colocou muitas flores para que eu pudesse apreciá-las ao longo da trajetória. Ele me permitiu vivenciar esta oportunidade para honrar seu Nome e me entregar para “amar o próximo como a ti mesmo!” Por Ele e com Ele, todas as dificuldades foram, são e serão superadas!

Dedico também à professora Vanderci, essa pessoa maravilhosa que me encantou com seu trabalho, me ensinou a amar a língua portuguesa brasileira de um jeito mais que especial, amando também o que pensam seus falantes. Estendo esta dedicatória a todas as Vandercis espalhadas pelo mundo...

Dedico este trabalho à minha família. Ao meu pai, que sempre me motivou a estudar, dizendo que “herança você não vai ter mesmo, então estuda!”. Saiba que nunca me arrependi de ter seguido esse nobre conselho. À minha mãe, que além de sua superioridade linguística, tentou me acalmar por muitas vezes repetindo: “Você dá conta, né, fia! Sempre dá!”. Mal sabe ela o preço que paguei com minha saúde mental!

Dedico esta tese ao meu esposo, Guilherme, cujos incentivos e ajuda foram fundamentais para eu sempre seguir com determinação e propósito. Meu companheiro fiel, de fase em fase, nas grandes e (principalmente) pequenas conquistas, nos bons momentos e nos momentos nem tão bons assim. Me ensinou a nunca desistir de mim, nem dos meus sonhos!

Dedico esta tese a todos que partiram durante o processo.

Desvendando os segredos da sociolinguística: uma jornada fascinante!

Em casa, quando o pai reclamava do cenário político da época, falando “desse jeito nós não vévi! As pessoa não vévi!”, sentindo o peso das crises econômicas. À criação de um método revolucionário de educação, a “Pedagogia do Se Vira”! Ei, véio, tô me virando até hoje...

quando a mãe dizia berge, flete, splay e, junto com a minha “suposta correção”, vinham dias de silêncio ou, ao criar o neologismo “crocodita” — crocodilo mais troglodita — uma chuva de risos dispara juntamente a uma cara fechada ofendida (quase chorando) acompanhada de uma bela bronca;

ao escutar a vó Maria dizendo “gardece, gardece fia!”, era a variante mais linda do mundo! Ao dançar com ela ao som de Zeca Pagodinho, “Deixa a vida me levar, vida leva eu” e, diante de seu caixão, ouvir a tia Junevil se despedir: “Oh, Maria, minha irmã, Maria! Nós se amemo tanto!”. Foram, sem dúvidas, desvios provocados por comportamentos afetivos;

ao presenciar a Julia procurar seu tênis brilhante chorando: “Mas aquele não era um tênis qual q u e r”!;

ao descobrir que “menas é mais”, quando a questão cai em concurso público e, ao entrar com recurso, o irmão conseguir anular a questão e passar, trabalha lá até hoje! “Menas é mais!”, não constava na gramática normativa;

ao presenciar a amiga chamando meu doguinho de “Froquinho” porque parecia com o cachorrinho do Cebolinha! aquele que tem a língua “plesa”; ela é fã de rotacismos;

na academia, quando o treinador depois de “ponhar” mais peso no leg press, mandar um: “exprode, Ju!”;

é ouvir a Bia dizer “picoca doce, moro em Cornélio Cocópio, aonde a gente vamos?!”. Ah, ela me contou que a canela é uma coisa que vive no arroz doce! E, saber que logo passa porque as crianças crescem muito rápido!

Reconhecer e respeitar as variedades!

Me lembro do dia em que, na escola, vi a professora escrevendo “mortadela” no quadro e eu, delicadamente, fui até a sua mesa e disse: “Professora, tá faltando um n ali”. Ela sorriu e me respondeu “Não está! É assim mesmo que se escreve!”. Choquei e pensei: “Minha mãe me ensinou errado? Será que ela sabe? Por que ela me ensinaria errado se é assim que ela

e o pai falam?”. Cheguei em casa e soltei a bomba: “Mãe, não é mortandela, é mortadela”! E o efeito rebote veio: “Eu falo do jeito que eu quiser!”, afinal temos o direito à diversidade. Aprendi cedo o que é um idioleto!

Com apenas dezesseis anos (\cong 1993), estudante do magistério, entrar numa sala de aula sem nenhuma experiência, propor uma redação e ao corrigir um dos textos, me deparar com “uzómi”, descobrir que o menino quis dizer “os homens” ficaram passando na rua da sua casa, que se explicou dizendo que era “a puliça”. Então, sugeri que “uzómi” e a “puliça”, fossem substituídos por “os policiais”, pois fazia mais sentido no texto, afinal são profissionais da segurança. A escola pública nos proporciona muitos ensinamentos, e foi nessa mesma escola que aprendi que os “policiais” são da polícia, assim como “uzómi” são “policiais”.

Ivaiporã, a terra onde todo mundo gosta de usar o verbo “ponhar”, não importa a profissão. Todo mundo lá “pode ponhá” mesmo!

Tenho que concordar com o Renato Russo cantando em português errado, discordando que o imperfeito participa do passado, trocando as pessoas e os pronomes. Assim como outras canções atuais, cheias de variedades do português, sigo aprendendo, ensinando, levando a vida com palavras nas veias sempre dispostas a tocar alguma alma!

*Nossa língua portuguesa
É linda e tem valor
Respeite as variações
Trate-as com bom humor
Todos nós falamos certo
Seja um bom receptor.*

(Carlinhos do Cordel)

MORATTO, Juliana. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil-ALiB: Percepção e Atitudes Linguísticas no Norte e Nordeste**. 2024. 209 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina: Londrina, 2024.

RESUMO

Os falantes da língua portuguesa têm suas próprias percepções sobre a língua que falam, observam diferenças fonéticas, lexicais, sintáticas, entre outras, de falares diferentes do seu. Identificam, principalmente, traços linguísticos com características regionais, atribuem a elas valores e avaliações, expõem suas percepções e atitudes linguísticas. Esta tese tem por objetivo investigar, por meio do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), o que os informantes do interior das Regiões Norte e Nordeste pensam sobre as variedades do português. As reflexões partem das questões metalinguísticas 4 e 5 (4 – Em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui? 5 – Poderia dar um exemplo do modo como falam em outros lugares do Brasil?), pertencentes ao questionário do Projeto. Os pontos analisados compreendem 87 localidades do interior, sendo 18 delas referentes à Região Norte e 69 à Região Nordeste. O *corpus* é formado pelas respostas dos 348 informantes, sendo 72 da Região Norte e 276 da Região Nordeste, estratificados por faixa etária entre 18 e 30 anos (faixa I) e entre 50 e 65 anos (faixa II), todos com escolarizados até o nível fundamental I – concluído ou não, dos quais 50% são do sexo masculino e 50% do sexo feminino. Os resultados coletados da questão 4 indicam que mais de 99% dos informantes, de ambas as regiões, reconhecem a existência de outras variedades. A análise da Questão 5 sugere que os informantes da Região Norte mencionaram variedades linguísticas relacionadas a diferentes regiões e estados, com destaque para o termo sotaque, adjetivação, outras referências de natureza fonética e à grupos indígenas. Foram identificadas 126 ocorrências de variedades linguísticas mencionadas pelos 72 informantes. A análise das percepções dos informantes incluiu aspectos como foco regional, sotaque, adjetivação atribuída aos diferentes falares, fenômenos fonéticos, referências linguísticas e alusão a grupos indígenas. A percepção da diversidade de falas está relacionada à identidade do falante e do grupo ao qual pertence. Os gentílicos mais frequentes na Região Norte foram agrupados em Nortista, Nordestino, Sulista, Sudestino e Centro-Oestino para análise. As variedades do Norte revelaram uma interação entre capital e interior nos estados do Amazonas e do Pará. As variedades nordestinas foram percebidas pelos informantes através dos gentílicos relacionados a essa região. As variedades sulistas e sudestinas foram identificadas através dos gentílicos sulista, gaúcho, carioca, paulista, catarinense, mineiro e capixaba. As percepções relacionadas à fala centro-oestina dizem respeito aos gentílicos goiano, mato-grossense, cuiabano, brasiliense e anapolino. Além das localidades de origem das variantes, outras referências linguísticas como sotaque e adjetivação foram apontadas pelos informantes. Também foram mencionadas características fonéticas e léxicas específicas de algumas variedades. A presença das línguas indígenas na Região Norte também foi enfatizada. As percepções dos informantes nortistas refletem a construção sócio-histórica e econômica da região, que recebeu trabalhadores de diversas regiões do país e teve contato com inúmeras variedades e culturas. No Nordeste, as percepções linguísticas também são influenciadas por migrações, crescimento de centros urbanos e a construção de Brasília. Os informantes nordestinos destacam as variedades linguísticas do Sudeste, Sul e Centro-Oeste, enquanto as variedades do Norte e Nordeste são identificadas por meio dos seus próprios regionalismos. As ocorrências do Norte são influenciadas pela ocupação de terras e exploração da borracha e do garimpo, enquanto as do Nordeste estão relacionadas aos movimentos demográficos internos e às secas. Além disso, o texto menciona as variedades com sotaque em cada região e outras características linguísticas,

como adjetivação, fonética, léxico e gírias, com destaque para a variedade paulista presente nas respostas da maioria dos informantes nordestinos.

Palavras-chave: Percepções e Atitudes Linguísticas; Projeto ALiB; Regiões Norte e Nordeste; Sociolinguística; Dialetologia.

MORATTO, Juliana. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil-ALiB: Percepção e Atitudes Linguísticas no Norte e Nordeste**. 2024. 209 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina: Londrina, 2024.

ABSTRACT

Portuguese speakers have unique perceptions of their language. They observe phonetic, lexical, and syntactic differences in languages other than their own. They mainly identify linguistic traits with regional characteristics and attribute values and evaluations to them, as well as express their linguistic perceptions and attitudes. This thesis investigates the perceptions of Portuguese varieties among informants from the North and Northeast regions, using data from the Linguistic Atlas of Brazil Project (ALiB). The analysis is based on metalinguistic questions 4 and 5 from the project's questionnaire: “In other places in Brazil, do people speak differently from here?” and “Could you give an example of how they speak in other places in Brazil?”. The analysis covers 87 inland locations, 18 of which are in the North and 69 in the Northeast. The corpus consists of responses from 348 informants, 72 from the North Region and 276 from the Northeast Region, stratified by age group between 18 and 30 years (group I) and between 50 and 65 years (group II), all with completed or incomplete elementary level I education. The sample is evenly split between males and females. The data collected from Question 4 shows that over 99% of the participants from both regions acknowledge the existence of other language varieties. The analysis of Question 5 reveals that participants from the Northern Region mentioned linguistic varieties related to different regions and states, with a focus on accents, adjectivization, other phonetic references, and indigenous groups. A total of 126 occurrences of language varieties were identified among the 72 participants. The analysis of the informants' perceptions included various aspects, such as regional focus, accent, adjectives attributed to different languages, phonetic phenomena, linguistic references, and allusions to indigenous groups. The perception of speech diversity is related to the identity of the speaker and the group to which they belong. The most frequent terms used to refer to people from different regions in the North were grouped into Northern, Northeastern, Southern, Southeastern, and Midwestern for analysis. The Northern varieties showed an interaction between the capital and the interior in the states of Amazonas and Pará. The Northeastern varieties were identified by the informants based on the region's gentiles. The Southern and Southeastern varieties were recognized as the demonyms *sulista*, *gaúcho*, *carioca*, *paulista*, *catarinense*, *mineiro*, and *capixaba*. The perceptions related to Midwestern speech concern Goiás, Mato Grosso, Cuiabano, Brasiliense, and Anapolino. The informants mentioned linguistic references such as accents and adjectives, as well as phonetic and lexical characteristics specific to some varieties. The article emphasizes the presence of indigenous languages in the North. The perceptions of northern informants reflect the socio-historical and economic construction of the region, which has received workers from different regions of the country and has had contact with numerous varieties and cultures. In the Northeast, linguistic perceptions are also influenced by urban-bound migration, the growth of urban areas, and the construction of Brasília. According to Northeastern informants, the linguistic varieties of the Southeast, South, and Midwest are highlighted, while the varieties of the North and Northeast are more associated with the regions, states, and capitals. The occurrences in the North are influenced by land occupation, rubber exploitation, and mining, while those in the Northeast are related to internal demographic movements and droughts. The paper discusses the linguistic characteristics of different regions, including variations in accents, adjectives, phonetics, lexicon, and slang. However, it is worth noting that the São Paulo variety is particularly influenced by the Northeastern dialect.

Keywords: Linguistic Perceptions and Attitudes; ALiB Project; North and Northeast Regions; Sociolinguistics; Dialectology.

LISTA DE FIGURAS E CARTAS

Figura 1 – Mapa das migrações internas no Brasil entre 1950 e 1960	70
Figura 2 – Mapa das migrações internas no Brasil entre 1960 e 1970	74
Figura 3 – Mapa das migrações internas no Brasil entre 1970 e 1980	75
Figura 4 – Mapa das migrações internas no Brasil entre 1990 e 2000	79
Figura 5 - Divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes	84
Figura 6 – Carta regional VI.....	85
Figura 7 – Carta regional VII	86
Figura 8 - Variedades mais lembradas pelos nortistas em nuvem de palavras	107
Figura 9 - Variedades mais lembradas pelos nordestinos em nuvem de palavras	147
Carta 1 – Variedades detentoras de sotaque segundo o relato dos informantes da Região Norte.....	110
Carta 2 – Variedades detentoras de sotaque segundo o relato dos informantes da Região Nordeste	152

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Evolução da população total do Brasil de 1950 a 2000	65
Gráfico 2 - Percepção dos falantes nortistas sobre os falares da Região Norte.....	97
Gráfico 3 – Crescimento Populacional das capitais: Manaus e Belém	98
Gráfico 4 - Percepção dos informantes nortistas sobre os falares da Região Nordeste.....	101
Gráfico 5 - Percepção dos informantes nortistas sobre os falares das Regiões Sul e Sudeste.....	103
Gráfico 6 – Distribuição da população residente na Região Norte no período entre 1950 e 2010.....	105
Gráfico 7 - Percepção dos informantes nortistas sobre os falares da Região Centro-Oeste..	105
Gráfico 8 – Crescimento populacional do município de Cuiabá-MT de 1872 a 2022	106
Gráfico 9 – Variedades com sotaque destacadas pelos informantes do Norte.....	109
Gráfico 10 – Distribuição da população indígena, rural e urbana, nas regiões brasileiras....	134
Gráfico 11 – Presença de Indígenas na Região Norte	135
Gráfico 12 – Reconhecimento das demais variedades brasileiras pelos informantes do interior do Nordeste	136
Gráfico 13- Percepção dos falantes nordestinos sobre os falares das Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste.....	143
Gráfico 14- Percepção dos falantes nordestinos sobre os falares das Regiões Norte e Nordeste.....	146
Gráfico 15 – Variedades com sotaque destacadas pelos informantes do Nordeste	151

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Localidades investigadas	87
Quadro 2 – Perfil do informante.....	90
Quadro 3 – Levantamento das variedades manifestadas conforme o Estado a localidade e de origem de cada um dos informantes	95
Quadro 4 – Percepção de nortistas das variedades com base no sotaque.....	108
Quadro 5 – Adjetivos atribuídos pelos 72 informantes da Região Norte às variedades percebidas	114
Quadro 6 – Levantamento das variedades manifestadas conforme o Estado e a origem de cada um dos informantes	138
Quadro 7 – Percepção de nordestinos sobre as variedades com base no sotaque	149
Quadro 8 – Adjetivos atribuídos, pelos informantes da Região Nordeste, às variedades percebidas	156
Quadro 9 – Características geográficas das localidades presentes no excerto (175).....	173
Quadro 10 – Variedade e variantes lexicais.....	183
Quadro 11 – Variedades e marcas dialetais manifestadas pelos informantes nordestinos...	190

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 PERCURSO TEÓRICO: RELAÇÕES ENTRE A DIALETOLOGIA, A PSICOLOGIA SOCIAL E A SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ESTUDOS DAS PERCEPÇÕES E ATITUDES	24
2.1 PRECEITOS DA DIALETOLOGIA.....	26
2.1.1 Dialetologia pluridimensional	27
2.1.2 Dialetologia perceptiva.....	33
2.2 PERCEPÇÕES E ATITUDES EM FOCO: APORTES DA PSICOLOGIA SOCIAL	36
2.3 O PAPEL DA SOCIOLINGUÍSTICA PARA OS ESTUDOS ATITUDINAIS.....	40
2.4 ESTUDOS BRASILEIROS SOBRE ATITUDES LINGUÍSTICAS	47
3 EXPLORANDO O NORTE E NORDESTE: UMA VISÃO DO LÓCUS DA PESQUISA	57
3.1 DELINEAMENTO DOS ASPECTOS GEOGRÁFICOS, SOCIAIS, HISTÓRICOS E CULTURAIS DO NORTE E NORDESTE	57
3.2 DADOS DA EVOLUÇÃO POPULACIONAL (IBGE)	64
3.3 A MIGRAÇÃO INTERNA NOS ÚLTIMOS 80 ANOS.....	67
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	82
4.1 REDE DE PONTOS	84
4.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: QUESTÕES METALINGUÍSTICAS.....	89
4.3 PERFIL DOS INFORMANTES.....	90
4.4 TRATAMENTO E APRESENTAÇÃO DOS DADOS	91
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA REGIÃO NORTE	93
5.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS DADAS À QUESTÃO 4	94
5.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS DADAS À QUESTÃO 5.....	95
5.2.1 Percepções das variedades por Estados e localidades dos informantes da Região Norte	95
5.2.2 Percepções do diferente com foco na região de origem do outro.....	97
5.2.3 Referências Linguísticas: os <i>sotaques</i>	108

5.2.4 Referências Linguísticas: <i>adjetivação</i>	114
5.2.4.1 Variantes <i>róticas</i> na percepções dos falantes nortistas	115
5.2.4.2 Variantes <i>com chiado</i> na percepção dos falantes nortistas	119
5.2.4.3 Adjetivações diversas atribuídas a variedades exógenas pelos falantes nortistas	122
5.2.5 Outras percepções de natureza fonética.....	126
5.2.6 Outras percepções linguísticas: <i>léxico</i> e <i>gíria</i>	127
5.2.7 Observações acerca de grupos e falares indígenas	132
6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA REGIÃO NORDESTE	136
6.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS DADAS À QUESTÃO 4	136
6.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS DADAS À QUESTÃO 5.....	137
6.2.1 Percepção das variedades por Estados e localidade de origem dos informantes da Região Nordeste	138
6.2.2 Percepções do diferente com foco na região de origem do outro.....	143
6.2.3 Referências Linguísticas: <i>sotaques</i>	148
6.2.4 Referências Linguísticas: <i>adjetivação</i>	156
6.2.4.1 Variantes <i>róticas</i> na percepções dos falantes nortistas	158
6.2.4.2 Variantes <i>com chiado</i> na percepção dos falantes nortistas	164
6.2.4.3 Adjetivações diversas atribuídas a variedades exógenas pelos falantes nortistas	168
6.2.5 Outras referências linguísticas: <i>fonética</i>	176
6.2.6 <i>Variantes Lexicais</i>	178
6.2.7 Variação morfossintática: tu X você.....	188
6.2.8 Os regionalismos e as gírias	189
6.2.9 Influência da TV sobre a percepção linguística.....	194
7 CONCLUSÃO.....	197
REFERÊNCIAS.....	201

1 INTRODUÇÃO

O Brasil conta com uma grande extensão geográfica. São cerca de 8.516.000 km² que abrigam, aproximadamente, 212,6 milhões de pessoas, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Toda essa dimensão territorial propicia a existência de ampla diversidade climática, geográfica, cultural, social e sobretudo, linguística. A população brasileira apresenta características de anos de aculturação entre nativos e outros povos que, por motivos diversos, ao longo da história, aqui se estabeleceram. A soma desses fatores se refletiu na língua, aquela que nos foi transplantada pelos portugueses e aqui cresceu, recebeu inúmeras influências e contribuições linguísticas ao longo dos processos de formação do país. Portanto, não é mais a mesma língua!

A atual prática linguística no Brasil revela as variedades do português que foram proliferadas no decorrer de anos desde muito antes de seu estabelecimento oficial. Hoje, essas variedades mostram suas grandezas refletidas em diferentes valores, que fazem presentes na competência comunicativa individual dos seus falantes. Ao se deparar com outro modo de falar, o estranhamento e a sensação de agrado ou desagradado os levam a julgar, rotular e classificar certos usos linguísticos, associando-os de maneira espontânea a grupos sociais, regionais, geracionais, pessoais etc.

Basta que nos atentemos para as *vozes* percebidas em todos os contextos sociais nos quais estamos naturalmente inseridos para notar as que soam diferente, ou seja, as que não se aproximam daquelas que conhecemos em nossa comunidade de fala. A partir dessa condição, uma série de pensamentos povoam nossa mente em busca de familiaridades que desvendem, o máximo possível, as características da pessoa por trás da voz, como idade, sexo, profissão, procedência, ou seja, sua identidade.

Nesse contexto, diante da diversidade existente no país e das várias possibilidades de uso que o português nos oferece, falantes comuns também percebem a heterogeneidade linguística ao seu redor. Raquel de Queiroz, escritora brasileira natural de Fortaleza, Ceará, descreveu suas percepções sobre falares a partir de suas visitas a São Paulo, conforme observamos no excerto de uma crônica:

Quando vou a São Paulo, ando na rua ou vou ao mercado, apuro o ouvido; não espero só o sotaque geral dos nordestinos, onipresentes, mas para conferir a pronúncia de cada um; os paulistas pensam que todo nordestino fala igual; contudo as variações são mais numerosas que as notas de uma escala musical. Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí têm no falar de seus nativos muito mais variantes do que se imagina. E a

gente se goza uns dos outros, imita o vizinho, e todo mundo ri, porque parece impossível que um praiano de beira-mar não chegue sequer perto de um sertanejo de Quixeramobim. O pessoal do Cariri, então, até se orgulha do falar deles. Têm uns tês doces, quase um the; já nós, ásperos sertanejos, fazemos um duro au ou eu de todos os terminais em al ou el - carnavau, Raqueu... Já os paraibanos trocam o l pelo r. José Américo só me chamava, afetuosamente, de Raquer¹ (QUEIROZ. R. O Estado de São Paulo, 1998).

Esse relato soa como uma análise sociolinguística e dialetológica sobre o falar de pessoas que vivem em São Paulo que é fruto da história das migrações internas, cujas variações e variedades se traduzem em percepções individuais. Partindo de seu próprio nome, a autora explica os processos fonológicos de vocalização do /l/ em coda silábica (Raqueu) e do rotacismo (Raquer) praticado pelos paraibanos.

Raquel de Queiroz observa as diferentes características regionais e comenta a variação fonológica encontrada no falar dos brasileiros sem emitir opinião, apenas apreciando. Para esta tese, o objeto de estudo são as percepções e as atitudes linguísticas, representação de reações subjetivas a uma forma de linguagem, ou seja, a expressão juízos de valor entre uma variedade linguística e outra.

Para esta tese, como objetivo geral propomos descrever e analisar as percepções e atitudes linguísticas dos informantes das Regiões Norte e Nordeste do Brasil, em dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, no que se refere à identificação de falares de outras localidades.

Como objetivos específicos estabelecemos:

- i) identificar os dialetos² mais presentes na consciência linguística do informante;
- ii) destacar os níveis da língua (fonética, léxico, morfossintaxe) mais sensíveis à manifestação das atitudes dos falantes;
- iii) discutir os juízos de valor atribuídos às atitudes manifestadas pelos falantes em relação às demais variedades do português brasileiro.

Um dos projetos de pesquisa mais importantes e abrangentes da linguística brasileira é o Projeto ALiB que, além de contribuir para o conhecimento, a valorização e a preservação da diversidade linguística do Brasil, fornece subsídios para o ensino, a normatização e a política linguística da Língua Portuguesa no país.

Os atlas linguísticos são obras, frutos de ações entre estudiosos interessados em mapear a língua falada em diferentes áreas, atentas à geografia e aos aspectos sociais,

¹ Fragmento adaptado.

² Sobre os termos dialeto, falar e variedade, veja a seção 2, p.20.

históricos e culturais. Surgidos na Europa no final do século XIX, esses atlas são produtos do interesse de linguistas pela diversidade e pela evolução das línguas românicas e não-românicas.

No Brasil, o pioneiro Atlas Prévio dos Falares Baianos, lançado em 1963 por Nelson Rossi, marcou o início de uma próspera jornada linguística. O estudo foi realizado em uma ampla rede de 50 localidades, espalhadas pelas 16 zonas geográficas do Estado, com um questionário composto por 182 perguntas, que foram escolhidas a partir de uma versão mais extensa contendo 3.000 questões, abrangendo as áreas de TERRA, VEGETAIS, HOMEM e ANIMAIS. Esse atlas impulsionou uma série de trabalhos regionais igualmente importantes: o Atlas Linguístico de Minas Gerais, o Atlas Linguístico da Paraíba, o Atlas Linguístico de Sergipe e o Atlas Linguístico do Paraná, entre outros que seguem em construção.

Em virtude desse panorama, nasceu o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), idealizado pela saudosa professora Suzana Cardoso, da Universidade Federal da Bahia, dedicado a descrever a realidade linguística do Brasil a partir de um atlas linguístico nacional, construído mediante a colaboração de vários pesquisadores da área e das relações interinstitucionais que se estabeleceram. Trata-se, pois, de uma importante fonte de pesquisa para a compreensão dos fenômenos linguísticos e sociais que atuam diretamente na realização do português brasileiro, explicitando o caráter heterogêneo e dinâmico inerente às línguas vivas presentes no mundo. O corpus utilizado nesta tese advém do Projeto ALiB.

Os pressupostos teóricos selecionados para esta tese provêm da Psicologia Social (LAMBERT; LAMBERT, 1968 [1966]; BEM, 1973), do estudo das atitudes linguísticas (LÓPEZ MORALES, 2015 [1995]; LABOV, 2008 [1972]; MORENO-FERNÁNDEZ, 2009 [1998]), da Dialectologia Perceptual (PRESTON; 1999) e da Dialectologia Pluridimensional (THUN, 2005).

Com base nos estudos sobre atitudes linguísticas, partimos dos seguintes pressupostos para o desenvolvimento desta tese:

- i) Os falantes do Norte e do Nordeste, investigados pelo ALiB, têm consciência dos diversos falares no país;
- ii) Os intensos movimentos migratórios brasileiros contribuíram para a identificação de outras variedades do português brasileiro;
- iii) Os informantes são propensos a avaliar positivamente os diferentes falares locais e regionais;
- iv) Os informantes são capazes de identificar as variações por meio de traços fonético-

fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos.

Para responder a esses questionamentos sobre reconhecimento, atribuição de significados aos traços linguísticos e experiências linguísticas sobre as percepções dos informantes do *corpus* do ALiB, selecionamos duas das seis questões metalinguísticas do ALiB, uma análise quantitativa e qualitativa dos dados. As questões eleitas foram a 4 e a 5, assim formuladas: 4 – *Em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de _____ (citar a cidade onde está)?* 5 – *Poderia dar um exemplo do modo como falam em outros lugares do Brasil?* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL, 2001).

É importante destacar certos aspectos das regiões brasileiras selecionadas, como sua organização política, econômica, social e geográfica, pois é nesse contexto que ocorrem os fatos linguísticos que serão estudados. Os informantes são filhos dessas terras e sua interação com o meio traduz muitas de suas atitudes linguísticas. Assim, levantamos algumas características de ambas as Regiões a fim de aclarar o conteúdo proposto na tese.

Com base nas questões levantadas e nos objetivos previamente estabelecidos, as hipóteses que norteiam esta pesquisa são: i) as variedades regionais são evidentes e caracterizadas majoritariamente por adjetivos; ii) os resultados apresentam relações históricas e sociais com as migrações internas do Brasil no século passado; iii) os aspectos linguísticos recorrentes para caracterizar a fala diferente são o sotaque, a fonética, o léxico e as gírias.

A escolha pelas Regiões Norte e Nordeste foi pensada, estrategicamente, para dar sequência à análise das questões metalinguísticas do Projeto iniciada com a tese: *Atitudes linguísticas na Região Sudeste com base nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALIB*, defendida por Pagani em 2022. Essas duas grandes regiões (Norte e Nordeste) possuem características próprias que modelam as variedades praticadas em suas localidades.

A Região Norte engloba os estados do Amapá, Amazonas, Pará, Acre, Rondônia, Roraima e Tocantins. Faz fronteira internacional com Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e a Guiana Francesa e, internamente, com os estados do Maranhão, Piauí, Bahia, Goiás e Mato Grosso. Por volta de 1870, a região começou a acolher migrantes à procura da seringueira para extração do látex, usado na fabricação da borracha.

A Região Nordeste compreende os estados de Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. É considerada o berço da colonização europeia no país, pois ali aportaram as primeiras caravelas comandadas por Pedro Álvares Cabral, no início do século XVI, assim como a consolidação da colonização exploratória que,

na época, consistia na extração do pau-brasil. Ali foi fundada a primeira capital do Brasil, Salvador, para abrigar o governo-geral.

A presente tese é composta por sete seções, além desta introdução. A segunda seção aborda os conceitos que guiam as análises, explorando as inter-relações entre Dialetologia, Psicologia Social e Sociolinguística, que permitem o estudo das atitudes linguísticas. Além disso, são apresentados importantes estudos prévios sobre o tema, fornecendo uma base sólida para a pesquisa em questão.

A seção 3 oferece uma caracterização abrangente das regiões Norte e Nordeste, explorando suas características econômicas, culturais, sociais e históricas, além de trazer informações da evolução populacional a partir dos dados do IBGE e um breve panorama sobre as migrações internas nos últimos anos.

Em seguida, a seção 4 explora os passos metodológicos da pesquisa, traz informações sobre o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), a rede de pontos, o perfil dos informantes, o questionário metalinguístico e a análise dos resultados, juntamente com a apresentação deles. Já a seção 5 apresenta a descrição e análise dos resultados da Região Norte, abordando as questões 4 e 5, organizadas por variedade e pelas referências linguísticas provenientes das percepções dos informantes. Da mesma forma, procede a seção 6 sobre os dados da Região Nordeste, e por fim, pela seção 7 que se dedica às Considerações Finais.

A seguir, apresentamos os fundamentos adotados na tese e algumas reflexões sobre conceitos relativos a variedades linguísticas, assim como discussões de disciplinas afins que abordam estudos sobre as percepções e as atitudes linguísticas.

2 PERCURSO TEÓRICO: RELAÇÕES ENTRE A DIALETOLOGIA, A PSICOLOGIA SOCIAL E A SOCIOLINGUÍSTICA FUNDAMENTAIS PARA O ESTUDOS DAS ATITUDES

As relações entre sujeitos e sentidos são variadas e heterogêneas, possibilitando interpretá-las a partir dos seus sentidos no mundo social. Por certo, a linguagem é fundamento e manifestação primária do social, do “ser com o outro”, e a língua não é uma “obrigação” imposta pelo meio externo, mas uma intersubjetividade assumida pelos membros de uma comunidade.

Coseriu (1987, p. 17) defende que a linguagem é uma realidade complexa e dinâmica, que envolve o homem, o social e o histórico. O filólogo reconhece que a língua, além de um sistema, é também um fato social, [posto que o homem] é um ser falante, [ou melhor], é o ser falante. A essência da linguagem é “o falar um com o outro” e, como falar; a linguagem se realiza em todas as ocasiões de acordo com uma língua. Adverte que é preciso ter presentes os limites da linguagem tratando de não exigir aquilo que não pode dar (p. 48).

Nesse sentido, a linguagem mostra seu caráter heteroglóssico, pressupondo uma atitude responsiva do eu ao outro e vice-versa, a começar pela situação social. O *eu* e o *outro* constroem seu conjunto individual de valores e presumem uma apreciação valorativa dos enunciados com base em critérios diversos (éticos, culturais, cognitivos, políticos etc.) que, associados a elementos extraverbais, possibilitam uma compreensão do discurso.

Na conjuntura atual, o cenário linguístico admite a língua como fato social e admite sua heterogeneidade, propiciando inúmeros objetos para investigação. O estudo sobre as percepções e atitudes linguísticas demanda o conhecimento de três conceitos para subsidiar o entendimento do objeto em estudo. Entre eles, estão os conceitos de *norma* (COSERIU, 1987), *variedade* (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994) e *dialeto* (TRUDGILL; HERNÁNDEZ CAMPOY, 2007).

Muitas percepções linguísticas partem do conceito da *norma*, que a tomam como referência independentemente da variedade em contexto. Coseriu (1987, p. 140, grifos do autor), em suas palavras, reconhece que a *norma* compreende as realizações linguísticas tradicionais, o *sistema*, as regras correspondentes a essas realizações; o *tipo*, os princípios correspondentes às regras do sistema. O caso da norma brasileira é particular, em especial porque o padrão foi implantado, originalmente, de forma artificial.

O filólogo e gramático Celso Cunha (1970) defende que a língua portuguesa chegada ao Brasil no século XVI assegurou a permanência da pluralidade, com variações geográfico-regionais e socioculturais. Assim como as demais, o português expressa a consciência de um coletivo, participando na constituição do meio pelo qual é concebido o seu contexto, além de agir sobre ele.

O Dicionário Houaiss On-Line, considera norma, na perspectiva linguística, como o conjunto dos preceitos estabelecidos na seleção do que deve ou não ser us. numa certa língua, levando em conta fatores linguísticos e não linguísticos, como tradição e valores socioculturais (prestígio, elegância, estética etc.).

Esta reconhecida unidade superior da língua portuguesa no Brasil e no Portugal peninsular não impede que haja possíveis diferenças de pronúncia, de vocabulário e de construções de região para região dos dois domínios, pois que em linguística a unidade nem sempre é compatível com a variedade. Por vezes até pressupõe, como é o caso das relações entre uma língua nacional e seus dialetos, falares e sub-falares (CUNHA, 1970, p. 10).

As possíveis diferenças são constatadas na presença das variantes do português e os estudos na área de Linguística validam a afirmação de Cunha (1970), pois é importante ressaltar que existem diferenças de pronúncia, vocabulário e construções linguísticas que refletem as construções sócio-históricas de cada um deles e fazem parte do consciente linguístico de seus falantes.

Basicamente, na visão de Proença Filho (2017), o português brasileiro e o português europeu são duas variantes da língua portuguesa que apresentam diferenças significativas em termos de pronúncia, vocabulário e gramática. No que diz respeito à pronúncia, o português brasileiro tende a ter um tom mais aberto e nasal, enquanto o português europeu possui uma pronúncia mais fechada e gutural. Além disso, o vocabulário também varia entre as duas variantes, com o português brasileiro incorporando muitas palavras e expressões provenientes das línguas indígenas e africanas, bem como do inglês, devido à influência cultural e histórica do Brasil.

Por outro lado, o português europeu tende a ser mais conservador em relação ao vocabulário, mantendo uma maior proximidade com o português arcaico. Quanto à gramática, há diferenças sutis, mas importantes, como o uso de pronomes pessoais e a conjugação verbal. No português brasileiro, é comum o uso do pronome de tratamento “você” e a conjugação do verbo na terceira pessoa do singular, enquanto no português europeu é mais comum o uso do pronome “tu” e a conjugação do verbo na segunda pessoa do singular.

A propósito dos termos *variedade* e *dialeto*, atestamos que são utilizados, usualmente, para designar o modo de falar ou a linguagem adotada por uma comunidade. Das definições de variedade, interessa a acepção de Chambers e Trudgill (1994). Os autores entendem que *variedade*³ é um termo neutro usado na Sociolinguística para se referir a qualquer tipo específico de linguagem — dialeto, acento, socioleto, estilo ou registro — que o linguista, por alguma razão, deseje considerar como uma entidade individual, regional ou social. Houaiss (2009) contribui, na mesma linha, afirmando que a variedade é “cada uma das modalidades em que uma língua se diversifica, em virtude das possibilidades de variação dos elementos do seu sistema (vocabulário, pronúncia, sintaxe) ligadas a fatores sociais e/ou culturais (escolaridade, profissão, sexo, idade etc.) e geográficos”.

Quanto ao *dialeto*, nos interessa a concepção formulada por Trudgill e Hernández Campoy (2007), cuja definição considera o *dialeto* como a variedade regional ou social de uma língua que se diferencia de outras por características específicas de gramática, fonologia e léxico. Ao conceituarem *dialeto*, os autores remetem ao verbete *variedade*, tomado na mesma acepção.

A continuação, serão apresentados os princípios teórico-metodológicos selecionados, os quais advêm, em particular, da Psicologia Social (LAMBERT; LAMBERT, 1968; ALLPORT, 1971; BEM, 1973), da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), do estudo das atitudes linguísticas (LÓPEZ MORALES, 2015; MORENO-FERNÁNDEZ, 2009), da Dialetoлогия Perceptual (PRESTON, 1999; 2010; 2011) e da Dialetoлогия Pluridimensional (THUN, 1998; 2005). Dessa forma, as próximas seções tratarão de cada uma dessas vertentes teóricas mais detalhadamente, na intenção de formar uma base consistente para a análise dos dados.

2.1 PRECEITOS DA DIALETOLÓGIA

A sustentação teórica que embasa esta tese encontra seus preceitos na Dialetoлогия Tradicional, Pluridimensional e Perceptiva, na perspectiva de prosseguir com os estudos sobre a caracterização das falas do português brasileiro.

A Dialetoлогия é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua

³ Embora os especialistas tentem delimitar os conceitos de *norma*, *variedade* e *dialeto*, nesta tese, esses termos serão referidos como parassinônimos.

distribuição espacial, sociocultural e cronológica (CARDOSO, 2010, p. 15). Ocupa-se em investigar a variação, a mudança, as crenças e atitudes linguísticas, além de propor avanços nos conhecimentos dos dialetos.

Corroboramos com Chambers e Trudgill (1994) na defesa da noção de que todos os falantes são falantes de pelo menos um dialeto (p.3) e, portanto, não faz sentido supor que qualquer dialeto é, de alguma forma, linguisticamente superior a qualquer outro. Os autores ainda recomendam o uso do termo “variedade” como um termo neutro para aplicar a qualquer tipo particular de linguagem, que desejemos, para algum propósito, considerar como uma entidade única, de maneira *ad hoc* (p.5). Tal sugestão evita as possíveis discussões sobre a definição de dialeto que possa comprometer o objeto investigado.

No século 19, foram iniciados estudos sistemáticos que revelaram que todas as formas de linguagem possuem quatro tipos principais de variações, segundo Chambers e Trudgill (1994): i) variações estilísticas, ocorrem na fala de um mesmo indivíduo dependendo do contexto (linguagem formal ou informal, falada ou escrita, etc.); ii) variações geográficas, pelas quais a fala de uma localidade apresenta pequenas variações no uso, frequência e forma de certos elementos linguísticos em relação à fala de localidades vizinhas localizadas a uma certa distância; iii) variações históricas, o estudo dos textos escritos mais antigos das línguas revela que existem elementos linguísticos que mudam de forma ou caem em desuso junto com outros novos elementos que aparecem e são incorporados à língua; iv) variações sociais, uma vez que as sociedades humanas apresentam estratificação social e classes sociais, pessoas de um determinado grupo étnico, socioeconômico ou religioso se relacionam em maior medida com pessoas de seu grupo social o que faz com que o discurso de determinados grupos principalmente socioeconômicos apresentem homogeneidade mas diferem sistematicamente da variedade usada por outros grupos.

Dessa forma, a combinação do estudo da geografia linguística, ou geolinguística, com os fenômenos de diferenciação dialetal é fundamental para compreendermos como uma língua evolui ao longo do tempo. Os pesquisadores costumam estudar populações que viveram em determinadas regiões, bem como grupos migratórios que levaram seus idiomas a novas áreas. Para explorar esse tema, recorreremos à perspectiva pluridimensional da Dialectologia para complementar a dimensão diatópica abordada.

Sobre os primeiros trabalhos na área da geolinguística, os estudiosos costumam citar o trabalho de Wenker, iniciado por volta de 1876 na Alemanha, junto à publicação do primeiro atlas linguístico, o Atlas Linguístico da França (1902-1910) de Jules Gillieron. Ele foi o

primeiro a abordar a exposição cartográfica dos fenômenos morfológico e léxico, sem limitar-se exclusivamente aos fonéticos (GARCÍA MOUTOUN, 1994, p. 64), introduzindo a metodologia do mapeamento linguístico, voltada para a distribuição geográfica das variedades, conforme verificamos em García Mouton:

De entrada, tomó como territorio de investigación toda Francia y decidió investigarla con un cuestionario de más de 1.900 preguntas, en una red formada por 639 localidades que comprendía todas las hablas galorrománicas, incluidas sus extensiones fuera del país⁴ (GARCÍA MOUTOUN, 1994, p. 64).

Esse questionário foi aplicado por um único investigador, que também transcreveu as respostas de um falante (autóctone, sem estudos e falante de um dialeto) por localidade. Edmond Edmont enviava os questionários transcritos a Gilliéron, quem construía os mapas. Cada mapa correspondia a um conceito, permitindo a comparação de áreas e outros avanços nos estudos linguísticos. Logo, nasceu a Geolinguística junto à publicação do ALF em 1902. Com o tempo surgiram outros atlas, de grandes e pequenos domínios, novas abordagens e técnicas que incrementaram os estudos dos dialetos.

Desde seu surgimento, os atlas linguísticos passaram por três gerações. A **primeira**, além de expor cartograficamente os resultados, pode ou não trazer notas e ilustrações para complementar as informações. Anteriormente, os dados se apresentavam de duas formas: i) cartas onomasiológicas, que forneciam, para cada conceito selecionado, o conjunto de formas que o identificam, sendo distribuídas diatopicamente; e ii) cartas semasiológicas, que reuniam, para uma dada forma, os diferentes conceitos que cobrem a área considerada (CARDOSO, 2010).

A **segunda** geração de atlas fornece dados distribuídos espacialmente, mas fica estagnada na análise dos fenômenos registrados. Já os atlas da terceira geração incluem funcionalidades aos atlas das outras duas gerações, acrescentando dados *vivos*, ou seja, por meio de recursos tecnológicos, acrescentaram recursos de áudio e captação de falas referidas e documentadas pela cartografia.

A **terceira** geração faz uma ponte com a cartografia moderna, uma que vez que esta tende a descobrir caminhos que permitam não só apresentar os dados coletados, mas interpretá-los. Na perspectiva de confronto e correlação de informações, as cartas

⁴ Desde o início, tomou toda a França como território de investigação e decidiu investigá-la com um questionário de mais de 1.900 perguntas, numa rede composta por 639 localidades que incluía todas as línguas galorromânicas, incluindo as suas extensões fora do país.

pluridimensionais permitem o cruzamento de variáveis e exibem resultados sobre o comportamento de cada uma dessas variáveis (CARDOSO, 2010). Enfim, integra uma nova concepção dos instrumentos de pesquisa de campo e de publicação dos resultados.

Os precursores da Dialectologia no Brasil desempenharam um papel significativo no trabalho de identificar as variedades observadas nos diferentes espaços geográficos. Amaral (2020 [1920]), Marroquim (1934) e Nascentes (1953) descreveram fenômenos que contribuíram para a construção do conhecimento sobre a variação geográfica do português brasileiro.

No Brasil, Cardoso (2010) elenca quatro fases elementares de desenvolvimento para a produção dialetológica. A primeira fase, definida por Nascentes em 1953, teve início em 1826 com a publicação do Atlas Etnográfico do Globo por Domingos Borges de Barros, conhecido como Visconde de Pedra Branca. Nesse atlas, foram abordadas questões lexicais que diferenciavam o Português europeu do Português brasileiro. Essa fase foi marcada pelo desenvolvimento de estudos lexicográficos minuciosos e precisos.

A segunda fase do estudo da língua portuguesa no Brasil, também conhecida como fase de Nascentes, teve início em 1920 com a publicação do livro “O dialeto caipira” de Amadeu Amaral. Nessa obra, Amaral descreve detalhadamente o português brasileiro, abordando aspectos como vocabulário, estrutura gramatical, significado das palavras, pronúncia e fonologia. Nesse mesmo período, em 1922, Antenor Nascentes publicou “O linguajar carioca”, que também contribuiu para o estudo da língua no país.

A terceira fase, definida por Ferreira e Cardoso (1994), teve início com a publicação do Decreto Presidencial nº 30.643 em 20 de março de 1952. Esse decreto autorizou e reconheceu a necessidade de desenvolvimento e publicação de um atlas linguístico do Brasil.

Na quarta fase, proposta por Mota e Cardoso (2006), que teve início em 1996 com a retomada do projeto ALiB, incorporam-se os princípios implementados pela Sociolinguística a partir da década de 60 do século passado (CARDOSO, 2010, p. 149).

É importante reconhecer que os precursores da Geolinguística no Brasil desempenharam um papel significativo no trabalho de identificação das variedades observadas nos diferentes espaços geográficos. Amaral (2020), em 1920, lançou *O Dialeto Caipira*, obra pioneira dos estudos dialetológicos no Brasil, descrevendo amplamente o falar do português caipira em diferentes aspectos. Dedicou-se ao estudo dos dialetos popularmente usados no interior do estado de São Paulo, representados pelos municípios de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos. Na época, “o falar caipira [...] dominava em

absoluto a grande maioria da população e estendia sua influência à própria minoria culta; ademais, o caipirismo não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana” (AMARAL, 2020, p. 12).

Marroquim (1934) publica *A língua do Nordeste: Pernambuco e Alagoas*, estudando o linguajar nordestino, com destaque para os estados de Pernambuco e Alagoas, como sugere o título. O autor faz um retrospecto histórico e analisa eventos específicos, como a fonologia, as figuras de dicção, o léxico e a sintaxe. Além disso, apresenta a origem do português brasileiro até delinear o dialeto nordestino: primeiro, teve o português arcaico; em seguida, a derivação e a composição dialetais; por fim, a contribuição estrangeira, acompanhada em menor grau pelo tupi e pelas línguas africanas.

Antenor Nascentes (1958), por sua vez, interessado nas questões dialetológicas, publicou a obra *Bases para Elaboração do Atlas linguístico do Brasil*, trazendo diretrizes e incentivando o desenvolvimento de um Atlas Linguístico do Brasil, logo após a Portaria 536/26.maio.52 incluir, no seu Art. 2º, a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Essa obra fornece diretrizes para a pesquisa de campo, com orientações sistematizadas para a escolha dos pontos e dos sujeitos e para a elaboração do questionário linguístico. Ao mesmo tempo, incentivou e destacou a importância de que atlas regionais fossem elaborados em paralelo ao desenvolvimento de um projeto de amplitude nacional.

Em 1953, Nascentes publica *O linguajar carioca*, um reflexo do falar brasileiro. Nessa obra, o autor acomodou os falares brasileiros em duas áreas dialetais, as do Norte e do Sul. Sua estratégia partiu do estudo da execução dos fonemas /e/ e /o/ em posição pretônica. Nos falares do Norte, as vogais soam abertas [ɛ] e [ɔ]; no Sul, elas soam fechadas [e] e [o]. Como consequência, configurou o falar do Norte em dois subfalares, o amazônico e o nordestino; enquanto o falar do Sul foi composto por quatro subfalares, o baiano, o mineiro, o fluminense e o sulista. A obra se destacou na área dialetológica como um programa de pesquisa ao estruturar e sistematizar o primeiro mapa dialetológico do Brasil.

O autor demonstra interesse pelas questões do português brasileiro, especialmente ao evidenciar a língua portuguesa no/do Brasil e em/de Portugal, abordando o senso comum de que “falamos diferentemente sem que por isso falemos errado” (NASCENTES, 1953, p. 10). Defende a ideia de que, em relação ao português de Portugal, “as especificidades da língua do Brasil não podem ser consideradas erros, mas sim, diferenças” (idem). Suas contribuições transpassam a construção do conhecimento sobre a variação geográfica da Língua Portuguesa, pois “nos exprimimos de acordo com os novos rumos por que marchou no Brasil a Língua

Portuguesa” (idem). Conclui que as diferenças se dão no plano da oralidade, mas a escrita é a mesma.

Em meados do século XX, despontaram as intenções de construir um atlas linguístico nacional. As pesquisas geolinguísticas no Brasil, porém, seguiram a tendência de priorizar atlas de menor domínio espacial, e elaboram-se atlas documentando dados relativos a uma unidade federativa pesquisada, como o Atlas prévio dos falares baianos (APFB) em 1963, o Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais (EALMG) em 1977, o Atlas linguístico da Paraíba (ALPB) em 1984, o Atlas linguístico do Sergipe (ALS) em 1987, o Atlas linguístico do Paraná (ALPR) em 1994, o Atlas linguístico sonoro do Pará (ALISPA) em 2004, o Atlas linguístico de Sergipe II (ALS II) em 2005, o Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS) em 2007, o Atlas linguístico do Estado do Ceará (ALECE) em 2010 (ISQUERDO e TELES, 2014, p. 38). O único atlas, até o momento, envolvendo toda uma região geográfica é o Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul (ALERS), cujos volumes foram publicados em 2002 (KOCH et al) e 2011 (ALTENHOFEN et al)⁵.

Em 1996 aconteceu o Seminário Caminhos e perspectivas para a Geolinguística no Brasil, na UFBA, reunindo dialetólogos e sociolinguistas de todo o país. Foi então que o convite da professora Suzana viria a se tornar um desafio: retomar o sonho de nossos antecessores e elaborar o Atlas Linguístico do Brasil, preconizado no ano de 1952 (AGUILERA, 2022).

Foi criado o Comitê Nacional do ALiB, composto por autores de atlas estaduais e representantes de um atlas em andamento (ALERS). O Comitê passou a ser formado por: Suzana Cardoso, Jacyra Mota, Maria do Socorro Aragão, Mário Roberto Zágari, Vanderci Aguilera e Walter Koch. Ao passar dos anos, o Comitê se reuniu em uma intensa agenda para discutir e elaborar os objetivos, critérios e metodologia para a elaboração do atlas. E, desde então, os trabalhos se intensificaram e disponibilizaram inúmeras publicações a partir de seus dados. A descrição da metodologia pode ser consultada na seção que trata da abordagem metodológica.

Por fim, os avanços da dialetologia no Brasil culminaram na publicação de três volumes do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), projeto idealizado e coordenado pela professora Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso, linguista e dialetóloga, que atuou de 1996 a 2018 como Diretora Presidente do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, considerado um marco na história dos estudos da língua portuguesa e uma referência para futuras pesquisas

⁵ Embora publicados no início da década 2000, os dados foram coletados durante o último quarto do século XX.

sobre a nossa diversidade e a identidade linguística, além de ser o primeiro brasileiro a incluir em sua metodologia outras variáveis sociais, além da diatópica, de modo a oferecer um atlas pluridimensional.

2.1.1 Dialetologia Pluridimensional

A Dialetologia Pluridimensional é uma abordagem teórica e metodológica que busca compreender a língua em sua complexidade e diversidade, considerando as múltiplas dimensões que influenciam os fenômenos de variação e mudança linguística, como a geografia, a história, a cultura, a sociedade, a cognição, a comunicação, entre outras. Distingue-se da Dialetologia Tradicional ao propor uma análise integrada e relacional das diferentes dimensões da variação linguística, utilizando diferentes fontes de dados, técnicas de análise e ferramentas computacionais.

A cartografia das informações em atlas tem apresentado formas de cartas linguísticas cada vez mais diversificadas, revelando prioridades assumidas em cada época e abrindo novas perspectivas para as análises. Por meio da Dialetologia Pluridimensional, representada pelos trabalhos de Thun (2005), evidencia-se a ampliação das possibilidades de leitura da realidade linguística, assim como a diversidade encontrada em diferentes regiões.

Nesse cenário, a Dialetologia Pluridimensional inovou os estudos da variação linguística, uma vez que viabilizou a análise a partir de diferentes dimensões e parâmetros, promovendo a relação entre elas. Para o autor (1998), essa é a “disciplina general de la variación lingüística”⁶, instituída para suprimir a demanda dos estudos diatópicos, razão pela qual passou a incluir as dimensões extralinguísticas.

A pluridimensionalidade fornece muitas vantagens para a interpretação das variedades linguísticas, desde o controle sistemático de variáveis sociais até a administração total da pluralidade de dados — sobretudo na cartografia dos resultados obtidos (CARDOSO, 2010). Após a expansão dos atlas linguísticos, fatores sociais como idade, gênero, escolaridade e profissão se tornaram aspectos da variação a serem considerados nos estudos dialetais sob essa nova metodologia. Esse modelo foi extremamente importante para a configuração atual dos mapas linguísticos, pois, segundo Cardoso (2010):

Se as diferenças espaciais ganham destaque em relação às demais é porque, na realidade dos fatos, as evidências de aproximação ou distanciamento dos fenômenos assumem expressão de maior nitidez e de mais fácil percepção nos espaços físicos, portanto, geográficos (CARDOSO, 2010, p. 47).

⁶ “É a disciplina geral da variação lingüística” (tradução nossa).

Na prática, as evidências de aproximação ou distanciamento dos fenômenos são mais nítidas e facilmente perceptíveis nos espaços físicos. Ao longo dos anos os estudos dialetológicos se ampliaram, as novas demandas reclamaram por progresso nas técnicas de interpretação e apresentação dos dados. Foi, então, que o caráter monodimensional dos primeiros atlas deu lugar à pluridimensionalidade dos atlas atuais.

A defesa de Harald Thun (1998) de uma teoria e metodologia da dialetologia pluridimensional e relacional alcançou estudos de variações linguísticas em múltiplas dimensões e relações. Por suas contribuições, a Dialetologia avançou em vários sentidos, sem deixar de uma conexão entre os atlas historicamente relevantes e o que é produzido nos dias de hoje.

Cardoso (2010) explica que, em meados do século XX, os estudos sociolinguísticos impulsionaram a relação língua-sociedade. Com isso, a dimensão diatópica — que até então não era assistida pela perspectiva social das realidades linguísticas — ganhou espaço com novas variáveis e com um método específico: Dialetologia Pluridimensional.

Após esta breve contextualização da Dialetologia Pluridimensional, passamos à discussão da importância dos estudos perceptivos na relação entre falantes e língua, bem como a relação da língua com a sociedade, pelo viés da Dialetologia Perceptiva.

2.1.2 Dialetologia Perceptiva

A história da Dialetologia Perceptiva teve início em 1939, quando o Comitê Holandês para Pesquisa de Dialetos da Academia Real de Ciências de Amsterdã inseriu, em um dos seus questionários linguísticos, duas questões⁷ relativas às percepções de disposição regional da língua pelos seus falantes. A ideia era de que identificassem algumas semelhanças linguísticas entre os dialetos utilizados nas diversas regiões do país. Realizado o questionário, bastou organizar e interpretar os dados recolhidos (FERREIRA, 2009).

Para Long (1999), este ramo da Dialetologia tem um amplo campos de estudos ao investigar e comparar as percepções de populares a respeito das fronteiras dialetais com as definições linguísticas tradicionais. Os resultados levam ao entendimento dos fatores que influenciam as percepções de não linguistas sobre a variação linguística, além de conhecer quais características sociais são atribuídas, por eles, às variedades.

⁷ 1) – Quelle est la localité ou quelles sont les localités voisines de la vôtre où on parle totalement ou presque totalement le même dialecte que le vôtre?; 2) – En quelles localités des environs de celle où vous vivez parle-t-on un dialecte complètement différent du vôtre? Pouvez-vous citer quelques divergences?

Na década de 1980, Dennis Preston incrementou algumas das técnicas existentes e propôs outras que se tornaram modelos associados a técnicas e métodos de disciplinas não linguísticas, como a Geografia Linguística, obtendo alternativas mais objetivas e passíveis de tratamento estatístico (FERREIRA, 2009).

Os métodos da Dialetoлогия perceptual, conjuntamente com os estudos atitudinais, tornaram-se por isso variados, desde a delimitação pelo próprio informante de zonas dialectais em mapas ou o reconhecimento dialectal auditivo e posterior avaliação em termos de agradabilidade, vivacidade, dinamismo, prestígio, correção, inteligibilidade ou grau de diferença em relação à variedade dos falantes inquiridos até à identificação de traços específicos de cada variedade, com a possibilidade de imitação de tais traços (PRESTON, 2011).

Os estudos dialetológicos se aproximaram das percepções linguísticas dos falantes, uma vez que estes são os reais praticantes da linguística do dia a dia. Nieldizki e Preston (2000) defendem a investigação das percepções linguísticas populares, com a justificativa de que o falante comum é o que ocupa um espaço linguístico mais verdadeiro, passível de interpretações linguísticas.

Em virtude da integração de conceitos de base cognitiva, como *percepção* e *atitudes* (provenientes da Psicologia Social e empregados aos estudos da variação linguística), a Dialetoлогия Perceptual analisa as percepções linguísticas em contraponto às diferenças dialetais reais, investigando como essas diferenças são avaliadas pelos falantes em casos de prestígio, agradabilidade e inteligibilidade (PRESTON, 1999).

De acordo com Preston (1999), o conhecimento científico dialetológico, traçado com a contribuição advinda da percepção de leigos, leva a uma melhor compreensão da distribuição espacial das variedades linguísticas. Assim, são identificadas evidências dos fenômenos fonéticos, lexicais e morfológicos mais relevantes da variedade em uso pelos falantes; investigando como essas evidências são avaliadas pelos falantes em casos de prestígio, agradabilidade e inteligibilidade.

As percepções linguísticas não se fecham em determinado campo, ao contrário, elas se abrem para englobar várias áreas. Dessa forma, há percepções geográficas e percepções avaliativas acerca do dinamismo, da correção, da agradabilidade, do valor social, do valor de identidade de determinada variedade ou de um traço específico dessa variedade. E o conjunto dessas percepções compõe a percepção de prestígio (FERREIRA, 2009).

A preocupação de Preston (2021) com o que as pessoas dizem sobre a linguagem provém de algumas discussões precedentes que levantaram a necessidade de fazer linguística popular. Dentre elas, abordou os elementos envolvidos na variação e mudança linguística, os quais considera interessantes tema que se passam no nível subconsciente para conduzir reflexões e possíveis explicações sobre as variações e mudanças do ponto de vista leigo.

Neste caso, corroboramos com Preston (2021, p. 40), “a insuficiência das observações que as pessoas fazem espontaneamente em sua própria língua é diretamente refletida pelas poucas palavras que usam em sua resposta subjetiva para expressar seu sentimento linguístico”. A isto se chama “aflição de pobreza” (respostas espontâneas muito pobres em vocabulário). A forma como as pessoas comuns descrevem suas percepções difere daquela utilizada pelos linguistas, especialmente no campo da fonética. Isso ocorre porque as pessoas tendem a usar termos que podem causar reações comportamentais diferentes das que o informante pretendia transmitir, simplesmente porque não conhecem os termos adequados.

Preston (2021, p. 11), ao discutir técnicas de coleta e interpretação, organizou em quatro os métodos associados à linguística popular: tradicionais, operacionais, experimentais e discursivos. Interessa-nos explorar os métodos operacionais, pois reúnem técnicas de pesquisa correlacionados à Dialetoлогия Perceptiva (ou popular, em sua concepção).

A abordagem operacional se concentra em descobrir onde os não-linguistas acreditam que a língua se difere geograficamente (p.16). O pesquisador comenta que o método mais antigo da área foi aplicado na Holanda e no Japão, no início do século XX, para que os entrevistados “caracterizassem as áreas vizinhas com base nas semelhanças e diferenças com sua própria fala”, usando setas ou flechas. Os participantes são levados a indicar similaridade de falares em relação à própria fala e, então, conectar pequenas setas formando uma rede de relações linguísticas. As redes possibilitam que o pesquisador identifique as áreas dialetais e prossiga com a comparação com as fronteiras tradicionais.

Outras técnicas se desenvolveram ao longo dos anos. Uma delas mapeou a percepção com desenhos manuais de mapas, com mapas pré-definidos, pilhas de mapas, traçados e contornos de áreas e, basicamente, analisados por agrupamentos (*cluster*). A abordagem do mapa mental foi elaborada a partir de técnicas da geografia cultural (p.20), em que os entrevistados são convidados a desenhar seus próprios mapas com informações de onde eles acham que existem variedades diferentes da sua. Os mapas mentais possibilitaram uma análise perceptiva acrescida por uma interpretação histórica, social e cultural, além da identificação de áreas dialetais.

Preston em 1996, incrementou a abordagem à percepção popular de variedades regionais com a identificação de áreas dialetais com material gravado em fita para escuta dos entrevistados. Informantes do sudeste de Michigan participaram ouvindo as amostras que, posteriormente, resultaram em análises de cluster, unindo as vozes gravadas às supostas localidades indicadas pelos participantes da pesquisa. E assim, novas abordagens surgiram com o avanço das tecnologias, mas o papel do linguista em campo é preservar as referências dos informantes.

Para além disso, um estudo de Dialetologia Perceptiva permite não só pesquisar as fronteiras dialetais subjectivas, como até analisar em pormenor os traços idiomáticos que os falantes atribuem a cada variedade linguística, descobrir ou confirmar os estereótipos, que podem na verdade ser os responsáveis pela atribuição de adjetivos valorativos às diferentes variedades (FERREIRA, 2009, p. 257).

Ferreira (2009) amplia os benefícios dos estudos dialetológicos dialetológicos ao explorar a percepção além dos meros traços idiomáticos das variedades linguísticas, os quais muitas vezes são distorcidos por estereótipos. Long (1999) explica que, quando os informantes associam uma variedade de linguagem específica a determinado grupo, os atributos sociais presumidos desse grupo também são transferidos para o próprio dialeto, mesmo que os informantes não consigam identificar corretamente sua origem. Dessa forma, os falantes dessas variedades podem adquirir a aparência dos traços sociais aplicados à sua fala.

Diante do exposto, fica evidente a contribuição da Dialetologia Perceptiva para os estudos sociolinguísticos, sobretudo, aqueles que contemplam as percepções e atitudes linguísticas. E juntas, se favorecem.

2.2 PERCEPÇÕES E ATITUDES EM FOCO: APORTES DA PSICOLOGIA SOCIAL

A pesquisa linguística se beneficia da colaboração de disciplinas relacionadas para observar a linguagem e seus usuários, além da própria Linguística e suas subáreas. Entre essas disciplinas, a Psicologia Social desempenha um papel fundamental ao estudar o comportamento humano. Das contribuições, atenta-se às reflexões sobre crenças e atitudes e seus componentes, segundo as perspectivas de Lambert e Lambert (1968), Bem (1973) e AllPort (1971).

A Psicologia Social, segundo Lambert e Lambert (1968), explora a atitude como uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido no meio ambiente. É o ramo da Psicologia dedicada ao estudo dos indivíduos em seus ambientes sociais (p.9). Os irmãos Lambert foram pioneiros no desenvolvimento de instrumentos para medir as atitudes dos falantes em relação às línguas e aos grupos que as usam, bem como os efeitos do bilinguismo na personalidade, na cognição e na identidade social. Também realizaram estudos experimentais sobre o ensino de línguas estrangeiras e o impacto da exposição a diferentes culturas na adaptação e no desempenho dos indivíduos. Para os autores, as *atitudes* se tornaram objeto de estudo por uma necessidade incitada pelo complexo fenômeno psicológico que um grande significado social proporciona nas tentativas de desvendá-lo.

Para Bem (1973), as atitudes linguísticas são as reações afetivas, cognitivas e comportamentais dos falantes em relação às línguas, aos seus usos e aos seus usuários. As atitudes linguísticas podem ser explícitas ou implícitas, conscientes ou inconscientes, positivas ou negativas, e influenciam a percepção, a avaliação e a aprendizagem das línguas.

A análise dos componentes linguísticos e suas definições nos permite aprofundar nossa compreensão sobre as atitudes. Segundo Lambert e Lambert (1972), a formação de uma atitude é um processo que envolve a inter-relação desses componentes. Para eles, é essencial considerar os pensamentos e crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências comportamentais para uma compreensão abrangente (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78).

Segundo os autores (1972, p. 83), a funcionalidade essencial das atitudes “afeta nossos julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolheremos e até as filosofias à sombra das quais vivemos”. Por isso, desenvolveram ideias para que a coleta de dados fosse mais confiável, passível de quantificação e qualificação, como o *matched-guise*⁸.

Uma série de técnicas foram desenvolvidas para, sistematicamente, inferir e medir as atitudes e atender as necessidades científicas dos objetos. Como não podem ser diretamente medidas, os resultados diretos requerem uma comprovação cuidadosa para que sejam válidos, sendo preciso estabelecer critérios que meçam seu propósito e que evitem tocar em outro processo psicológico.

⁸ *Matched-guise*: técnica desenvolvida por Wallace Lambert em 1967, a fim de sistematizar a forma de mensurar os testes sobre atitudes linguísticas com falantes bilíngues. As análises possibilitam agrupar de forma sistemática as percepções e as atitudes, favorecendo sua reflexão.

Bem (1973), como psicólogo social, afirma que as crenças e atitudes se respaldam em quatro atividades humanas: pensar, sentir, comportar-se e interagir com os demais. Desse modo, estabelece quatro fundamentos psicológicos para explicar suas origens: *cognitivo*, *emocional*, *comportamental* e *social*. Uma breve descrição será dada seguindo a perspectiva do autor.

De início, devemos informar que os fundamentos cognitivos se dividem para explicar crenças e atitudes. O primeiro fundamento se constitui por *crenças*, estas primitivas, de ordem superior ou lógica e psicológica. “Se um homem percebe alguma relação entre duas coisas ou entre alguma coisa e uma de suas características diz-se que ele tem uma crença” (BEM, 1974, p. 12). Basicamente, as crenças de um homem formam a compreensão que tem de si mesmo e do seu entorno.

As generalizações e os estereótipos são considerados crenças primitivas, nas palavras de Bem (1974) “os estereótipos são crenças supervalorizadas baseadas em um conjunto muito limitado de experiências” (p.21) e moldam os mundos perceptivo e conceitual. As crenças de ordem superior amparam-se em estruturas construídas por premissas conscientes por experiências que transpassam pelo raciocínio indutivo (p.22), ampliando o sistema cognitivo das crenças. Estas também transitam entre o lógico e o psicológico em busca de coerência.

Já os **fundamentos** cognitivos das *atitudes* encontram respaldo em crenças avaliativas, baseadas em diversos tipos de experiências, em uma autoridade ou em silogismos; e em valores. “Os valores são fins, não meios” (p. 33) explica Bem (1973). Os valores são centrais para as crenças e atitudes, entre eles estão a liberdade e a igualdade, juntos ao valor inconsciente do preconceito.

As emoções desempenham um papel importante nas crenças e atitudes. Os fundamentos emocionais, tanto positivos quanto negativos, respondem à exposição de estímulos condicionados assim como a processos de generalização semântica.

Por esse meio, as respostas emocionais podem ser generalizadas de objetos a palavras, de palavras a objetos e de palavras a outras palavras com significados similares. É o processo crucial através do qual o condicionamento clássico pode criar os componentes emocionais das crenças e atitudes (BEM, 1974, p. 77).

Em relação aos fundamentos comportamentais das crenças e atitudes, o autor alega que o comportamento causa a atitude (p. 95) e não o contrário. Para tanto, ele considera duas teorias: i) da dissonância cognitiva, que lida com as coerências e incoerências entre o comportamento de um indivíduo e suas crenças e atitudes; ii) da autopercepção, que busca por

indícios internos de um indivíduo encontrados no seu comportamento. Bem (1973) esclarece que “uma das maneiras de causar mudança nas crenças e atitudes de um indivíduo é mudar seu comportamento” (p. 114).

As crenças e atitudes também apresentam seus fundamentos **sociais**. Um deles é a persuasão ao ocorrer através dos meios de comunicação de massa, em argumentos tendenciosos que afetam, direta e indiretamente, o comportamento humano. A influência interpessoal, as normas sociais, os grupos de referência e o distanciamento entre as gerações também são fatores de influência social, mas não serão tratados a fundo nesta tese.

No geral, as *atitudes linguísticas* carregam, em si, características sociais que nem sempre o próprio falante percebe. Elas desempenham uma função essencial na determinação do comportamento, afetando julgamentos e *percepções* sobre os outros (LAMBERT; LAMBERT, 1968). Conseqüentemente, pode-se esperar atitudes como lealdade e deslealdade, prestígio ou desprestígio, estereótipos e estigmas, preconceito, dentre outras.

Como já citado, as atitudes são constituídas por comportamentos que podem ser positivos (de aceitação) ou negativos (de rejeição). Desse modo, podemos encontrar atitudes ligadas à *lealdade* linguística, estreitamente vinculada ao orgulho de pertencimento a determinado grupo, que surge como consequência de uma atitude positiva. Geralmente, esse orgulho está ligado ao poder e ao *status* que determinados grupos linguísticos mantêm em razão de sua posição social, econômica e/ou cultural. Da mesma forma, depara-se com atitudes negativas que levam à *deslealdade* linguística, a qual se refere aos sentimentos de vergonha, inferioridade, insegurança e (em casos mais graves) de aversão linguística ao seu dialeto.

Uma vez formados, os *estereótipos* fazem com que o seu receptor se encaixe em categorias já existentes (ALLPORT, 1971). A categoria, a organização cognitiva, o rótulo linguístico ou o *estereótipo* são aspectos de um processo mental complexo.

Por outro lado, Allport (1971) adverte que nem toda generalização é um preconceito. Algumas são simplesmente concepções errôneas ou informações inadequadas; outras impulsionam a formação de estereótipos com base em atitudes hostis e subjetivismos. O psicólogo afirma que uma adequada definição do preconceito contém dois ingredientes essenciais: é preciso haver uma atitude favorável ou desfavorável obrigatoriamente vinculada a uma crença excessivamente generalizada e, portanto, errônea.

Dentro desse contexto, podem ser avaliadas as questões atitudinais dos falantes em relação à variedade do dialeto de origem/de contato ou em relação à variação oral de algum

registro de uma comunidade de fala ou de uma comunidade de prática. Alguns comportamentos negativos, inconvenientes e de preconceito linguístico dão margem a preconceitos sociais em relação aos grupos que, frequentemente, fazem uso desse traço. Preconceito é uma palavra que deriva do latim *praejudicium* e, nas palavras de Allport (1971), assume um tom negativo quando se pensa mal de outras pessoas sem motivo suficiente. Para o autor, o preconceito tem suas origens na defesa apaixonada dos valores pessoais, levantando barreiras de proteção e vendo os outros como ameaça.

Na concepção de Allport (1971), a atitude preconceituosa é formada por dois componentes: um *cognitivo*, relativo à generalização categorial; e um *disposicional*, que remete à hostilidade, algo que influenciaria comportamentos discriminatórios. O autor sustenta a tese de que o homem tem uma propensão ao preconceito, a qual, na sua tendência normal e natural, leva à formação de generalizações, conceitos e categorias cujo conteúdo representa uma simplificação excessiva de seu mundo de experiências.

Sobre o que os falantes pensam acerca dos traços linguísticos, questiona-se: como pensam que falam e que tipo de inferências fazem sobre outros indivíduos ao ouvi-los? Atitudes preconceituosas estão implícitas na sociedade, assim como na crença de que as regras rígidas da norma culta sejam leis que autorizam julgar e acreditar na existência de uma variedade mais correta que outras. Poucos são os seus usuários que desfrutem do poder social que lhe é pertinente.

Por outro lado, Allport (1971) adverte que nem toda generalização é um preconceito. Algumas são simplesmente concepções errôneas ou informações inadequadas; outras impulsionam a formação de estereótipos com base em atitudes hostis e subjetivismos. O psicólogo afirma que uma adequada definição do preconceito contém dois ingredientes essenciais: é preciso haver uma atitude favorável ou desfavorável obrigatoriamente vinculada a uma crença excessivamente generalizada e, portanto, errônea.

2.3 O PAPEL DA SOCIOLINGUÍSTICA PARA OS ESTUDOS ATITUDINAIS

As relações entre língua e contexto social constituem os principais objetos de estudo da Sociolinguística, analisando como fatores sociais afetam o uso e a variação da língua. Da mesma forma, investiga como a língua é usada para construir identidades, relações de poder,

normas e ideologias sociais, por meio da abordagem de temas como a variação e a mudança linguística, a atitude linguística e a política linguística.

Os estudos sociolinguísticos interessam a antropólogos, sociólogos, psicólogos sociais (como visto na seção anterior) e a linguistas em geral.

Bright (1974) foi um dos primeiros a especificar o conteúdo da Sociolinguística e seu alcance. O pesquisador qualificou o objeto de estudo sociolinguístico para além da diversidade linguística, ao ampliar seu sentido: “a tarefa da Sociolinguística é, portanto, demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção” (BRIGHT, 1974, p. 17).

Seu pensamento contribui para a motivação do estudo de inúmeras combinações realizadas por diversas linhas de pesquisa, além de uma série de dados sobre problemáticas já existentes. O autor sustenta uma perspectiva muito ampla da Sociolinguística, na qual, sempre que duas ou mais “dimensões” se interseccionarem, encontra-se um objeto de estudo sociolinguístico. Por isso, o autor reuniu, em dimensões, as *correntes* de interesse independentes que, interseccionadas, pode resultar em um objeto de estudo sociolinguístico.

Tais dimensões reunidas por Bright somam sete: 1) a identidade social do *falante* é representada por dialetos de classe, cujas diferenças de fala dizem respeito à estratificação social e também pode ser encontrada nas diferenças entre as falas de homens e mulheres; 2) a identidade social do *ouvinte*, representada pelo estilo que o falante utiliza para se dirigir aos outros e figurada pelo vocabulário específico em uso; 3) a dimensão do *contexto*, corresponde às identidades dos indivíduos envolvidos e todos os elementos possivelmente relevantes no ambiente de comunicação; 4) a dimensão *diacrônica* ou *sincrônica* aplicada à pesquisa sociolinguística segundo a finalidade e objetivos do pesquisador; 5) a dimensão da *crença*, introduzida a partir diferença entre a maneira como as pessoas usam as línguas e o que elas pensam em relação ao próprio comportamento linguístico e o dos demais, posto que o ponto de vista popular constitui parte do contexto sociolinguístico e por isso, o pesquisador não pode se enganar aceitando tal pensamento como se correspondesse à realidade do comportamento linguístico; 6) a *extensão da diversidade*, não se refere a medidas, se refere à diferença entre partes de uma única sociedade, oposta às diferenças entre sociedades e noções, e entre uma variedade de uma única língua oposta à diferença entre línguas distintas; classificadas em *pluridialeto*, *plurilingue* e *plurisocioleto*; 7) a dimensão da *aplicação*, que representa as implicações inerentes às descrições da diversidade sociolinguística, categorizadas em: a) estrutura social em geral ou fenômenos sociais particulares; b) histórica,

conhecida pelo exame de registros históricos ou pelo estudo dos processos correntes de mudança linguística; c) planejadora linguística, que lida com a política oficial no que diz respeito ao uso da língua. Em conformidade com os objetivos do autor, as dimensões de *falante*, *ouvinte* e *contexto* (1, 2 e 3) se baseiam na diversidade do comportamento linguístico. No entanto, as demais dimensões não se comportam do mesmo modo.

A proposta de Bright (1974) influenciou outros pesquisadores, como Labov que desenvolveu seus primeiros estudos sistematizados na área de Sociolinguística nos Estados Unidos, cuja intenção era estudar a linguagem em seu contexto social. Para isso, considerou explorar, na comunidade de fala, as possíveis influências de fatores sociais diversos sobre a variação linguística.

A pesquisa de Labov na ilha Martha's Vineyard é um dos estudos mais conhecidos do autor, no qual busca entender e explicar a heterogeneidade linguística a partir dos fatores extralinguísticos ou sociais, com a pretensão de sistematizar a mudança própria da língua falada. Concentrando-se na pronúncia de certos fonemas do inglês falado por essas pessoas, Labov deduz que o uso dos ditongos “aw” e “ay” servia como um meio de identificação dos falantes como nativos, em contraste com as formas linguísticas padronizadas utilizadas pelos turistas que visitavam a ilha. Isso demonstrou que o uso da variante pelos nativos, considerada estigmatizada em relação à forma padrão, contribuía para a construção de sua identidade social como descendentes dos Yankees, o grupo étnico que colonizou a ilha no século XVII. Foram realizadas 69 entrevistas formais nas quais foi possível observar 3500 ocorrências. Foram feitas observações em situações espontâneas que deram suporte às conclusões.

Os nativos sentiam-se incomodados com a presença dos veranistas do continente, considerando-a uma invasão cultural e econômica, e, portanto, enfatizavam a pronúncia desses ditongos como uma forma de proteger sua cultura e seu espaço. Por outro lado, essa pesquisa também revelou que o uso da forma padrão, considerada mais prestigiosa, refletia um sentimento de insatisfação e um desejo de deixar a ilha, ou seja, de se diferenciar da identidade social dos habitantes nativos.

Outra pesquisa de referência sociolinguística foi a desenvolvida durante o doutorado quando Labov se dedicou à análise da estratificação social do (r) nas lojas de departamentos de Nova York. Durante sua pesquisa, se deparou com uma preocupação constante: o desafio clássico de como coletar dados linguísticos sem interferir nos resultados.

A abordagem de Labov neste estudo abrangeu a compreensão da influência do contexto social na aquisição da linguagem. Dessa forma, Labov se empenhou em encontrar

meios eficazes de coletar dados sem distorcê-los, permitindo que se analisasse a estratificação social do (r) com precisão e imparcialidade.

O autor defende que a melhor maneira de obter uma grande quantidade de dados confiáveis sobre a fala de uma pessoa é por meio de entrevistas individuais gravadas. No entanto, reconhece que, durante a entrevista, a fala é formal, pública e controlada devido à presença de um observador externo. Por isso, buscou amostras de produções inconscientes em outros contextos, como o social natural, pois considera importante observar o uso da língua na vida cotidiana, fora de qualquer situação de entrevista.

Labov propôs a hipótese de que se dois subgrupos diferentes de falantes nova-iorquinos estão estratificados socialmente, estarão estratificados de acordo com seu uso diferenciado do som “r” (LABOV, 2008). A amostra foi encontrada em três lojas de departamentos, cada uma com sua clientela socialmente estratificada. As lojas escolhidas foram: Saks Fifth Avenue, conhecida por seu status superior, Macy's, considerada de status médio, e S. Klein, de status inferior. Um dos resultados apontou para o prestígio da loja, considerado mais importante para os funcionários do que o próprio salário.

O método utilizado foi inovador, fugindo do padrão convencional de estratificar amostras de falas e agendar entrevistas. Labov adotou uma abordagem diferente, fazendo perguntas que levariam à resposta “fourth floor” e perguntava novamente: “como?”. Isso forçava a pessoa a responder novamente, permitindo uma análise mais aprofundada. Ele chegou à conclusão de que, com perspicácia suficiente, é possível estudar qualquer grupo e que a pesquisa sociolinguística precisa superar o desafio de desenvolver estudos rápidos e anônimos, que não sejam limitados pela conveniência (LABOV, 2008), o que resultou em um modelo de análise linguística baseado no contexto social de comunidades de fala.

Segundo Labov (2008, p. 196), os fenômenos linguísticos podem ser classificados em três categorias: *indicadores*, *marcadores* e *estereótipos*. Os *indicadores* são difíceis de serem detectados, tanto por linguistas quanto por pessoas comuns, pois estão abaixo da consciência social. O alteamento, por exemplo, é considerado um indicador. Já os *marcadores* são fenômenos que, embora estejam abaixo do nível da consciência, apresentam respostas relevantes nos testes de reação subjetiva. É o caso do alteamento em contextos pouco usuais, como em m[i]lhor e p[u]rtuguês. *estereótipos* englobam os fenômenos que estão no nível da consciência social e que, por conseguinte, tendem a ser avaliados negativamente pela comunidade. É o que se observa nos casos de alteamento em itens como t[i][u]ria. Alguns *estereótipos* carecem de complemento na realidade, ao passo que outros se desenvolvem a

partir da pronúncia e da generalização excessiva dos fatos. Segundo Labov (2008), um estereótipo é um traço linguístico que está no nível da consciência social e que tende a ser avaliado negativamente pela comunidade.

Moreno-Fernández (2009) entende a atitude linguística/social como alicerçada na *consciência sociolinguística*, ou seja: ao adquirir a consciência de fatos linguísticos que o caracterizam ou que o afetam, o indivíduo passa a construir atitudes em relações a esses fatos.

La actitud ante la lengua y su uso se convierte en esencialmente atractiva cuando se aprecia en su justa magnitud el hecho de que las lenguas no sólo son portadoras de unas formas y unos atributos lingüísticos determinados, sino que también son capaces de transmitir significados o connotaciones sociales, además de valores sentimentales. Las normas y marcas culturales de un grupo se transmiten o enfatizan por medio de la lengua⁹ (MORENO-FERNÁNDEZ, 2009, p. 180).

Moreno-Fernández alerta sobre as avaliações oriundas de atitudes que sugerem explicações sobre a forma que as línguas adquirem significados, além de serem capazes de transmitir sentidos sociais marcados pelas normas e pelos signos sociais por meio da língua utilizada por um grupo.

O nível abstrato da Sociolinguística inclui, em seus estudos, todos os fatores linguísticos e sociais que condicionam a *competência sociolinguística* de uma comunidade de fala. Tal competência está longe de ser homogênea, devido, principalmente, ao peso de cada uma das variáveis sociais (LÓPEZ MORALES, 2015).

A competência linguística e a competência comunicativa se entrelaçam na consciência linguística, favorecem a constituição de avaliações. Ferreira (2009) explica que o grau de competência de um indivíduo relativo à sua língua, à forma de uso, assim como as regras sociais e pragmáticas de cada socioleto, repercutem na consciência linguística e, dessa maneira, “as percepções originam atitudes linguísticas” (p. 253), de acordo com a competência que um indivíduo apresenta em relação à sua língua.

Alguns componentes se integram quando se trata de investigações sociolinguísticas, necessariamente para efetivar a estratificação social da língua, de forma que cada um deles estabeleça o seu papel na condução metódica do processo. Em uma sociedade que compartilha uma língua, é difícil prever a quantidade e a variedade de comunidades linguísticas, o que não permite um conceito fiel de comunidade de fala. Sabe-se que as

⁹A atitude perante a língua e o seu uso torna-se especialmente atraente quando se aprecia na sua justa magnitude o facto de as línguas não serem apenas portadoras de certas formas e certos atributos linguísticos, mas também serem capazes de transmitir significados ou conotações sociais, além de valores sentimentais. As normas e marcas culturais de um grupo são transmitidas ou enfatizadas por meio da linguagem (Tradução nossa).

comunidades linguísticas não têm nada a ver com limites nacionais (LÓPEZ MORALES, 2015), mas o que interessa é o comportamento linguístico de um grupo em si. Trata-se das *comunidades de fala*, às quais Labov (2008) se refere.

As variáveis linguísticas também são fundamentais para os estudos sociolinguísticos, pois são as responsáveis por definir um *conjunto de equivalência*¹⁰ de práticas languageiras habituais do mesmo elemento ou princípio subjacente em uma comunidade de fala. López Morales (2015) descreve as *variáveis linguísticas*, as quais ocorrem em todos os níveis da língua e, portanto, permitem a manifestação dos parâmetros de diferenciação social em casos de variação. Tais parâmetros são: *variável fonológica*, condicionada por uma série de fatores linguísticos relativos à distribuição, contextos e funções; *variável sintática*; *variável léxica*; e *variável sociolinguística*, referente a relações que as variáveis linguísticas apresentam (ou não) com as variáveis socioculturais.

O autor considera fundamental, para a Sociolinguística, a manipulação das variáveis sociais, as quais interferem diretamente na variação linguística — principalmente idade e sexo (LÓPEZ MORALES, 2015). Em suas considerações, a idade tem impactado, explicitamente, a variação linguística em diferentes gerações e, complementa: “Es raro el caso en que las diferencias de edad no marquen algunas distinciones de peso en los socioletos de una sintopía¹¹” (p. 113). Inclusive, nos estudos de Labov (2008) realizados na cidade de Nova Iorque, destacaram-se diferentes realizações do /r/ pós-vocálico e pré-consonantal na idade dos participantes.

A variável sexo, geralmente, destaca-se em estudos por acusar situações em que as falas de homens e mulheres apresentam contrastes marcantes. A título de exemplo, o autor afirma que “en las sociedades modernas de Occidente también se observan diferencias lectales entre los sexos”¹², algumas mais significativamente acentuadas que outras (LÓPEZ MORALES, 2015, p. 120).

Sobre a fala de homens e mulheres, López Morales deixa claro que, até o momento, os dados obtidos demonstram que as mulheres estão mais conscientes do valor que sua comunidade atribui aos fenômenos linguísticos, favorecendo aqueles que têm maior status na avaliação social (LÓPEZ MORALES, 2015). Dessa forma, entende-se que a fala das mulheres costuma empregar as formas do nível sociocultural superior, “de ese modo atraen

¹⁰ Entende-se por conjunto de equivalência, o necessário para que se identifiquem os fatores que determinam a distribuição dos fatores linguísticos que impulsionam as variações.

¹¹ É raro o caso no qual as diferenças de idade não marcam algumas distinções importantes nos socioletos de uma sintopia (Tradução nossa).

¹² Nas sociedades ocidentais modernas também existem diferenças linguísticas entre os sexos (Tradução nossa).

para si el prestigio que las mismas poseen en la comunidad”¹³ (p. 125). Por fim, acrescenta que a variável sexo permitiu observar que, apesar dos limites, diferentes padrões educativos são socialmente diferentes e que “el habla de las mujeres no sólo es diferente al habla de los hombres, sino que mejor socialmente, hablando”¹⁴ (LÓPEZ MORALES, 2015, p. 126).

Fatores socioculturais como raça e etnia também podem mostrar variação linguística por meio dos estudos atitudinais, pois são influenciados por aquilo que adquirem de seu entorno. Outra variável, a procedência, também se torna produtiva ao focar as comunidades com variada composição demográfica, origem dos fenômenos urbanos e rurais. Enfim, todos os fatores sociais são importantes, pois estão sob o imperativo do sistema linguístico e atuam onde o sistema permite.

Para chegar a resultados satisfatórios, o falante precisa partir de determinado conhecimento do cenário sociolinguístico para poder atuar de acordo com suas restrições e imposições, ou seja, precisa acionar sua consciência linguística. Em muitos casos, a maneira de falar funciona como um índice classificatório, pois muitos falantes têm consciência da variação linguística e suas implicações sociais. Segundo López Morales (2015, p. 206), o reconhecimento dos socioletos é reflexo do grau de consciência linguística do falante e do grupo.

É a consciência linguística o respaldo de que necessitam os pesquisadores para avançar em seus estudos sociolinguísticos e dialetológicos. Moreno-Fernández (2009, p. 182) afirma que “la conciencia lingüística es un fenómeno estrechamente ligado a la variedad lingüística — sobre todo en las comunidades bilingües o en territorios donde se habla más de un dialecto — al estrato social”¹⁵. Por meio dela, são feitas as avaliações linguísticas, as reflexões, as análises ou o controle intencional sobre o entendimento de vários elementos da linguagem, seja fonologia, semântica, morfologia, discurso ou pragmática, desde que fora dos processos inconscientes normais de produção ou compreensão. A avaliação das atitudes propicia que o falante construa julgamentos subjetivos sobre sua própria língua e sobre a língua do seu interlocutor. Normalmente, são avaliadas positiva ou negativamente, ou seja, manifestam apreciação e rejeição¹⁶.

Dentro do contexto teórico abordado nesta tese, a avaliação das atitudes conduz à

¹³ Desta forma, atraem para si o prestígio que possuem na comunidade (Tradução nossa).

¹⁴ A fala das mulheres não é apenas diferente da fala dos homens, mas melhor socialmente falando (Tradução nossa).

¹⁵ A consciência linguística é um fenômeno intimamente ligado à variedade linguística – especialmente em comunidades bilíngues ou em territórios onde se fala mais de um dialeto – ao estrato social (Tradução nossa).

¹⁶ Alguns trabalhos, como o de Botassini (2012), Corbari (2013), Cardoso (2015) e Pizzatto (2020), entre outros, apresentam resultados interessantes sobre o tema.

observação, à descrição e à análise do português brasileiro, com possibilidades de interpretação diante da construção do comportamento linguístico que o informante nos oferece. Perante o exposto, para dar prosseguimento ao texto, coordenam-se conteúdos da Dialetoлогия, da Psicologia Social e da Sociolinguística, expondo as contribuições para a realização desta tese.

Um dos objetivos dos estudos sociolinguísticos é demonstrar que as normas são/estão conectadas a fatores sociais e a fatores estruturais, e seu objeto de estudo “não poderia ser outro senão a língua” (LÓPEZ MORALES, 2015, p. 26). O sociolinguista Moreno-Fernández (2009) inclui, na sua concepção de *atitude*, o uso da língua e seu valor linguístico:

La actitud lingüística es una manifestación de la actitud social de los individuos, distinguida por centrarse y referirse específicamente tanto a la lengua como al uso que de ella se hace en sociedad, y al hablar lengua incluimos cualquier tipo de variedad lingüística: actitudes hacia estilos diferentes, sociolectos diferentes, dialectos diferentes o lenguas naturales diferentes¹⁷ (MORENO-FERNÁNDEZ, 2009 [1998], p. 179).

De acordo com o excerto, o autor aponta a atitude linguística como um tipo de atitude social. Dessa forma, qualquer atitude que se refira a variedades de fala é a representação do uso social da língua. A palavra atitude é originária do latim *aptus*, tendo como correspondente no português aptidão (APTIDÃO. In: Dicionário Houaiss [em linha], 2009, https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#11).

Uma segunda derivação, também do latim, a considera como ação, atitude, com significados de ação, postura e comportamento (GROSJEAN, 2001). Assim, a atitude assume a postura de um indivíduo diante de algo, uma reação valorativa favorável ou desfavorável em relação a um objeto real ou simbólico.

2.4 ESTUDOS BRASILEIROS SOBRE ATITUDES LINGUÍSTICAS

Os estudos das atitudes, para a Sociolinguística, permitem conhecer mais profundamente assuntos como “la elección de una lengua en sociedades multilingües, la inteligibilidad, la planificación lingüística o la enseñanza de lenguas, además as actitudes influyen decisivamente en los procesos de variación y cambio lingüísticos que se producen en

¹⁷ A atitude linguística é uma manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguindo-se por focalizar e referir-se especificamente tanto à língua quanto ao uso que se faz dela na sociedade, e ao falar língua incluímos qualquer tipo de variedade linguística: atitudes em relação a diferentes estilos, diferentes socioletos, diferentes dialetos ou diferentes línguas naturais (Tradução nossa).

las comunidades de habla” (MORENO-FERNÁNDEZ, 2009, p. 179).

Na perspectiva sociolinguística, Trudgill e Hernández Campoy (2007) tomam *atitude* como a resposta emocional e intelectual que os membros da sociedade dão às línguas, aos dialetos, aos acentos, às formas linguísticas concretas e aos próprios falantes em seu entorno social. Esses elementos constituem, portanto, um aspecto importante da complexa psicologia social das comunidades linguísticas.

Na mesma linha de pensamento, Silva-Corvalán (1988) alerta para a importância dos estudos sobre *actitudes lingüísticas*, pois os seus resultados se convertem em relevantes informações sobre os falantes, como sua posição dentro de um grupo social, valores e julgamentos e a classe de pessoas que são ou gostariam de ser.

Oushiro (2021) considera, pois, os estudos sociolinguísticos como um importante meio para a criação de estratégias que combatam o preconceito linguístico. Sugere levar as contribuições para a escola e, assim, traçar um ensino de línguas que contemple a diversidade linguística, respeitando todas as variedades.

Uma revisão da literatura sobre atitudes linguísticas foi realizada em alguns estudos brasileiros conduzidos pela perspectiva dialetológica e sociológica e pela Psicologia Social, parceiras neste objeto. Buscamos os estudos de Alves (1979), Bisinoto (2000), Lira e Da Hora (2009), Pastorelli (2011), Botassini (2012), Bassi (2013), Corbari (2013), Silva e Aguilera (2014), Cardoso (2015), Freitag *et al.* (2016), Silva (2018) e Oushiro (2021) para delinear as tendências das atitudes, o reconhecimento de formas mais e menos prestigiadas e de que forma o preconceito linguístico é tratado. Assim, serão apresentados, em ordem cronológica, trabalhos mais recentes que buscaram compreender as percepções que os falantes têm diante de falares diferentes no panorama das percepções linguísticas retratadas. Tais trabalhos resultam de teses, dissertações e artigos científicos.

O estudo pioneiro de Alves (1979) teve como objetivo investigar as tendências observadas entre os nordestinos que vivem em São Paulo em relação às diferentes formas de falar, tanto as características linguísticas próprias da região nordeste quanto as características linguísticas típicas dos paulistas. A autora vincula os processos migratórios ao aumento da industrialização e o conseqüente deslocamento de trabalhadores da Região Nordeste para a Região Sudeste, já que esta conta com maiores recursos e o estado de São Paulo se apresenta como uma grande potência econômica. Ela estabeleceu quatro variáveis sociais para controle: i) o nível social: baixo ou alto; ii) a procedência: Pernambuco ou Bahia; iii) a proveniência:

capital ou interior; iv) o tempo de permanência em São Paulo: recém-chegados ou residentes há dois anos ou mais.

Dois hipóteses fomentaram a investigação de Alves (1979). A primeira diz respeito à relação entre o baixo nível socioeconômico-cultural dos nordestinos e as atitudes que prevalecem quanto às variedades linguísticas dos paulistas. A segunda questiona se os nordestinos em São Paulo que pertencem a um alto nível socioeconômico-cultural tendem a ter atitudes positivas quanto às variedades linguísticas nativas. Os dados foram organizados em tabelas, priorizando a variável procedência, e os pernambucanos foram divididos em oito grupos. A análise da questão 1 mostra as expectativas sobre o deslocamento para São Paulo, revelando a prevalência de atitudes positivas por parte do grupo de nordestinos pertencentes ao baixo nível socioeconômico-cultural, acompanhado de um equilíbrio entre atitudes positivas e negativas por parte do grupo de alto nível socioeconômico-cultural. Os pernambucanos classificaram o falar de seus conterrâneos como *boa* e *agradável*, o que representa apreço por sua própria variedade. Em resumo, as demais questões consideram que os pernambucanos da camada socioeconômica-cultural baixa avaliam positivamente a fala paulista e tendem a reproduzi-la, mascarando sua variação. A deslealdade dos nordestinos é justificada por um falar híbrido, verificado pelo uso mesclado entre sua própria variedade e a variedade paulista.

Bisinoto (2000) identifica e analisa as atitudes sociolinguísticas dos nativos da cidade de Cáceres-MT e de migrantes que moram há oito anos ou mais na localidade, com relação à variedade linguística local. A autora considera como o processo migratório interfere nas avaliações sobre a fala de Cáceres-MT, identificando, supostamente, o movimento migratório ao Centro-Oeste e seus impactos regionais desencadearam uma acentuada estigmatização da língua nativa de Cáceres, com indícios de desaparecimento da variedade. Para a investigação, foram realizadas entrevistas individuais com um grupo diversificado de 12 nativos e 12 imigrantes, incluindo profissionais da língua como professores, advogados, jornalistas e radialistas, bem como não-profissionais. As entrevistas foram conduzidas pessoalmente, registradas e transcritas, formando assim o corpus da pesquisa.

A partir dos resultados, a autora considera a efetividade do estigma e evidências de estereótipos da variedade linguística local, o que levou a concluir que o preconceito linguístico é manifestado bilateralmente. Ainda ressalta as diferentes motivações que provocam o preconceito, significando, para os imigrantes, um pensamento de dominação

sobre os nativos, enquanto, para os nativos, representa um mecanismo de defesa contra as pressões sociais e econômicas.

Lira e Da Hora (2009) desenvolvem uma investigação a respeito do dialeto nordestino, especificamente para conhecer o que seus falantes pensam sobre a prosódia e a representatividade social, no intuito de explorar a reação dos moradores de cinco capitais em relação ao seu próprio sotaque. O objetivo era avaliar o grau de identificação e orgulho dos participantes em relação ao seu modo de falar.

O estudo parte do pressuposto de que os falantes prestigiam ou estigmatizam determinadas variantes regionais em base na forma como são pronunciadas, independentemente da língua que falam. A investigação se deu com a participação de informantes de ambos os sexos, com idade acima de 30 anos e diferentes níveis de escolaridade. Para averiguar as reações dos falantes a respeito das características melódicas de seu próprio falar, elegeram cinco capitais nordestinas: Fortaleza, João Pessoa, Salvador, São Luís e Recife. Para a abordagem, foi apresentado um trecho da peça *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, gravado por um homem e uma mulher. O texto foi repetido duas vezes e o informante respondeu a uma entrevista com sete perguntas sobre sua impressão em relação à locução e ao sotaque escutado na gravação.

Os resultados apontam para a identificação com o próprio falar e reconhecimento em relação às características linguísticas próprias da língua. Em geral, os informantes demonstraram atitudes positivas em relação às suas características melódicas e negativas ao dialeto nordestino construído para além da Região Nordeste. Os falares de Salvador, João Pessoa e São Luís são os que mais têm prestígio em relação ao próprio falar, qualquer que seja a condição socioeconômica ou de escolarização.

Pastorelli (2011) investiga a crença e as atitudes linguísticas dos falantes bilingues de Capanema-PR, com o *corpus* fornecido pelo Projeto Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato (Projeto CAL¹⁸) realizado em localidades fronteiriças ao Paraguai e à Argentina e/ou em localidades com histórico de colonização por imigrantes e descendentes.

¹⁸ Este Projeto, nascido no campus de Cascavel, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), contou com a parceria de pesquisadores da Universidade Estadual de Londrina (UEL), a Universidade Estadual de Maringá (UEM), a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e UNICENTRO.

O objetivo foi identificar as atitudes positivas e negativas dos capanemenses em relação às línguas e às variedades com as quais eles convivem diariamente, fruto dos movimentos migratórios e das trocas linguísticas e culturais ocorridas na região. A abordagem metodológica segue a concepção mentalista, para a qual utiliza um corpus constituído por conjunto de dados obtidos por meio de entrevistas presenciais, conduzidas por um questionário aberto composto por perguntas diretas, com o objetivo de coletar informações pessoais dos informantes residentes sobre suas experiências de convívio com falantes de outros idiomas, com ênfase no espanhol.

Os resultados evidenciam que, em relação aos argentinos, ao povo e à língua materna, a maioria dos informantes apresentaram atitudes positivas. Entretanto, no que se refere aos paraguaios, um número expressivo de informantes demonstrou uma postura negativa, alegando diferenças culturais, como a origem indígena, a pouca tecnologia, a baixa escolaridade e o quesito linguístico (guarani-jopará) como pretextos para tal comportamento.

Os capanemenses também demonstraram atitudes negativas pelo alemão, pois pensam que são introvertidos e consideram seu idioma difícil e esquisito. Por último, os italianos receberam avaliação positiva, tendo sido considerados um povo alegre e espontâneo, e acreditam que a cultura e a língua italianas sejam próximas das nossas, devido à ascendência latina. No geral, a análise demonstrou que os capanemenses mantêm atitude positiva com os descendentes de estrangeiros, principalmente com os argentinos, assim como evidenciou a importância dada ao aprendizado do espanhol, por estarem em uma área de fronteira.

Bassi (2013) analisa *Atitudes Linguísticas e Variáveis Sociais na Fronteira Brasil-Bolívia*. Os informantes dessa pesquisa são alunos brasileiros da cidade de Basileia-AC, fronteira com Cobija, Bolívia, que se manifestaram em relação à variedade da língua espanhola presente na localidade, pois, em geral, o contato linguístico e as interações sociais entre falantes de língua materna português e falantes de língua materna espanhola ocorrem em espaços públicos, comerciais e culturais, que são ocupados pelos estudantes na cidade. A autora afirma que as relações socioverbais estimulam a manifestação de atitudes; logo, é possível constatar o uso que os estudantes brasileiros fazem do espanhol em vários contextos sociolinguísticos, identificando as atitudes de prestígio e quais variáveis exercem maior influência. Os dados foram obtidos em uma pesquisa de campo utilizando questionários respondidos por 105 participantes, o qual consistia em 54 questões, divididas de acordo com as variáveis sociais, haja vista que os fatores linguísticos estão inter-relacionados com os sociais.

Os resultados indicam que as atitudes dos participantes foram predominantemente positivas em relação ao espanhol. Algumas variáveis como idade, sexo, local de nascimento, escolaridade e situação linguística não apresentaram influências significativas para o resultado. Apenas a variável competência linguística se mostrou influente, o que significa dizer que aqueles que têm um nível mais alto de conhecimento do espanhol têm atitudes mais positivas. No que diz respeito ao uso do espanhol, observa-se que os participantes julgam comunicativamente necessário o aprendizado da língua, caracterizando-se como um idioma de prestígio na área fronteiriça estudada.

Em 2013, Botassini investiga crenças e atitudes linguísticas por meio de um estudo dos róticos em coda silábica na fala dos habitantes do Norte do Paraná. Esta tese foi desenvolvida baseada nos princípios da Sociolinguística Variacionista e nos estudos de crenças e atitudes linguísticas, com o objetivo principal de descrever as crenças e as atitudes linguísticas de falantes brasileiros, naturais de diferentes regiões em relação ao uso dos róticos, partido dos registros e descrição das variantes do fonema /r/ que concorrem em posição de coda silábica.

Para o desenvolvimento da pesquisa, entrevistou, mediante conversação dirigida e gravada, 48 informantes residentes no Norte do Paraná entre paranaenses, cariocas e gaúchos. As questões da entrevista tratavam de crenças e atitudes os informantes norte paranaenses a fim de saber se são mais desleais linguisticamente que os cariocas e gaúchos, assim como se os informantes mais escolarizados são menos preconceituosos.

A entrevista consistia em cinco partes: narrativa, descrição, questionário fonético-fonológico, leitura, questões direcionadas para averiguar as crenças e as atitudes linguísticas. A estrutura foi construída para que as quatro primeiras partes pudessem obter diferentes graus de formalidade na entrevista, alternado entre o formal e o informal, sendo conveniente à utilização de róticos em coda silábica. A quinta parte verificou a forma como os informantes avaliam algumas variedades linguísticas e os grupos que as praticam. Os dados foram submetidos ao programa Varbrul, os resultados dispostos em tabelas para a análise quanti-qualitativa das variantes típicas dos dialetos norte-paranaense, carioca e gaúcho, respectivamente, os róticos retroflexo, velar e tepe.

As hipóteses levantadas pela autora foram legitimadas, de modo que: “os informantes mudam a variante rótica dependendo do grau de formalidade das partes que compõem a entrevista; as mulheres e os informantes com curso superior privilegiam as variantes de maior status; o rótico retroflexo apresenta intensa vitalidade, apesar de seu propalado desprestígio”

(BOTASSINI, 2013). Quanto às crenças e as atitudes linguísticas, confirmou-se que “os informantes norte-paranaenses são mais desleais linguisticamente do que os cariocas e os gaúchos; os informantes mais escolarizados são menos preconceituosos”; também que os informantes gaúchos da segunda faixa etária são mais resistentes à mudança no seu dialeto do que os informantes da primeira. Conclui-se que os informantes gaúchos são mais resistentes à mudança e à influência linguística; além disso, cariocas e gaúchos apresentam atitudes positivas em relação ao próprio dialeto.

Em 2013, Corbari estudou as atitudes linguísticas em duas localidades paranaenses em sua tese intitulada *Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*, com o objetivo de analisar as manifestações de atitudes linguísticas presentes na relação do português brasileiro com línguas de contato nas citadas localidades paranaenses. O *corpus* provém dos *corpora* obtidos do Projeto *Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (CAL), obtido por meio de entrevistas com 18 indivíduos de cada localidade, selecionados por critérios como faixa etária (I – 18 a 30 anos, II - 31 a 50 anos e III - 51 a 70 anos), nível de escolaridade (fundamental, médio e superior) e sexo (masculino e feminino), fornecendo à autora uma visão abrangente das atitudes linguísticas em relação às línguas em contato e ao português em cada localidade investigada. Para o desenvolvimento da análise, as questões foram reagrupadas por blocos: pensamentos e crenças (aspecto cognitivo); sentimentos e emoções (aspecto afetivo); e tendências de reação (aspecto conativo), considerando também o aspecto social.

Logo, constatou-se que em Santo Antônio do Sudoeste as novas gerações vêm adquirindo bilinguagem no espanhol; enquanto, em Irati, ocorre um processo lento e gradual de dissolução dos núcleos culturais. As manifestações de preconceitos encontradas são fundadas em visões estereotipadas, sendo mais frequentemente voltadas para o uso do português mescladas ao espanhol, ademais, ocorre o prestígio da variedade do português padrão.

No geral, os resultados obtidos revelaram uma postura positiva e respeitosa por parte dos entrevistados em relação às línguas e seus falantes nas duas comunidades. No entanto, uma pequena parcela dos entrevistados expressou preconceitos baseados em estereótipos culturais ou influenciados por questões identitárias. Embora as diferenças nas atitudes linguísticas entre as comunidades sejam pouco significativas, elas parecem ser influenciadas por fatores geográficos e socio-históricos que moldaram a formação dessas comunidades.

Silva e Aguilera (2014) desenvolveram um estudo sobre as crenças e as atitudes linguísticas de falantes em relação às suas variedades em Londrina e Pitanga, localizadas no Estado do Paraná. As localidades apresentam falares que se diferenciam por fenômenos fonéticos, um dos quais consiste na realização da vogal anterior átona final /e/ e suas variantes [i] e [e], identificadas como características dialetais: a vogal alteada para Londrina e a vogal média mantida para Pitanga. O objetivo proposto consistia em verificar se os falantes demonstravam atitudes diferenciadas e ou preconceituosas em relação à diferença fonética citada.

A abordagem metodológica contou com a entrevista a 12 informantes de Londrina e a 12 de Pitanga, utilizando a técnica *matched guise*. Os informantes foram convidados a ouvir duas gravações realizadas mediante a leitura de um texto: uma feita por um falante pitanguense e outra por um falante londrinense e em seguida, preencher uma ficha avaliativa sobre os falantes das gravações.

As autoras comprovaram a presença de preconceito linguístico ao confrontar as opiniões de indivíduos dessas duas localidades sobre seu falar e o falar do outro. O preconceito se manifesta no subdialeto pitanguense e é sustentado por coerções sociais entre as cidades.

Cardoso (2015) desenvolveu um estudo sobre *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros* com informantes de Aracaju-SE. O objetivo primeiro desta pesquisa consistiu em realizar um mapeamento das atitudes ou normas subjetivas dos falantes nativos de Aracaju em relação ao seu próprio dialeto: como percebem as características linguísticas regionais frente a outras variedades? Como eles avaliam suas próprias práticas linguísticas em relação ao que consideram ser as formas “corretas” ou “normais”? Outro objetivo da pesquisa estabeleceu uma relação entre as atitudes (positivas e negativas) e as variedades regionais estudadas (a carioca, a baiana e a alagoana). Dessa forma, a pesquisa se propôs a refletir como se apresentam as atitudes e a autoavaliação nos diferentes sexos, idades e graus de escolaridade.

A abordagem metodológica contou com amostras gravadas de falantes baianos e aracajuanos, que funcionaram como estímulos às manifestações de atitudes e que foram ser ouvidas pelos informantes para que, respondessem às perguntas do questionário. No total, o material foi aplicado a 144 falantes, 72 de cada sexo, na faixa de no mínimo 14 e no máximo de 70 anos, concentrando-se apenas nas variáveis sociolinguísticas sexo, idade e escolaridade. As circunstâncias das entrevistas foram padronizadas, de modo a garantir que todos os

participantes estivessem expostos à mesma “situação de fala”, eliminando assim as variações de registro (formal x informal). Os informantes foram divididos de acordo com a sua faixa etária: Faixa etária I (14 a 30 anos), Faixa etária II (31 a 50 anos) e Faixa etária III (51 a 70 anos) e com seu nível de escolaridade, distribuído em quatro categorias: Escolaridade I (1º grau incompleto), Escolaridade II (2º grau incompleto), Escolaridade III (2º grau completo e superior em andamento) e Escolaridade IV (Superior com diploma universitário).

A autora constatou forte tendência das mulheres na observação de normas linguísticas. Quanto ao fator idade, os dados mostram que existe uma predisposição a caracterizar sua fala com atitudes mais positivas, e que os mais jovens manifestam preferência pelas variantes inovadoras e mais afastadas dos padrões. Cardoso (2015) também constatou que o padrão geral associa a predominância da forma linguística padrão a falantes com maior escolarização. Dessa forma, concluiu que, na entrevista sem fita-estímulo, a fala mais privilegiada é a carioca, e a menos aceita é a alagoana. Na presença da fita-estímulo¹⁹, há uma grande aceitação da fala alagoana, principalmente pelos homens.

Freitag *et al.* (2016) investigaram as percepções sociolinguísticas de estudantes universitários brasileiros das regiões Nordeste e Sul *acham que falam*, vinculado ao Projeto “Como os brasileiros acham que falam?”. Este dossiê teve por objetivo avaliar atitudes e percepções linguísticas de falantes, a fim de identificar marcadores, indicadores e estereótipos linguísticos que trafegam entre os limites das variedades.

A coleta dos dados foi realizada por meio de questionário em formato de formulário eletrônico e distribuído por meio virtual para estudantes das universidades participantes do projeto (Universidade Federal de Sergipe, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal da fronteira Sul). O questionário é composto por dez questões, de três domínios de conteúdo: delineamento do perfil sociodemográfico, crença linguística e julgamento.

Apenas as questões relativas às crenças foram investigadas por meio dos 215 questionários respondidos por estudantes na faixa etária média de 25 anos. Registram 144 mulheres e 71 homens, dos quais 96 são da Região Sul e 119 da Região Nordeste, 88 de cursos de Letras e 127 dos demais cursos de graduação.

Analisando os componentes cognitivos e ideológicos das atitudes linguísticas desses estudantes diante do português falado no Brasil, as autoras constataram que “nem sempre os fenômenos variáveis mais frequentes são os mais percebidos pelos falantes, revelando a

¹⁹ Fita-estímulo: nome dado K7 pela autora ao material em fita utilizado na pesquisa.

necessidade de estudos que correlacionem a saliência de fenômenos do ponto de vista da produção com a saliência do ponto de vista da percepção” (FREITAG *et al.*, 2016).

Para chegar aos resultados, os autores organizaram uma lista individualizada de fenômenos vinculados aos níveis fonológicos (segmentais, suprasegmentais e prosódicos), morfossintático e lexical, de forma que os grupos oferecessem mais nitidez sobre as especificidades sociais, ideológicas e psicológicas, já que elas conduzem à definição das maneiras como os brasileiros avaliam suas práticas discursivas.

Por fim, consideram pertinente destacar os usos linguísticos que surgem como estereótipos ou marcadores linguísticos para diferentes comunidades linguísticas, além de analisá-los comparativamente a fim de compreender por que certas formas linguísticas indexam significados identitários e ideológicos que marcam diferenças sociais e, por vezes, tensões sociais.

Oushiro (2021) reflete a respeito da importância dos estudos sobre percepções e atitudes sociolinguísticas, propondo métodos e cuidados necessários para o desenvolvimento desses temas, com o propósito de sistematizar as subjetividades por meio de métodos e objetivos replicáveis — reforça a importância de o pesquisador evitar achismos e/ou impor suas próprias avaliações.

A autora entende que, muitas vezes, associações de certos significados a grupos sociais e variantes linguísticas são automáticas, pois fazem parte da competência comunicativa dos membros de uma comunidade, afirmando que *alguns preconceitos linguísticos dão margem aos preconceitos sociais*. Dessa forma, alerta que é preciso pautar as discussões sobre preconceito linguístico em resultados de pesquisas sobre avaliações e percepções, a fim de estruturar o que, de fato, os ouvintes compreendem a partir das inferências que fazem sobre os falantes e como determinados usos alcançam novos significados em empregos pontuais da variação linguística.

Os estudos selecionados para esta seção trazem resultados significativos que contribuirão para pesquisas futuras sobre percepção e atitudes linguísticas, seguindo a proposta desta tese. Existem inúmeros trabalhos que poderiam ser mencionados, todos com um valioso potencial para enriquecer o conteúdo abordado aqui. No entanto, por questões de adequação, optamos por não incluí-los nesta lista, uma vez que não são o foco desta seção.

Após finalizar esta etapa, passamos ao reconhecimento do *locus* investigado.

3 EXPLORANDO O NORTE E NORDESTE: UMA VISÃO DO LÓCUS DA PESQUISA

Esta seção apresenta uma breve exposição do cenário geográfico, social, histórico e cultural do Brasil em um contexto geral, tendo como foco o desenvolvimento das regiões Norte e Nordeste. Nesta tese, foi preciso examinar alguns dados da segunda metade do século XX com informações que permitam fazer conexões com a evolução da língua portuguesa no Brasil. Portanto, limitamo-nos a descrever fatos históricos, econômicos e culturais, buscando elucidar os processos migratórios, o desenvolvimento nacional e os eventos locais mais importantes para essas regiões a partir da década de 1950.

Inicialmente, retratamos a divisão política de cada região investigada, destacando o início das atividades que atraíam pessoas de diferentes partes do país. A Região Norte engloba os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins. Faz fronteira internacional com Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e a Guiana Francesa; internamente, faz fronteira com os estados do Maranhão, Piauí, Bahia, Goiás e Mato Grosso. Por volta de 1870, a região começou a acolher migrantes à procura da seringueira para a extração do látex, usado na fabricação da borracha.

Já a Região Nordeste compreende os estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe. É considerada o berço da colonização europeia no país, pois ali aportaram as primeiras caravelas comandadas por Pedro Álvares Cabral, no início do século XVI, consolidando a colonização exploratória que, na época, consistia na extração do pau-brasil. Também foi nessa região que foi fundada a primeira capital do Brasil, Salvador, sede do Governo-Geral.

3.1 DELINEAMENTO DOS ASPECTOS GEOGRÁFICOS, SOCIAIS, HISTÓRICOS E CULTURAIS DO NORTE E NORDESTE

A diversidade do Brasil reflete perfeitamente a sua história. Ao longo dos anos, suas regiões se desenvolveram de maneiras diferentes, cada qual a seu tempo e por objetivos políticos e investimentos diferenciados. Diante de uma história tão complexa e abrangente como a do nosso país, selecionar os aspectos a serem abordados é um verdadeiro desafio. Neste estudo, concentramos nossa atenção no desenvolvimento das regiões Norte e Nordeste.

Esta seção, em particular, tem sustentação na *Coleção História do Brasil Nação: 1808-2010*, com textos escritos e selecionados por Alberto da Costa e Silva, diplomata, memorialista e historiador brasileiro, e por Boris Fausto, historiador e cientista político brasileiro. Os textos trazidos neste material contribuem para desenhar o cenário linguístico brasileiro, abrangendo alguns dos fatos mais importantes que conduziram a história do país até a realidade multilíngue atual.

De início, levantamos importantes estágios que marcaram a construção da identidade nacional. Novos caminhos se abriram desde os primeiros momentos da colonização, quando navegadores europeus fizeram o reconhecimento da área por meio dos extensos rios que cortam as diferentes regiões do país. Porém, devido às longas distâncias e à vastidão das matas virgens, a coroa portuguesa, primeiramente, concentrou sua atenção no litoral brasileiro, mantendo ativa a exploração do pau-brasil e, posteriormente, a formação do engenho de açúcar com trabalho escravo africano. O avanço para o interior do Brasil contou com a criação de gado e a produção de algodão no interior do Maranhão.

As fronteiras não eram perfeitamente definidas, e a multiplicidade de tribos e a extensão territorial não possibilitavam o conhecimento detalhado das regiões. No Brasil Colônia, incursões eram feitas pela Região Norte com o intuito de recolher drogas do sertão, como raízes, plantas, folhas e óleos extraídos das matas para venda no mercado europeu. Ademais, alguns mateiros andavam pela região na captura de índios para vendê-los como escravos. Para marcar a presença no território, a coroa portuguesa construiu fortes militares na Amazônia Brasileira a fim de proteger o território conquistado contra a invasão de estrangeiros (COSTA e SILVA, 2011).

Uma das principais marcas da história do Brasil é a sua condição de exportador de matérias-primas na relação econômica com outras nações. Para efetivar essa produção, foi necessária a migração de diferentes povos para um território miscigenado, contendo inúmeras etnias indígenas com culturas, línguas, religiões e formações políticas diferentes. Os índios não se entendiam como tal; logo, os colonizadores portugueses foram os responsáveis pela criação dessa identidade do grupo que aqui estava. O encontro entre diferentes povos nativos e imigrantes possibilitou o crescimento econômico de muitas regiões do Brasil, as quais, aos poucos, foram se desenvolvendo de modo independente e criando uma rede de comunicação interna de transportes (COSTA e SILVA, 2011).

Essas novas relações têm reflexos na dinâmica das trocas linguísticas. Proença Filho (2017) explica que a concentração populacional regionalizada implica a sedimentação de

variantes regionais. A longo prazo, essas relações repercutirão na configuração do linguajar e todas as suas variedades, pois, conforme expõe Costa e Silva (2011),

Quanto mais se afastava do litoral e adentrava os sertões, mais se acentuava nos povoados a presença de índios aportuguesados e de caboclos, mamelucos ou curibocas, os mestiços de brancos com indígenas. Mesmo nas áreas próximas ao litoral, sobretudo nas de antiga colonização, como Bahia, Pernambuco e São Paulo, a maioria das famílias antigas tinha em sua origem no Brasil uma mulher indígena, e contava com várias outras, ao longo das gerações. Por isso, entre os considerados brancos, em todas as classes sociais, uma alta proporção devia ser de caboclos. E tampouco faltavam, entre os tidos por brancos, alguns mulatos claros, sobretudo os nascidos em família de prestígio (COSTA e SILVA, 2011, p. 35).

Os autores reconhecem a importância da presença indígena na formação social do Brasil, que também é determinante, na e para a, formação linguística. A mestiçagem não encobriu a multiplicidade de culturas que havia no país, nas ruas ou nas senzalas, quando se ouvia falar várias línguas diferentes.

Mudando o que ocorreu até o final do século XVIII, o tupi deixou de predominar sobre o português como idioma doméstico, particularmente em São Paulo e no Pará, devido à proibição do seu ensino nas escolas elementares e do uso público de outra língua que não fosse a portuguesa, o que fora decretado em 1757 por Marquês de Pombal (COSTA e SILVA, 2011). Logo, o desenvolvimento linguístico do Brasil foi marcado pela informalidade e pela formalidade estatal, que controlava as ainda escassas redes de ensino.

No decorrer desse período, o português se entrelaçava com outros idiomas, incorporando novos elementos e mudanças que persistem nos falares atuais:

Mas o português também se mestiçava, sob a influência dos idiomas indígenas e africanos, ganhava novas entonações, sofria modificações sintáticas e enriquecia seu vocabulário com milhares de palavras em tupi, jês, aruaques, caribes, quimbundas, quicongas, umbundas, iorubás, fons e outras línguas (COSTA e SILVA, 2011, p. 57).

Em português, eram dadas as ordens nos engenhos, nas fazendas e nos trabalhos coletivos para cortar cana, colher café ou recolher o gado. Na cidade e no campo, a língua portuguesa se impôs como a segunda língua de parte da população, além de ser o único idioma falado por uma maioria que seguia crescendo (COSTA e SILVA, 2011). A carência de documentos históricos e a dificuldade de pesquisas na área inviabilizam conclusões prévias sobre a complexa configuração do idioma oficial do país nessa época, o que não impediu a mestiçagem linguística.

Línguas crioulas foram desenvolvidas como uma forma de comunicação entre os colonizadores portugueses e os povos indígenas locais, serviam como línguas de comunicação intercultural e de colonização. As Línguas Gerais desenvolvidas no Brasil, língua geral paulista e língua geral amazônica, se originaram do tupi antigo, são pertencentes à família tupi-guarani e foram moldadas ao longo da história por diversos grupos indígenas ao longo da costa brasileira (PROENÇA FILHO, 2017).

A Língua Geral Paulista predominou até o século XVIII, quando o português começou a ganhar espaço devido à influência do processo civilizatório e à imposição de Portugal mediante a lei de Pombal. A Língua Geral Amazônica surgiu na região amazônica com a miscigenação entre portugueses e índios tupinambás. O elemento africano chegou ao Brasil no século XVI devido ao tráfico de escravos.

As diferenças existentes entre as regiões do Brasil começam a ser evidenciadas, em diferentes aspectos. Não havia indícios de um país unificado, pois cada região tinha suas características naturais e sua propensão agrícola de produção. Pelo fato de o Brasil ter um território continental, as diferenças entre o interior e o litoral eram acentuadas. Em geral, os centros populacionais estavam dispersos e muito distantes uns dos outros; muitas vezes, não havia comunicação constante entre eles. Navios ligavam as cidades litorâneas e, ao longo do século XVIII, uma rede de precárias ligações terrestres e fluviais se desenvolveram, conectando diferentes centros de produção. Tropas de animais abriam e conservavam caminhos que interligavam o Rio Grande do Sul a São Paulo; o Maranhão e o Piauí a Pernambuco; Mato Grosso a Minas Gerais; Minas Gerais à Bahia e ao Rio de Janeiro; o Norte ao Nordeste; o Nordeste ao Sul; e o Sul ao Oeste (COSTA e SILVA, 2011).

Os espaços da intercomunicação pessoal ampliaram a convivência entre as múltiplas variantes regionais e socioculturais, aparecendo, então, possíveis evidências de uma variante de prestígio e sua valorização. Em paralelo, por força do processo de urbanização aliado ao afluxo de imigrantes, esse registro se abre a formas do registro informal e de línguas estrangeiras (PROENÇA FILHO, 2017).

A necessidade de comunicação entre pessoas que falavam diferentes dialetos nas grandes cidades, se tornou cada vez mais frequente e passou a conduzir os encontros com a diversidade linguística:

As trocas linguísticas, os contatos com falantes de outras variedades e a necessidade de uma comunicação efetiva e concreta, passaram a integrar a realidade dos grandes centros com mais frequência. A comercialização de

escravos intensificou a prática linguística cotidiana, ora pelos comerciantes ora pelos escravos e suas variedades africanas.

Proença Filho (2017), no excerto acima, reflete sobre os contatos ocorridos pelas necessidades comerciais cada vez mais frequentes. A participação da população escravizada carrega grande responsabilidade nas trocas linguísticas com africanismos que perduram até hoje incorporados na língua portuguesa brasileira. Mattos e Silva (2004) registram o fato histórico a partir de suas investigações sobre a sócio-história do português brasileiro, no qual contatos e trocas “enriqueceram o multilinguismo autóctone, em contato com o português do colonizador, com os africanos, à força trazidos para o Brasil”.

Entre 1822 e 1850, a imigração europeia foi muito modesta. Inicialmente, por parte do governo imperial, houve a tentativa de promover *colônias* agrícolas de imigrantes, principalmente alemães e suíços, seguindo os exemplos das colônias de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, e de Leopoldina, na Bahia, ambas criadas sob o reinado de D. João VI (ABREU e LAGO, 2014).

Em torno de 1850, o Brasil ganhou destaque no cenário econômico internacional na passagem de Colônia para Império, quando o volume da produção do açúcar havia aumentado consideravelmente. De acordo com Abreu e Lago (2014), o estado de Pernambuco foi o grande produtor açucareiro e principal exportador do período colonial, destacando-se no atendimento de uma demanda externa de mercado. O Brasil se organizou economicamente para fornecer matérias-primas, e isso foi possível graças à mão de obra estrangeira, o que influenciou novas redes sociais. Nas palavras dos autores,

[...] no início da década, Pernambuco respondia por 43% do valor exportado seguido da Bahia (incluindo parte da produção de Sergipe) com 36% e de Alagoas, Rio de Janeiro, Paraíba e São Paulo com 3% a 4% cada. Antes da grande seca, mantinha-se a predominância de Pernambuco.[...] Na primeira metade dos anos 1880, as exportações de açúcar alcançaram seu pico no período imperial. [...] Nos últimos anos do Império, Pernambuco permanecia como principal exportador, com cerca de metade do total, cabendo a Alagoas cerca de 15% a 20% do total, à Bahia talvez um pouco mais, e o restante, em partes iguais, a Maranhão, Paraíba e Rio Grande do Norte (ABREU e LAGO, 2014, p. 5).

No excerto tem-se ideia do que significavam as exportações de açúcar para cada estado brasileiro nos primeiros anos do século XIX. Ao longo do reinado, o núcleo econômico do Império foi se deslocando aos poucos “do Norte e Nordeste para o Centro-sul. A sociedade brasileira era fundamentalmente agrária, latifundiária e escravocrata, com espaço aberto para a presença de fortes dimensões burguesas e urbanas” (PROENÇA FILHO, 2017, p. 275).

Na segunda metade do século XIX, quando o tráfico africano de pessoas escravizadas foi interrompido, algumas iniciativas resultaram no aumento da imigração europeia para a região cafeeira e para o Sul. As colônias de *parceria*, iniciadas em 1847, representaram a tentativa de utilizar o trabalho livre estrangeiro — principalmente no cultivo do café —, chegando a absorver alguns milhares de *colonos* (ABREU e LAGO, 2014).

Entre 1808 e 1889, o Produto Interno Bruto (PIB) do Nordeste cresceu a taxas elevadas, talvez na ordem de 4% ao ano *per capita*, mas a sua participação na população total era pequena, na ordem de 3% (ABREU e LAGO, 2014). Com isso, identifica-se o crescimento econômico restrito a uma classe, ao mesmo tempo que a maioria dos trabalhadores livres ou escravizados não obtinha a mesma ascensão econômica.

Além do açúcar e do café, o algodão, o fumo e a mineração também tiveram influência na economia nacional. As exportações de algodão permaneceram razoáveis entre os anos 1820 e o início dos anos 1850, produzindo em torno de 12 ou 13 mil toneladas, predominantemente em Pernambuco e Maranhão.

Em pouco tempo, o fumo representou o maior volume das exportações de origem na Bahia: mais de 70% na década de 1850 e mais de 80% no final dos anos 1880. Durante o Império, as atividades de mineração no Brasil — especialmente de ouro em Minas Gerais e de diamantes em Minas e na Bahia — alcançaram um pico na década de 1850 e depois declinaram lentamente (ABREU e LAGO, 2014).

A partir da década de 1840 e principalmente na década de 1880, a quantidade e os valores da borracha aumentaram consideravelmente, e ela não só passou a ser a principal exportação da região amazônica como um dos principais produtos de exportação do Império. No início da década de 1850, o Pará exportava cerca de 1.500 toneladas de borracha; no final da década de 1880, a Amazônia já exportava cerca de 15 mil toneladas, respondendo por grande parte da oferta mundial do produto (ABREU e LAGO, 2014).

Durante praticamente todo o século XVIII, e posteriormente, a partir da década de 1850, iniciaram-se os deslocamentos de grandes populações para a Região Norte, provenientes principalmente da Região Nordeste, em busca do recém-descoberto *Ouro Branco*, o algodão (BASSO, 2019).

No Nordeste, a década de 1870 foi extremamente desfavorável. O fim do *boom* do algodão e as dificuldades enfrentadas pelo setor açucareiro — inclusive em virtude da moléstia da cana — resultaram em crises regionais que culminaram em violenta seca de 1877 a 1879. Direta e indiretamente, a estiagem provocou a morte de centenas de milhares de

pessoas na região e a migração para a região amazônica, além de ter estimulado o envio de *escravos* para a região cafeeira (ABREU e LAGO, 2014).

O sistema escravocrata, aos poucos, foi se perdendo:

O sistema escravocrata envolvia grande dose de confiança dos colonos para com o fazendeiro, que mantinha sua contabilidade. Por diversas razões, muito desfavorável para os trabalhadores, uma série de abusos por parte dos fazendeiros, bem como uma situação de endividamento [...]. Restavam poucos trabalhadores europeus em fazendas de café nos anos 1860, apesar das mudanças contratuais implementadas (ABREU e LAGO, 2014, p. 11).

Assim, um dos últimos fatores que favoreciam a subsistência da escravidão no Nordeste deixou de existir. A impossibilidade de negociar os escravos e a queda na demanda por trabalho escravo em nível local conduziram à baixa do preço e estimulou a libertação espontânea de todos os escravos; foi o que aconteceu, por exemplo, no Ceará, em 1884 (ABREU e LAGO, 2014).

No plano político, na década de 1880, os interesses paulistas ganharam força em detrimento dos interesses do Nordeste. Após a vitória na Guerra do Paraguai, também cresceu a influência dos militares republicanos, muitos deles positivistas. Em meio aos debates sobre a Abolição e a República, foi clara a erosão do baianismo. As consequências econômicas da tardia abolição da escravidão e a fadiga das instituições imperiais levariam à Proclamação da República e à rápida reversão do favorável quadro econômico da segunda metade da década de 1880 (ABREU e LAGO, 2014).

A divisão do Brasil em regiões geopolíticas ocorreu nos anos 1930/1940. Essa divisão, de natureza territorial e político-administrativa, pretendia criar regiões simbólicas que representassem o Brasil política e culturalmente. Com o passar do tempo, o censo introduziu a divisão na apresentação dos seus resultados. Assim, originou-se a representação das regiões Norte e Nordeste devido suas peculiaridades.

Ao longo de todo o percurso da história, a Região Norte teve um desenvolvimento desigual se comparado ao desenvolvimento da Região Nordeste. Apesar de compartilharem fronteiras entre os estados — Tocantins e Pará (NO) fazem fronteira com Maranhão, Bahia e Piauí (NE) —, as realidades são muito distintas quanto a questões demográficas, econômicas e históricas. Em breves palavras, de 1900 até o início do século XXI, o Brasil vivenciou um processo de desenvolvimento marcado pelo crescimento urbano, pela mudança de costumes e por alterações socioculturais profundas — mas isso não ocorreu de forma proporcional entre as regiões.

Na década de 1920, registrou-se um crescimento urbano da cidade de Manaus, com a tentativa de criar a cidade de Fordlândia²⁰. Apenas no início do século XX foi iniciada uma intensificação no contato entre a indústria e os povos originários das matas. Com o advento da industrialização europeia e norte-americana e da produção de automóveis, a região Norte do Brasil chegou a ser a maior produtora mundial de borracha, despertando a atenção da indústria automobilística e dando início à mobilidade de trabalhadores para o ciclo da borracha no interior da Amazônia, conforme mostram os deslocamentos no mapa da Figura 1. Devido ao problema de pragas e à competição com o mercado de látex asiático, o Brasil perdeu seu protagonismo na produção de borracha.

Durante o período entre 1839, quando a vulcanização da borracha foi descoberta, e 1932, fim da grande depressão, a Região Norte recebeu uma quantidade considerável de nordestinos, principalmente do agreste e sertão do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte (OJIMA e FUSCO, 2015). No século 19, a Amazônia experimentou um crescimento econômico significativo devido à exploração da borracha, o que atraiu muitos migrantes para a região, graças à demanda por mão de obra.

No século 20, o crescimento populacional no Brasil teve um impacto significativo, inicialmente devido à imigração internacional e em seguida, pelo próprio crescimento natural, o que levou a marcantes movimentos internos no país. Ao mesmo tempo, houve um rápido aumento na migração de estados do Nordeste, principalmente de áreas rurais, devido à grande seca na segunda metade da década de 1950, em direção ao Sudeste brasileiro (OJIMA e FUSCO, 2015).

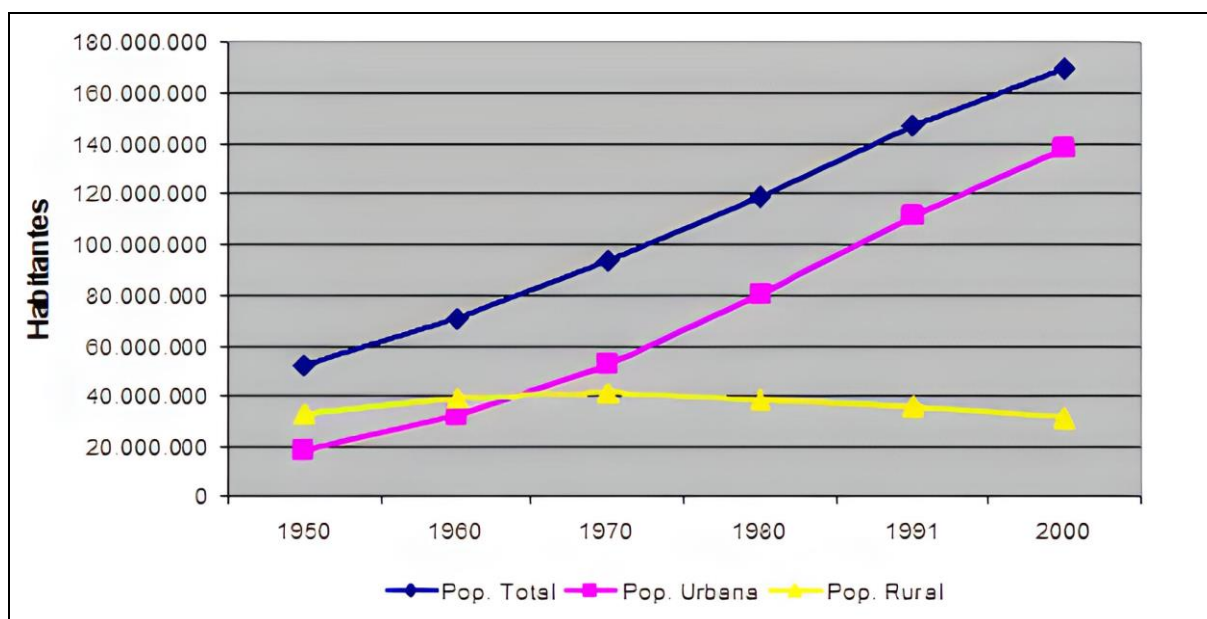
Relembrados alguns episódios importantes da história e do desenvolvimento inicial das regiões Norte e Nordeste, apresentam-se alguns dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para auxiliar no processo de compreensão do comportamento linguístico dos moradores regionais e o impacto na relação dos espaços rural e urbano.

3.2 DADOS DA EVOLUÇÃO POPULACIONAL (IBGE)

Dados da evolução populacional brasileira fornecidos pelo IBGE auxiliam a compreensão do perfil populacional no período de 1950 a 2000, conforme ilustra o Gráfico 1.

²⁰ Fordlândia: cidade fundada em 1928 na Amazônia. Foi projetada por Henry Ford, interessado no látex produzido no local para abastecer suas fábricas automobilísticas.

Gráfico 1 – Evolução da população total do Brasil de 1950 a 2000.



Fonte: IBGE (2004).

Os números do Gráfico 1 expõem a mobilidade migratória interna e a maior incidência populacional na área rural. De acordo com o IBGE (2004), em 1950, 52.944.397 indivíduos habitavam o Brasil, dos quais 18.782.891 residiam na cidade e 33.161.506 no campo, o que significa que a 64% da população estava na área rural e 36% na área urbana. Em 1960, a população somava 70.070.457 pessoas, sendo no espaço urbano 31.303.034 pessoas e, no espaço rural, 38.767.243.

A transferência da capital federal do Rio de Janeiro para o Centro-Oeste, em 1960, com a construção de Brasília, provocou profundas mudanças no cenário sócio-histórico e linguístico do Brasil, conforme expõe Proença Filho (2017):

A transferência da capital para o planalto Central, em 1960, conduz, por outro lado, as mobilizações, deslocamentos populacionais. Migrações. Tais circunstâncias repercutiram necessariamente, a longo prazo, nos rumos do idioma, notadamente na manifestação oral da comunicação cotidiana. Sobretudo em termos da maior ou menor interação entre os diversos registros que o caracterizam e de ampliações de vocabulário ativo. Segue privilegiando o registro culto (PROENÇA FILHO, 2017, p. 458).

Intensificadas as migrações, em 1970 registrou-se o aumento de habitantes para 93.139.037, dos quais 52.084.984 se concentram na cidade e 41.054.053 no campo. O contingente numérico urbano é superior ao rural no que diz respeito ao crescimento e ao desenvolvimento social, político e histórico do país. Em 1980, o país totalizava cerca de 120

milhões de habitantes, estando 33% desse total enquadrada na população rural e 67% na urbana. Tal amplitude permite dizer que o campo sofreu uma redução populacional próxima da metade em poucos anos, conforme esclarece Jardim (2011).

No contexto metropolitano, a migração interna passa a ter um peso importante e, ao mesmo tempo, se torna seletiva, no sentido que os movimentos de população refletem a estrutura de classes da sociedade vigente. A comparação entre migrantes e não migrantes, por tempo de residência dos migrantes, por classes de renda, nível de escolaridade, condições habitacionais etc. tinha como um dos objetivos demonstrar a incorporação dos migrantes internos na nova configuração socioeconômica e territorial no Brasil dos anos 1970 (JARDIM, 2011, p.51).

Em resumo, o Brasil está em processo de transição de uma realidade predominantemente agrícola para uma realidade cada vez mais urbana, industrial e de serviços. Essa transformação está impactando de maneira significativa a configuração social, econômica e política do país. Além disso, há presença de mudanças estruturais profundas na relação entre o meio rural e o meio urbano.

O IBGE registrou, em 1983, um indicador escolar relevante, constatando que havia 60 milhões de analfabetos e semiletrados no país. Dois anos mais tarde, a população brasileira chegava a 135.364.396 pessoas, das quais 24.769.736 (ou 18,3%) estavam matriculadas no primeiro grau²¹. Outros 3.016.138 (ou 2,5% da população) estavam matriculados no Ensino Médio, e apenas 1.518.904 no Ensino Superior. Proença Filho (2017) ressalta que os índices relativos ao Ensino Superior constituem um avanço, associado à evasão escolar e à questionável qualidade do ensino.

Em 1980, 78% do montante da população brasileira estão concentrados nos centros urbanos; em 2000, o percentual sobe para 88%. Esses números nos permitem constatar uma significativa mudança no fluxo da migração interna no país, em que o migrante já não se desloca unicamente da área rural para áreas urbanas, mas também de pequenas cidades para os grandes centros, inflando a sua estrutura. Dessa forma,

A análise dos deslocamentos intraestaduais (intermunicipais) no Censo Demográfico 1980 permitiu observar que a concentração e expansão metropolitanas passaram a ter forte influência sobre as migrações intraestaduais que, assomadas às migrações intrametropolitanas, contribuíram para o adensamento das metrópoles brasileiras (JARDIM, 2011, p.52).

²¹ O primeiro grau é equivalente ao Ensino Fundamental I, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9.394) de 1996).

Os processos de deslocamento, interestadual e intermunicipal, estão associados a diversos fatores, sendo um deles a nova economia urbana. Essa nova economia, que se concentra no mercado de trabalho e no consumo de bens e serviços, não apenas aprofunda as contradições internas, mas também revela o tipo de desenvolvimento econômico e social que gera novas formas de espaço e movimento, especialmente nos grandes centros metropolitanos, onde as pessoas se deslocam para trabalhar ou estudar - movimento pendular.

Na década de 1990, segundo o censo demográfico do IBGE (2004), a população brasileira total somava 169.872.852 habitantes, distribuídos pelas regiões do país da seguinte maneira: Norte – 12.893.561; Nordeste – 47.693.253; Sudeste – 72.297.351; Sul – 25.089.783; e Centro-Oeste – 11.616.745.

A distância entre a cidade e o campo foi reduzida resultado do explícito desenvolvimento agrário. Em consequência disso, o Brasil passa a ser um país de grandes centros urbanos. Proença Filho (2017) afirma que, gradativamente, o país se converteu em uma nação de ampla e diversificada economia, com um integrado complexo industrial, valendo-se, para isso, de sofisticados recursos tecnológicos.

Ojima e Fusco (2015) afirmam que as transformações econômicas, como a desconcentração e a reestruturação produtiva, foram considerados elementos importantes nas explicações das mudanças observadas nas décadas de 1980 e 1990, mas não foi suficiente. A compreensão da recente dinâmica migratória do Brasil tem exigido esforços teórico-metodológicos para superar os desafios da interpretação dos resultados dessa dinâmica.

A exposição da evolução populacional do Brasil permitiu a reflexão de algumas relações necessárias para prosseguir com a explanação sobre o desenvolvimento das regiões Norte e Nordeste a partir das migrações internas do século XX, procurando seguir a ordem cronológica dos fatos.

3.3 A MIGRAÇÃO INTERNA NOS ÚLTIMOS 80 ANOS

A história das migrações internas do Brasil no século XX está diretamente associada à evolução populacional, fato que explica, de forma simples, o caráter heterogêneo da língua portuguesa na atualidade.

O registro dos grandes deslocamentos populacionais contou com o desdobramento de três fases principais, segundo Gomes (2013):

A primeira delas, inserida no movimento Marcha para o Oeste dos anos 1940, ocorreu no e devido ao contexto da Segunda Guerra Mundial, envolvendo o deslocamento de trabalhadores nordestinos para a Amazônia, tendo em vista a necessidade de aumento de produção de borracha. A segunda é muito mais persistente no tempo, iniciando-se ainda nos anos 1930 e só perdendo força a partir da década de 1970. Sua direção são as cidades do Sul/Sudeste, em especial o Rio de Janeiro, então Distrito Federal e, posteriormente, cada vez mais a cidade e o estado de São Paulo [...]. A terceira rota se concentra no tempo, nos anos 1950-1960, pois se liga ao grande evento geopolítico que foi a transferência da capital do país para o Planalto Central e, em decorrência, às obras de construção de Brasília (GOMES, 2013, p. 71-72).

Gomes (2013) cita três momentos muito importantes dos deslocamentos populacionais da nossa história nacional, os quais integraram e povoaram as regiões progressivamente. O primeiro momento segundo o excerto, aconteceu em 1940, e ficou conhecida como a *Marcha para o Oeste*; o segundo, de 1930 a 1970, diz respeito à mobilidade em direção ao Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e a São Paulo; o terceiro movimento, de 1950 a 1960, ocorreu no rumo ao atendimento das demandas do Planalto Central.

Em 1930, as migrações internacionais (com início em 1880) trouxeram para o Brasil cerca de 4,4 milhões de trabalhadores, em especial europeus e asiáticos, inicialmente com destino para os cafezais de São Paulo e do Paraná (KLEIN; LUNA, 2014), tornaram-se consideravelmente mais espaçadas.

Não obstante, vários impactos dos três movimentos citados culminaram na superpopulação dos centros urbanos, em posição inversa aos dados populacionais das zonas rurais em 1930:

Imensos deslocamentos populacionais, particularmente intensos nos anos 1940 e 1950, vão responder por um êxodo rural de 10 milhões de pessoas, numa população que chegou, nesta última década, a cerca de 50 milhões de habitantes. Quando, em meados dos anos 1960, já sob o regime civil militar implantado em 1964, iniciou-se a mecanização do campo, era adiantado o processo de esvaziamento e empobrecimento das áreas rurais do país, o que se agravaria muito ao longo dos anos 1970. Dessa forma, inverte-se decisivamente a curva de concentração da população brasileira que, em 1930, ainda contava com 70% dos seus habitantes em zonas rurais, enquanto em 1980 os mesmos 70% se encontravam em cidades (FAUSTO, 2013, p. 59).

A Marcha para o Oeste foi um programa governamental da década de 1940 que buscou promover a política de *nacionalização* do Brasil; isto é, tornar o Brasil uma terra de brasileiros, que fosse por eles efetivamente ocupada (FAUSTO, 2013). A atuação do programa

contemplou controle dos fluxos nacionais e gerenciamento dos investimentos em áreas estratégicas (como transporte e comunicações) para o desenvolvimento socioeconômico.

Para além do projeto de ocupação, o avanço promovia também o desenvolvimento de outros setores como estradas e sistemas de comunicação através dos investimentos e esforços dos poderes públicos. Podemos acompanhar as mudanças nas palavras de Fausto (2013):

As grandes rodovias, em especial as que ligassem as Regiões Norte e Centro-Oeste ao restante do país, foram objeto de investimentos de todos os tipos dos vários governos que se sucederam entre as décadas de 1930 a 1960. Algumas dessas rodovias são emblemáticas, como a Belém-Brasília, já no período de governo do Presidente Juscelino Kubitschek. O Brasil, a partir dessa ótica, deveria possuir um verdadeiro “sistema” de transportes e comunicações, planejado de maneira a ocupar o território nacional. Começava uma época em que as comunicações, além de utilizar os telégrafos e correios, passavam a contar de maneira mais efetiva com os chamados meios de comunicação de massas, o rádio em especial, que têm seus anos dourados justamente entre as décadas de 1940 e 1950 (FAUSTO, 2013, p. 71).

Outra preocupação foi constituir planos viários e comunicacionais mais articulados. O objetivo era a substituição do caminho marítimo e fluvial, que ligava o país de norte a sul, por iniciativas que ampliassem a rede de transportes, tanto ferroviários quanto rodoviários, o que demandava grandes investimentos por parte do governo.

O regionalismo do Estado Novo priorizou investimentos em infraestruturas para o desenvolvimento industrial. Isso se materializou no mapa das regiões geográficas do país como um dos fundamentos do novo nacionalismo, o qual entendia que o Brasil era formado por uma multiplicidade de elementos naturais, étnicos, econômicos e culturais, responsáveis por modelar sua identidade. A identidade nacional, delineada pelo viés regional, valorizava as diferenças de vegetação, clima, alimentação, religiosidade e trabalho, o que, no entanto, não impedia a construção de um forte elo político, garantido pelo Estado e sustentado pelo instrumento básico de comunicação entre os homens: a língua (FAUSTO, 2013). Ou seja, apesar das diferenças culturais entre as regiões, a língua precisava ser uma só.

Na década de 1940, havia preocupação com uma política de colonização que fixasse o trabalhador rural, preferencialmente, nas novas fronteiras agrícolas, como a Amazônia, desestimulando o seu deslocamento para o litoral. Nesse caso, o contexto internacional foi absolutamente decisivo, pois havia uma ligação muito clara com os Acordos de Washington, firmados entre Brasil e Estados Unidos no ano de 1942 (FAUSTO, 2013).

Para atender à insuficiência de borracha dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, o governo Vargas montou uma operação de mobilização, conhecida como a

campanha dos *Soldados da Borracha*. Cerca de 50 mil trabalhadores foram recrutados para se aliarem à produção extrativista de borracha nos seringais amazônicos, e suas expectativas desfeitas logo em seguida. A montagem desses empreendimentos, que deveria mudar a distribuição e as condições de vida da população do Norte e do Nordeste do Brasil (como alardeavam seus divulgadores), articulou-se a muitas razões (FAUSTO, 2013). Não se tratava mais de iniciativas de indivíduos ou grupos, mas passou a ser um esforço coletivo apoiado por várias políticas da época. Para tanto, criou-se o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) que, juntamente à Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico, selecionava e enviava os trabalhadores para os seringais a fim de assisti-los quanto às más condições de trabalho.

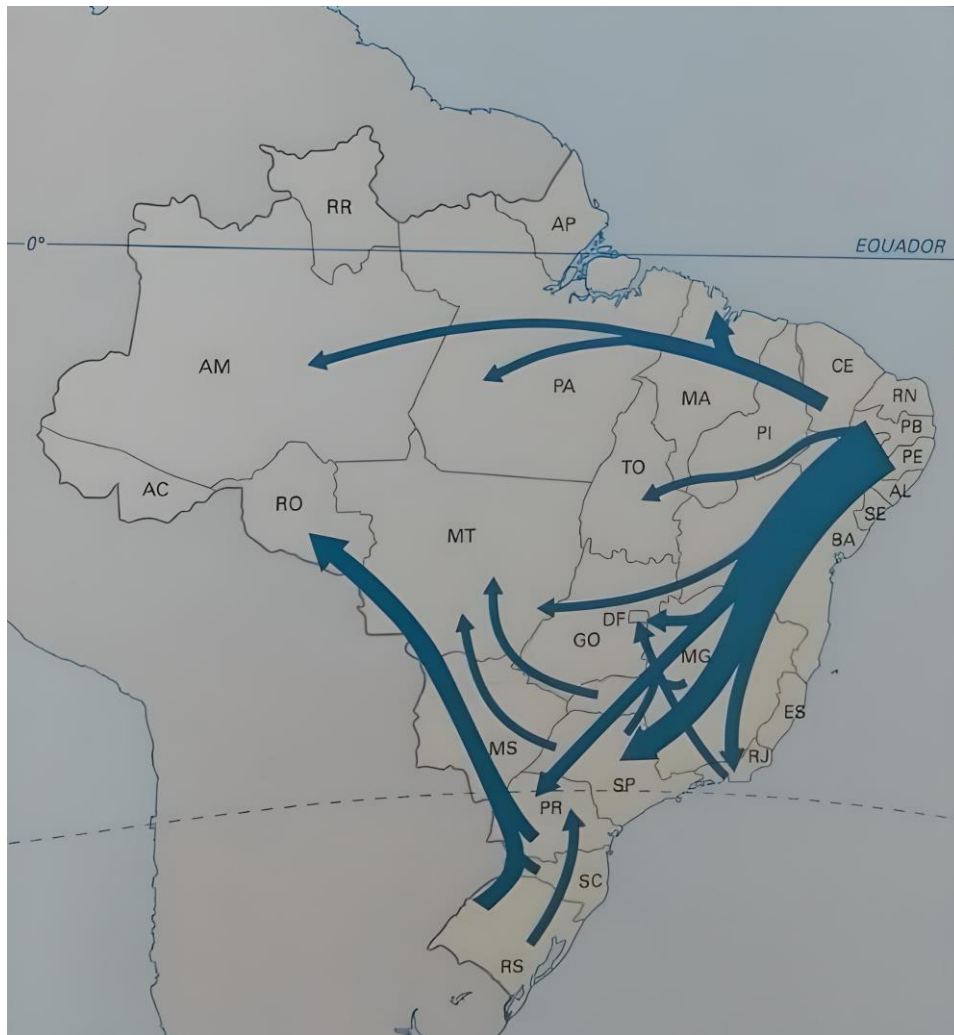
A vida dos migrantes nos grandes centros foi marcada por muitos desafios e dificuldades, que afetaram a sua saúde, a sua segurança, a sua integração e os seus direitos:

Esses migrantes serão temidos e tratados com muito preconceito por variados grupos sociais já estabelecidos nas maiores cidades do país. A intensidade da migração e as representações que se constroem sobre a periculosidade dos recém-chegados, ao que se alia o crescimento da área urbana, com as deficiências dos serviços de água esgoto, além das carências nas áreas da educação e da saúde, fizeram com que crescessem as preocupações e reclamações a respeito dos migrantes. Por isso, a década de 1950 também foi marcada por propostas que visavam conter esse fluxo, considerado desmedido pelos riscos que acarretava de inchamento e degradação urbanos (FAUSTO, 2013, p. 82).

A chegada dos migrantes provocou certo desagrado a vários grupos sociais que consideravam suas presenças aversivas. Cresciam, paralelamente, os centros urbanos e as deficiências de infraestruturas adequadas para acomodar os novos moradores, assim como a periculosidade e as manifestações de preconceito gratuito que marcaram a década.

Os anos posteriores foram marcados pelo grande deslocamento dos nordestinos, conforme apresenta a Figura 1:

Figura 1: Mapa das migrações internas no Brasil entre 1950 e 1960.



Fonte: SIMIELI, 2006, p. 121.

O mapa da Figura 1 representa, resumidamente, o que foi o deslocamento populacional entre os anos de 1950 e 1960. Destaca-se a forte migração nordestina para a Região Sudeste, vinculada principalmente ao desenvolvimento do setor industrial, o que atraiu muitos trabalhadores que buscavam melhores condições de vida logo após sofrerem com a crise econômica e política que assolou a Região Nordeste. Durante esse período, o Ceará enviou migrantes para o Amazonas, Pará e para o norte do Maranhão.

O Nordeste era o grande abastecedor de mão de obra, respondendo pelo maior número de saídas de migrantes, paralelamente o Sul e o Sudeste eram as principais regiões que recebiam migrantes, por serem as áreas urbano-industriais mais desenvolvidas e atrativas para quem queria *fazer o Brasil* (FAUSTO, 2013). No geral, os nordestinos se destacavam como migrantes ideais buscando trabalho na Amazônia, em São Paulo e, por fim, em Brasília. O protagonista do cenário de migrações passa a ser o trabalhador brasileiro.

Na década de 1960, aproximadamente 1,8 milhão de pessoas deixaram o Nordeste e, na década seguinte, foram mais de 2,4 milhões. O fluxo continuou após 1980, mas o padrão passou a ser uma migração dispersa, com os migrantes se dirigindo para o Oeste e para o Norte do país (KLEIN e LUNA, 2014). Nesse período, muitas famílias se retiraram do campo em busca de oportunidades na cidade, pois a expansão das monoculturas e a mecanização nas grandes propriedades rurais fez com que os trabalhadores rurais já não fossem tão requisitados. A construção de Brasília, os investimentos em infraestrutura e novas fronteiras agrícolas também contribuíram para essa nova distribuição.

O Estado de Rondônia, conforme mostra a Figura 1, também acolheu migrantes entre as décadas de 1950 e 1960. No entanto, sofreu um aumento populacional apenas por volta de 1970, quando chegaram ao local cerca de 285 mil migrantes, cuja maioria se deslocava do Sul do Brasil, predominantemente do Paraná.

Nas décadas de 1950 e 1960, o governo brasileiro adotou importantes medidas para realizar uma maior integração do Norte à economia brasileira em geral. Além de programas sociais realizados no período do regime militar, foi criada a Zona Franca de Manaus, cujo objetivo era deslocar a concentração industrial do Sudeste para o Norte, com incentivos fiscais nas linhas industriais. A Zona Franca de Manaus foi instituída legalmente em 1957, durante o governo de Juscelino Kubitschek, pela Lei nº 3.173. Todavia, o seu estabelecimento prático ocorreu entre 1963 e 1981, durante a ditadura militar, com fomento para ocupar o território da Amazônia e garantir a soberania nacional sob o lema: *Integrar para não Entregar* (SERAFICO e SERAFICO, 2005).

Sendo assim, a Marcha para o Oeste foi retomada pelo presidente Juscelino Kubitschek, com base em uma nova configuração. Fausto (2013, p. 82) comenta que

[...] a utopia de conquista dos sertões encontrava sua mais perfeita tradução na realização do sonho, datado da primeira Constituição republicana, que era a transferência da capital do Brasil para o Planalto Central. O sonho iria, enfim, se transformar em realidade com a construção de Brasília.

Levar a capital para Brasília também tinha como objetivo integrar o território brasileiro a partir da construção de rodovias que conectassem os cantos do país com o interior, ou seja: favorecer a integração a partir da interiorização. Nesse sentido, a construção da cidade modelo também gerou um considerável fluxo de migrações dos chamados *candangos*²²,

²² Dicionário Houaiss On-line: 1. nome que os africanos davam aos portugueses; 2. pej. indivíduo desprezível, abjeto; 3 pej. indivíduo destituído de bom gosto; 4. nome que designa cada um dos operários que trabalharam

assim como de trabalhadores e famílias que participaram do processo de formação daquela localidade.

Os candangos enfrentaram muitas dificuldades para chegar até o Distrito Federal, assim como para erguer a nova capital. Fausto (2013) explica o termo usado como

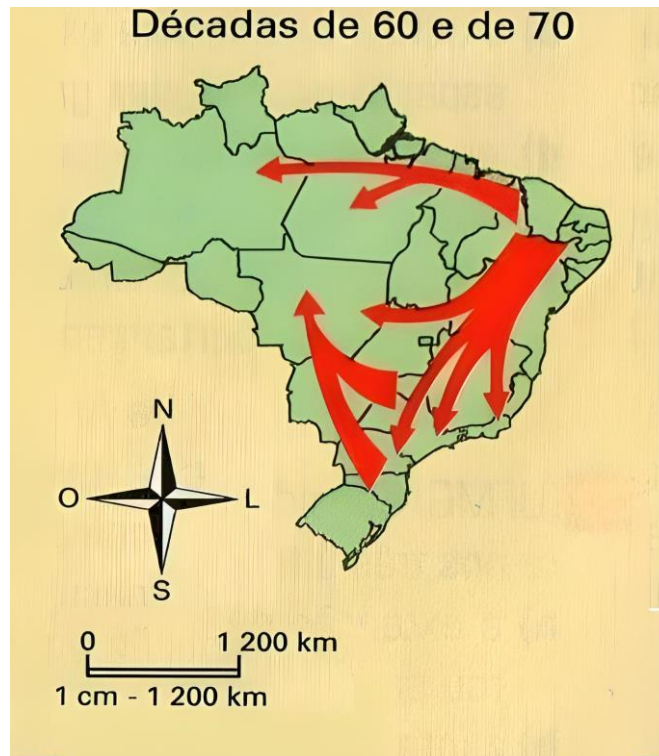
Os migrantes que se deslocavam para o canteiro de obras de Brasília, compondo a grande massa dos trabalhadores da construção civil, foram chamados de candangos, uma palavra de origem africana que designava uma pessoa desprezível, mas que acabou sendo conotada positivamente, vindo a dar nome aos nascidos no Distrito Federal. Vinham em busca de oportunidades, e eram homens que se viam e eram vistos como conhecedores dos sertões. Chegavam com muito pouco, também em paus-de-arara, por estradas que ampliavam as ligações entre o norte e o sul do país. (FAUSTO, 2013, p. 83).

Os primeiros trabalhadores e nativos de Brasília receberam a designação de candangos. Sua conotação, a princípio negativa (e até preconceituosa), foi, aos poucos, englobando os demais profissionais envolvidos no processo de construção da cidade.

A década de 1950 também foi marcada por dois governos republicanos durante o chamado Intervalo Democrático Brasileiro (1945-1964): o de Vargas e o de JK. Juscelino Kubitschek sintetiza seu projeto político no chamado *Plano de Metas – 50 anos em 5*, o qual consistia em uma série de objetivos a serem alcançados em cinco anos a fim de promover o desenvolvimento do parque industrial brasileiro e a integração nacional. Com isso, uma meta deveria operar como a síntese de todas as outras: *a construção de Brasília*.

No entanto, em termos regionais, o desenvolvimento do parque industrial não ocorreu de maneira homogênea. O eixo sul-sudeste atraiu mais investimentos externos e deu um salto tecnológico desproporcional às regiões Norte e Nordeste.

Figura 2: Mapa das migrações internas no Brasil entre 1960 e 1970.



Fonte: Adaptado de SANTOS, 1994.

O mapa da Figura 2 ilustra o movimento de ocupação do Centro-Oeste a partir de 1960. No período anterior, as áreas agrícolas brasileiras se concentravam na Região Sul, Sudeste e Nordeste e com o advento de políticas de incentivo à agricultura, o Centro-Oeste e o Norte, receberam médios e pequenos produtores rurais que consideraram a possibilidade de prosperarem em seus negócios. A economia local se expandiu, em razão do agronegócio, e as regiões seguiram recebendo migrantes das demais regiões.

O início da expansão econômica do Centro-Oeste ocorreu graças ao agronegócio, que atraiu muitos trabalhadores. Cearenses iam para os estados do Amazonas e Pará, enquanto o estado do Mato Grosso recebia sul-rio-grandenses, catarinenses e paranaenses, conforme indica o mapa da Figura 2. Um indício importante dessa mudança foi o aumento gradativo da participação da mulher no mercado de trabalho, que seguiu crescendo, passando de 18,5% em 1970 para 44% em 2020 (KLEIN e LUNA, 2014).

A Amazônia passou a ter muitos migrantes desde a última década do século XIX. Data de 1877 a chegada dos primeiros nordestinos (maioria cearense) para trabalharem na extração do látex. Com o apoio dos governos estaduais nordestinos, a migração recebeu o nome de *Terra da Fartura*. Anteriormente, a presença dominante na região era ameríndia.

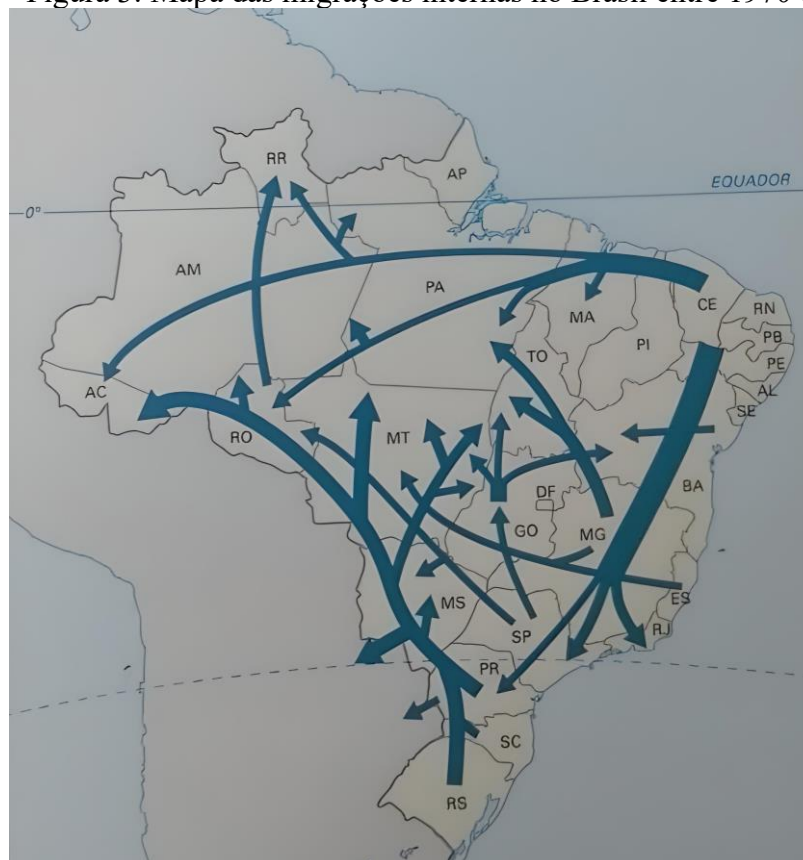
Por medidas do Estado e para a ampliação da agricultura e da mineração, o fluxo de pessoas para o Norte do país aumentou. É interessante observar que tanto os nordestinos quanto os sulistas participaram desse processo de transferência para o Norte, conforme demonstra a mudança da rota no mapa da Figura 2.

A figura do nordestino teve grande repercussão na época, de acordo com os autores:

As lutas do homem do campo da Região Nordeste foram emblemáticas para o imaginário contestador da época, em contraste com o relativo silêncio acerca da gente do campo do Sudeste e do Sul, caipiras e gaúchos respectivamente. [...] Era preferível mirar-se na representação do sertanejo – tido como “um forte” [...] a inspirar-se em estereótipos de submissão (KLEIN e LUNA, 2014, p. 257).

Fortes indícios de separação social são evidentes em pensamentos e crenças de superioridade entre os trabalhadores: confronta-se o estereótipo do forte vindo do Sul e do Sudeste com o humilde vindo do Nordeste, inferiorizado. O mapa da Figura 3 representa a intensificação do movimento migratório nos anos subsequentes.

Figura 3: Mapa das migrações internas no Brasil entre 1970 e 1990.



Fonte: SIMIELI, 2006, p. 121.

Entre 1970 e 1990, o desenvolvimento se tornou mais acentuado, chegando ao estado de Roraima, que até então não participava do processo migratório. A população do Nordeste continuou se deslocando para o Sudeste, e a Região Centro-Oeste passou a ser um grande centro de atração populacional, graças à continuidade da construção de Brasília e à evolução tecnológica que a produção de soja proporcionou ao país.

A entrada do cultivo de soja e da pecuária no Norte foi responsável pelo aumento do número de trabalhadores na região, além de apresentar grandes concentrações populacionais perto de suas duas maiores cidades, Belém (PA) e Manaus (AM). Ademais, atraiu trabalhadores para projetos como a Zona Franca de Manaus e a construção da estrada Transamazônica.

Belém é o município mais populoso do Pará com 1.303.389 habitantes, de acordo com os dados do Censo de 2022. Pode ser considerada uma das cidades com melhor qualidade de vida da Região Norte, apresentando um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,746, classificado como muito alto pelo IBGE em 2010. Fundada em 1616 e, portanto, com mais de 400 anos de história, seu desenvolvimento ao longo dos séculos lhe permitiu criar uma identidade, preservando sua cultura, arquitetura histórica e belezas naturais.

O século XIX trouxe prosperidade à capital quando a abertura dos rios Amazonas, Tocantins, Tapajós, Madeira e Negro para a navegação de navios mercantes de todas as nações impulsionou o desenvolvimento regional e conseqüentemente. Essa expansão trouxe consigo um grande avanço na urbanização, mas a crise do ciclo da borracha e a Primeira Guerra Mundial tiveram um impacto significativo, levando à estagnação desse processo de crescimento.

A abertura da Amazônia com o deslocamento de grandes contingentes de nordestinos para essa região foi apresentada como opção de ocupação e negócios. Portanto, foi levado adiante o *Programa de Integração Nacional* (PIN) que, além de irrigar amplas áreas do Nordeste e criar corredores de exportação na região, previa a abertura da região amazônica através das rodovias Transamazônica e Cuiabá-Santarém. Os recursos para a construção dessas estradas foram absoluta prioridade, tendo sido derivados de recursos federais de incentivos fiscais anteriormente alocados para o Nordeste, ficando sem novos recursos.

Devido à imposição de estratégias políticas e militares, os projetos para a Amazônia nem sempre apresentaram saldos positivos:

As justificativas econômicas do programa na Amazônia não eram necessariamente convincentes, mas por motivos de ordem política e estratégica (militar) também prevaleceram e a construção de rodovias foi empreendida. O programa de colonização da região revelou-se um fracasso, contrastando com outras realizações positivas do período em termos de obras de infraestrutura (ABREU e LAGO, 2014, p.227).

No Nordeste, os incentivos fiscais contribuíram para maior industrialização no período. No entanto, a criação de empregos não parece ter sido muito significativa, pois a participação da renda da região na renda total do país não se elevou.

Adversidades surgiram nos grandes centros urbanos do Sudeste, como a violência e o trânsito, razão pela qual muitos insatisfeitos preferiram viver em cidades médias do interior, as quais ofertavam uma boa quantidade de serviços e um melhor custo de vida. Mudanças ocorreram nas rotas de migração com o retorno dos nordestinos para sua terra natal, fruto do processo de desconcentração industrial do Sudeste. Muitas indústrias foram levadas para o Nordeste, gerando empregos formais e, conseqüentemente, aumento de renda.

Por meio do Decreto Lei nº 74.607, de 1974, O Governo Federal instituiu o Programa Especial de Pólos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia (POLAMAZÔNIA), criando 15 pólos de desenvolvimento regional (áreas do Xingu-Araguaia, Carajás, Araguaia Tocantins, Trombetas, Altamira, PréAmazônia Maranhense, Rondônia, Acre, Juruá-Solimões, Roraima, Tapajós, Amapá, Juruena, Aripuanã e Marajó) (VALE *et al.*, 2004).

A população economicamente ativa cresceu mais intensamente entre 1970 e 1980. O *milagre econômico* registrava muita pobreza no país e o início de uma transição geográfica inter-regional. Segundo Salvatore (1990, p. 16), no Brasil, *o crescimento demográfico urbano ocorreu tanto pela migração intrarregional* (no interior da mesma região), *como inter-regional* (de uma região para outra). Vale *et al.* (2012, p. 13) descrevem os motivos que levaram tantos sulistas a migrar para o Norte do país:

Atraídos pelos programas, começam a chegar os chamados “gaúchos”, fundamentais na ocupação Transamazônica e que vitalizaram as áreas rurais do Norte do país durante os anos 1970 e 1980, transformando-as em zonas de crescimento da população rural.

O termo *gaúcho* utilizado no excerto foi (e ainda é) uma maneira de se referir aos trabalhadores vindos da Região Sul, não de um estado específico. Os autores ainda descrevem como ocorreu a migração para o Norte na década de 1980:

Na década de 80, destacam-se, entre outros fluxos, aqueles em direção às fronteiras agrícolas, principalmente a Região Norte, com o garimpo

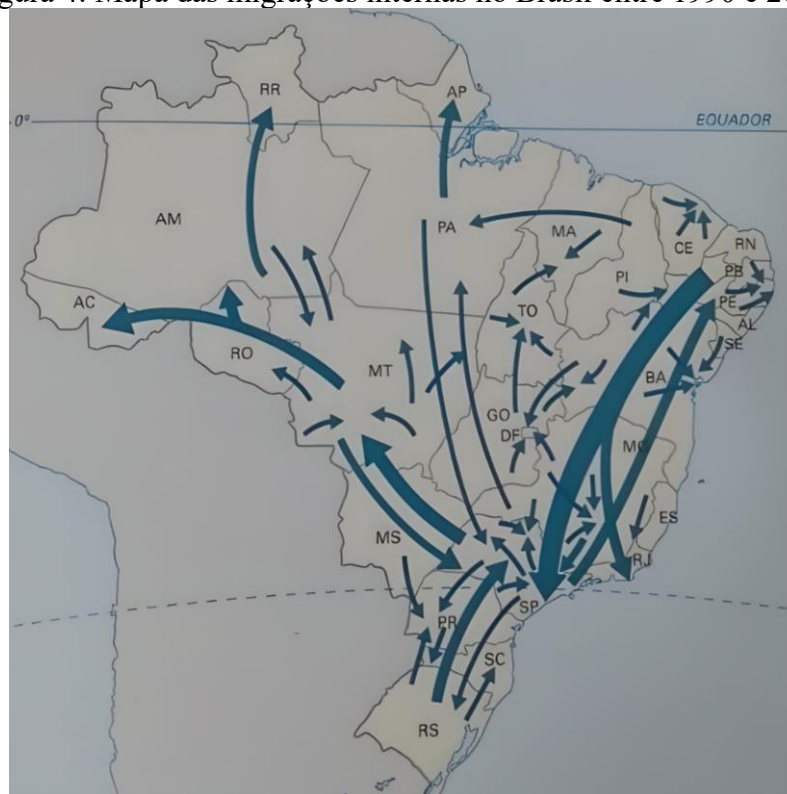
“oficializado” através das empresas minerais, além da mudança dos Territórios Federais para Estado (Roraima, Amapá) e a criação do Estado do Tocantins, com migrantes não só do Nordeste, mas de todas as regiões. Os fluxos contínuos para a Região Sudeste, no Polo Industrial São Paulo/Rio, não deixam de existir, mas percebe-se um fluxo de retorno desta área à Região Nordeste e a Minas Gerais. (VALE *et al.*, 2012, p. 13).

A presença de políticas estatais sempre foi determinante nos processos migratórios. O garimpo atraiu pessoas para o Norte, conduzindo a criação do estado de Tocantins e atraindo pessoas de todas as regiões do Brasil — mas sem interferir no fluxo migratório para a Região Sudeste. Quando o Estado não tomava a frente do processo, surgia um modo informal de exploração do território, como a mineração ilegal, o contrabando de madeira, o desmatamento desenfreado e o avanço do latifúndio em áreas de preservação ambiental.

A década de 1980 apresentou uma estabilidade na dimensão migratória total. As políticas públicas para a ocupação do oeste brasileiro foram determinantes para esse redirecionamento dos fluxos migratórios no Brasil entre as décadas de 1970 a 1990. Houve um grande fluxo de deslocamento do Sul do país para a Amazônia e para o Centro-Oeste, graças ao incentivo dado pelo governo militar. Ele financiou grandes propriedades rurais e estimulou o uso intensivo de máquinas e produtos químicos para atender às demandas dos mercados interno e externo.

Após 1980, em virtude da intensificação do plantio de cana-de-açúcar, estimulada pela política do *Pró-álcool*, principalmente para o abastecimento da região de Ribeirão Preto e Franca (SP), associado à queda do crescimento industrial do Sudeste a partir do final dos anos 1980, a migração nordestina rumo a São Paulo e Rio de Janeiro diminuiu significativamente. Por outro lado, foram registradas migrações mais para a região do Distrito Federal, onde as pessoas trabalhavam nas obras da nova capital e, inclusive, para a região amazônica.

Figura 4: Mapa das migrações internas no Brasil entre 1990 e 2000.



Fonte: SIMIELLI, 2006, p. 121.

A expansão do agronegócio a partir de 1990, principalmente da soja, propiciou o desenvolvimento das monoculturas em direção à Região Norte, alcançando até mesmo o estado do Amapá, como visto no mapa da Figura 4. O Acre passou a receber pessoas vindas do Mato Grosso, e o Amazonas teve deslocamento populacional para o estado de Roraima, enquanto recebia migrantes de Rondônia e Mato Grosso. Além de ter parte de sua população deslocada para o estado do Amapá, o estado do Pará acolheu piauienses e deslocou alguns para o Sul. O Mato Grosso também recebeu migrantes amazonenses do sul do estado. Tocantins recebeu gente de Goiás, Bahia e Pará, ao mesmo tempo, outro grupo se dirigiu ao Maranhão.

Os anos 1990 foram marcados no Brasil pelo aumento de políticas neoliberais, com a privatização de empresas estatais, a exemplo das empresas de telefonia (KLEIN e LUNA, 2014). A oferta de empregos no Nordeste diminuiu devido às crises econômicas e ao fato de os mercados das grandes cidades estarem saturados. A qualidade da educação piorou e a renda continuou mal distribuída, fazendo com que a maioria dos nordestinos migrados e seus descendentes continuassem com estrutura de vida precária.

Dados estatísticos da época acusam o aumento de investimentos no Nordeste e consequente crescimentos dos setores industrial e de serviços. No final da década de 1990, o

PIB era cerca de US\$ 91,4 bilhões, o crescimento se refletiu no PIB nacional (17%), enquanto setor industrial, alcançava 28,2% e o setor de serviços cresceu para 57,4% (ALMEIDA e ARAÚJO, 2004).

No decorrer da efetivação dos processos de mobilização e desenvolvimento urbano, houve uma configuração do idioma e a emergente da dinâmica do processo cultural (PROENÇA FILHO, 2017). As relações interpessoais se intensificaram, assim como os instrumentos de comunicação, o convívio proporciona o contato de falares e culturas até então, distantes e desconhecidos.

Alguns fatores históricos, sociais e tecnológicos também influenciaram a padronização da língua portuguesa:

O desenvolvimento dos meios de transporte ferroviário, rodoviário e aeroviário, os avanços da comunicação, o êxodo rural e a conseqüente aproximação de núcleos populacionais anteriormente distantes e isolados, o decorrente intercâmbio de ideias, tudo isso proporcionou, nos séculos XIX e XX e, segue propiciando no século XXI, a tendência a uma normatização da língua portuguesa do Brasil direcionada pela difícil, complexa e relativa unificação. A cultura de massa também vem contribuindo para tal. (PROENÇA FILHO, 2017, p. 579).

Depois da consolidação da vida urbana na década de 1990, a rejeição às tradições caipiras ou gaúchas seria superada — tanto pela cultura dita mais elevada quanto por movimentos culturais de classe média. Isso porque tais tradições já se encontram integradas no centro urbano, sem terem sua situação social ameaçada pela aproximação com as origens rurais de gerações passadas (KLEIN e LUNA, 2014).

No ano 2000, o Brasil registrou o crescimento das cidades com a migração rural-urbana de pessoas em idade produtiva, com as mulheres marcando presença nesse fluxo migratório devido ao aumento de oportunidades de trabalho em residências e fábricas (KLEIN e LUNA, 2014).

Essas mudanças significativas na realidade brasileira ao longo dos anos nos levam a algumas considerações. Os limites geográficos tornaram-se cada vez mais sutis, principalmente devido à propagação de informações, de modo geral, através do rádio, televisão e demais aparatos da informática. A mobilidade social, por trabalho ou lazer, transformou as possibilidades de aproximação das fronteiras para cada cidadão. O turismo se tornou uma fonte importante de recursos, colocando a população em contato com costumes, paisagens e falares diferentes.

Essas constatações nos levam observar a mudança na configuração demográfica do país, com o aumento da concentração populacional nas grandes cidades, o esvaziamento das áreas rurais e a intensa migração interna, trouxe não apenas uma nova dimensão social, mas também política. E, obviamente, essas mudanças também afetaram a língua, que passou por mudanças muito significativas em pouco tempo. Todas essas transformações reforçam a necessidade de descrever a realidade linguística brasileira antes que traços, usos, formas e estruturas que ainda não foram formalmente identificados, registrados e catalogados se percam, como já afirmou Mota (2000).

No entanto, entre 2000 e 2010, muitos trabalhadores deixaram a região onde estava, principalmente os nordestinos, dando segmento às migrações de retorno que se iniciaram por volta dos anos 1980. A falta de oferta de emprego e o desenvolvimento das cidades do Nordeste (abrindo oportunidades de trabalho na região) são alguns dos motivos para esse retorno. Sobre a este tema,

No cômputo geral, a migração de retorno por ser analisada como um dos reflexos da reestruturação produtiva brasileira, advinda da nova ordem capitalista mundial, com implicações que se traduzem no fim do projeto do estado desenvolvimentista centrado no desenvolvimento industrial como provedor de bem-estar social e gerador de empregos (JARDIM, 2011, p.55-56).

Os dados da amostra dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 se refletem na migração de retorno, pelas condições socioeconômicas dos indivíduos que voltaram e pela relevância na dinâmica econômica e social local, após um intenso período industrial.

Nesta seção, procuramos traçar um quadro histórico das políticas de incentivo às migrações internas brasileiras, ressaltando os impactos nas regiões Norte e Nordeste durante este processo, os efeitos sobre os habitantes e os possíveis reflexos na linguagem e nas atitudes linguísticas da população local.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nesta seção expomos os procedimentos metodológicos adotados pelo Projeto ALiB que resultou na constituição do *corpus* do qual se serve a presente tese. Apresentamos a constituição da rede de pontos, o perfil dos informantes e as questões metalinguísticas. Em seguida, encontra-se a descrição das etapas que conduzem as análises, bem como os procedimentos que orientaram a geração dos dados.

A proposta metodológica do Comitê Nacional do ALiB assume como âmbito de investigação dialetal o *espaço e a sociedade* (CARDOSO, 2010, p. 48), dando origem aos critérios para a escolha da rede de pontos, do perfil do informante e questionário e da realização das entrevistas.

O ALiB é um projeto de pesquisa cujo objetivo central é construir um atlas linguístico, contendo, em detalhes, a descrição do português falado em território brasileiro, sendo construído *por várias mãos*. O projeto visa sistematizar as variações linguísticas a partir das diferenças diatópicas, diastráticas, diagenéricas e diageracionais encontradas em seu extenso *corpus* de entrevistas. Junto a diferentes níveis linguísticos, os resultados da investigação têm certificado o caráter plural e multidialetal do português brasileiro.

A metodologia usada no ALiB foi, cuidadosamente, elaborada pelo Comitê Nacional do Projeto para este fim, sustentada pelo princípio da pluridimensionalidade da Geolinguística. Diante da demanda, o Comitê se reuniu várias vezes com o objetivo de discutir a metodologia a ser usada na constituição do *corpus*. Com o intuito de garantir um planejamento eficiente, foram elencados os objetivos para serem seguidos e cumpridos ao longo da execução do Projeto ALiB:

- (i) Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolinguística.
- (ii) Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos etc.), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia etc.) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.
- (iii) Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e realizar estudos interpretativos de fenômenos considerados.
- (iv) Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento – história, sociologia, antropologia etc. – de modo a

poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.

(v) Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.

(vi) Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 46).

Os objetivos incorporam as dimensões do projeto e preservam a natureza interinstitucional, abrigando várias universidades públicas do país. A princípio, prezam pela descrição da realidade linguística do Brasil de forma sistemática e organizada.

A perspectiva diatópica encontrada no objetivo (i) tem seu território próprio “porque o homem é indissociável no seu existir e no seu agir, no seu ser e no seu fazer” (CARDOSO, 2010, p. 48). De fato, a realidade linguística no Brasil não é algo linear, e a Geolingüística trouxe a identificação visual da realidade linguística através das cartas.

Para a concretização dos objetivos envolvendo a demarcação de áreas dialetais, o mapeamento e o amplo estudo do português brasileiro em uso, o Comitê Nacional do ALiB definiu que os dados seriam coletados *in loco* em seus 250 pontos²³ elencados e distribuídos entre as regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

A rede de pontos foi pensada para abranger todos os estados e manter uma densidade aproximadamente igual em todas as áreas, assim:

Para a fixação da rede considerou-se a relação entre o total de pontos e a densidade demográfica de cada estado, adaptada às contingências de abarcar todo o território nacional e ao interesse de manter, em todas as áreas, aproximadamente a mesma densidade, com os ajustes que se fizerem necessários (MOTA, 2009, p. 151).

A autora explica, no excerto, que ajustes foram necessários para garantir que todas as regiões tenham uma densidade próxima.

²³ Com exceção das capitais Brasília (DF) e Palmas (TO), fundadas na segunda metade do século XX e, por isso, não oferecem informantes da II faixa etária com os requisitos exigidos para o Projeto ALiB.

4.1 REDE DE PONTOS

A seleção das 250 localidades que figuram como pontos de inquérito do atlas levou em conta, além da distribuição geográfica, as bases de Nascentes (1958) para a elaboração do atlas linguístico do Brasil, os estudos realizados para se estabelecer a rede de pontos dos atlas regionais, as características sócio-históricas de cada área e os limites interestaduais e internacionais.

Figura 5: Divisão dialetal do Brasil proposta por Antenor Nascentes.



Fonte: Nascentes (1953, p. 19).

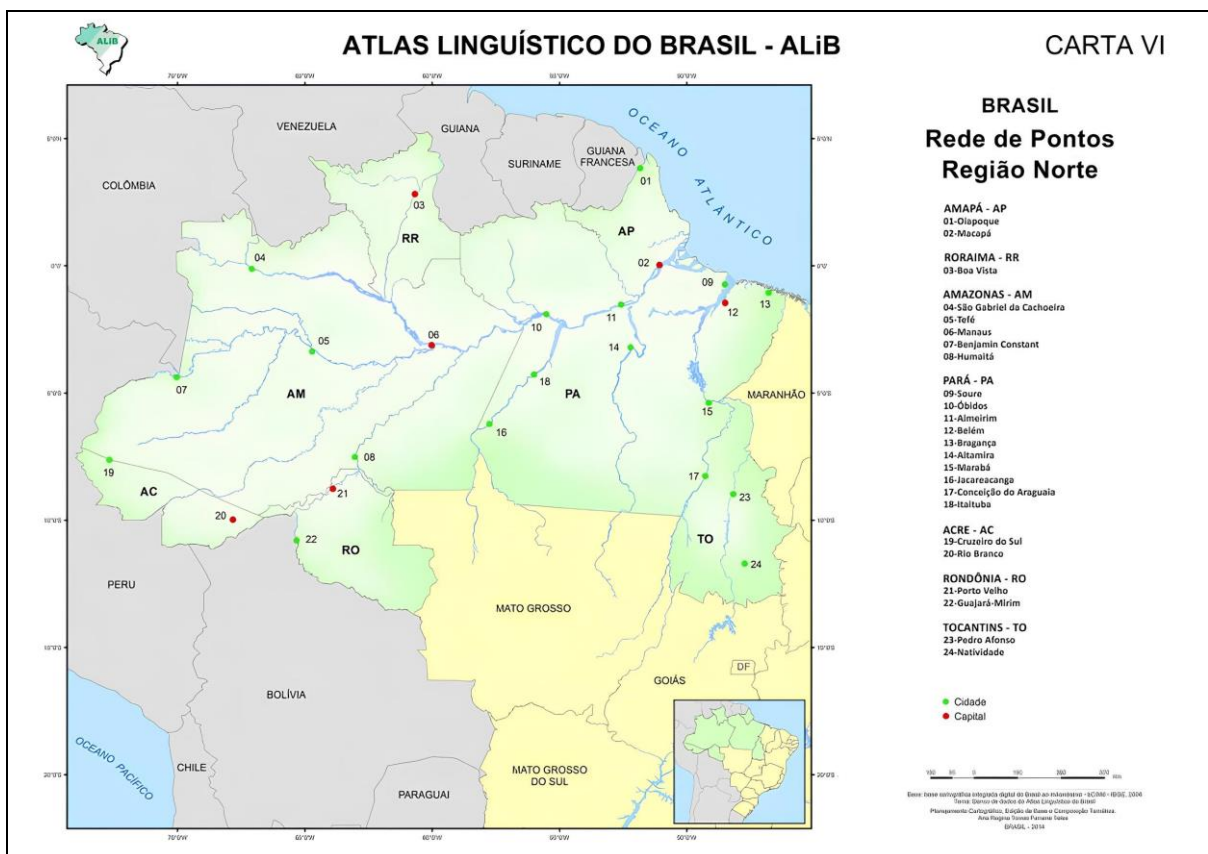
Na publicação *O linguajar carioca*, de 1922, Antenor Nascentes descreve a grande dificuldade que se apresentava para dividir o Brasil em áreas linguísticas, pensadas para suprir “a falta de determinação de isoglossas” (NASCENTES, 1953).

A Figura 5 traz a divisão dialetal proposta por Nascentes, ilustrando a divisão linguística no Brasil segundo os resultados de seu estudo: falares do Norte e falares do Sul, apoiada na “cadência e a existência de pretônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em mente” (NASCENTES, 1953, p. 25). Cada uma dessas duas grandes regiões compreende subfalares, que podem ser contemplados no mapa: amazônico, nordestino, baiano, mineiro, fluminense, sulista e área indefinida.

Participaram das entrevistas 1.100 informantes, naturais de cada área pesquisada, filhos de pais também nativos, estratificados quanto ao sexo, masculino e feminino em igual número, divididos em duas faixas etárias (faixa I - de 18 a 30 anos; faixa II - de 50 a 65 anos). Nas localidades do interior, o número de informantes foi quatro (dois homens e duas mulheres), das faixas I e II, escolarizados apenas no nível fundamental, completo ou não. Nas capitais, há oito informantes (quatro homens e quatro mulheres), das faixas I e II, sendo quatro escolarizados no nível fundamental e quatro escolarizados no nível universitário.

O enquadramento dado neste estudo está voltado às regiões Norte e Nordeste. Os pontos a serem analisados equivalem a 87 localidades do interior, das quais 18 se encontram na Região Norte e 69 na Região Nordeste. As cartas regionais VI e VII, publicadas no segundo volume do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), informam as localidades pertencentes à rede de pontos das regiões Norte e Nordeste, apresentadas nas Figuras 6 e 7:

Figura 6 – Carta regional VI.

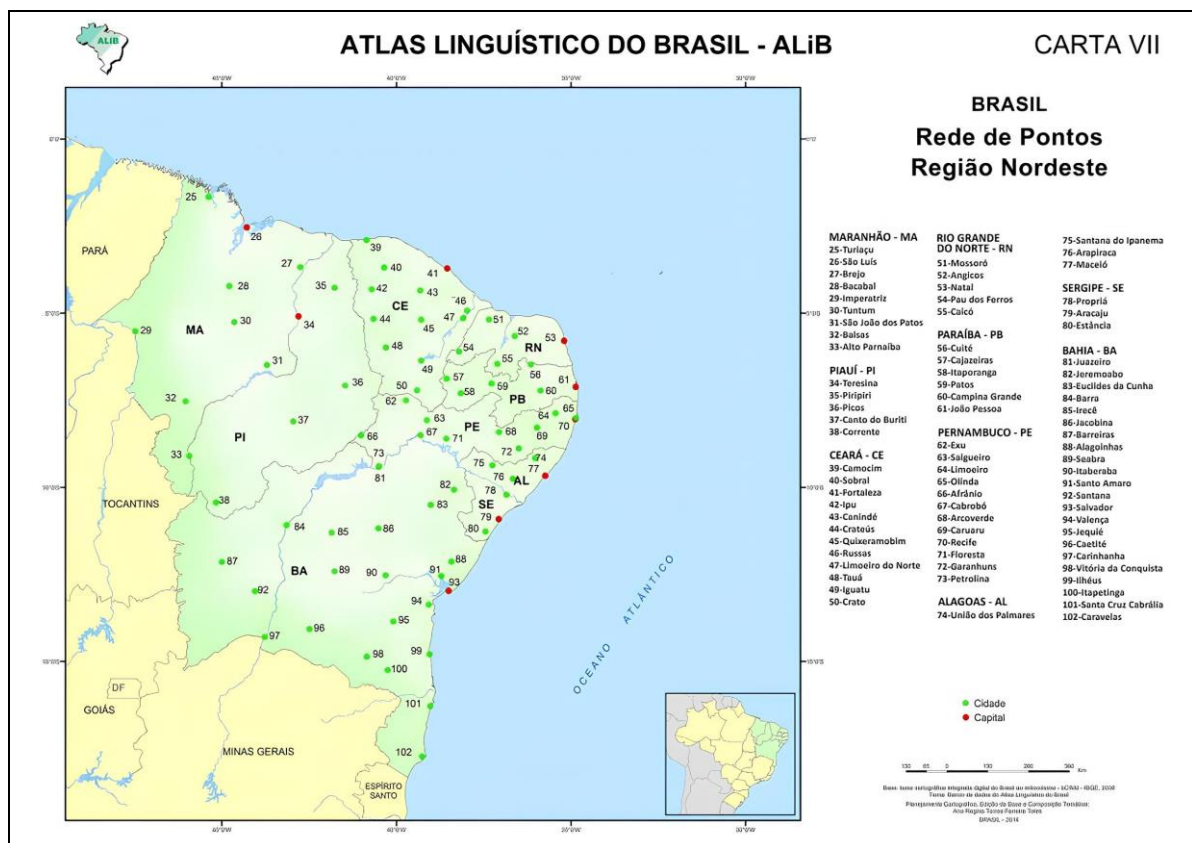


Fonte CARDOSO *et al.*, 2013.

A rede de pontos da Região Norte abrange os sete estados (Amapá, Roraima, Amazonas, Pará, Acre, Rondônia e Tocantins), seis capitais (Macapá-AP, Boa vista-RR, Porto Velho-RO, Pedro Afonso-TO, Boa Vista-RR, Macapá-AP), 18 cidades e 69 localidades do interior.

Manaus-AM, Belém-PA, Rio Branco-AC, e Porto Velho-RO) e 18 pontos no interior (Oiapoque-AP; São Gabriel da Cachoeira, Tefé, Benjamim Constant e Humaitá-AM; Soure, Óbidos, Almeirim, Bragança, Altamira, Marabá, Jacareacanga, Conceição do Araguaia e Itaituba-PA; Cruzeiro do Sul-AC; Guajará Mirim-RO; Pedro Afonso e Natividade-TO), conforme exposto na Carta regional VI do Documento 4²⁴ do Atlas Linguístico do Brasil.

Figura 7 – Carta regional VII.



Fonte: CARDOSO *et al.*, 2013.

A rede de pontos da Região Nordeste, por sua vez, é composta por nove estados e respectivas capitais (Maranhão - São Luís, Piauí - Teresina, Ceará - Fortaleza, Rio Grande do Norte - Natal, Paraíba - João Pessoa, Pernambuco - Recife, Alagoas - Maceió, Sergipe - Aracaju e Bahia - Salvador). As 69 localidades não capitais são representadas pelos seguintes pontos de inquérito: (Turiçu, Brejo, Bacabal, Imperatriz, Tuntum, São João dos Patos, Balsas e Alto Parnaíba-MA; Piripiri, Picos, Canto do Buriti e Corrente-PI; Camocim, Sobral, Ipu, Canindé, Crateús, Quixeramobim, Russas, Limoeiro do Norte, Tauá, Iguatu e Crato-CE; Mossoró, Angicos, Pau dos Ferros e Caicó-RN; Cuité, Cajazeiras, Itaporanga, Patos e

²⁴ DOCUMENTOS 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. CARDOSO, J. A. MOTA; PAIM; M. M. T.; RIBEIRO, S. C. (orgs.). Salvador: Vento Leste, 2013.

Campina Grande-PB; Exu, Salgueiro, Limoeiro, Olinda, Afrânio, Cabrobó, Arcoverde, Caruaru, Floresta, Garanhuns e Petrolina-PE; União dos Palmares, Santana do Ipanema e Arapiraca-AL; Propriá, e Estância-SE; Juazeiro, Jeremoabo, Euclides da Cunha, Barra, Irecê, Jacobina, Barreiras, Alagoinhas, Seabra, Itaberaba, Santo Amaro, Santana, Valença, Jequié, Caetitê, Carinhanha, Vitória da Conquista, Ilhéus, Itapetinga, Santa Cruz Cabrália e Caravelas-BA), conforme exposto na Carta regional VII do Documento 4 do Atlas Linguístico do Brasil.

O Quadro 1 traz as informações sobre as localidades do interior das duas regiões a serem investigadas e que constituem o *corpus* para esta tese. Ao todo as duas regiões compreendem 15 estados²⁵, 87 localidades e 348 informantes.

Quadro 1 – Localidades investigadas.

Região	Estado	Nº na rede	Localidade
Norte	Amapá	1	Oiapoque
	Amazonas	4	São Gabriel da Cachoeira
		5	Tefé
		7	Benjamin Constant
		8	Humaitá
	Pará	9	Soure
		10	Óbidos
		11	Almeirim
		13	Bragança
		14	Altamira
		15	Marabá
		16	Jacareacanga
		17	Conceição do Araguaia
	18	Itaituba	
Acre	19	Cruzeiro do Sul	
Rondônia	22	Guajará-Mirim	
Tocantins	23	Pedro Afonso	
	24	Natividade	
Nordeste	Maranhão	25	Turiação
		27	Brejo
		28	Bacabal
		29	Imperatriz
		30	Tuntum
		31	São João dos Patos
		32	Balsas
		33	Alto Parnaíba
	Piauí	35	Piripiri
		36	Picos
		37	Canto do Buriti
		38	Corrente
	Ceará	39	Camocim
		40	Sobral
42		Ipu	

²⁵ No Estado de Roraima foram entrevistados informantes apenas da capital Boa Vista, portanto não apresenta localidades do interior na Rede de Pontos do ALiB.

	43	Canindé
	44	Crateús
	45	Quixeramobim
	46	Russas
	47	Limoeiro do Norte
	48	Tauá
	49	Iguatu
	50	Crato
Rio Grande do Norte	51	Mossoró
	52	Angicos
	54	Pau dos Ferros
	55	Caicó
Paraíba	56	Cuité
	57	Cajazeiras
	58	Itaporanga
	59	Patos
	60	Campina Grande
Pernambuco	62	Exu
	63	Salgueiro
	64	Limoeiro
	65	Olinda
	66	Afrânio
	67	Cabrobó
	68	Arcoverde
	69	Carauari
	71	Floresta
	72	Garanhuns
	73	Petrolina
Alagoas	74	União dos Palmares
	75	Santana do Ipanema
	76	Arapiraca
Sergipe	78	Propriá
	80	Estância
Bahia	81	Juazeiro
	82	Jeremoabo
	83	Euclides da Cunha
	84	Barra
	85	Irecê
	86	Jacobina
	87	Barreiras
	88	Alagoinhas
	89	Seabra
	90	Itaberaba
	91	Santo Amaro
	92	Santana
	94	Valença
	95	Jequié
	96	Caetité
	97	Carinhanha
	98	Vitória da Conquista
	99	Ilhéus
	100	Itapetinga
	101	Santa Cruz Cabrália
	102	Caravelas
	Total	87 localidades

Fonte: Elaborado pela autora com dados do Projeto ALiB.

4.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: AS QUESTÕES METALINGUÍSTICAS

Os questionários do ALIB (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001) compõem-se de subquestionários com objetivos específicos. Para esta tese, interessam as Questões Metalinguísticas para os estudos sobre percepções e atitudes, apresentadas a seguir:

1. Como chama a língua que você / o(a) senhor(a) fala?
2. Tem gente que fala diferente aqui em ___? *Se houver, identificar os grupos “que falam diferente”.*
3. Poderia dar um exemplo do modo como falam essas pessoas *que falam diferente*?
4. E, em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de _____ (*citar a cidade onde está*)?
5. Poderia dar um exemplo do modo como falam em outros lugares do Brasil?
6. No passado, falavam diferente aqui?

As questões metalinguísticas, pertencentes aos Questionários do ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), foram elaboradas para incentivar os informantes a manifestarem suas percepções e avaliações acerca da língua que falam, assim como as atitudes diante da fala do outro. Estas perguntas também colaboram na apuração da variação diarreferencial, relacionando a língua ao objeto, com bases no “discurso do informante, ao seu conhecimento da realidade linguística ou à sua sensibilidade para a apreensão de outras variantes” (AGUILERA, MILANI, MOTA, 2003, p. 43).

Por envolver reflexão sobre a própria linguagem, as respostas fornecem por meio da metalinguagem, as atribuições necessárias para o estudo das percepções linguísticas:

Em resposta a tais questões, o informante refere-se com frequência, a formas lexicais utilizadas por falantes de outras áreas (“pessoal da roça”, “gente do Nordeste”, “pessoal do Sul”, etc.), por indivíduos mais idosos ou mais jovens, assim como aos diferentes “sotaques” e ao modo de falar “cantando” atribuído a determinada área (AGUILERA, MILANI, MOTA, 2003, p. 43).

O questionário metalinguístico é parte do todo que compõe o Questionário do ALiB e representa o recorte da investigação proposta. Lembrando Jakobson (1975), a dimensão metalinguística da linguagem faz relação entre o sentido e seus usos sociais, na construção do conhecimento ou na apreensão da realidade.

As questões de 2 a 5 procuram averiguar o conhecimento que o informante tem de diferenças linguísticas diatópicas, levando a determinadas classificações em grupos,

expressando características que possam explicar, de seu modo particular, quais são as diferenças e de onde são os seus falantes.

Em resumo, o questionário metalinguístico é um grande fornecedor de dados para os estudos dialetológicos sobre crenças e atitudes linguísticas, assim como permite analisar, do ponto de vista do conhecimento popular, a real utilização da língua. Ressaltamos que esse questionário do ALiB, devido aos objetivos propostos, difere dos estudos de Lambert & Lambert por não aplicar o método *matched guise* com as escalas de avaliação.

4.3 PERFIL DOS INFORMANTES

O *corpus* é constituído por 348 inquiridos dos quais 72 informantes são da Região Norte e 276 informantes da Região Nordeste. Cada um recebe um número para o representar conforme a estratificação: i) de acordo com a faixa etária I (18 e 30 anos) e II (50 e 65 anos); ii) sexo, 50% são do sexo masculino e representados pelas indicações numéricas 1 e 3, 50% do sexo feminino, representados pelos números 2 e 4; iii) escolaridade: Ensino Fundamental I completo ou não.

O Quadro 2 apresenta o perfil dos informantes, o número deles em cada célula e o total dos inquiridos que compõem o universo desta tese.

Quadro 2 - Perfil dos informantes.

Nº do informante	Faixa etária	Sexo	Escolaridade	Quantidade
1	I – (18 a 30 anos)	Masculino	Ensino Fundamental I – completo ou não	87
2	I – (18 a 30 anos)	Feminino		87
3	II – (50 a 65 anos)	Masculino		87
4	II - (50 a 65 anos)	Feminino		87
Total de informantes: 348				

Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

O quadro 2 sintetiza a distribuição dos informantes segundo a faixa etária, o sexo, a escolaridade e a quantidade em cada grupo. O *corpus* estudado envolveu um total de 348 informantes, divididos em quatro grupos de 87 cada. Cada grupo corresponde a uma combinação de faixa etária e sexo: I – (18 a 30 anos) masculino, I – (18 a 30 anos) feminino, II – (50 a 65 anos) masculino e II – (50 a 65 anos) feminino, todos com formação no Ensino Fundamental I, completo ou não.

4.4 TRATAMENTO E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Para organizar as ações voltadas ao manuseio dos dados coletados para esta tese, enumeramos os passos seguidos:

i) Oitiva das entrevistas em áudio e manuseio das transcrições para o levantamento sistemático das falas dos informantes, seguido da incorporação e preenchimento das respostas das questões metalinguísticas 4 e 5, em planilhas eletrônicas;

ii) Extração e contagem dos dados referentes à questão 4 e 5, selecionando excertos para análise;

iii) Levantamento dos dialetos mais lembrados, quantificação e construção de gráfico, organizando as características atribuídas a cada variedade em planilhas eletrônicas e classificação dos dados segundo os aspectos linguísticos encontrados;

iv) Distribuição de excertos para a descrição, organizados conforme os resultados em variedades, sotaques e adjetivos, aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos, lexicais e gírias;

v) Análise das atitudes linguísticas identificadas nas respostas dos informantes.

vi) Síntese dos resultados das variáveis mais produtivas em tabelas, quadros, gráficos e nuvens de palavras;

vii) Exploração de elementos que embasem os resultados através de análises históricas, dados dos censos estatísticos, dicionários, publicações e referências em diversos atlas linguísticos, incluindo o ALiB.

A etapa das oitivas buscou conhecer o teor das entrevistas e identificar a similitude com o material transcrito. Alguns informantes não responderam ao questionário, e foi preciso investigar as causas, transcrever o necessário e ter acesso ao conteúdo gravado. Para isso, foram utilizados os recursos do software *Windows Media Player*, possibilitando estabelecer um contato direto com o inquérito, selecionando os trechos que armazenam as questões metalinguísticas e buscar na fala dos informantes os traços linguísticos fonéticos e fonológicos, prosódicos, morfológicos, sintáticos, lexicais etc. que representam as variedades mencionadas.

A próxima etapa diz respeito à criação de uma planilha eletrônica para armazenar as informações do perfil e a separação das variáveis necessárias à construção de filtros de pesquisa (localidade, idade e sexo), resultando na composição de um banco de dados devidamente preenchido.

Em seguida, as respostas das questões 4 e 5 foram incorporadas à planilha, sendo a primeira com respostas reduzidas a sim/não, para facilitar a quantificação. A outra (5 - quem e como falam diferentes) foi preenchida tal como consta da transcrição.

A etapa seguinte consistiu na extração e contagem dos dados referentes à questão 4; tratou de buscar os outros lugares no Brasil que falam diferente da localidade do informante. A busca era por respostas sim e não; contudo, o entendimento dos informantes não obedece a essa lógica. Muitas vezes, outras questões eram respondidas neste turno e essa questão era respondida em turnos das outras questões. Enfim, para quantificar, foi preciso analisar a percepção do informante além da resposta em si, pois, ocasionalmente a consciência da diversidade e o nível de conhecimento das línguas faladas na localidade ultrapassavam os limites das questões, apresentando algumas atitudes em relação às variedades e aos seus falantes.

A fase subsequente envolveu a releitura das respostas e identificação das atitudes presentes nos relatos dos informantes, assim como a seleção de excertos a serem analisados na etapa viii), buscando a identificação de outras variedades e apuração dos excertos.

O próximo passo consistiu em estratificar as variedades citadas para o trabalho quantitativo e estatístico, realizado em planilha eletrônica.

Após o levantamento das variedades, foram elencadas todas as características extraídas das percepções dos informantes. Para facilitar o manuseio, foram criados filtros para permitir refinar a busca.

Continuando, procedemos à classificação e à organização dos dados — já registrados em planilha — segundo os aspectos linguísticos elencados. Dessa forma, foi possível dividi-los em morfossintáticos, léxicos, prosódicos e fonético-fonológicos.

A seleção dos excertos possibilitou a distribuição dos dados por regiões e estados, dando sequência à descrição de cada fenômeno linguístico.

Dessa forma, partiu-se para a quantificação das atitudes positivas e negativas para fins de cálculos estatísticos e representação gráfica dos resultados. Na sequência, as atitudes linguísticas, reproduzidas em excertos das falas dos informantes, foram sintetizadas em tabelas e/ou quadros, as variáveis mais produtivas quantitativamente, com foco nas predominantes e posterior visualização gráfica.

Por fim, os depoimentos dos informantes foram minuciosamente examinados com o respaldo de teorias, a fim de encontrar elementos que fundamentassem os resultados por meio

de dados históricos, censos estatísticos, dicionários online, publicações e referências em uma ampla gama de atlas linguísticos.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA REGIÃO NORTE

INF.- É uma das coisas que eu acho mais bonito nesse país é essa união, dessa capacidade de falar uma língua só, de entender. Embora tenham alguns sotaques, mas os significados, os entendimentos são as mesmas coisas. O fantástico que eu acho desse país é isso [Inf. 3/ Pedro Afonso-TO].

O reconhecimento do outro, do diferente e a consciência linguística identificam marcas dialetais de uma comunidade heterogênea. O antropólogo Brandão (1986, p. 7) esclarece que “o diferente é o outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade: a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo é o que eu sou e nem todos são como eu”.

Perceber no outro o que é diferente em si é o que as questões metalinguísticas do ALiB abordam: a busca de diferenças que nos ajudem a entender e aprofundar os conhecimentos das variedades do português falado no Brasil, as quais refletem, entre outros aspectos, a mudança e as variações decorrentes das transformações sociais, históricas e culturais que o português tem sofrido desde que transplantado para o Brasil. Ao mesmo tempo, essas variedades moldam e influenciam nosso pensamento, nossas percepções e nossa identidade, conforme observamos no excerto que abre esta seção.

Uma variedade linguística pode incluir traços que identifiquem o falante de forma regional e/ou social (TRUDGILL; HERNÁNDEZ CAMPOY, 2007). É improvável que se fale uma língua sem emitir um sotaque que revele a particular origem regional do falante, seus antecedentes sociais, entre outros elementos que o caracterizem. Os linguistas tratam essas diferenças individuais, coletivas, diatópicas e diastráticas como variedades, enquanto os falantes comuns as chamam simplesmente de *sotaques*.

As variedades ou os dialetos coexistem socialmente e representam a história de um povo, tendo seus reflexos externalizados pela língua. Embora o sotaque seja normalmente encarado como um tipo de pronúncia, Proença Filho (2017) considera que ele é reconhecido nos sons da fala, na melodia, na construção da frase e no uso de certas palavras. Nesse sentido, Basso (2019) comenta sobre a presença de sotaques no Brasil:

Num país de dimensões continentais como o Brasil, ainda mais com a complexa história de povoamento que tivemos, da qual participaram diferentes povos com as mais diversas línguas, é mais que esperado que tenhamos muitas variedades regionais e sociais, muitas vezes chamadas de

sotaque (BASSO, 2019, p. 33, grifo do autor).

Diante da presença de inúmeros sotaques, qualquer brasileiro, quando escuta uma variedade do português diferente daquela que pratica, atenta-se para a diferença. A diversidade pode estar na pronúncia, na melodia da fala, ou seja, em certos traços fonéticos (BASSO, 2019, p. 37). Nesse sentido, por mais que o falante sustente a intenção individual de manter fidelidade às particularidades de sua fala regional, inevitavelmente, a interação linguística levará a mudanças no decorrer do tempo, seja no âmbito fonético, no sintático ou no lexical.

5.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS DADAS À QUESTÃO 4 PELOS INFORMANTES DA REGIÃO NORTE

Nesta subseção, procedemos à descrição e à análise das respostas dadas à Questão 4, a qual compõe o rol de perguntas de natureza metalinguística, coletadas pelo ALiB na Região Norte.

O *corpus* contempla 126 ocorrências extraídas da fala de 72 informantes, distribuídos pelas 18 localidades do interior, como resposta à Questão 4: *Em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de _____ (citar onde está)?* (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001, p. 46) que previa apenas a resposta afirmativa ou negativa (por exemplo: sim, falam; ou não, não sei). No entanto, a maioria dos informantes antecipava a resposta da Questão 5 e elencava as localidades ou dialetos percebidos como diferentes. Dessa forma, para efeito de clareza na análise, consideramos as percepções linguísticas expostas pelos informantes, subentendendo-as como afirmativas.

Nessa Região, os informantes foram unânimes em afirmar que, em outros lugares do Brasil, se fala diferente da localidade em que vivem.

5.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS DADAS À QUESTÃO 5 PELOS INFORMANTES DA REGIÃO NORTE

Para analisar as respostas dadas à Questão 5, que solicita ao informante exemplos de falares específicos de outros locais do Brasil, dividimos esta seção em dois tópicos: i) percepção das variedades por localidades e estados dos informantes e ii) análise das

percepções referidas pelos informantes da Região Norte por: (i) foco regional; (ii) sotaque, (iii) adjetivação atribuída a cada falar diferente, (iv) outros fenômenos de natureza fonética, (v) outras referências linguísticas, (vi) observações acerca dos grupos e falares indígenas.

5.2.1 Variedades por Estados e localidades dos informantes da Região Norte

De início, procedemos à distribuição das respostas de acordo com as percepções destacadas em cada ponto da rede, pelos quatro informantes de cada localidade.

Para melhor visualização, reunimos no Quadro 3 as variedades consideradas *diferentes* segundo a percepção de cada um dos informantes da Região Norte. Ao todo, contabilizamos 126 ocorrências de variedades distintas.

Quadro 3 – Levantamento das variedades manifestadas conforme o Estado e a localidade de origem de cada um dos informantes.

Estado	Ponto	Inf.	Variedades
AP	Oiapoque	1	paulista, pernambucana
AP	Oiapoque	2	nordestina, paraense
AP	Oiapoque	3	maranhense, potiguar
AP	Oiapoque	4	carioca, maranhense
AM	São Gabriel da Cachoeira	1	cearense, gaúcha
AM	São Gabriel da Cachoeira	2	nordestina
AM	São Gabriel da Cachoeira	3	capixaba, gaúcha
AM	São Gabriel da Cachoeira	4	amazonense, carioca, gaúcha
AM	Tefé	1	carioca, cearense
AM	Tefé	2	carioca
AM	Tefé	3	carioca
AM	Tefé	4	cearense
AM	Benjamin Constant	1	manauara, recifense
AM	Benjamin Constant	2	cearense
AM	Benjamin Constant	3	gaúcha, sulista
AM	Humaitá	3	caboclo*, interior
AM	Humaitá	4	gaúcha
PA	Soure	1	brasiliense, caboclo, interior
PA	Soure	2	maranhense, cearense
PA	Soure	3	cearense
PA	Soure	4	cametaense, marajoara*, santamariense (PA), nordestino
PA	Óbidos	1	nordestina
PA	Óbidos	3	amazonense, nordestina, maranhense
PA	Óbidos	4	maranhense
PA	Almeirim	1	maranhense
PA	Almeirim	2	belenense, paulista
PA	Almeirim	3	belenense, nordestina
PA	Almeirim	4	manauara
PA	Bragança	1	baiana, paulista
PA	Bragança	2	belenense, interior, nordestina, mineira
PA	Bragança	3	interior

PA	Bragança	4	goiana
PA	Altamira	1	belenense, paulista, goiana
PA	Altamira	3	Baixo Xingu, cearense, sulista
PA	Altamira	4	sulista
PA	Marabá	1	belenense, maranhense
PA	Marabá	2	cearense, paraense, manauara
PA	Marabá	3	interior, goiana, mineira
PA	Marabá	4	baiana, belenense
PA	Jacareacanga	1	catarinense
PA	Jacareacanga	3	gaúcha
PA	Jacareacanga	4	belenense
PA	Conceção do Araguaia	1	belenense, goiana
PA	Conceção do Araguaia	2	baiana, gaúcha, paraibana, pernambucana
PA	Conceção do Araguaia	3	catarinense, goiana, maranhense, marajoara*
PA	Conceção do Araguaia	4	belenense
PA	Itaituba	1	paulista
PA	Itaituba	2	belenense, gaúcho
PA	Itaituba	3	belenense, carioca
PA	Itaituba	4	belenense
AC	Cruzeiro do Sul	1	interior
AC	Cruzeiro do Sul	2	mato-grossense, potiguar
AC	Cruzeiro do Sul	3	gaúcha
AC	Cruzeiro do Sul	4	manauara
RO	Guajará-Mirim	1	mato-grossense
RO	Guajará-Mirim	2	potiguar
RO	Guajará-Mirim	3	mato-grossense, cuiabana
RO	Guajará-Mirim	4	anapolina, goiana, cuiabana (Coxipó da Ponte), paulista, rio-branquense
TO	Pedro Afonso	1	alagoana, baiana, gaúcha, maranhense
TO	Pedro Afonso	2	gaúcha, paulista, paraense
TO	Pedro Afonso	3	baiana, carioca, paraense
TO	Pedro Afonso	4	pernambucana
TO	Natividade	1	belenense, goiana
TO	Natividade	2	baiana
TO	Natividade	3	baiana, nordestina
TO	Natividade	4	gaúcha, sulista
* contabilizado como fala do interior			
Total de manifestações varietais: 127			

Fonte: Elaborado pela autora com dados do Projeto ALiB.

Os dados exibidos no Quadro 3 expõem a diversidade de percepções linguísticas expressas pelos informantes das localidades do interior da Região Norte, segundo o gentílico e sob os pontos de vista: da Região (*nordestino, sulista*), do Estado (*alagoano, amazonense, baiano, capixaba, carioca, catarinense, cearense, gaúcho, goiano, maranhense, mato-grossense, mineiro, paraense, paranaense, paulista, pernambucano, potiguar*), de microrregião (*Baixo Xingu*), da capital (*belenense, brasiliense, cuiabano, manauara e*

recifense), do interior do próprio Estado (*cametaense, marajoara, santamariense, caboclo*) e do interior de outros Estados (*anapolino*).

Na próxima subseção, agrupamos, regionalmente, os gentílicos mais frequentes citados pelos falantes da Região Norte: *Nortista, Nordestino, Sulista, Sudestino e Centro-Oestino*, para análise.

5.2.2 Percepções do *diferente* com foco na região de origem do outro

Em virtude da diversidade de falas mencionadas pelos informantes, conforme expusemos no Quadro 3, reunimos as respostas em falares regionais: *nortista, nordestino, sudestino e sulista*, e *centro-oestino*.

Os eventos histórico-demográficos descritos na seção 4²⁶ repercutiram na dinamização do idioma e uma das consequências foi a estreita relação entre as respostas regionais e a identidade do falante e do grupo a que pertence. Nessa perspectiva, Aguilera reitera que:

Um traço definidor da identidade do grupo (etnia, povo) é a variedade linguística assumida e, desse modo, qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode, na realidade, ser uma reação às variedades usadas por esse grupo, ou aos indivíduos usuários dessa variedade, uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmitem ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo (AGUILERA, 2008, p. 106).

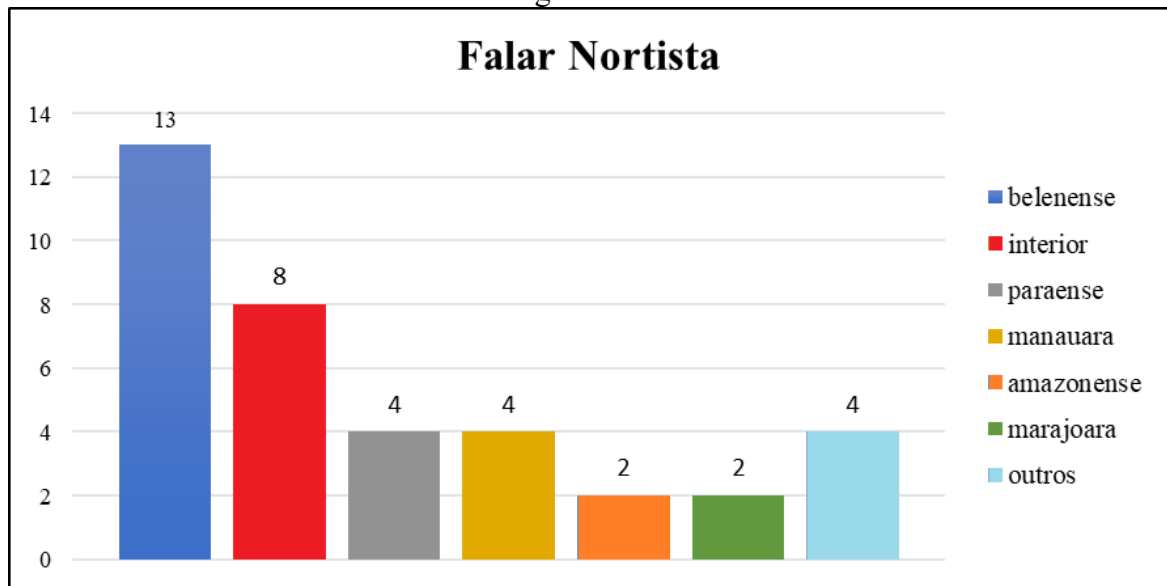
A diversidade linguística é um elemento essencial na definição da identidade de uma comunidade de fala, é um reflexo da influência de outras línguas, como as indígenas e africanas, além dos complexos processos históricos, sociais e culturais que moldaram a formação do povo, fenômeno que revela a pluralidade e a riqueza do patrimônio cultural brasileiro. Portanto, qualquer atitude em relação a esses grupos pode ser uma reação aos diferentes falares utilizados por seus membros, preservadas ou não, através da fala.

NORTISTA: Embora não haja a referência explícita ao gentílico *nortista*, o maior número de percepções registradas nos dados da Região Norte pelo ALiB, diz respeito a gentílicos da própria Região Norte, totalizando 37 ocorrências (38%). Neste grupo incluímos: o *paraense*, o *amazonense*, o *belenense*, o *manauara*, o *cametaense*, o *marajoara*, o *santamariense*, o *rio-branquense*, o *caboclo*, o *interior* e o *Baixo Xingu*.

²⁶ Caracterização do *locus* da pesquisa, pág. 57.

O Gráfico 2 mostra a frequência de cada percepção com mais de uma menção. As ocorrências únicas estão reunidas na coluna *outros* (*Baixo Xingu, cametaense, rio-branquense, santamariense*).

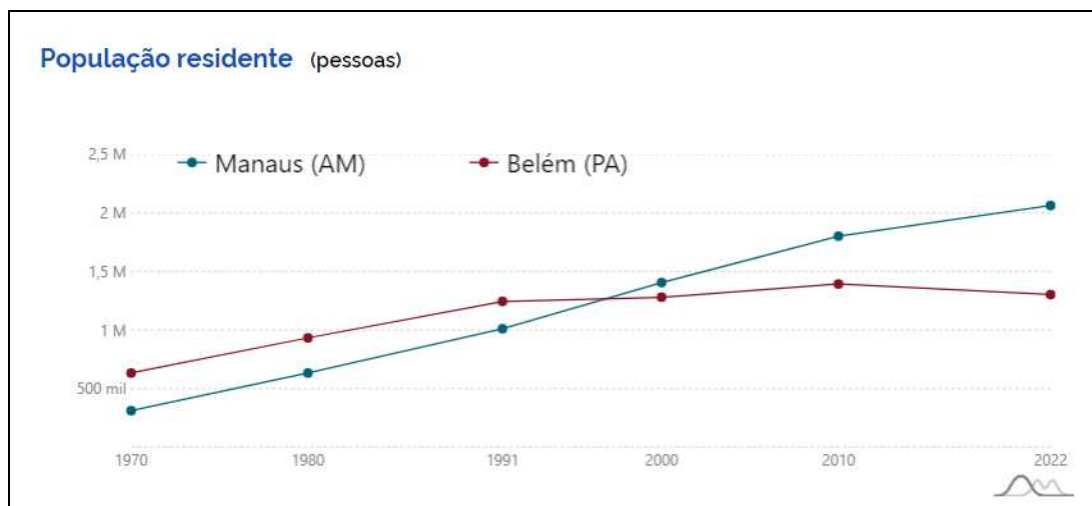
Gráfico 2 – Principais referências dos informantes nortistas quanto à percepção dos falares da Região Norte.



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

Os dados revelaram a interação entre *capital* e *interior* nos estados do Amazonas e do Pará, o que justifica as incidências do falar *manauara* e *belenense*, além das indicações para o *interior* da região, com a presença de *caboclos* amazonenses e *marajoara* paraenses. Tal fato demonstra a presença marcante da diversidade consequência do contexto histórico e cultural da região. Ao longo do século XX, o Brasil vivenciou um intenso desenvolvimento urbano. Em particular, a Região Amazônica, e consequentemente Manaus e Belém, recebeu um impulso significativo com a produção de borracha e demais atividades comerciais. O Gráfico 3 fornece uma visão de como as consequências de tais eventos influenciaram o crescimento demográfico das capitais do Norte, fundamentado nos dados extraídos do IBGE (2022).

Gráfico 3 – Crescimento Populacional das capitais: Manaus e Belém.



Fonte: Elaborado pela autora com dados do IBGE.

Ao observar o Gráfico 3, compreendemos a evolução populacional urbana (residentes) entre os anos de 1970 e 2022, tanto em Manaus-AM quanto em Belém-PA. De 1970 a 1991, constata-se um crescimento das linhas para ambas as capitais atingindo mais de 1 milhão de habitantes cada uma. Quanto ao segmento de Manaus-AM, observamos o contínuo crescimento populacional até o ano de 2022, registrando cerca de 2 milhões de habitantes, enquanto Belém-PA segue com equilíbrio populacional e certifica aproximadamente 1.400 mil habitantes. É preciso resgatar os marcos históricos que moldaram o progresso das capitais para compreender as informações dispostas no gráfico.

A partir de 1950, incentivos do governo foram aplicados para integrar a Região Norte à economia brasileira em geral, como a criação da Zona Franca de Manaus para dar suporte à industrialização, propondo livre comércio e incentivos fiscais, para atrair investimentos de empresas nacionais e internacionais; e garantir a ocupação do território – *Integrar para não Entregar*.

Belém do Pará, a partir do século XX, transformou-se em um centro urbano de referência na região, consolidando-a como um importante polo comercial e industrial. A modernização acelerou o processo de urbanização e a localização estratégica de Belém, próxima à foz do Rio Amazonas, impulsionou a economia ao facilitar o comércio e o transporte de mercadorias. A cidade, assim como Manaus, se beneficiou da exploração de recursos naturais como a borracha, o cacau e a madeira.

A propósito da variedade belenense, averiguamos nos dados do Quadro 3, que os traços linguísticos são marcantes para os próprios informantes paraenses de Almeirim, Bragança, Altamira, Marabá, Itaituba, Jacareacanga, Conceição do Araguaia; e tocaninense

de Natividade. As atitudes apontam para uma percepção que considera a fala da capital mais *prestigiosa* que a do interior.

Os autores Klein e Luna (2014) afirmam que, entre 1970 e 1980, a entrada do cultivo de soja e da pecuária no Norte foi responsável pelo aumento do número de trabalhadores na região. Além disso, essas atividades econômicas concentraram grandes populações próximas às duas principais cidades da região, Belém (PA) e Manaus (AM), sobretudo ao *milagre econômico*, que incorporou a transição geográfica intrarregional.

No que diz respeito às menções ao *interior do próprio Estado*, incluímos o *caboclo* por ser um termo amplamente utilizado na Amazônia brasileira como uma categoria de classificação social historicamente construída, esclarece Lima (1999). O termo também atende à definição do Dicionário Houaiss On-line, que o descreve como: 5. indivíduo (esp. habitante do sertão) com ascendência de índio e branco, que o estereótipo costuma descrever como desconfiado e retraído; 5.1 caipira, roceiro, matuto.

O *caboclo*, representante de uma identidade regional na Amazônia, tem sua variedade representada como parte integrante da diversidade linguística nos estados do Amazonas e Pará, apurado nos relatos dos informantes como *cabucão*.

(1) INF.- Ah, tem, tem uns que puxa muito o *cabucão*.

INQ. - Quem é o *cabucão*?

INF.- Não assim, o *caboclo* mesmo, do interior [Inf. 3/Humaitá-AM].

(2) INF. – Aqueles *cabucão* da fazenda do Marajó, né? costume chamar, falam muito errado, né? Então, por exemplo, a gente não consegue entender o que eles tão dizendo [Inf. 1/Soure-PA].

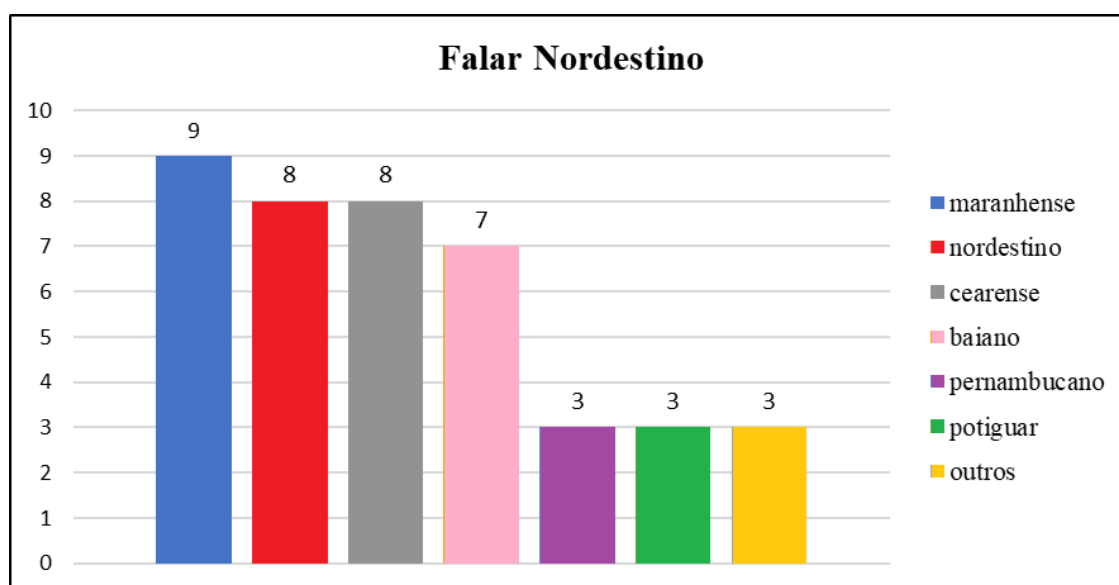
Nessa referência, o termo identifica uma categoria de pessoas que se encontra numa posição social inferior. Rodrigues (2012 [1933], p. 121) ressalta que o *caboclo*, antes de tudo, é uma categoria de alteridade, que fala sempre de um outro como uma categoria de representação. A autora e antropóloga explica que, no discurso coloquial, a definição de *caboclo* é complexa, ambígua e está associada a um estereótipo negativo. Além disso, é considerado sinônimo de indígena, camponês, habitante do interior, dependendo do contexto. Na atualidade predomina um sentido pejorativo, negativo.

As manifestações sobre o marajoara também foram consideradas parte do *interior do próprio Estado*, visto que os informantes são habitantes da Ilha do Marajó no Pará, onde se localiza o município de Soure, um dos pontos investigados. Estes carregam a herança de um passado cultural rico e refletem isso por meio da sua identidade e linguagem, valorizados pelos seus.

Apresentadas as percepções linguísticas mais evidentes manifestadas pelos próprios informantes nortistas, passamos a analisar as referências aos falares nordestinos.

NORDESTINO: Os dados do Projeto ALiB registraram 41 percepções (33%) relacionadas aos gentílicos da Região Nordeste, incluindo o próprio gentílico *nordestino*, elicitado por oito informantes. A diversidade linguística em destaque é o falar *maranhense* evidenciado por nove referências, as demais designam apenas o Estado: *cearense* (oito ocorrências), *baiano* (sete ocorrências); *pernambucano* (três ocorrências) e *potiguar* (três ocorrências). O Gráfico 4 mostra a frequência de cada percepção com mais de uma menção e as ocorrências únicas estão reunidas na coluna *outros* (*alagoano, paraibano e recifense*).

Gráfico 4 - Percepção dos informantes nortistas sobre os falares da Região Nordeste.



Fonte: A autora com os dados do Projeto ALiB.

Durante o século XX, a Região Nordeste experienciou três fases de deslocamentos populacionais, i) para a Amazônia em 1940 durante o segundo ciclo de exploração da borracha (já com reflexos do primeiro ciclo); ii) para os grandes centros urbanos do Sul e Sudeste de 1950 a 1970; e iii) para o Distrito Federal de 1950 a 1960. As Figuras 1, 2 e 3 da seção 3 desta tese ilustram os movimentos migratórios em estudo.

O Gráfico 4 retrata a primeira fase dos deslocamentos, no qual a Região Amazônica já tinha se beneficiado pela mão-de-obra nordestina durante o período de extração de látex. Nesse período, houve um inchaço demográfico direcionado às capitais Belém e Manaus. Explicam Trindade, Oliveira e Machado (2012, p. 20), com dados do IBGE, que “Belém, que tinha 50

mil habitantes em 1890, tem sua população quase que quadruplicada 20 anos depois; enquanto Manaus, no mesmo período, tem sua população aumentada de 38,7 mil para quase 65 mil habitantes”, na maioria cearenses que deixaram suas cidades devido à estiagem.

Com a retomada da extração de látex em 1942, o governo federal propõe uma política de incentivo à migração para suprir a necessidade de mão-de-obra da atividade extrativa da borracha. Nesse período, a região amazônica presenciou um notável crescimento demográfico devido à migração compulsória de indivíduos provenientes de diversas partes do Brasil. Durante a década de 1940, o Pará, por exemplo, teve sua população tão aumentada que ultrapassou um milhão de pessoas, chegando em 1950 com mais de 1,1 milhão de habitantes (TRINDADE, OLIVEIRA, MACHADO, 2012, p. 25-26).

Novamente, grande parte dos trabalhadores que se deslocaram para a região amazônica para servir de mão-de-obra no segundo ciclo de extração da borracha era de origem nordestina, cujos reflexos linguísticos podem ser verificados nos resultados.

Para facilitar a análise, uma vez que referências ao Sul (*sulista*) podem também incluir falares tanto do Rio de Janeiro como de São Paulo, tratamos conjuntamente as percepções manifestadas pelos informantes da Região Norte sobre os sulistas e sudestinos.

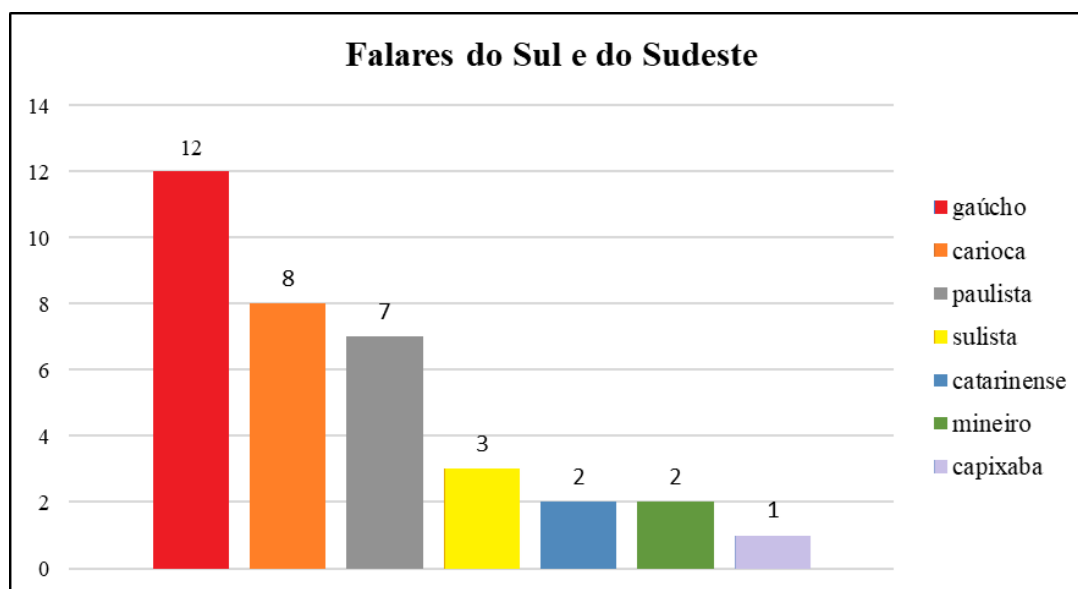
SULISTAS E SUDESTINOS: Quanto à referência a um falar *sulista*, entendemos que não se trata somente dos paranaenses, catarinenses e sul-rio-grandenses, mas, genericamente, também ao paulista e carioca. Acreditamos que essa denominação tenha surgido na segunda metade do século XX, quando nortistas e nordestinos migraram para o Sudeste, a maioria a trabalho, e para diferenciar a população local passaram a usar o termo *sulista*, em contraposição ao que é do Norte do Brasil.

Dos dados analisados, 28% deles correspondem aos falares *sulistas* e *sudestinos*, representando 36 ocorrências das percepções registradas. Somente o gentílico²⁷ *sulista* (quatro ocorrências) foi mencionado, indicando 9% do total das ocorrências para as duas regiões. As demais percepções correspondem aos Estados ou gentílicos: *gaúcho* (12 ocorrências), *carioca* (oito ocorrências), *paulista* (sete), *catarinense* (duas), *mineiro* (duas) e uma menção aos *capixabas*.

O Gráfico 5 mostra a frequência da percepção dos falares referentes às Regiões Sul e Sudeste.

27 Dicionário Houaiss On-line: Gentílico - 4 (1873) GRAM, LING diz-se de ou nome que designa o país, a **região**, o estado, a província, o condado, o município, a cidade, a povoação, ou afins, em que alguém nasceu, habita ou de onde procede; locativo; cf. etnônimo e nome pátrio (GENTÍLICO, In: Dicionário Houaiss [em linha], 2009, https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#11).

Gráfico 5 - Percepção dos informantes nortistas sobre os falares das Regiões Sul e Sudeste



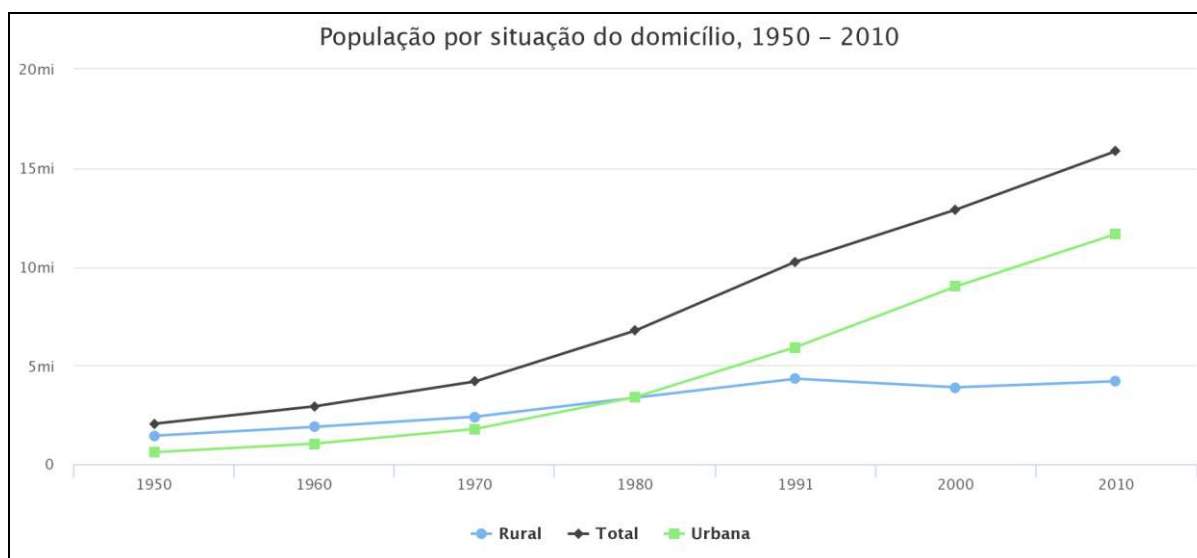
Fonte: Elaborado pela autora com dados do Projeto ALiB.

As percepções reunidas no Gráfico 5 remetem também ao processo migratório interno do século XX, mostram como os fluxos de deslocamentos inter e intrarregionais se realizaram. Nas décadas de 1950 a 1970, o Acre se tornou um destino muito procurado por gaúchos, paranaenses e catarinenses que buscavam oportunidades de adquirir terras a preços acessíveis.

No período compreendido entre os anos 1970 e 1980, observou-se um significativo fluxo migratório de indivíduos provenientes da Região Sul do Brasil em direção ao Norte, com destaque para o estado de Roraima. Essa movimentação populacional foi motivada, em grande parte, pelo interesse nos avanços tecnológicos alcançados no cultivo da soja, bem como pelo aumento das atividades pecuárias na região. Vale *et al.* (2004) destacam o papel essencial que os *gaúchos* desempenharam na ocupação das proximidades da Rodovia Transamazônica. Já na década de 1980, as atividades do *garimpo oficializado* foram um grande atrativo para trabalhadores brasileiros de vários pontos do país.

O Gráfico 6 fornece uma perspectiva censitária sobre a evolução das políticas de ocupação de terras na Região Norte, permitindo uma compreensão mais aprofundada de sua história.

Gráfico 6 – Distribuição da população residente na Região Norte no período entre 1950 e 2010.



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do IBGE (1950-2010).

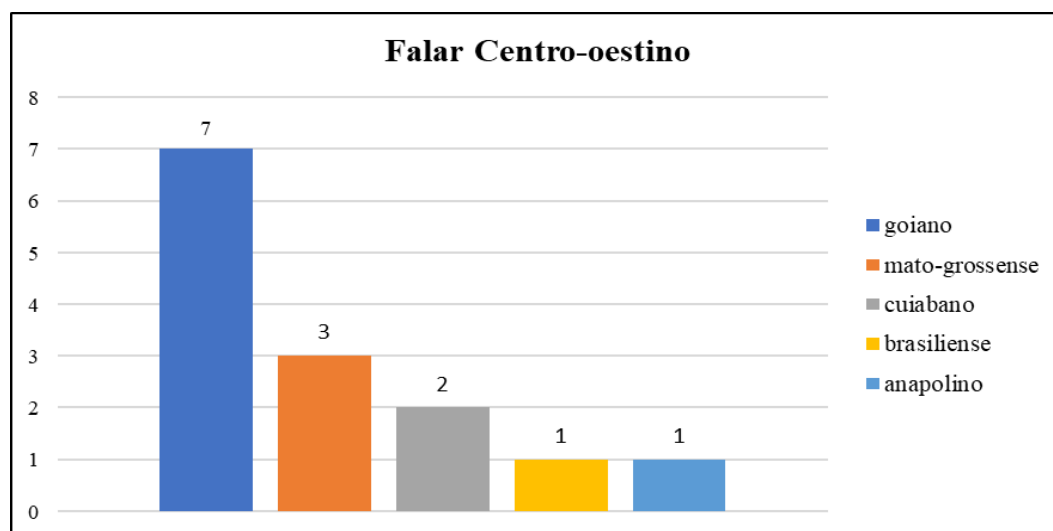
Por meio da análise do Gráfico 6 e do mapa da Figura 3, pode-se observar que tanto a população urbana quanto a rural iniciam um processo de crescimento especificamente após a década de 1960, considerando que a população rural do Norte passou em 1960 de 1.888.792 para 4.325.699 em 1980 (IBGE, 2010). O Governo Federal estrategicamente aproveitou os migrantes para modernizar os agricultores e formar a fronteira agrícola brasileira, principalmente os que saíram do Sul, pois foram os responsáveis pela modernização das técnicas agrárias para produção de grãos em larga escala e para exportação.

Acreditamos que estes sejam os motivos para as referências a falares sulistas como diferentes, na percepção dos informantes do Norte.

Para finalizar a análise por regiões, discutimos as percepções manifestadas acerca dos falares do Centro-Oeste.

CENTRO-OESTINO: Apesar de não haver referências ao gentílico *centro-oestino*, 14 ocorrências (10%) se referem aos falantes de alguma localidade dessa região. As percepções correspondentes à fala *goiana* expressam o total de sete indicações, correspondendo a 50% das referências da diversidade regional. As demais menções, dizem respeito ao Estado: *mato-grossense* (três ocorrências); às capitais: *cuiabana* (duas), *brasiliense* (uma); e ao município goiano: *anapolino* (apenas uma referência). O Gráfico 7 mostra a frequência das percepções sobre a Região Centro-Oeste.

Gráfico 7 - Percepção dos falantes nortistas sobre os falares da Região Centro-Oeste.



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

As reflexões de Oliveira (2011) a respeito das movimentações populacionais registradas pelo IBGE indicam que os Estados de Mato Grosso e Goiás eram áreas de baixa e média absorção migratória, respectivamente. Aproximadamente 2/3 dos migrantes de Mato Grosso tiveram origem em cinco estados e o Paraná foi responsável por 17% desses migrantes, possivelmente devido à ociosidade dos fluxos gerados durante a expansão da fronteira agrícola. Ao mesmo tempo, os Estados de Mato Grosso do Sul (13%), Rondônia (12%), São Paulo (12%) e Goiás (11%) também o foram. Goiás mostrou-se como um dos principais destinos para migrantes de estados mais distantes, como Tocantins, Maranhão, Pará, Piauí, além da Bahia, Minas Gerais, São Paulo e o Distrito Federal.

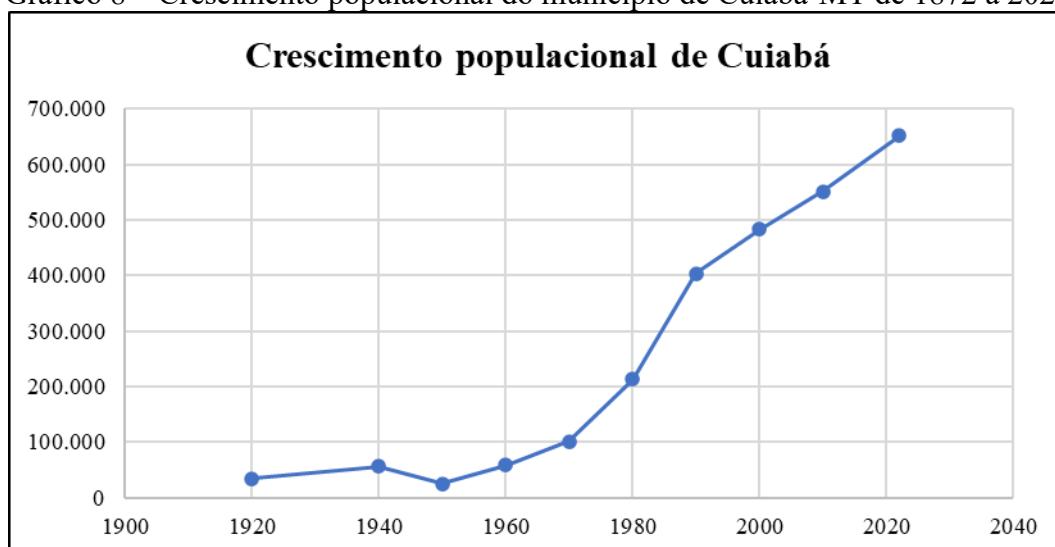
Além do processo migratório, associamos as referências ao falar centro-oestino (nove ocorrências) com a construção de Brasília, iniciada em 1956. A concretização deste projeto foi um desafio logístico e de engenharia, com a necessidade de transportar materiais e mão de obra para uma região quase inabitada. Com a intenção de integrar o território brasileiro por meio de uma nova capital federal, a construção de Brasília influenciou significativamente o desenvolvimento e crescimento regional devido à expansão da cidade para os municípios goianos do entorno.

O desenvolvimento e povoamento do Estado de Goiás no século XIX foi intensificado a partir da mudança da capital para Goiânia, na década de 1930, e com a construção de Brasília, em 1960. De acordo com Oliveira (2011), Goiânia e Brasília reestruturaram o sistema urbano brasileiro, criando um arranjo espacial no Centro-Oeste do país, ao longo dos

anos 2000 a 2010. Junto à Brasília, Goiânia se tornou uma aglomeração urbana dinâmica e polo de relações comerciais da região.

Os falares do Mato Grosso (três ocorrências) e de sua capital Cuiabá (duas ocorrências) tiveram lugar nas lembranças dos informantes, registrando importante participação no movimento migratório, o político no desenvolvimento regional e aceleraram o processo de urbanização em Cuiabá. Os reflexos da política no Governo de Getúlio Vargas dos anos de 1930, a Marcha para o Oeste, são verificados nas taxas de crescimento populacional registradas nos censos do IBGE, como se vê no Gráfico 8.

Gráfico 8 – Crescimento populacional do município de Cuiabá-MT de 1872 a 2022



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do IBGE (1872-2022).

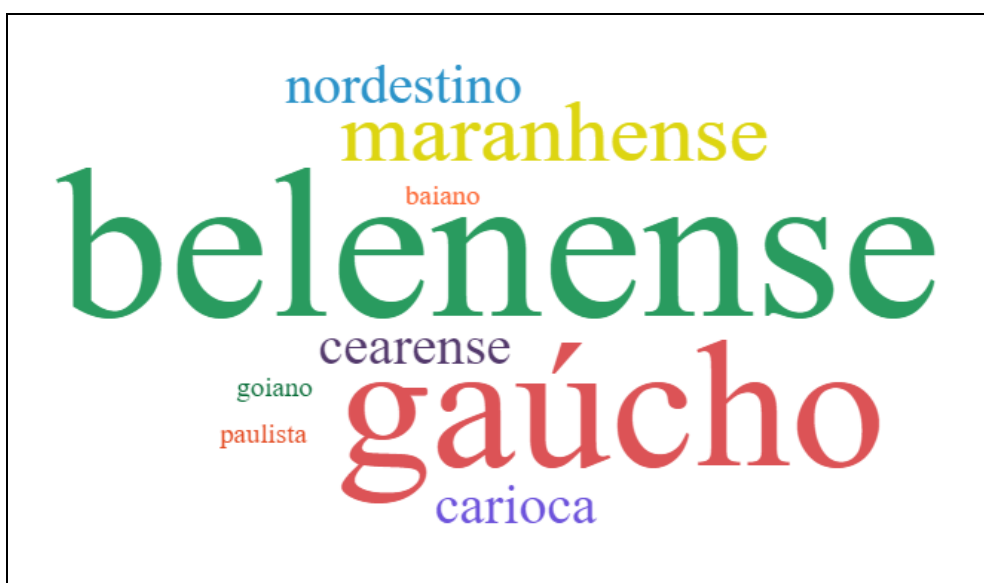
Após um período de estagnação, a década de 1940 registra um crescimento satisfatório (67,50%), porém a explosão no crescimento deu-se depois da década de 1950, com a transferência da Capital Federal e o programa de povoamento do interior do país. A partir dos anos de 1960, um fluxo de migrantes começou a se dirigir para o estado, especialmente nas décadas de 1970 (74,30%) e 1980 (111,10%). Os registros do IBGE revelam uma diminuição gradual, porém constante, no ritmo de crescimento do município. A capital passou de 402.813 habitantes em 1990 para 650.912 em 2022 (IBGE, 2022).

A ocupação de Goiás, o garimpo e a Marcha para o Oeste estabelecem laços com as cidades do interior, como Anápolis. A cidade goiana está localizada a cerca de 60 km da capital, apesar de sua discreta (uma ocorrência) presença nos resultados, associa sua história aos principais cursos de água que cortam a região - João Cezário, Góis e Antas. Estes rios tiveram importância no transporte de garimpeiros para descanso ou como referência para viagens e, em seguida, para o extrativismo e na instalação de povoados em suas margens. Esta

série de eventos históricos contribuíram para a difusão de diversas variedades pelo território nacional.

Para uma visão geral das variedades na fala dos informantes da Região Norte, elaboramos uma síntese em forma de *nuvem de palavras* contendo as dez mais recorrentes apontadas nos resultados. Esta ferramenta é uma representação visual das variedades mencionadas em que as mais relevantes são exibidas em tamanho maior, seguindo a quantidade de menções dadas, e as menos relevantes, proporcionalmente, em tamanho menor.

Figura 8 - Variedades mais lembradas pelos nortistas em nuvem de palavras.



Fonte: Elaborado pela autora com dados do Projeto ALiB.

As variedades manifestadas pelos informantes do interior da Região Norte apresentam conexão com os fluxos populacionais internos do Brasil ao longo do século passado. Tal afirmação encontra respaldo tanto nos dados fornecidos pelo IBGE quanto em renomados estudiosos da história nacional²⁸. Dessa forma, as idas e vindas dos trabalhadores sustentaram a diversidade linguística presente nas percepções desses informantes.

Na sequência, tratamos das referências linguísticas quanto ao *sotaque* e aos *adjetivos*, conforme percebidas pelos falantes da Região Norte.

²⁸ Caracterização do *lôcus* da pesquisa, p. 57.

5.2.3 Referências Linguísticas: *os sotaques*

Ao analisar os dados, verificamos que muitas explicações sobre as diferenças entre as variedades eram causadas pelo sotaque ou alguma outra característica genérica sobre a fala. Por isso, organizamos esta seção para descrever *sotaques* e *adjetivos* como elementos qualificadores para separar as variedades.

Caldas Aulete (2008) define sotaque como: 1. Ling. Pronúncia típica de uma pessoa, grupo, região, país etc.; 2. Tom ou inflexão particular de cada indivíduo, de cada província ou de cada nação. Sob a perspectiva de Caldas Aulete (2008) e Basso (2009), consideramos sotaque como a referência prosódica, da mesma forma como demonstraram os informantes quanto ao uso do termo para caracterizar diferenças de fala.

A partir da identificação das variedades e a evidência de marcas dialetais reportadas nas entrevistas, foi possível elencar percepções sobre as diferentes falas abrangendo aspectos prosódicos, fonéticos-fonológicos, semânticos-lexicais, morfossintáticos e culturais. Das referências linguísticas encontradas na amostra, a que mais se destaca é o *sotaque*, referida por informantes dos seis Estados da Região Norte, conforme demonstramos no Quadro 4.

Quadro 4 – Percepção de nortistas das variedades com base no sotaque

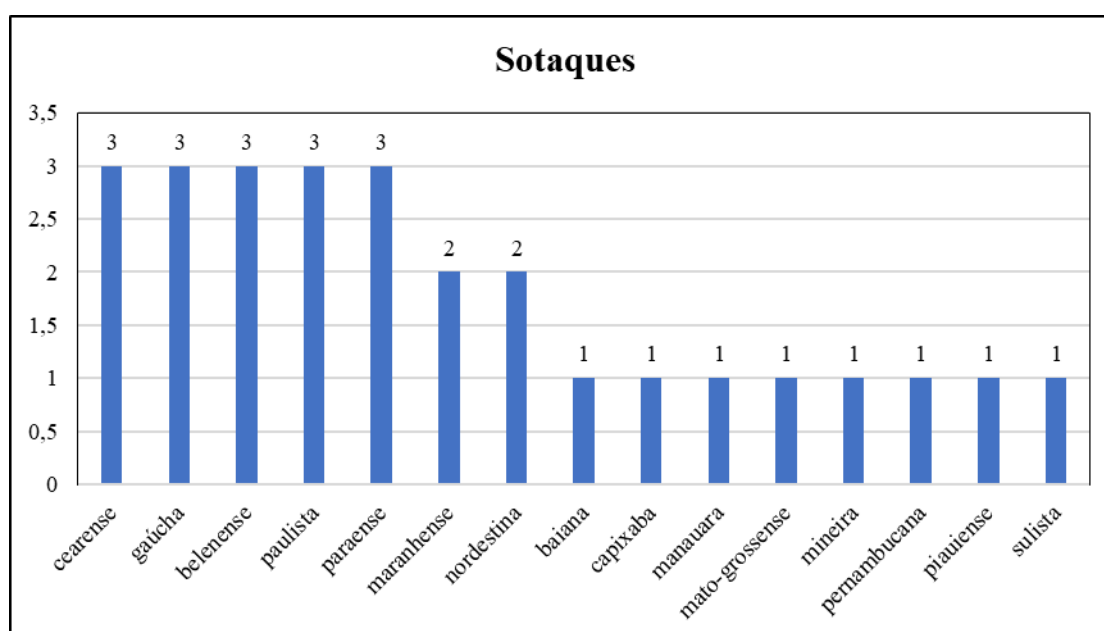
Variedades com sotaque	Informante	Localidade
Gaúcho	2	São Gabriel da Cachoeira-AM
	3	São Gabriel da Cachoeira-AM
	3	Cruzeiro do Sul-AC
Cearense	4	Tefé-AM
	2	Marabá-PA
	2	Itaituba-PA
Belenense	1	Altamira-PA
	1	Itaituba-PA
	2	Almeirim-PA
Paulista	1	Oiapoque-AP
	2	Almeirim-PA
	2	Itaituba-PA
Paraense	3	Soure-PA
	2	Bragança-PA
	3	Bragança-PA
Maranhense	1	Oiapoque-AP
	2	Itaituba-PA
Nordestino	3	Óbidos-PA
	3	Natividade-TO

Capixaba	3	São Gabriel da Cachoeira-AM
Sulista	4	Altamira-PA
Manauara	2	Marabá-PA
Pernambucano	2	Itaituba-PA
Piauiense	2	Itaituba-PA
Mineiro	3	Cruzeiro do Sul-AC
Mato-grossense	3	Guajará-Mirim-RO
Baiano	3	Natividade-TO

Fonte: Elaborado pela autora com dados do Projeto ALiB.

O Quadro 4 mostra 27 referências de 18 informantes, que representam aproximadamente 25% dos entrevistados do interior da Região Norte, sinalizando 27 ocorrências para 15 variedades diferentes que se reconhecem pelo *sotaque*. O Gráfico 9 ilustra as variedades evidenciadas pelo seu *sotaque* apontadas nas respostas dos informantes nortistas.

Gráfico 9 – Variedades com *sotaque* destacadas pelos informantes do Norte.



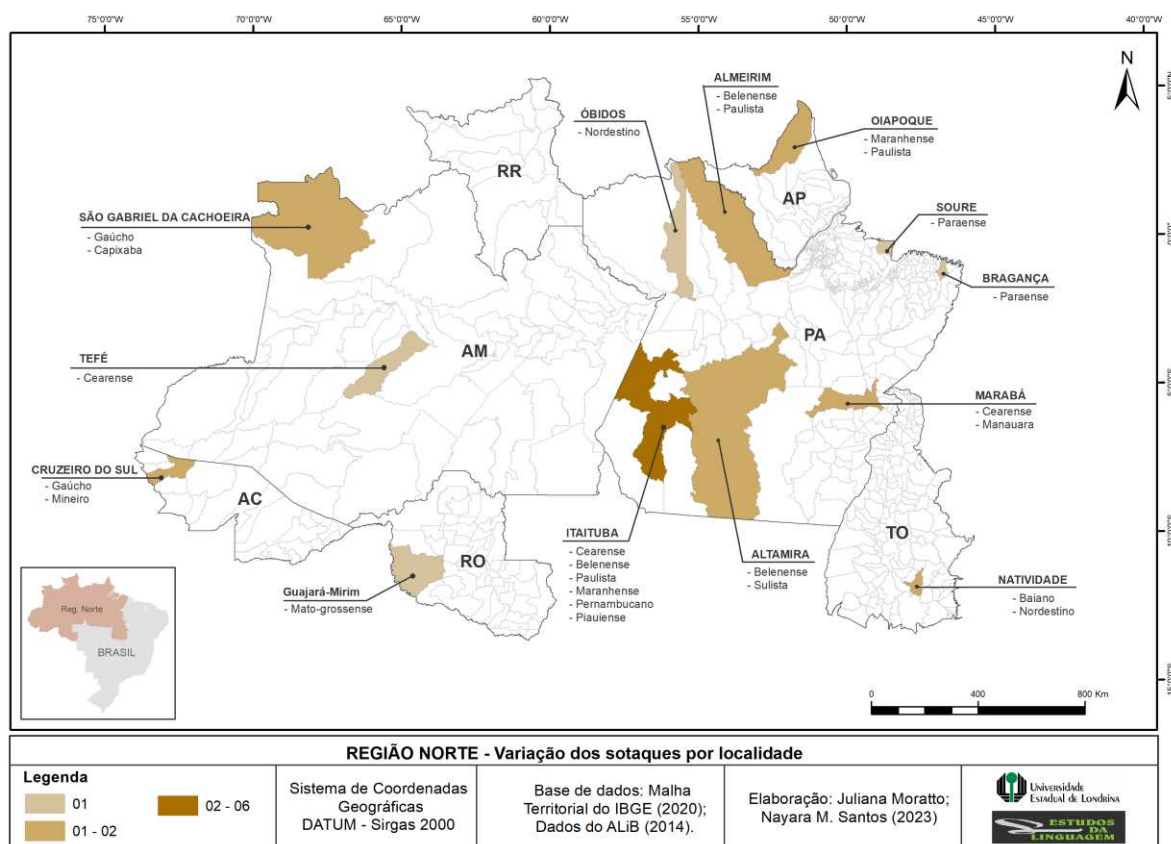
Fonte: Elaborado pela autora com dados do Projeto ALiB.

Os dados do Gráfico 9 apontam para variedades distribuídas nas Regiões Norte (*paraense, belenense e manauara*); Região Nordeste (*baiana, cearense, nordestina, maranhense, pernambucana e piauiense*); Região Sul (*sulista e gaúcho*) e Região Centro-Oeste (*capixaba, mineira, paulista e mato-grossense*).

Grosso modo, nordestinos e sulistas em geral, participaram dos principais deslocamentos em direção à Amazônia, em busca de atividades de mineração e extração da borracha. Posto isto, toda a Região Norte experienciou um progresso ligado ao 1º e 2º Ciclos da Borracha, principalmente o Estado do Pará, ao passar por um processo de modernização urbana que trouxe grandes obras de infraestrutura a Belém, devido à sua localização estratégica e às facilidades para escoar a produção.

A análise dos resultados permitiu que os dados sejam apresentados em forma de cartas experimentais. A carta, a seguir, expõe a variação de *sotaque* segundo as percepções varietais dos inquiridos do interior da Região Norte, conforme a disposição do Quadro 4.

Carta 1 – Variedades de *sotaque* manifestadas pelos informante da Região Norte



Fonte: Elaborada por Moratto e Santos (ad hoc) com os dados do Projeto ALiB.

A Carta 1 apresenta o sotaque de 15 variedades encontradas nos resultados das entrevistas, distribuídas em 13 localidades interioranas da Região Norte. O município de Itaituba-PA aparece com seis manifestações de variedades com sotaque (cearense, belenense, paulista, maranhense, pernambucano e piauiense). Com duas indicações estão Altamira-PA (belenense e sulista); Almeirim-PA (belenense e paulista); Cruzeiro do Sul-AC (gaúcho e mineiro); Marabá-PA (cearense e manauara); Natividade-TO (baiana e nordestina); Oiapoque-AP (maranhense e paulista) e São Gabriel da Cachoeira-AM (capixaba e gaúcha). As localidades de Bragança-PA (paraense); Guajará-Mirim (mato-grossense); Óbidos-PA (nordestino); Soure-PA (paraense) e Tefé-AM (cearense) registraram apenas uma variedade em cada uma. Dada a representação cartográfica, passamos à análise dos excertos.

Os excertos selecionados mostram evidências das repercussões que todo o contexto histórico reverbera em cada região brasileira, resultando em diferentes interpretações de *sotaque*, como salienta o excerto (3):

(3) INQ. - E você acha que em outros lugares falam diferente daqui?

INF. – Ah! pelo menos quando chegam, assim, a gente conhece pelo *sotaque*: Esse cara não é daqui! [Inf. 1/Óbidos-PA].

Para analisar o pensamento expresso pelo informante da faixa I de Óbidos-PA, buscamos, na história local, elementos para validar sua percepção e a relação do desenvolvimento das capitais para a chegada de pessoal. Em 1960, o governo de Juscelino Kubitschek construiu a rodovia Belém-Brasília, alterando a configuração dos transportes no Pará e na Amazônia, passando de fluvial para rodoviário. Assim, as capitais Belém e Manaus se converteram em grandes centros comerciais e econômicos do Norte, registrando, por meio dos seus sotaques, o prestígio da sua história pelos entrevistados.

As referências aos sotaques dos estados da Região Nordeste registraram as marcas da migração nordestina para a Região Norte, na qual a Amazônia foi o principal destino para aqueles que buscavam trabalho, oportunidades ou fugiam da seca. Principalmente entre os anos de 1960 e 1970, projetos como a construção da Rodovia Transamazônica e a Belém-Brasília impulsionaram o fluxo migratório para o Norte. O excerto (4) ilustra nossa assertiva:

(4) INF. - Tem, tem vários *sotaques*. Em Itaituba tem muitas pessoas de outros estados, Maranhão, Piauí, Ceará, Pernambuco, são paulino, (...) então, existem vários *sotaques* no nosso Itaituba [Inf. 3/Itaituba-PA].

Ao analisar as manifestações sobre o sotaque da Região Sul, destacamos referências ao *paulista* e ao *gaúcho* por apresentarem perspectivas diferentes, dado que um estado recebeu muitos migrantes e o outro destinou parte de seus habitantes para o Norte. O excerto (5) registra a presença de paulistas no Amapá:

(5) INF.- As mulheres dos sargentos, né! essas *paulistas* que vem daí.
 INQ.- Ah, elas falavam assim?
 INF.- Mas muda o *sotaque*, muda muito [Inf. 1/Oiapoque-AP].

Mesmo que os dados não evidenciem a grande quantidade de paulistas no Norte, houve várias ocorrências referentes à variedade²⁹. Pelo relato do informante da faixa I do Oiapoque-AP, verificamos a necessidade de oficiais destacados para prestar serviços temporariamente e, conseqüentemente, de outros profissionais para lidar com a nova realidade que emergiu da modernização e da urbanização dos espaços.

A migração dos gaúchos para o Norte teve início no final do século XIX e início do século XX, época em que o Rio Grande do Sul passava por um período de transformações econômicas e sociais, com a expansão da pecuária, a chegada de imigrantes europeus e com a formação de áreas de colonização alemã e italiana através de pequenas propriedades agrícolas. Logo, a multiplicação dessas famílias resultou na falta de terras, levando a nova geração dos imigrantes a cruzarem a fronteira gaúcha para colonizar os estados de Santa Catarina e do Paraná. Alguns, até o Mato Grosso, e depois Goiás, oeste baiano, Maranhão, Acre, Pará, Rondônia, Roraima, e por todo o Brasil (VALE *et al.*, 2004).

No Norte, os gaúchos encontraram oportunidades na agropecuária e na ocupação da fronteira agrícola, especialmente na região amazônica (São Gabriel da Cachoeira-AM e Cruzeiro do Sul-AC), influenciando o ambiente social, moldando as identidades regionais e linguísticas, além de levar as técnicas aprendidas com os europeus de cultivo da terra.

Pelo excerto (6), atentamos que informante em Cruzeiro do Sul-AC, cidade localizada a mais de 600 km da capital Rio Branco no noroeste do Acre, observou o sotaque gaúcho.

(6) INF.- O gaúcho tem aquele *sotaque*, né! [Inf. 3/Cruzeiro do Sul-AC].

O depoimento do informante 3 de São Gabriel da Cachoeira, no trecho (7), mostra a sua impressão sobre a realidade populacional da localidade em que vive:

(7) INF.- O *sotaque*, sei lá. O gaúcho tem o “tchê” (...)
 INQ.- O senhor conhece bastante gente de outros estados?

²⁹ Consultar Quadro 5.

INF.- Aqui 90% são de outros estados [Inf. 3/São Gabriel da Cachoeira-AM].

As falas dos informantes nos excertos (6) e (7) refletem o processo histórico, pois constata a presença do gaúcho em suas localidades, tanto no Amazonas quanto no Acre, junto a pessoas vindas de outros estados, como relata o informante da faixa II de São Gabriel da Cachoeira-AM. A estimativa do elevado percentual de exógenos em São Gabriel da Cachoeira, pelo informante 3, pode estar relacionada à presença ostensiva desses migrantes nos vários pontos da escala social, sem que isso expresse a realidade numérica oficial.

Identificamos referências ao sotaque que indicam diferentes percepções que, ao serem analisadas, revelam observações pessoais que se entrelaçam com a realidade linguística local. Ilustramos com as falas dos informantes de acordo com os trechos de (8) a (11):

(8) INF. – Assim que tô falando, né! que aqui, em Soure é um *sotaque*; outro de lá, já é outro, mas é a mesma língua [Inf. 3/Soure-PA].

(9) INF. – Mas pra mim, eu acho que em cada cidade, assim, algumas pessoas têm o *sotaque* diferente, né! [Inf. 1/Almeirim-PA].

(10) INF. – Pelo *sotaque*... pela maneira de falar da pessoa, a gente sabe que aquela pessoa não é do local da cidade da gente [Inf. 1/Altamira-PA].

(11) INF.- É, fala diferente quando chega esses pessoal de fora: caminhoneiro, os que... caminhoneiros são os que mais falam o *sotaque* diferente (...) De fora mesmo. E agora tem muitos professores que tão vindo, aí tem muitas pessoa que estranha: “Ah, aquele médico fala ruim, né?”, “aquele doutor...”, por exemplo, Porto Velho mesmo, Porto Velho você chega, tem muitos médicos que são de outros lugares do Brasil, puxam um *sotaque* diferente... [Inf. 3/Guajará-Mirim-RO].

Os excertos de (8) a (10) abordam referências sobre a diversidade utilizando o sotaque local como ponto de partida para destacar as diferenças em relação aos demais. Essa é uma estratégia que fortalece as identidades locais e externas, reflexo das atividades migratórias sustentado na fala dos inquiridos.

Registra o informante da faixa II de Guajará-Mirim-RO, trecho (11), o sotaque do *pessoal de fora* é refletido pela fala dos profissionais de diferentes áreas de prestação de serviço (caminhoneiros, professores e médicos). Os médicos que atuam em Porto Velho-RO vêm de diferentes partes do Brasil, centro desenvolvido e moderno para atender também à população do interior do estado, conseqüentemente, promovem conexões linguísticas que, neste caso, receberam avaliação negativa - “*ruim*”.

5.2.4 Referências Linguísticas: *adjetivação*

Quanto a outros aspectos de diferenciação das falas, reunimos no Quadro 5 as adjetivações relativas às variedades mais recorrentes.

Quadro 5 – Adjetivos atribuídos pelos informantes da Região Norte às variedades percebidas

Adjetivo	Variedade	Informantes
arrastado puxado no R embolado	gaúcha	3/Jacareacanga-PA; 3/Benjamim Constant-AM; 1/Pedro Afonso-TO
	goiana	1/Altamira-PA; 2/Natividade-TO; 4/Natividade-TO
	cearense	3/Tefê-AM; 2/Benjamim Constant-AM; 3/Altamira-PA
	nordestina	4/Soure-PA
	carioca	4/Tefê-AM
	sulista	4/Pedro Afonso-TO
	catarinense	1/Jacareacanga-PA
Chiado/puxado no /s/	belenense	4/Conceição do Araguaia-PA; 4/Marabá-PA; 2/Almeirim-PA; 2/Bragança-PA
	manauara	4/Cruzeiro do Sul-AC; 4/Almeirim-PA
	recifense	1/Benjamim Constant-AM
	paraense	1/Pedro Afonso-TO; 3/Altamira-PA
	carioca	4/Oiapoque-AP; 3/Itaituba-PA
	catarinense	3/Conceição do Araguaia-PA
engraçado	mineiro	2/Bragança-PA
	baiano	3/Pedro Afonso-TO
	carioca	4/Tefê-AM
	gaúcho	2/Pedro Afonso-TO
esquisito/estranho	maranhense	1/Oiapoque-AP
	recifense	1/Benjamim Constant-AM
	alagoano	1/Pedro Afonso-TO
errado	nordestino	1/Guajará-Mirim-RO
	paraense	2/Almeirim-PA
feio	sulista	1/Guajará-Mirim-RO
	cametaense	4/Soure-PA
certo	belenense	2/Jacareacanga-PA
educado	brasiliense	1/Soure-PA
enrolado	catarinense	3/Conceição do Araguaia-PA
claro	maranhense	3/Conceição do Araguaia-PA
apressado	baiano	4/Marabá-PA

Fonte: Elaborado pela autora com dados do Projeto ALiB.

Ao observar os comentários, optamos por agrupar alguns adjetivos considerados como equivalentes na percepção dos falantes, tais como: *arrastado*, *puxado*, *puxado no R*, *R forte* e *embolado* como **arrastado**; *chiado*, *chiante* e *puxado no /s/*, como **chiado**; *estranho* e *esquisito*, como *esquisito*. As demais adjetivações serão tratadas separadamente.

5.2.4.1 Variantes *róticas* na percepção dos falantes nortistas

A propósito da variedade catarinense referida pelo Informante 1 de Jacareacanga, a percepção do R *puxado* está atrelada à realização do rótico em coda silábica como retroflexa, conforme consta do excerto 12:

- (12) INF. - O pessoal de Santa Catarina fala diferente daqui.
 INQ. - O que você percebe de diferente?
 INF. - No *puxar do R*, puxa mais o R do que aqui.
 INQ. - Dá um exemplo.
 INF. - É co[ɾ]da, co[ɾ]dão.
 INQ. - Aqui como que se fala?
 INF. - É co[h]da, por[h]ta, eles chamam po[ɾ]ta; co[h]dão eles chamam co[ɾ]dão Sempre eles puxa mais o R [Inf. 1/Jacareacanga-PA].

A percepção fonética do rótico retroflexo em coda interna, na fala catarinense, nos exemplos *corda*, *cordão* e *porta*, excerto (12), comparados com os dados registrados em Santa Catarina pelo ALERS mostram duas direções: (i) na carta 49 (gordura), é categórico o uso do tepe em 77 dos 80 pontos do inquérito; apenas em três delas (433-Chapecó, 464-Porto União e 475-São Bento do Sul), ou seja, em menos de 4% das localidades, o [ɾ] está presente; (ii) nas cartas 50 (corta) e 51 (corda), porém, há uma distribuição maior do retroflexo, representando 27,5% e 28,8% respectivamente. Os dados parecem indicar que a extensão da palavra (dissílaba), a tonicidade da sílaba (tônica) e a vogal média aberta [ɔ] são variáveis que favorecem a retroflexão do rótico.

Quanto aos dados da carta F04 C 6 do ALiB, referentes às capitais, observa-se que a fricativa glotal em Florianópolis é, praticamente, categórica (entre 76% e 98%). Embora pouco frequentes, outras variantes róticas (fricativa velar, vibrante retroflexa e tepe) estão presentes (entre 1% a 25%) na fala dos florianopolitanos investigados.

Sobre a percepção dos róticos como *arrastado* ou *puxado*, buscamos também na carta F04 C6 do ALiB, com dados das capitais sobre o rótico em coda, as variedades mais recorrentes no Português do Brasil. Em coda silábica interna, o ALiB registrou quatro róticos:

o *glotal*, predominante nas capitais do Norte e do Nordeste; em Belo Horizonte e Vitória, no Sudeste e em Florianópolis, no Sul; o *velar*, no Rio de Janeiro; o *retroflexo*, em Campo Grande e Cuiabá, no Centro-Oeste; e o *tepe*, em Porto Alegre. Em Curitiba e São Paulo, o *tepe* concorre com o *retroflexo*; em Goiânia, o *glotal* e o *retroflexo* estão em disputa. Essas diferenças estão respaldadas nas percepções dos falantes, como observamos nos trechos (13) e (14):

(13) INQ. – Tem muito gaúcho que veio pra cá, a senhora percebe diferença na fala deles? (...)

INF. – É na voz também. O modo de falar. É po[r]ta, fala *mais com R* eles, né? [Inf. 3/Jacareacanga-PA].

(14) E os gaúchos que falam, que nem eu falei, *portão, portão*. Falam assim, meio embolado [Inf. 3/Benjamin Constant-AM].

Os informantes tocantinense, paraense e amazonense apresentaram a mesma percepção: a pronúncia do *tepe* em coda interna na fala gaúcha, a exemplo da palavra po[r]ta, que dá a sensação da fala *puxada* e *embolada* na percepção de um usuário da *glotal*. Para validar as assertivas desses informantes, encontramos no ALERS, na carta 38.a (corta), a distribuição de cinco variantes do R em coda silábica, mostrando o predomínio da alveolar em 90% do Estado do Rio Grande do Sul.

Na percepção desses falantes nortistas, o diferente na fala gaúcha gera uma atitude de estranhamento que pode evoluir para a antipatia. Nas palavras de Allport (1954), o estereótipo legítima frequentemente uma antipatia preexistente e por esta razão, intervém diretamente na construção da identidade social, assim como aparece no excerto (16) no qual os *gaúchos* falam meio *embolado*. Para a Psicologia Social, a identidade de um indivíduo se define não só por sua personalidade, mas também em termos de pertencimento de grupo. Rótulos usados para denominar a fala do outro como *esquisito*, *estranho* e similares são considerados como diferentes ou desconhecidos, portanto alheios à identidade do grupo autóctone.

Os elementos que caracterizam a variedade goiana como *puxada* dizem respeito, também, à pronúncia dos róticos, conforme os excertos abaixo:

(15) INQ. - E fora daqui, tem gente que fala diferente?

INF. - Tem por que ele é, ele era..., eles são goianos, né? Aí ele fala ve[t]de não fala ve[h]de direito, meu nome é *Odair*, ele chamava *Aldai*[t] não sei o quê, *puxando sempre o R* e assim... porta ele não falava o nome porta, porta mesmo, era puxando o nome po[r]ta e outros nomes eles... [Inf. 1/Altamira-PA].

(16) INQ. – Lá em Goiás fala diferente? Você acha?

INF. – Falam, que eles *puxam* o R, a gente *não puxa* [Inf. 2/ Natividade-TO].

(17) INF.- No Goiás, eles falam um pouquinho diferente, porque eles *puxam mais o R*. É, assim, come[ɾ], canta[ɾ]. [Inf. 4/Natividade-TO].

Os excertos (15), (16) e (17) apontam o *retroflexo* na variedade goiana, em coda medial ou final, e se confrontam com o rótico predominante no Pará, a *fricativa glotal*. Estudos diversos, tais como os de Amaral (1920), Silva e Aguilera (2014); Castro; Kailer (2014, 2022); Silva (2016), comprovam a irradiação do retroflexo ou *r caipira* pelo Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais. A percepção da informante da faixa II de Natividade-TO considera o rótico externo dos verbos *comer* e *cantar*, como *fricativa velar*. A carta F04 C 3 do ALiB registra para a capital Goiânia-GO a frequência entre 51% e 75% para a fricativa velar e entre 26% e 50% para retroflexa vibrante. O retroflexo deve ter chamado mais a atenção dos falantes (excertos 15 a 17), legitimando o *puxado* goiano presente na fala de uma parcela significativa de usuários do retroflexo em coda externa de verbos.

A pronúncia *puxada* e *arrastada* do R reconhecida na fala cearense diz respeito a outro fenômeno fonético: trata-se da *fricatização*, ou seja, a troca de [v], [z] e [ʒ] por [ɦ].

(18) INF.- Meu pai era filho de cearense, sempre o cearense *puxa* mais pro R né! [...] é sempre assim, eles falam, né! [Inf. 3/Tefé-AM].

(19) INF.- Que nem no Ceará, as pessoas falam meio *arrastado*, assim [Inf. 2/Benjamin Constant-AM].

(20) INF. – Olha, esses nordestinos, tem aquele ...é uma coisa assim... *arrastado*, a gente vê que não é do lugar [Inf. 4/Soure-PA].

(21) INF. – Exemplo... eu conheço uma história... do cearense, né? Que cearense diz que tem costume de trocar o [v] pelo [ɦ]. Aí diz que... cearense contou diz que: Má rapaz, eu [ɦ]inha [ɦ]indo ali, que seria eu vinha vindo, né? Eu [ɦ]inha [ɦ]indo ali e aí [ɦ]i que a [ɦ]aca [ɦ]inha correno atra[ɦ] do ca[ɦ]alo. Aí, ele [ɦ]inha um atra[ɦ] do otu e [ɦ]inha [ɦ]indo, [ɦ]inha [ɦ]indo, aí [ɦ]araro³⁰ a cerca e caíru us dois no buraco [Inf. 3/Altamira-PA].

(22) INF. – Se eu falar com algum cearense, ele já vai falar meio *arrastado*, né: on siô [ɦaj] (aonde o senhor vai?), quase assim [Inf. 3/Soure-PA].

Os depoimentos dos amazonenses e paraenses, sobretudo acerca do falar cearense *arrastado*, excertos (18) a (22), referem-se à *fricatização*, isto é, ao uso da fricativa glotal [ɦ] no lugar das fricativas sonoras [v], [z] e [ʒ], confirmando a definição de Roncarati e Uchoa (2014, p. 12), nos seguintes termos:

³⁰ Referente ao verbo varar: “vararam a cerca”.

O som enfraquecido que se ouve em lugar de /v/, /z/ e /ʒ/ pode ser geralmente transcrito como [h̥], fazendo parte de uma família de sons que tem, na fala cearense, membros como [h], [χ], [ʁ], [x] e [ɣ]. Em outras palavras, o segmento em questão, semelhantemente ao grafado por rr ou r inicial de palavra, pode ser realizado em forma de fricativa surda ou sonora produzida em uma região que compreende o véu palatino (como em porta [ˈpɔxtə]), a úvula (como em gordo [ˈgoʁdu]) e a glote (glotal, como em rádio [ˈfɔdʒu]).

O falar carioca *puxado* e *engraçado* pode ser atribuído à realização do rótico velar em início de sílaba (ataque). Nas palavras da informante da faixa II de Tefé-AM, no trecho (23), temos:

(23) INF.- Cada país tem sua... estado tem a sua, porque no Rio de Janeiro, eles falam muito *engraçado*, né! (...) Por exemplo fazer, o R eles chamam muito pelo R, eles *puxam* muito assim pelo R, né! Falam te[x]a, eles falam assim o te[x]a, sei lá com é, né! [Inf. 4/Tefé-AM].

A informante da faixa II de Tefé-AM tem a percepção voltada para o *puxado* carioca devido à realização do rótico na posição de ataque, em *terra* que se comporta como uma fricativa velar [ˈtɛxa] ao contrário da fricativa glotal predominante na fala amazonense.

A análise da carta 52 (morreu) do ALAM revela uma perspectiva equivalente à informação da informante da faixa II de Tefé-AM, na qual verificamos a baixa frequência do [x], encontrado em apenas 20% das 45 manifestações em todo o estado diante da preferência da fricativa glotal [h] no Amazonas.

O *arrastado* sulista, mencionado pela informante da faixa II de Pedro Afonso-TO, excerto (36), pode estar atrelado à realização do rótico em posição de ataque como alveolar múltiplo, variantes estranhas à fala tocantinense que privilegia o rótico glotal.

(24) INF.- O pessoal do Sul é mais, fala mais, assim, *arrastado* do que a gente, não é? [Inf. 4/ Pedro Afonso-TO].

A carta 45 (carro) do ALERS mostra como predominante o rótico alveolar múltiplo [r] seguido do uvular [R] e do velar [x] na área correspondente ao Estado do Rio Grande do Sul.

5.2.4.2 Variantes com *chiado* na percepção dos falantes nortistas

A ocorrência do chiado diz respeito ao registro das fricativas alveolares [z] e [s] como fricativas alveopalatais [ʒ] e [ʃ], como em me[z]mo e me[ʒ]mo, ce[s]ta e ce[ʃ]ta. Nesse processo, é comum atribuir um conjunto de características a todos os membros de um grupo específico, fazendo com que esses indivíduos sejam vistos como semelhantes entre si e

diferentes de outros grupos. É importante ressaltar que essa categorização baseada no estilo de fala não deve ser vista como uma generalização absoluta, mas sim como uma forma de compreender e identificar padrões de comunicação.

Sobre o *chiado* carioca, ilustramos com os excertos (25) e (26) a percepção do informante 3 de Itaituba-PA e 4 do Oiapoque-AP:

(25) INF. - O carioca é muito *pesado no plural*, garrafa[ʃ], livro[ʃ], tem um *chiado*. Tenho uma irmã que é um, doi[ʃ], trei[ʃ], dentro de uma família tem *sotaque* [Inf.3 /Itaituba-PA].

(26) INF.- Tem, até as pessoas cariocas que, que fala assim no... costume de lá do Sul, né!

INQ. - Como que eles falam? A senhora percebe a diferença?

INF.- É que eles falam mais assim, é... quase *com S* assim, parece um som fechado, eles... vê, go[ʒ]toso. Ele não é, a gente diz gostoso, né! mas eles dizem tá gos... não sei, não sei bem como é que eles pronunciam a palavra, né! a palavra assim... [Inf. 4/Oiapoque-AP].

Sobre essa característica, Callou (2009), com os dados do projeto NURC, traçou um perfil da fala carioca no qual registra o alto índice de palatalização na cidade do Rio de Janeiro (90%), Recife (70%) e Salvador (49%) na década de 70, justificando o *chiado carioca*. Consultamos a carta fonética F05 C1 (CARDOSO *et al.*, 2014) do ALiB na qual verificamos a realização do /s/ nas capitais e constatamos que no Rio de Janeiro, o /s/ em posição de coda silábica, é predominantemente palatal, tanto em posição medial como em posição final. Entendemos que a percepção dos informantes paraenses, excertos (25) e (26), está em acordo com o conteúdo documentado na referida carta do ALiB.

O *chiado* da capital Belém foi alvo das percepções manifestadas pelos informantes paraenses do interior, conforme ilustramos com os excertos de (27) a (30):

(27) INQ. – E o pessoal de Belém fala igual vocês aqui?

INF. – Eles *chiam* um pouco...um pouquinho diferente que chia... [Inf. 4/Conceição do Araguaia-PA].

(28) INF. – Quem mora lá em Belém pra lá, eles já puxam muito o /s/, já fala diferente de nós, né! Que eles não falam dois, eles falam doi[ʃ]. É... *chia* muito. Nós falamos doi[s]. Mas nós somos a mesma coisa, tudo Pará [Inf. 4/Marabá-PA].

(29) INF. – ... tem umas pessoa de Belém que vem pra cá que eles falam assim, falar “fiz”, eles falam fi[ʒ] no final das palavras [2/Almeirim-PA].

(30) INQ. - E você acha que outras pessoas do Brasil falam diferente daqui?
(...)

INF. – De Belém.

INQ. – Qual a diferença?

INF. – Tem umas pessoas que falam assim: i[ʃ]cada, i[ʃ]cova, déi[ʃ].

INQ. – E aqui?

INF. - Aqui não, a gente fala: déi[s], i[s]cova, *normal* [Inf. 2/Bragança-PA].

Os dados do Projeto ALiB registrados na Carta Fonética 05 C1 (CARDOSO *et al.*, 2014), referentes às capitais, mostram a predominância da realização palatal em Belém, tanto em coda interna como externa. Os excertos mostram as percepções de paraenses do interior do Estado sobre a fala da capital (Belém-PA), destacando-se pelo seu *chiado*, isto é, pelo uso da fricativa alveopalatal [ʃ] em coda silábica e que estão em acordo com os resultados na carta do Projeto.

Para retratar a fala manauara, os excertos (31) e (32) levantam a característica *puxado* pelo -s para o *chiado*:

(31) INF. - Manaus o pessoal *puxa muito pelo s*, né! (...) É pai[ʃ], é [Inf. 4/Cruzeiro do Sul-AC].

(32) INF. – Percebo assim muito *s*. Por exemplo, assim Manaus é *pedacinho*; e assim outros, muito diferente da nossa [Inf. 4/Almeirim-PA].

Para entender a percepção das informantes dos excertos (31) e (32) a respeito da fala de Manaus, encontramos na Carta F5 C1 (Cardoso *et al.*, 2014) informações sobre a realização das palatais na capital. A palatalização se documenta em Manaus, sobretudo em posição medial (50%) e, com menor frequência, em posição final (25%). A informação parte de uma informante do Acre, onde a palatalização ocorre somente em posição medial (50%) e inexistente em posição final, e de uma informante paraense, cuja capital (Belém-PA) registra altos indícios de palatalização em ambas as posições.

No volume 3 do ALiB (2023), sobre o /S/ em coda silábica, Mota e Jesus explicam que as capitais brasileiras podem ser distribuídas em três grupos:

(...) (iii) capitais que podem ser consideradas representantes de áreas intermediárias por apresentarem pesos relativos significativos (a partir de 0,55) para as variantes palatais, apenas em posição interna, em geral, nos contextos mais favorecedores (diante de [t, tʃ, tʃ, tʃ]). No grupo das capitais que apresentam índices elevados de variantes palatais, ocupam as três primeiras posições Rio de Janeiro, Belém e Florianópolis, seguindo-se, em ordem decrescente, Macapá, Recife, *Manaus*, Cuiabá e Salvador (Mota e Jesus, 2023, p. 102)

O excerto (33) apresenta a percepção do *chiado* no falar recifense associado a algo *esquisito*.

(33) INF.- Em Recife, né! minha irmã. Uma língua lá, ôxe! Não sei nem... ôxe, mainha. É esquisito. Às vezes, eles falam *chiando* né, com o /S/ depois [Inf. 1/Benjamin Constant-AM].

A percepção do chiado pelo informante jovem de Benjamin Constant-AM refere-se à posição do /s/ em coda final. Buscando verificar o fenômeno do *chiado* em Recife, recorremos às cartas 25 (três) e 48 (esquerda) do QFF do Atlas Linguístico de Pernambuco (SÁ, 2013) e observamos que a variante palatal se concentra na capital, enquanto a alveolar se distribui por todo o interior. A carta F05 C1 (CARDOSO *et al.*, 2014) registra em Recife o predomínio da palatal em posição medial (60%) face a final (40%). Da mesma forma, Da Hora e Pedrosa (2009) respaldam a percepção do *chiado* recifense com a preferência da palatal em posição medial (84%) e final (54%). Estes estudos apontam para a preferência da palatal recifense na posição medial, assim como os amazonenses.

Sobre o S paulista, o Informante 1 de Pedro Afonso-TO, no excerto (34), mostra a sua percepção da variante fricativa alveolar como uma das responsáveis pelo sotaque paulista:

(34) INF. – Tem. Tem pessoas que tem o sotaque diferente né? Falam tudo no /S/. Não sei se é de São Paulo, deve ser de São Paulo mesmo [Inf. 1/Pedro Afonso-TO].

A carta F05 C1 (CARDOSO *et al.*, 2014) registra em São Paulo uma baixa frequência para a palatalização do /s/ em posição medial e total ausência em posição final. A esse respeito, Amaral (2021 [1920]) explica que, no dialeto caipira, o /r/ e o /s/ têm seu valor representativo, posto que entende o R caipira nas “posições inter e pós-vocálico (arara, carta) com um valor peculiar: é linguopalatal e guturizado; ao passo que o /s/ caipira é aquele /s/ pós-vocálico tem sempre o mesmo valor: é linguodental ciciante” (AMARAL, 2021, p. 35).

Assim como a fala de Belém, a variante do estado paraense e do seu interior (Baixo Xingu) também é reconhecida pelo *chiado*, conforme observamos nos excertos (35) e (36):

(35) INQ.- Pará, aqui eles falam?
INF.- Falam.
INQ.- Como é que eles falam?
INF.- Falam *chiando*, assim [Inf. 1/Pedro Afonso-TO].

(36) INF. – Não vou dizer aqui, mas, saiu daqui do Baixo Xingu pra lá você já encontra as pessoas falando diferente.
INF. – Não é uma língua não é... tipo o nosso português ele já é diferente, né? Por exemplo você eu converso com você, você não vê eu *chiar*, né? No seis, no três. Então, aqui pra baixo o pessoal já vai no seis no três. Farinha, é tudo nhá e /x/, peixinho e (...) E lá eles falam trei[ʃ]. Aqui a gente fala sei[s], lá eles falam sei[ʃ]. E daí vai, né? uma série de mudança [Inf. 3/Altamira-PA].

O informante do excerto (36) faz algumas observações acerca da variedade do Baixo Xingu, cujas características do chiado - palatalização do /s/ em coda externa em tre[jj] e sei[j] - não são praticadas em sua localidade, segundo sua percepção.

5.2.4.3 Adjetivações diversas atribuídas a variedades exógenas pelos falantes nortistas

Além dos adjetivos *chiado*, *puxado no s*, *arrastado*, *puxado no r* e *emboado*, os resultados do Quadro 5 indicaram outros menos frequentes como: *engraçado*, *esquisito*, *estranho*, *engraçado*, *errado*, *feio*, *certo*, *educado*, *enrolado*, *claro* e *apressado* conforme expomos mediante as percepções dos informantes nortistas.

(37) INF.- Tem uns que são mineros, tem de Minas Gerais que falam muito *engraçado*. Tem uns que te, de vez em quando vão na lanchonete, eles conversando com a gente é muito *engraçado*. O modo deles falarem com a gente [Inf. 2/Bragança-PA].

(38) INF.- Não, eu acho *engraçado*, por exemplo, baiano eu acho *engraçado*, fica brigando naquelas áreas da feira, Já foi em uma feira da Bahia? É uma gritaria sabe, se você vai em uma feira aqui é diferente, tem um jeito de falar [Inf. 3/Pedro Afonso-TO].

(39) INF.- [...] e muitas outras palavras, só que assim na hora eu num me lembro, eu gosto de ouvi elas falarem, né! é *engraçado* elas (cariocas) falarem [Inf. 4/Tefé-AM].

(40) INF.- Geralmente o palavreado que fala hoje em dia ouve falar lá na televisão, eles assistem e, quando vê, tá todo mundo já... Eu acho *engraçado*, o do Zorra Total, geralmente fala assim: como que é lá? Ai, como eu *tô bandida!* Do Zorra Total, aquele travesti, que ele fala: *Ai, como eu tô bandida*, fala um monte de coisa. Tão conversando com ele, ele fala assim: Oh, *tô pegando geral*, né? O pessoal comentando [Inf. 2/Tefé-AM].

Os informantes dos excertos de (37) a (40) julgam a variedade do outro *engraçada*, o paraense atribui ao *mineiro*, o tocantinense ao *baiano* e os amazonenses ao *carioca*. Essas atitudes podem evocar tanto uma conotação positiva como negativa em relação à fala do outro, dependendo da circunstância.

A informante jovem de Tefé-AM revela apreço pela diversidade ao incorporar as gírias cariocas populares apreendidas do programa de televisão: *Ai como eu tô bandida!* e *tô pegando geral!* Estes jargões pertencem a um nicho que o personagem representa, podendo repercutir positiva ou negativamente entre os demais falantes; no entanto, a jovem acha divertido.

(41) INF.- Por que maranhense fala de um jeito, né, meio *esquisito*, né! (...) É uma *vozinha esquisitinha*, né! [Inf. 1/Oiapoque-AP].

(42) INF.- Em Recife, né! minha irmã. Uma língua lá, ôxe. Não sei nem... ôxe mainha. É *esquisito*. Às vezes, eles falam chiando né! [Inf. 1/Benjamin Constant-AM].

(43) INF.- Ô, é no caso na Alagoas, é os alagoanos falam meio *estranho*, meio *esquisito* [Inf. 1/Perdro Afonso-TO].

A percepção em comum encontrada nos excertos de (41) a (43) indica variedades consideradas *esquisitas/estranhas* para os informantes. O *amapaense* aplica o adjetivo ao falar *maranhense*, associando sua percepção à voz; o *amazonense*, ao recifense, associando ao *chiado*; e o *tocantinense*, ao alagoano. A apreciação dos jovens informantes (faixa I) se mostra como uma reação de esquivia ao desconhecido, a um modo de falar que foge aos padrões linguísticos de suas comunidades e, assim, não conseguem compreender nem explicar o diferente. Os excertos compartilham o fato de os nortistas terem utilizado o mesmo adjetivo para descrever as falas nordestinas.

(44) INQ. - Do que o nordestino fala?

INF.- Tipo o *te*, não fala como a gente assim, que nem [tʃi], eles falam [ti], não é que a gente, *pra gente é errado*, né? Assim, eles falam muito... eles *puxam* muita coisinha feia, assim, *feia*, *não que é certo, mas também não é errado*, né! que é típico da língua dele, né? É tipo assim, é que se, se... caramba, já? [Inf. 1/Guajará-Mirim-RO].

O excerto (44) apresenta a concepção de *erro* como *diferente*, *puxado* e *feio*, na percepção do informante jovem de Guajará-Mirim-RO a respeito do falar nordestino. Isso se deve, primeiramente, à ausência da palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/, e por outro lado, o Estado de Roraima costuma palatalizar diante de [i] < /i/ (85%) e de [i] < /E, I/ (85%) conforme constatado na Carta F06 C1 do ALiB. Ainda, considera a variedade *feia* em decorrência da forma com que *puxam* na fala – hesita *feia não*, devido ao alto índice da fricativa glotal em todo o Nordeste; mas manifesta consciência das diversidades, *não que é certo, mas também não é errado, né! que é típico da língua dele*, como uma reação natural de estranhamento diante do diferente.

(45) INQ. – Pessoal daqui de perto, assim do interior fala diferente?

INF. – Eles falam assim, uns falam umas palavras *erradas*. Falam errado, um exemplo? Tem muita coisa mesmo que eu já ouvi gente falar: *poblema*, eles falam *pobrema* [Inf. 2/Almeirim-PA].

O posicionamento da informante jovem de Almeirim-PA reflete na variedade usada no interior do próprio estado, a crença de obrigatoriedade do falar segundo as orientações da gramática normativa, única e inflexível. O termo *problema*, conta com as variantes *poblema* e *pobrema* no excerto (35), as quais carregam fenômenos fonológicos de apagamento (exclusão do /r/ na sílaba *pro* > *po*) e rotacismo pela substituição do /l/ por /r/ em *pobrema*. A comparação entre as variantes expressa o desprestígio pela fala interiorana, revela preconceito linguístico com os que praticam desvio da norma.

(46) INF. - Ah no Sul, Deus o livre! O pessoal fala muito *feio* [Inf. 4/Altamira-PA].

(437) INF. - Tenho uma irmã que foi casada com cametaense e eles falam ...só que eles reparam o que gente fala, mas eles falam mais *feio* do que a gente [Inf. 4/Soure-PA].

As informantes da faixa II do Pará, excertos (46) e (47), fizeram uso do adjetivo *feio* para qualificar a fala do Sul e do interior do município de Cametá, no Pará. O uso deste adjetivo sugere uma atitude negativa, percebida como desagrado pela diversidade, transmitida por uma sensação de inferioridade.

(48) INQ. - Você percebe que as pessoas de Belém falam diferente daqui?
 INF. – Eles falam mais *certo* do que os daqui.
 INQ. - Como é o *certo*?
 INF. – Não sei [Inf. 2/Jacareacanga-PA].

Na consciência linguística da informante jovem de Jacareacanga-PA, a fala da capital se destaca pelo falar *certo*, sugerindo que a fala do interior não possui o mesmo prestígio. Isso ocorre porque a capital é vista como símbolo de desenvolvimento e modernidade, o que implica que a linguagem deve acompanhar o avanço dentro da perspectiva normativa.

(49) INF. – Percebi muito pela educação do povo e pelo jeito de tratar, porque aqui você vê assim, por exemplo, o homem é uma brutidade total uma ingnorância, não todos né, mas uma ingnorância total. Em Brasília eu fiquei assim eu me preocupei muito com educação do home, eu falei com muitas pessoas que é... são conterrâneas de Brasília e eu vi ali aquela educação que você fala com o home ali é o mesmo que você pode até pensar que você tá falando com travestis, né? Pela... não que seja, mas é pela educação que as pessoas têm. Então foi isso que eu fiquei muito surpreso e pela organização que a cidade tem muito diferente das nossas cidades daqui do Estado do Pará. [Inf. 1/Soure-PA].

Sendo Brasília um centro atrativo para o trabalhador nortista, conforme descrito na seção 4, é por meio de sua experiência *in loco* que o informante jovem de Soure-PA descreve algumas diferenças socioculturais observadas no falar, como a educação do povo brasiliense,

o trato interpessoal, às vezes tão delicado que *pode até pensar que você tá falando com travestis, mas é pela educação que as pessoas têm*, sem preconceito. Há neste relato uma atitude prestigiosa, tanto pelo falar quanto pelo comportamento das pessoas em Brasília, contraponto com seus conterrâneos, classificados como *brutos e ignorantes*. Sua percepção vai além da linguística ao expor a *organização da cidade* e o *comportamento social* que difere dos paraenses.

Enfim, a construção de Brasília teve uma preparação, organização e planejamento que poucas no Brasil tiveram. O motivo de sua existência, o de se tornar a capital nacional, despertou o respeito de grande parte dos brasileiros e teve grandes privilégios governamentais, incluindo escolas. De acordo com os dados do IBGE de 2010, quase toda a população entre 6 e 14 anos está matriculada na escola, atingindo o percentual de 97,5%. No entanto, o IDEB (2021) registrou um percentual de apenas 4,8 de escolarização para o Estado do Pará, enquanto Brasília obteve um índice de 5,9. Após um longo período, os dados estatísticos revelam que Brasília mantém sua posição de destaque nos indicadores de educação.

O falar *enrolado*, na percepção do informante da faixa II de Araguaia-PA, está associado a semelhanças entre o falar catarinense e línguas estrangeiras, de acordo com o excerto (50):

(50) INF. - Catarinense é *enrolado* demais... parece língua *estrangeira* [Inf. 3/Conceição do Araguaia-PA].

Para compreender essa assertiva, recorremos, mais uma vez, ao Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) que conta com um mapa auxiliar, a Carta IV do ALERS, apresentando os registros dos grupos étnicos na Região Sul. Após análise, constatamos três idiomas estrangeiros que se destacaram em Santa Catarina: o *italiano*, o *alemão* e o *polonês*, além do português açoriano da capital. A língua estrangeira neste estado é influente, de tal modo que 56,25% de sua população é considerada bilingue. Na perspectiva do informante, a variedade catarinense é influenciada pela herança da colonização que predominou na região, no seu processo de desenvolvimento, inclusive o linguístico.

O seguinte excerto ilustra o prestígio do informante da faixa II de Araguaia-PA referindo-se ao falar maranhense, elogiando a forma com que falam o português.

(51) INF. - Maranhão é português *claro*, lá são fera! [Inf. 3/Conceição do Araguaia-PA].

No excerto (51), a percepção do português claro aplicada à variedade maranhense está embutida no mito de que este é o estado brasileiro que melhor fala o português. Há uma manifestação positiva a respeito do aspecto estilístico do português: *claro*, que demonstra prestígio pela variedade e seus usuários; o complemento *lá são fera*, reforça a desvalorização das demais variedades e o favorecimento normativo da variedade maranhense.

A respeito do mito sobre o Maranhão falar o melhor português do Brasil, Miranda *et al.* (2018) estudaram as crenças e atitudes linguísticas dos maranhenses a respeito de sua própria fala e documentaram atitudes positivas em favor da língua falada naquele estado, principalmente entre os homens, os informantes da menor faixa etária e com menor nível de escolaridade.

Outros adjetivos, como *ligeiro*, *apressado* e *rápido*, foram atribuídos aos baianos pela informante 4 de Marabá, conforme mostra o excerto (52):

(52) INF. – Fala. Assim, porque fala *apressado*. Porque o baiano, ele fala muito *ligeiro*, *apressado*. O baiano é, se expressa, ele fala *rápido* [Inf. 4/Marabá-PA].

Sobre a percepção da informante da faixa II de Marabá-PA (52) a respeito do ritmo da fala baiana, é importante destacar que o dialeto falado na Bahia é influenciado por uma mistura de diferentes origens étnicas e culturais. A presença de africanos, indígenas e europeus ao longo da história contribuiu para a formação de uma fala diversificada e musicalizada. A fala ritmada não se restringe apenas à variedade baiana, é resultado de uma combinação de fatores linguísticos, socioculturais e ambientais. No entanto, é importante ressaltar que essa resposta está distante do que povoa o imaginário popular sobre o sossego e tranquilidade do povo baiano.

5.2.5 Outras percepções de natureza fonética

Além do sotaque e dos adjetivos dispostos no Quadro 5, os resultados revelaram outras percepções fonéticas que serão descritas nesta subseção, como os fenômenos no falar maranhense e nordestino:

(53) INQ. - Como o maranhense fala? O senhor acha diferente?
INF.- É, *cumpadi*. *Cumpadi*. “Que que cê vai fazê hoje, *cumpadi*?” É o maranhense [Inf. 3/Oiapoque-AP].

O Informante da faixa II do Oiapoque-AP traz um retrato do dia a dia no Maranhão, chamando a atenção para a expressão *cumpadi* [kũ'padʒi], realizada com a palatalização da

oclusiva [d], geralmente usada como um vocativo típico da região, assim como *chê*³¹ no Rio Grande do Sul e *véi*³² em Brasília.

(54) INF. – No sotaque assim tem a minha professora, é Janaína - se eu não me engano, parece que ela é de Maranhão, ela fala muito com *ĩ* no final. É *galin* ... [Inf. 1/Almeirim-PA].

(55) INF. - O sotaque do amazonense é quase igual o sotaque do maranhense, do nordestino. É *farin*, é *peixin*, é também quase igual ao sotaque do nordestino [Inf. 3/Óbidos-PA].

Os informantes paraenses identificam a omissão do som palatal [ɲ] na fala maranhense, excerto (54) e amazonense e nordestina, excerto (55), conforme os exemplos: *galin* [ga'li], *farin* [fa'ri] e *peixin* [pei'ji].

Para entender o parecer do informante, consultamos a carta 13 (peixinho) do Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), no qual foram registradas as seguintes variantes fonéticas para a sílaba final do vocábulo *peixinho*: [ĩw̃], [ĩũ], [ĩw], validando a percepção dos informantes de Almeirim e de Óbidos-PA, nos excertos 54 e 55.

5.2.6 Outras percepções linguísticas: *léxico* e *gíria*

Nesta subseção, apresentamos uma compilação de referências linguísticas relacionadas ao léxico, expressões e atitudes linguísticas aplicadas a determinadas variedades e acompanhadas de seus respectivos excertos.

A identidade linguística baiana é reconhecida pela sua entoação típica regional junto à sua caracterização sociocultural (muitas vezes estereotipada), por meio de termos como mostra o trecho (56):

(56) INF.- Na Bahia, eles falam muito diferente, *painho*, *mainha* [Inf. 2/Pedro Afonso-TO].

A partir da percepção linguística da informante jovem pedro-afonsina, expressões que o baiano usa frequentemente como vocativos: *painho* e *mainha*, são registrados como parte da identidade linguística baiana.

³¹ CHÊ, interj. Equivalente a tu aí ou tu simplesmente. Usa-se também, como vocativo: "Como vai, chê?"; para chamar a atenção: "chê, que mulher bonita!". Pronuncia-se tchê à maneira espanhola. O mesmo que ché, tiê e tchê (<https://pelotas.ufpel.edu.br/glossario.html>).

³² O 'véi' é uma palavra multifuncional, que não tem mais o sentido de adjetivo do velho, e tem em Brasília o uso como marcador de uma conversa, perde o gênero formal e tem um grande conjunto de usos", pontua Lunguinho (<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2022/04/15/vei-e-a-cara-do-brasiliense-e-ja-virou-ate-objeto-de-estudo>)

(57) INF. - Tem também os maranhenses que eles falam, diz assim: você vai tomar banho, vai *tomá* uma ducha, né... que é o banho, ele diz assim: “Ah, você vai *se banhá*?” E... muitas outras coisas assim diferentes, né, bem diferente mesmo da gente [Inf. 4/Oiapoque-AP].

Outro aspecto ligado ao cotidiano é mencionado pela informante da faixa II do Oiapoque-AP, que observa as diferenças nas expressões variantes *tomar banho* e *tomar ducha*, que o maranhense substitui por *banhar-se*.

(58) INQ. - Como eles falam (nordestinos)? Dá um exemplo.

INF. - Ah, sempre me chamam de *cabra da peste*, chamam, né?! [Inf. 1/Óbidos-PA].

O informante da faixa I de Óbidos-PA reconhece a expressão popular *cabra da peste* como elemento identitário da linguagem nordestina. Marroquim (1934, p. 102) registra o uso de *cabra* para expressar admiração a um homem valente. O Priberam traz: [Brasil: Nordeste] Indivíduo admirado ou respeitado, geralmente pela sua valentia “cabra da peste”.

A seguir, reunimos as diferenças lexicais e socioculturais entre os maranhenses e os amapaenses, conforme observado no trecho (59):

(59) INF.- Olha aqui, né! a gente chama aquela fruta de *açaí*, né! Aí pra lá para o Maranhão, eles já chamam de *juçara*.

INQ. - Que mais que tem assim?

INF.- É, e tem vários tipos, né! Peixe, coisa de peixe também, né! Aqui a gente chama de *aracu*, um peixe, lá para lá eles já chamam de... esqueci a marca do peixe que eles chamam pra lá, não sei se é *aracu* eles chamam... *piau*, né! [Inf. 1/Oiapoque-AP].

Verificamos um caso da diversidade do português brasileiro manifestada pelo informante, por meio de seu conhecimento lexical, entre o Amapá e o Maranhão. Elegemos as variantes *juçara* e *açaí*³³ para esboçar o contexto em uso na Região Norte, em seguida, os termos *aracu* e *piau*.

(60) INF. – (...) a criança pequena eles também chamam outro nome.

INQ. – Como é?

INF. – É *pirralho*. O pessoal daqui do Baixo Xingu já chama *pirralho* para moleque, né? Então, aqui a gente chama moleque, ou criança, eu gosto de chamar de moleque. Acho que não é muito, tem moleque que se ofende. Mas

³³ O Dicionário Houaiss On-Line, registra o verbete *juçara* como sinônimo de *açaí* (*Eutrepe Oleracea*) e *açaí-do-alto-amazonas* (*Eutrepe Precatoria*) (JUÇARA, In: Dicionário HOUAISS, 2009, https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#4). Dados do EMBRAPA (2021) indicam a existência de pelo menos duas espécies de *açaizeiro*, *Eutrepe Oleracea* e *Eutrepe Precatoria*, cultivados em toda a região amazônica. Tais informações encontram-se em gráficos produzidos pelo Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro em 2020 e divulgados em Freitas *et al.* (2021).

não, eu falo pra ele *moleque* e tal, esse é o meu jeito de tratar a criançada [Inf. 3/Altamira-PA].

A manifestação do informante da faixa II de Altamira-PA está direcionada às variantes usadas em seu Estado, ao mencionar a variante lexical *pirralho* para moleque ou criança, reservado para os habitantes do Baixo Xingu. A reação negativa que algumas pessoas têm ao serem chamadas de *moleque* se deve ao valor semântico que o termo carrega, evocando uma conotação negativa. O Dicionário Houaiss On Line (2009) traz o verbete *pirralho* como sinônimo de menino, guri e criança e o verbete *moleque* tem outra conotação, entendido como garoto travesso quando substantivo; no entanto, seu uso como adjetivo conota jocosidade, sarcasmo; jocosos, trocistas; que é dado a travessuras; traquinas; ou ainda que tem mau caráter; velhaco entre outras definições.

Ao analisar as variantes lexicais relatadas pelo informante da faixa II de Marabá-PA e compará-las com a linguagem goiana, constatamos algumas variantes.

(61) INQ. – O senhor poderia, por exemplo, dar um exemplo de uma coisa diferente, modo como eles falam que é diferente daqui?

INF. - De uma coisa que é diferente daqui? Pelo menos a *tangerina*, ela é diferente daqui. A *poncã* pra lá, pra eles que chama, pra lá, né. Ela diferente daqui. Nós chamamos aqui *tangerina* de *mexerica*, eles chamam lá a *poncã* pro Goiás [Inf. 3/Marabá-PA].

A fim de verificar a veracidade das informações contidas no excerto (61), recorreremos ao trabalho de Romano (2018). O autor partiu do banco de dados do Projeto ALiB para investigar a distribuição de três variantes lexicais - *mexerica*, *poncã* e *tangerina* - mais produtivas nos estados de São Paulo, sul de Minas Gerais, sul de Goiás, no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Os resultados desse estudo indicaram que, no sul de Goiás, predomina o termo *mexerica*, embora tenha sido observada a presença ocasional das variedades *poncã* e *tangerina*. A variante *poncã*, apontada pelo informante como variante goiana, apresenta-se amplamente difundida no estado do Paraná e por São Paulo, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, ao lado da forma mais produtiva *mexerica*.

O trecho (62) destaca uma palavra desconhecida em um cenário que propõe um ruído no diálogo inicial trazido pela informante.

(62) INF. - Lá... lá de Anápolis também, de Goiânia...o que eu me admiro muito lá do pessoal, lá de Anápolis que eles falam assim... Mancando, a gente tá *mancando*. Eles não falam *mancando*, é *manquitolando*.
INQ - Ah é? Nunca tinha ouvido, *manquitolando*?

INF. - É. E eu achei esquisito, né! mas o que será que ela tá falando? [Inf. 4/Guajará-Mirim – RO].

A informante da faixa II de Guajará-Mirim-RO compartilhou a utilização da variante *maquitolando* para a forma *mancando* no município de Anápolis-GO, a palavra em questão aproxima-se do verbo *manquitolar*, que é sinônimo de *mancar*, reproduzido pela informante sem a nasalização da sílaba inicial. Augusto (2012, p. 262), ao construir o Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás, registrou para o substantivo *manco* apenas as seguintes variantes: *manqueba*, *coxo*, *vinte-nove e trinta*, *torto* e *deficiente*.

(63) INF. - Ah no Sul, Deus o livre! O pessoal fala muito *feio*.

INQ. – Dê um exemplo (...)

INF. – Tudo que ela (a neta) falava era no *tchê*, menino ela chamava era *guri*, *piá*, era assim. Para bater nos outros era: *eu te dou uma taca pau*, *te dou um pau* [Inf. 4/Altamira-PA].

(64) INF. - [...] Quer dizer, isso é uma, já contando uma história da linguagem diferente, né? Então, por exemplo, lá no Sul eu tenho uns amigos que moravam aqui na Transamazônica. Eles chamavam sempre pra menina moça, eles chamavam *guria*, ou *guri* pro menino, ô... *piá*, né? E... é uma série de/... para menina moça, eles já chamam *chinoca* sabe, é diferente [Inf. 3/Altamira-PA].

Variantes lexicais usadas por sulistas nos excertos (63) e (64) revelam traços do contexto sócio-histórico de desenvolvimento da região, na qual migrantes se estabeleceram próximo à Rodovia Transamazônica (BR-230) para executar a obra, que contou com mais de quatro mil homens, entre os anos de 1969 e 1974, muitos dos quais vieram do Sul.

A informante da faixa II de Altamira-PA define a variedade sulista como *feia*, excerto (63), baseada nas expressões *guri*, *piá*, *taca pau* e *te dou um pau* (para ameaças) e *tchê*, presentes na fala da neta. Das lembranças da fala gaúcha, menciona as variantes *guria* para *menina* ou *moça*, *guri/piá* para *menino* e *chinoca* para *menina moça*, excerto (64). De acordo com Amaral (1920, p. 184), o termo *piá* tem suas raízes na língua tupi e significa *coração*, e foi absorvido pela cultura sulista.

A menção ao Sul, de maneira geral, costuma ser associada aos gaúchos, como demonstraram os paraenses nos excertos (63) e (64), o que nos leva a aceitar esta assertiva em razão de Altamira ser considerada a cidade que tem maior concentração de gaúchos no Pará, devido ao início da colonização da Transamazônica por trabalhadores sulistas, no início da década de 1970 (SIMON, 2009, p. 121).

A respeito das percepções da informante, consultamos a pesquisa conduzida por Romano e Seabra (2014) sobre as preferências para o termo *menino* com os dados do Projeto

ALiB. Esta revelou, em um total de 329 registros de 42 localidades da Região Sul, três variantes mais produtivas: *menino* (29,48%), *guri* (26,14%) e *piá* (21,58%). A mesma questão, na carta 270 – QSL 443 Menino - do ALERS, registra a prevalência de *menino* sobre *guri* e *piá* em toda a região, mas no Rio Grande do Sul a variante *guri* (40%) se destaca no norte, nordeste e sul do estado, seguido por *menino* (35%), *piá* (15%) e outros (10%).

A expressão *tchê* é um dos elementos marcantes do dialeto sulista, presente no excerto (63). Essa expressão é utilizada em várias situações, seja como um marcador oral ou como uma interjeição de espanto e surpresa, sendo considerada uma característica do sotaque gaúcho pelos informantes desta tese. Os excertos (65), (66) e (67) também ressaltam essa característica na linguagem gauchesca:

(65) INF.- Os gaúchos falam *tchê* [Inf. 2/Canindé-CE].

(66) INF.- O Rio Grande do Sul.

INQ. - Por exemplo, uma coisa que você acha diferente da fala de lá.

INF.- O sotaque, né? Aquela coisa *tchê*, não sei quê... [Inf. 1/Crateús-CE].

(67) INF.- O *sotaque*, sei lá. O gaúcho tem o *tchê*! [Inf. 3/São Gabriel da Cachoeira-AM].

O Dicionário Etimológico On Line explica que o termo *tchê* não é exclusividade dos gaúchos, por ser usado com frequência em países latino-americanos como Argentina, Bolívia e Chile. Ademais, há indícios de que a raiz dessa palavra seja indígena, uma vez que *che*, na língua mapuche, remete ao conceito de *povo*, de *gente*. Entendemos que a tradição de uso do *tchê* chegou ao Brasil, se instalou no Sul e se popularizou entre os gaúchos, que divulgaram o termo para todo o país. Dessa forma, consideramos a interjeição em destaque como elemento componente da identidade gaúcha, que agrega valores históricos e sociais divulgados em todo o país, refletida como prestígio linguístico de seus usuários e transmitida na linguagem informal do cotidiano.

A seguir, apresentamos os resultados a respeito das gírias cariocas como uma forma de linguagem que reflete a identidade do Rio de Janeiro:

(68) INQ. - Como que os cariocas falam?

INF.- Os cariocas não têm uma palavra que eles falam, como é que é, qualquer coisinha os cariocas falam *caracas!*, né! que eles falam, não é isso? [Inf. 4/São Gabriel da Cachoeira-AM].

(69) INF.- Tem gente que fala *diferente* já, tem uns que falam assim como do Rio de Janeiro são cariocas, né! Eles falam *diferente*, né! Já falam mais, põe mais esse negócio de *meu irmão!* assim, que nem o Daniel, Daniel gosta, só que: *cara, é assim e tal!* eles falam [Inf. 1/Tefé-AM].

Os excertos (68) e (69) registram o uso de gírias³⁴ no dialeto carioca como demonstra a recorrência de expressões como: *caracas!* [ka' rakaʃ], *mermão!* [mey' mœu], *cara! é assim e tal!* A diferença consiste em empregar tais elementos como marcas da oralidade, da norma não-padrão e urbana, nas áreas investigadas.

5.2.7 Observações acerca de grupos e falares *indígenas*

Nos dados coletados pelo Projeto ALiB, encontramos recorrentes manifestações sobre os indígenas da região. Embora essas referências estejam ligadas às respostas da questão 2 (Tem alguém que fala diferente aqui em _____?), consideramos relevantes essas informações dada a riqueza linguística dos diversos povos originários que habitam o Norte, onde se concentra o maior número de indígenas descendentes e autodeclarados. Segundo o IBGE (2022), somente no Estado do Amazonas há 490.854 indígenas vivendo dentro e fora das terras indígenas, enquanto no Estado do Pará residem 80.974. Essa convivência proporciona contato entre os naturais e as várias línguas originárias, além de uma troca de conhecimentos entre indígenas e não-indígenas.

Foram mencionadas línguas indígenas em quatro estados do Norte: Amapá, Amazonas, Pará e Acre; por quatro informantes do Oiapoque-AP; os informantes 1, 2 e 4 de São Gabriel da Cachoeira-AM; o informante 3/Benjamim Constant-AM; os informantes 2 e 3 de Jacareacanga-PA; e os informantes 3 e 4 de Cruzeiro do Sul-AC.

Os excertos apresentam a nomenclatura das línguas indígenas³⁵ faladas no Norte. Ressaltamos que essas línguas coexistem com descendentes residentes e fora das comunidades.

(70) INF. - Indígena? As áreas indígenas? O nome das áreas? (...) Eles falam é... que vejo muito pessoal comentar, né! é... língua *palikur*, né! [Inf. 1/Oiapoque-AP].

(71) INF.: Tem várias línguas, né! (...) Tem o *curupi*, tem a ra, rama, tem o *manga... saizal* (...) Ramal... curu, *curipi*, *menê*, *manga... marumã* [Inf. 2/Oiapoque-AP].

³⁴ Gíria: 1. *sling* linguagem informal caracterizada por um vocabulário rico em idiomatismos metafóricos, jocosos, elípticos, ágeis e mais efêmeros que os da língua tradicional; 2 *sling* dialeto us. por determinado grupo social que busca se destacar através de características particulares e marcas linguísticas esp. em nível lexical (GÍRIA, In: Dicionário HOUAISS [em linha], 2009, https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#5).

³⁵ Lista dos povos indígenas no Brasil e países limítrofes, de acordo com o Banco de Dados do Programa Povos Indígenas do Brasil do Instituto Socioambiental (2011): Aranã (MG); Baniwa e Tukano (AM) Colômbia e Venezuela; Desana, Pira-tapuya e Tariana (AM) e Colômbia; Baré (AM) e Venezuela; e Munduruku (AM), (MT) e (PA); e Palikur (AP) e Guiana Francesa.

(72) INF.- Não, daqui não. Tudo aqui é o... *patuá*³⁶ mesmo, falam tudo a mesma língua [Inf. 3/Oiapoque-AP].

(73) INF. - Meu esposo fala... ele fala inglês, fala português, fala o francês, fala em *taki-taki*, fala que mais? (...) É uma língua, sara, é... um idioma *saramacá* [Inf. 4/Oiapoque-AP].

(74) INF.- É tem *indígenas*, assim, pessoal que vem da Colômbia, que vem de fora [Inf. 1/São Gabriel da Cachoeira-AM].

(75) INF.- Tem gente que fala muitos idiomas, tem *Tucano*, tem os *Pira-tapuias*, tem o *Anamã*, tem o *Desana*. Não me lembro do *Desana*, quais são os idiomas que eles falam, *Baníua*, *Desana* é *Baníua* [Inf. 4/São Gabriel da Cachoeira-AM].

(76) INF.- Tem *Tukano*, *Desana*, *Tariana*, *Guayana*, tem *Pira-tapuia*, tem *Baré* [Inf. 2/São Gabriel da Cachoeira-AM].

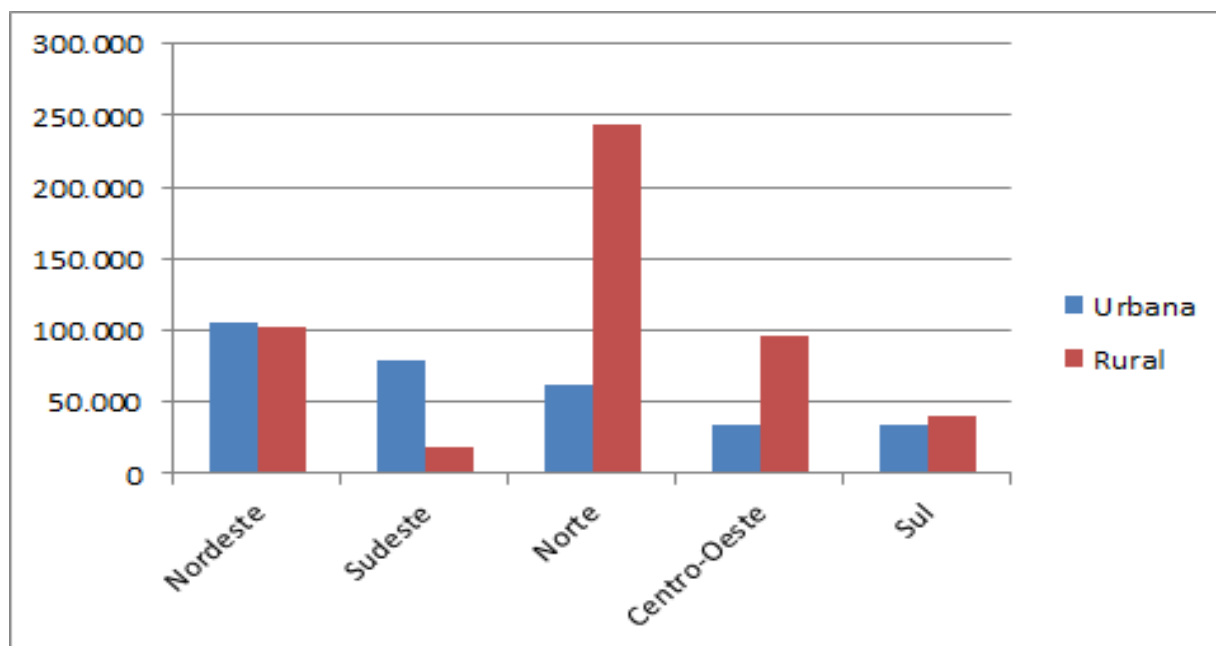
(77) INF.- Tem, tem os *indígenas* que falam em gíria, né! [Inf. 3/Benjamin Constant-AM].

(78) INF. - É *Munduruku* [Inf. 3/Jacareacanga-PA].

As línguas dos povos originais manifestadas pelos informantes amazonenses, amapaenses e paraense, concentram-se tanto na área urbana quanto na rural. Os gráficos 10 e 11 representam a forte presença deles no Brasil, em particular, na Região Norte, com base nos dados do IGBE (2010).

³⁶ Patuá é a denominação comum atribuída ao *kheuól* nas aldeias. Na cidade de Oiapoque, o uso desse termo tem forte carga discriminatória (SANCHES e DAY, 2020, p. 1317).

Gráfico 10 – Distribuição da população indígena, rural e urbana, nas regiões brasileiras.

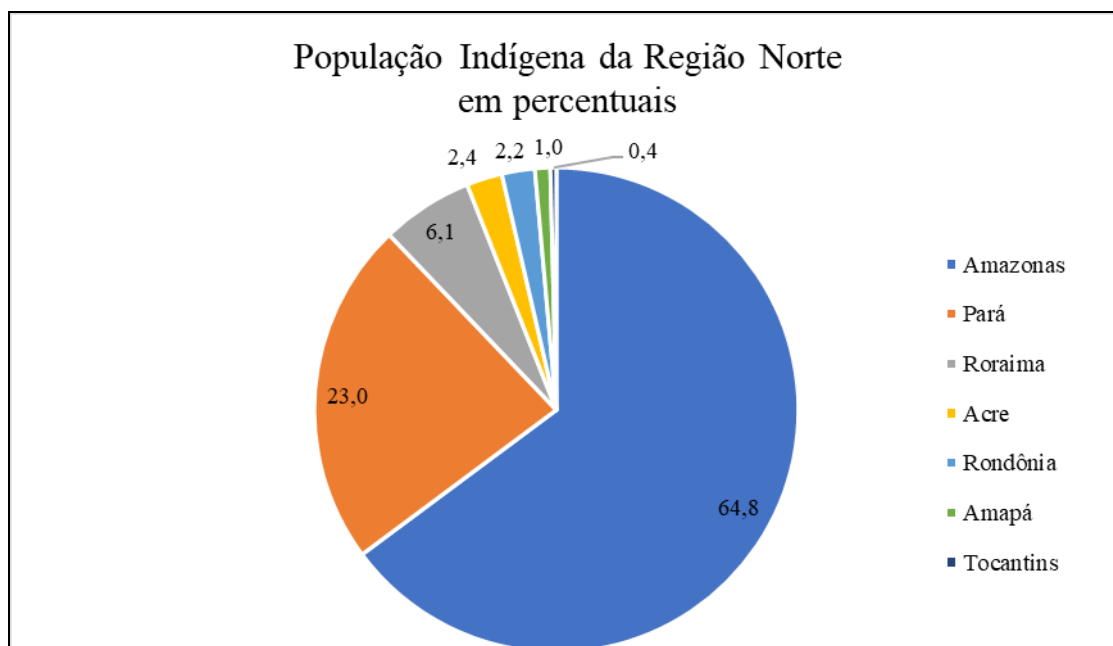


Fonte: <https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas/quem-sao>

Os dados expostos no Gráfico 10 indicam a distribuição da população indígena nas cinco regiões do Brasil, tanto na área urbana quanto na rural. Cerca 320.000 indígenas se concentram na área urbana em todo o território brasileiro, enquanto aproximadamente 520.000 permanecem na zona rural. As Regiões Norte e Sudeste aparecem como representantes da concentração da população indígena na área urbana, frente às demais regiões onde a maior concentração é rural. O Nordeste e o Sul demonstram certo equilíbrio na distribuição dos indígenas em seu território. Já as Regiões Norte e Centro-Oeste apresentam maior concentração na área rural.

O Gráfico 11 ilustra a presença de indígenas nos vários estados da Região Norte.

Gráfico 11 – Presença de Indígenas na Região Norte.



Fonte: Elaborado pela autora com dados do IBGE (2010).

As informações do Gráfico 11 expressam dados das populações indígenas concentrados no Norte e distribuídos entre os sete estados da região. A região Norte abriga uma significativa parcela da população indígena do país, representando 44,48% do total, cerca de 753.223 indígenas encontram-se vivendo em na área urbana e rural. O Amazonas é o estado que abriga a maior quantidade de indígenas (490.915), e os três municípios brasileiros com a maior população indígena: Manaus (71.713 indígenas), São Gabriel da Cachoeira (48.3) e Tabatinga (34.500). Na sequência, em menor escala, estão os Estados do Pará (174.382) e de Roraima (46.377). Em porções menores, encontramos indígenas no Acre (18.087), Rondônia (16.691), Amapá (7.803) e Tocantins (2.968). Pelas percepções dos informantes e dados do IBGE (2010), podemos afirmar que a grande diversidade de povos indígenas está refletida nas atitudes dos próprios falantes, representada por um profundo sentimento de *lealdade* linguística aos grupos étnicos presentes, especialmente aos indígenas.

Concluídas a descrição e análise das percepções dos informantes da Região Norte manifestadas nas respostas 4 e 5 do Questionário Metalinguístico do Projeto ALiB, procedemos à mesma tarefa com relação aos dados da Região Nordeste.

6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA REGIÃO NORDESTE

INF. – Tem, o pessoal que passa um tempo em São Paulo, volta falando diferente, com um sotaque diferente.

INQ. – E como é falar diferente? Dê um exemplo.

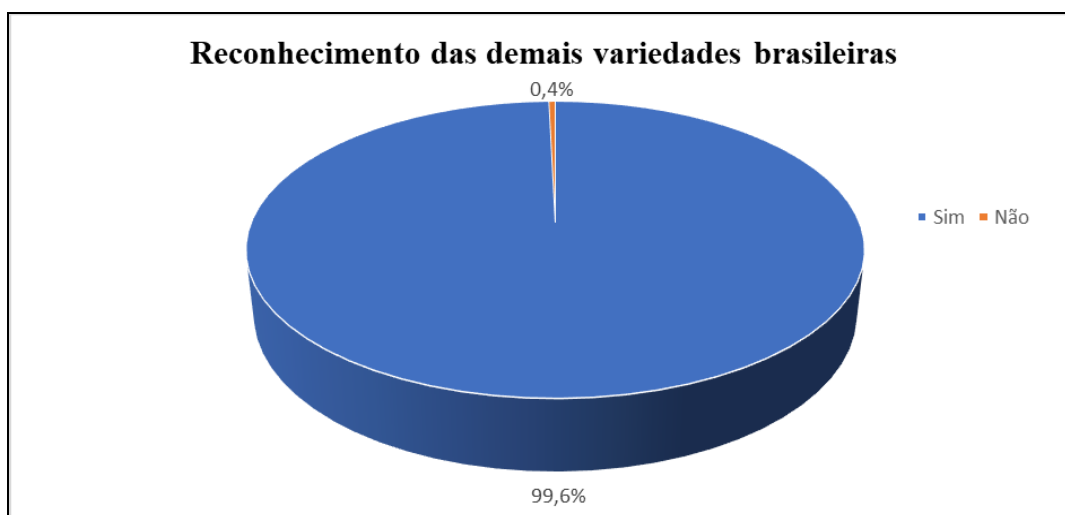
INF. – É *chiando*, *chiando* a pessoa diz que vai pra São Paulo volta *chiando*. [Inf. 2/Cabrobó-PE].

Nesta seção, apresentamos a descrição e análise dos dados referentes às questões metalinguísticas 4 e 5, destacadas pelos informantes do interior da Região Nordeste.

6.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS DADAS À QUESTÃO 4 PELOS INFORMANTES DA REGIÃO NORDESTE

Na Região Nordeste, onde foram investigados 276³⁷ informantes, distribuídos pelas 69 localidades do interior, verificamos que 99,6% reconhecem a existência de falares diferentes em outros lugares do Brasil.

Gráfico 12 – Reconhecimento das demais variedades brasileiras pelos informantes do interior do Nordeste



Fonte: A autora com os dados do Projeto ALiB.

³⁷ Consideramos para análise a resposta de 253 informantes uma vez que, devido a problemas técnicos na gravação, ou pela não aplicação da pergunta, não foram obtidas respostas de 23 informantes: Inf. 4/Piripiri – PI; Inf. 4/Canto do Buriti – PI; Inf. 1 e 3 de Correntes – PI; Inf. 1/Camocim – CE; Inf. 3/Ipu – CE; Inf. 3/Tauá – CE; Inf. 1, 2, 3, e 4 de Iguatu – CE; Inf. 1, 2, 3 e 4 de Angicos – RN; Inf. 1/Campina Grande – PB; Inf. 1/Salgueiro – PE; Inf. 3/Olinda – PE; Inf. 2/Floresta – PE; Inf. 4/Jacobina – BA; Inf. 3/Itaberaba – BA; Inf. 2/Santo Amaro – BA; Inf. 4/Vitória da Conquista – BA; Inf. 1/Itapetinga – BA.

O Gráfico 12 ilustra as respostas obtidas mediante a pergunta 4, basicamente afirmativas dado que apenas uma resposta foi negativa. O informante de Caravelas-BA é incisivo ao afirmar que **não** considera que, em outros lugares do país, existam falares diferentes do seu. Embora a resposta desse informante seja categórica, ela abre espaço para uma discussão mais aprofundada:

(79) INQ. – Tem gente que fala diferente aqui em Caravelas?
 INF. – Não, aqui não.
 (...)
 INQ. – Poderia me dizer se vc acha que em outros lugares do Brasil se fala diferente daqui?
 INF. – Sim.
 INQ. – E tem algum exemplo aqui?
 INF. – Hum, xô vê, em Alcobaça, Alcobaça tem muita *gente de fora*.
 (...)
 INQ. – Hum, mas, assim, brasileiros mesmo, que pudesse dar exemplo de coisas que você acha que falam diferente em outro lugar do Brasil?
 NF. – Não sei dizer, não.
 INQ. – Nem assistindo televisão você não acha que fala diferente?
 INF. – Não.
 INQ. - Mesmo nas novelas?
 INF. – Mesmo nas novelas [Inf. 1/Caravelas-BA].

O jovem informante de Caravelas-BA parece não estar ciente da existência de diferentes formas de falar em outras partes do Brasil. No entanto, quando questionado sobre regiões do país com falares diferentes, sua resposta afirmativa rapidamente perde força ao justificar que na cidade de Alcobaça-BA, a apenas 35km de distância, uma cidade litorânea e turística, recebe muita *gente de fora*, incluindo estrangeiros e turistas. O inquirido apresenta dificuldades em ilustrar diferenças no português e não consegue discernir as variações de *sotaque* presentes nas telenovelas. Essa constatação sugere vivência e/ou interação linguística limitada, devido ao seu conhecimento restrito de outras realidades.

A seção seguinte trata das respostas dadas à Questão 5: *Poderia dar um exemplo do modo como falam em outros lugares do Brasil?*, questão complementar à apresentada.

6.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS DADAS À QUESTÃO 5 PELOS INFORMANTES DA REGIÃO NORDESTE

A Região Nordeste tem uma grande representatividade social no país, intermediada pela riqueza cultural produzida pelo seu povo, reconhecida pela influência da literatura³⁸, do cordel³⁹, das músicas⁴⁰ e danças regionais⁴¹ em geral. Além disso, suas belezas naturais atraem turistas do Brasil e do exterior. As telenovelas exploram a identidade nordestina, exibem seu modo de vida, problemas sociais, seus costumes e expõem os seus sotaques, muitas vezes, de forma estereotipada e forçada para que pareça real. Em contrapartida, o Nordeste é marcado pela falta ou má distribuição das chuvas e pela desigualdade socioeconômica, que se refletem na baixa qualidade de vida de grande parte da população. Segundo o IBGE, em 2019, o Nordeste tinha o menor rendimento domiciliar per capita do país (R\$ 887,00), o maior percentual de pessoas em situação de extrema pobreza (13,5%) e o menor Índice de Desenvolvimento Humano (0,659).

Os resultados apresentados nesta seção estão organizados: i) pelas variedades manifestadas de acordo com a localidade e o estado de origem dos informantes; ii) análise das percepções agrupadas por regiões (Sudeste, Sul e Centro-Oeste; Norte e Nordeste); iii) análises dessas percepções linguísticas apuradas em concordância com o sotaque, as adjetivações e demais aspectos fonéticos, variantes verbais e pronominais, lexicais e gírias, além da influência da TV, documentados com os excertos de fala dos informantes do Nordeste.

6.2.1 Percepção das variedades por Estado e pela localidade de origem dos informantes da Região Nordeste

Realizamos a divisão das respostas com base nas percepções destacadas em cada ponto da rede, organizadas por Estado, localidade, identificação do informante e as variedades mencionadas que reunimos no Quadro 6.

Quadro 6 – Levantamento das variedades manifestadas conforme o Estado e a localidade de origem de cada um dos informantes nordestinos.

Estado	Ponto	Inf.	Variedades
MA	Brejo	1	gaúcha
MA	Brejo	2	ludovicense, paulista, brasiliense

38 Alguns autores: Graciliano Ramos (AL); Jorge Amado (BA); João Cabral de Melo Neto (PE) e Raquel de Queiróz (CE).

39 Carlinhos do Cordel (PE).

40 Alguns músicos: Luiz Gonzaga (PE); Dominginhos (PE); Jackson do Pandeiro (PB), Elba Ramalho (PB); Alceu Valença (PE); Gilberto Gil (BA) e Fagner (CE).

41 Maracatu (PE), Bumba meu boi (MA), Forró, Xaxado etc.

MA	Brejo	3	paulista
MA	Brejo	4	baiana, paulista, carioca
MA	Tuntum	1	cearense, piauiense, gaúcha
MA	Tuntum	2	gaúcha, piauiense
MA	Tuntum	3	paulista
MA	Tuntum	4	paulista
MA	Imperatriz	1	paulista
MA	Imperatriz	2	paraense, pernambucano
MA	Imperatriz	3	paulista
MA	Imperatriz	4	baiana, paulista, carioca
MA	São João dos Patos	1	gaúcha
MA	São João dos Patos	2	gaúcha
MA	São João dos Patos	3	gaúcha, goiano
MA	São João dos Patos	4	gaúcha, paranaense, pernambucana, mineira
MA	Alto Parnaíba	1	paraense
MA	Alto Parnaíba	2	gaúcha
MA	Alto Parnaíba	3	gaúcha, goiana, tocantinense
MA	Alto Parnaíba	4	baiana
PI	Piripiri	1	paulista
PI	Piripiri	2	pernambucana
PI	Piripiri	3	carioca
PI	Picos	1	juazeirense
PI	Picos	2	paulista
PI	Picos	3	paulista, mineira, baiana
PI	Picos	4	paulista, maranhense, paraibana
PI	Canto do Buriti	1	paulista
PI	Canto do Buriti	2	teresinense
PI	Corrente	2	brasiliense, paulista, carioca
PI	Canto do Buriti	4	sulista, paulista, teresinense
PI	Corrente	4	paulista, potiguar
CE	Camocim	2	sulista
CE	Sobral	1	baiana
CE	Sobral	2	gaúcha
CE	Sobral	3	pernambucana, baiana, gaúcha
CE	Sobral	4	carioca
CE	Ipu	1	paulista, belenense
CE	Ipu	2	carioca, paulista
CE	Ipu	4	baiana
CE	Canindé	1	potiguar
CE	Canindé	2	gaúcha, mineira, paulista
CE	Crateús	1	gaúcha
CE	Crateús	2	paulista
CE	Crateús	3	paulista
CE	Quixeramobim	1	gaúcha, paranaense
CE	Quixeramobim	2	gaúcha
CE	Quixeramobim	3	gaúcha, baiana, alagoana
CE	Russas	1	paulista
CE	Russas	3	paulista
CE	Russas	4	potiguar, pernambucana

CE	Limoeiro	1	paulista
CE	Limoeiro	2	paulista, carioca
CE	Limoeiro	3	carioca
CE	Crato	1	paulista
CE	Crato	2	baiana
CE	Crato	3	paraibana, fortalezense
RN	Mossoró	1	cearense, paulista
RN	Mossoró	2	paulista
RN	Mossoró	3	cearense
RN	Pau dos Ferros	1	paulista
RN	Pau dos Ferros	2	paulista, paraibana, cearense
RN	Pau dos Ferros	3	cearense, paulista
RN	Pau dos Ferros	4	cearense
RN	Caicó	1	baiana, paulista, natalense
RN	Caicó	4	paulista
PB	Cuité	1	pessoense
PB	Cuité	2	carioca, baiana, paulista
PB	Cuité	4	natalense
PB	Cajazeiras	2	paulista
PB	Cajazeiras	3	carioca
PB	Cajazeiras	4	carioca, paulista
PB	Itaporanga	1	paulista
PB	Itaporanga	2	paulista
PB	Itaporanga	3	brasiliense
PB	Itaporanga	4	paulista
PB	Patos	2	paulista, carioca
PB	Patos	3	paulista, mineiro
PB	Patos	4	paulista, brasiliense, londrinense
PE	Exu	1	paulista
PE	Exu	2	paulista
PE	Exu	3	paulista
PE	Exu	4	paulista
PE	Salgueiro	2	pernambucana
PE	Salgueiro	3	recifense, aracajuana
PE	Salgueiro	4	recifense
PE	Limoeiro	2	paulista
PE	Limoeiro	4	carioca, paulista, baiana, mineira
PE	Olinda	1	paulista, carioca
PE	Olinda	4	cearense, baiana
PE	Afrânio	1	paulista
PE	Afrânio	2	paulista, soteropolitana
PE	Afrânio	3	recifense
PE	Afrânio	4	paulista
PE	Arco Verde	1	paulista
PE	Arco Verde	3	recifense, baiana
PE	Arco Verde	4	sulista, recifense
PE	Caruaru	1	paulista
PE	Caruaru	2	catarinense, pernambucana
PE	Caruaru	3	recifense

PE	Caruaru	4	mineira
PE	Floresta	2	carioca
PE	Floresta	4	baiana
PE	Garanhuns	1	paulista, baiana
PE	Garanhuns	2	paulista
PE	Garanhuns	4	soteropolitana
PE	Petrolina	1	gaúcha, soteropolitana
PE	Petrolina	3	baiana, paulista, carioca
PE	Petrolina	4	paulista
AL	União dos Palmares	1	paulista
AL	União dos Palmares	2	alagoana
AL	União dos Palmares	3	paulista, sulista, pernambucana
AL	União dos Palmares	4	carioca, paulista, cearense, baiana
AL	Santana do Ipanema	1	paulista
AL	Santana do Ipanema	3	baiana
AL	Santana do Ipanema	4	paulista
AL	Arapiraca	1	paulista, soteropolitana
AL	Arapiraca	2	paulista
AL	Arapiraca	3	fortalezense, cearense
SE	Propriá	2	alagoana, curitibana
SE	Propriá	3	aracajuana, alagoana
SE	Propriá	4	pernambucana, recifense, baiana, paulista
SE	Estância	1	alagoana, nordestina, carioca
SE	Estância	2	paulista
SE	Estância	3	carioca, baiana, aracajuana
SE	Estância	4	paulista
BA	Juazeiro	1	pernambucana, baiana, paulista
BA	Juazeiro	2	paulista
BA	Juazeiro	3	paulista, carioca, baiana
BA	Jeremoabo	1	paulista, carioca, nordestina
BA	Jeremoabo	2	paulista, soteropolitana
BA	Jeremoabo	3	paulista, caboclo
BA	Jeremoabo	4	pernambucana, paraibana
BA	Barra	1	sulista, paulista
BA	Barra	2	paulista
BA	Barra	3	brejense, carioca, paulista, nordestina, mineira, gaúcha
BA	Barra	4	paulista
BA	Irecê	1	paulista
BA	Irecê	2	paulista
BA	Irecê	3	paulista, soteropolitana
BA	Irecê	4	carioca, paulista
BA	Jacobina	1	paulista
BA	Barreiras	1	goiana
BA	Barreiras	2	brasiliense, goiana, soteropolitana
BA	Barreiras	3	paulista, pernambucana, paraibana
BA	Barreiras	4	gaúcha
BA	Alagoinhas	1	alagoana, paulista
BA	Seabra	1	paulista

BA	Seabra	3	paulista
BA	Seabra	4	baiana, paulista
BA	Itaberaba	2	paulista
BA	Itaberaba	4	gaúcha
BA	Santo Amaro	2	baiana, gaúcha, paulista, carioca
BA	Santo Amaro	3	carioca, baiana, paulista, gaúcha
BA	Santo Amaro	4	sergipana, cigano
BA	Santana	3	goiana, mineira, paulista, sulista
BA	Santana	4	baiana, goiana
BA	Valença	2	carioca, paulista, baiana
BA	Valença	3	carioca
BA	Valença	4	paulista, carioca, baiana
BA	Jequié	1	mineira, maranhense, paulista
BA	Jequié	2	soteropolitana, paulista, baiana
BA	Jequié	3	baiana
BA	Jequié	4	paulista, baiana
BA	Caetité	4	paulista
BA	Carinhanha	1	paulista
BA	Carinhanha	3	baiana
BA	Carinhanha	4	mineira
BA	Vitória da Conquista	1	paulista
BA	Vitória da Conquista	2	itabunense, soteropolitano
BA	Vitória da Conquista	3	itabunense
BA	Vitória da Conquista	4	nordestina, sergipana, feirense, carioca, mineira
BA	Ilhéus	1	carioca, paulista, gaúcha
BA	Ilhéus	3	paulista, soteropolitana
BA	Ilhéus	4	carioca, paulista
BA	Itapetinga	2	gaúcha, capixaba
BA	Itapetinga	3	carioca, paulista, mineira
BA	Itapetinga	4	soteropolitana
BA	Sata Cruz Cabrália	2	pernambucana, gaúcha
BA	Santa Cruz Cabrália	3	paulista, pernambucana
BA	Santa Cruz Cabrália	4	carioca, paulista
BA	Caravelas	3	carioca, capixaba
Total de ocorrências varietais: 322			

Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

Os dados do Quadro 6 revelam a diversidade de percepções linguísticas apresentadas pelos informantes das localidades do interior da Região Nordeste, segundo o gentílico, sob os pontos de vista: (i) da Região (*nordestino* e *sulista*); do Estado (*alagoana*, *baiano*, *capixaba*, *carioca*, *cearense*, *gaúcho*, *goiano*, *maranhense*, *mineiro*, *paraense*, *paranaense*, *paulista*, *paraibano*, *pernambucano*, *piauiense*, *potiguar*, *sergipana* e *tocantinense*), da capital (*aracajuana*, *brasiliense*, *curitibana*, *fortalezense*, *ludovicense*, *natalense*, *pessoense*, *recifense*, *soteropolitano* e *teresinense*); do interior do próprio Estado (*feirense* e *itabunense*); do interior de outros Estados (*brejense*) e de grupo étnico (*cigano*).

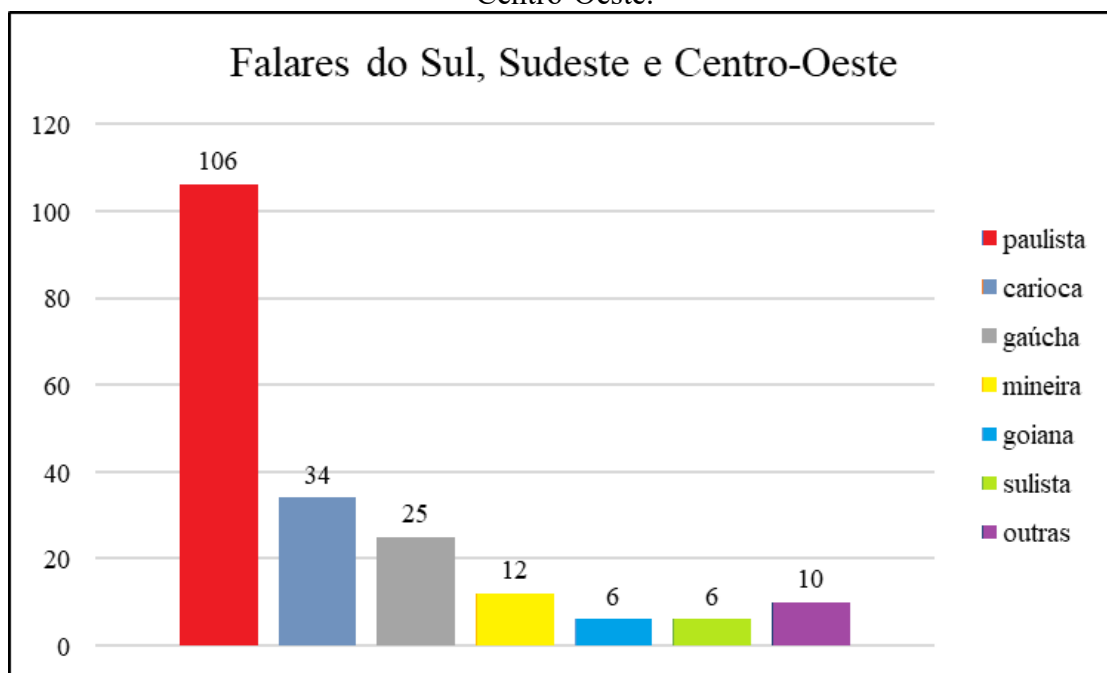
Na próxima subseção, para análise das percepções registradas pelos informantes da Região Nordeste, reunimos os gentílicos relatados em dois grandes grupos: (i) *Sudestino, Sulista e Centro-Oestino*; (ii) *Nortista e Nordestino*.

6.2.2 Percepções do *diferente* com foco na região de origem do outro

Para facilitar a análise, devido à multiplicidade de variedades elencadas pelos informantes, quanto ao foco regional, agrupamos as percepções linguísticas em dois blocos: (i) os falares *sudestino, sulista e centro-oestino* e (ii) os falares *nortista e nordestino*, conforme constam do Quadro 6.

SUDESTINO, SULISTA e CENTRO-OESTINO: Os dados do Projeto ALiB contabilizaram o total de 199 percepções (62%) relacionadas aos gentílicos das Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste, incluindo o gentílico *sulista* com seis ocorrências. A diversidade linguística do falar *paulista* é manifestada por 106 referências, representando 33% dos dados analisados. Em ordem decrescente, temos: *carioca* (34 ocorrências), *gaúcha* (25 ocorrências), *goiana* (seis ocorrências), *mineira* (12 ocorrências), *paranaense* (duas ocorrências), *capixaba* (duas ocorrências), *catarinense* (1) e capitais: *brasiliense* (quatro ocorrências) e *curitibana* (1). O Gráfico 13 mostra a frequência de cada percepção com mais de cinco menções; as demais estão reunidas na coluna *outros* (*paranaense, capixaba, catarinense e curitibana*).

Gráfico 13- Percepção dos falantes nordestinos sobre os falares das Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste.



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

As percepções registradas no Gráfico 13 destacam basicamente a movimentação de dois grupos: i) o dos estados da Região Sudeste: *paulistas, cariocas e mineiros*; ii) o do Sul e Centro-Oeste: *gaúchos, sulistas e goianos*; em contextos históricos e socioeconômicos específicos.

Inicialmente, analisamos as respostas relativas ao grupo *sudestino* e constatamos um vínculo com as migrações de retorno dos nordestinos, conforme expusemos na seção 3 desta tese. De acordo com Ojima e Fusco (2015), os retornos foram direcionados principalmente para a mesma região, embora nem sempre para o mesmo estado e raramente para as mesmas cidades.

No século XX, o aumento da população brasileira resultou em movimentos internos significativos, os fluxos de emigração do Nordeste levaram os naturais para todas as regiões do Brasil, com destaque inicial para a Região Norte. A população urbana e rural no Nordeste, a partir da década de 1950, contemplou um crescimento constante em áreas urbanas. Enquanto isso, a população rural permaneceu estável entre 1950 e 1970, e desde então observa-se uma queda gradual, seguida pela estagnação dos números. Esta situação demonstra que a migração em massa das áreas rurais para as áreas urbanas trouxe consigo uma série de desafios e oportunidades para a população nordestina.

Após a grande seca da década de 1950, houve um rápido aumento da emigração de nordestinos para o Sudeste do Brasil, principalmente de áreas rurais. A expansão das fronteiras agrícolas na década de 1960 contribuiu para a redistribuição da população no país. O crescimento das grandes cidades ocorreu junto com a ocupação de áreas agrícolas até a década de 1970. A partir dos anos 1980, as migrações internas no Brasil se tornaram mais complexas, com predominância de deslocamentos entre áreas urbanas. Na década de 1990, houve um aumento da emigração nordestina e um aumento nos fluxos de imigrantes para o Sudeste. Em São Paulo, os nordestinos representavam 21% da população da Região Metropolitana em 2000.

Esta interpretação está de acordo com a análise feita por Ojima e Fusco (2015), ao comentarem que a proporção de nordestinos vivendo fora do Nordeste aumentou ao longo do tempo, atingindo seu nível mais alto em 2000, antes de diminuir ligeiramente em 2010. O Nordeste sempre teve a maior proporção de emigrantes em comparação com outras regiões do Brasil. Por outro lado, o Sudeste tem a menor proporção de emigrantes em relação ao total de seus naturais.

No que diz respeito ao segundo grupo, gaúchos e sulistas em geral, há registros de que no território do *Novo Nordeste* existe a rede regional gaúcha no interior do Brasil. Os migrantes gaúchos foram atraídos por terras de baixo custo, principalmente devido à expansão do cultivo da soja e obtenção de incentivos fiscais através da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, esclarece Haesbaert (1997).

No sentido inverso, isto é, do Sul para o Nordeste, o papel dos sulistas, com sua cultura diferente, é atualmente o responsável pelas transformações socioespaciais que estão acontecendo no oeste baiano. As atividades mais antigas desenvolvidas na região como a pecuária e o extrativismo do babaçu esteve ao lado de uma agricultura de subsistência. Recentemente, o cerrado do sul do Maranhão, o Piauí e o oeste baiano passaram a desenvolver a lavoura comercial, principalmente de soja, com investimentos de agricultores do Sul do Brasil. Além do desenvolvimento econômico, os gaúchos deixaram suas marcas culturais e sociais, trazendo uma nova construção espacial e cultural para esses territórios.

Também no século XX, logo nos primeiros anos, ocorreu um grande processo migratório de pessoas do Rio Grande do Sul para outras regiões do Brasil. Isso aconteceu porque as áreas de colonização alemã e italiana no estado estavam superlotadas. Os descendentes desses imigrantes ocuparam as áreas desabitadas, formando as *novas colônias* (VALE *et al.*, 2004).

O deslocamento em massa de nordestinos e sulistas em direção à Região Sudeste, em busca de oportunidades de vida mais promissoras, foi um fenômeno que consolidou a região como o principal polo industrial do Brasil durante a década de 1970.

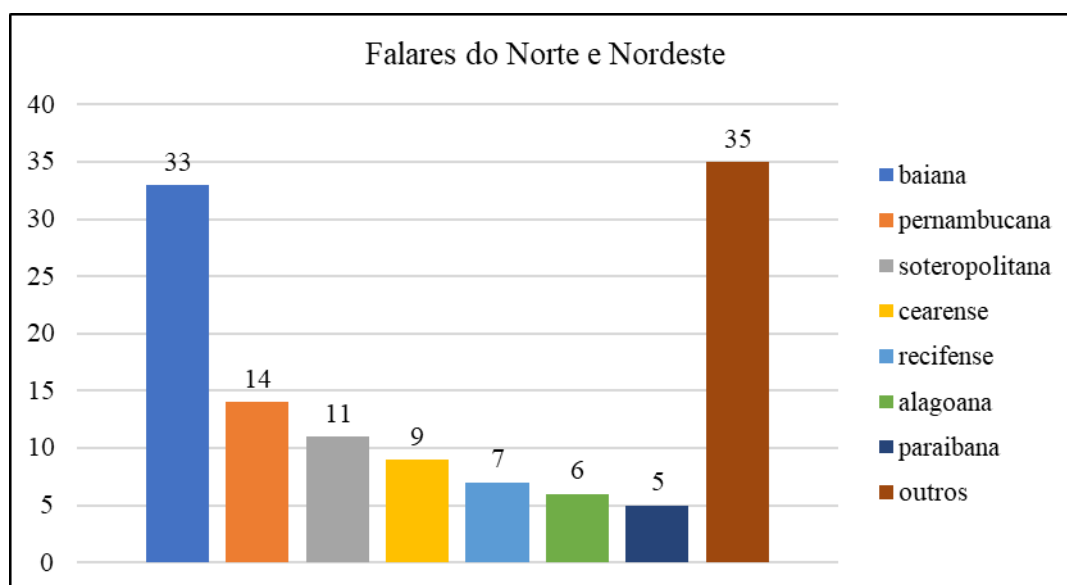
A Região Centro-Oeste passou por mudanças na base produtiva, impulsionadas por programas estatais de modernização agropecuária, após a expansão das fronteiras agrícolas na década de 1960. Empresas agroindustriais foram implantadas com apoio do governo em infraestrutura, incentivos fiscais e crédito subsidiado.

NORTISTA e NORDESTINO: Os dados do Projeto ALiB registraram o número de 120 percepções (38%) relacionadas aos gentílicos da Região Nordeste, incluindo o próprio gentílico *nordestino* (4). A diversidade linguística regional designa: (i) o Estado: *baiana* (33 ocorrências), *pernambucana* (14 ocorrências), *cearense* (nove ocorrências), *alagoana* (seis), *paraibana* (cinco), *paraense* (duas), *piaiense* (duas), *sergipana* (duas), *tocantinense* (uma) e *maranhense* (duas); (ii) capitais: *soteropolitana* (11 ocorrências), *recifense* (sete), aracajuense (três ocorrências); com duas ocorrências cada: *fortalezense*, *teresinense* e *natalense*; com uma: *belenense*, *ludovicense* e *peçoense*; (iii) cidades interioranas: *itabunense* (duas

ocorrências); com uma cada: *brejense*, *feirense* e *juazeirense* e (iv) grupo étnico *caboclo* (duas).

O Gráfico 14 mostra a frequência de cada percepção com mais de cinco menções; as demais ocorrências menos frequentes estão reunidas na coluna *outros* (*potiguar*, *paraense*, *paraibana*, *piauiense*, *sergipana*, *maranhense*, *tocantinense*, *fortalezense*, *teresinense*, *aracajuana*, *natalense*, *peessoense*, *itabunense*, *brejense*, *feirense* e *juazeirense*).

Gráfico 14- Percepção dos falantes nordestinos sobre os falares das Regiões Norte e Nordeste.



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

As percepções registradas no Gráfico 14 evidenciam a forte ligação existente entre os estados nordestinos e suas respectivas capitais, bem como o movimento de retorno dos migrantes para suas cidades de origem ou para outros estados da mesma região. Os últimos censos constataram que o Nordeste tem recebido um contingente considerável de migrantes de retorno, resultado das perdas populacionais que sofreu ao longo dos anos.

Campos *et al.* (2018) levantaram dados do IBGE, dos censos de 2000 e 2010, para investigar o comportamento do migrante de retorno, analisado em dois períodos: inicialmente de 1995 a 2000 e de 2005 a 2010. Estes, a princípio, tiveram três opções: a fixação definitiva no local, o regresso à comunidade de origem ou migração para outra localidade.

Segundo esses pesquisadores, os dados censitários de 2000 revelaram que cerca de 1.129.694 pessoas no Brasil optaram por retornar aos seus estados de origem entre os anos de 1995 e 2000. Entre os anos de 2005 e 2010, o número de indivíduos que voltaram a migrar era

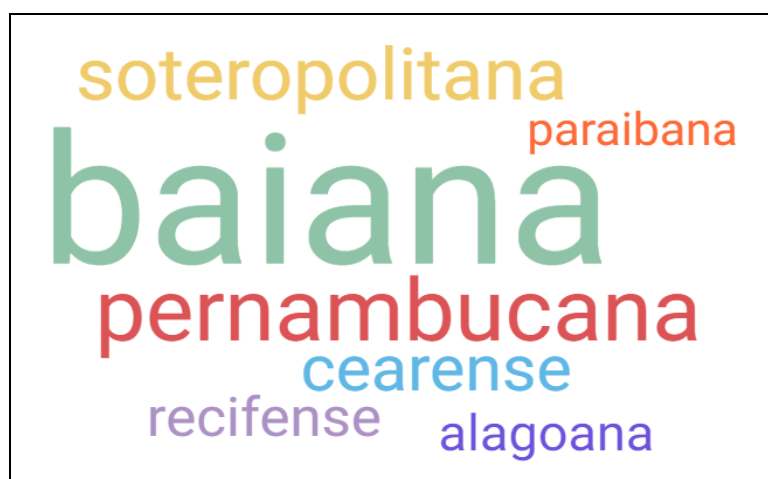
de 999.662, correspondendo a cerca de 21,5% do total de deslocamentos no país. Nesse sentido, complementam:

O Nordeste vem se destacando como a região de maior proporção de retornados interestaduais. No período 1995-2000, 43,5% do total de imigrantes do Nordeste são de retorno, com destaque para os Estados da Paraíba (49,2%), Ceará (48,2%) e Piauí (46,2%). Por outro lado, no quinquênio 2005-2010 houve uma redução na proporção relativa dos migrantes retornados para o Nordeste (37,5%), com destaque para o Ceará (43,6%), seguidos da Paraíba (40,8%) e Piauí (38,9%) (CAMPOS et al., p. 3, 2018).

Diante dos dados, a Região Nordeste se impõe com a maior receptividade de retornados. A concentração das migrações tem sua origem, principalmente, no Estado de São Paulo, seguido pelo Rio de Janeiro e Distrito Federal. Os resultados da pesquisa de Campos *et al.* (2018) indicaram que mais da metade dos migrantes que retornam ao Nordeste têm como destino o próprio município de nascimento. Verificaram um volume significativo de retorno saindo de São Paulo rumo ao interior da Bahia e ao semiárido nordestino; retornos a partir do Rio de Janeiro, preferiram como destino o Estado da Paraíba e de Pernambuco; os fluxos de retornados entre o Distrito Federal e os municípios da porção oeste da Região Nordeste, estabeleceram-se, principalmente, nos estados do Maranhão e do Piauí. Para ilustrar essa nova mobilização do imigrante, é oportuno verificar a Figura 4 (pág. 79) referente ao Mapa das migrações internas no Brasil entre 1990 e 2000.

Para uma visão geral das variedades elicitadas pelos informantes da Região Nordeste, elaboramos uma síntese visual em forma de *nuvem de palavras* formada pelas sete variedades mais recorrentes nos resultados.

Figura 9 - Variedades mais lembradas pelos nordestinos em nuvem de palavras.



Fonte: Elaborado pela autora com dados do Projeto ALiB.

A diversidade linguística encontrada nas manifestações dos informantes do interior da Região Nordeste está intrinsecamente ligada às migrações internas ocorridas ao longo do último século no Brasil. Essa conexão é comprovada tanto pelos dados do IBGE quanto pelos estudos de renomados pesquisadores⁴². Portanto, é bem provável que a diversidade linguística presente nas percepções desses informantes seja resultado das idas e vindas dos trabalhadores ao longo do tempo.

Na próxima subseção, tratamos das referências linguísticas quanto ao *sotaque* e aos *adjetivos*, conforme percebidas pelos entrevistados da Região Nordeste.

6.2.3 Referências Linguísticas: *sotaques*

Ao analisar as respostas da Questão 5 para apurar como o outro fala na perspectiva dos informantes nordestinos, os resultados apontaram para o emprego de um recurso, assim como fizeram os informantes da Região Norte: a designação do termo *sotaque* como principal característica diferenciadora das variedades. Seleccionamos alguns excertos (80 e 81) para ilustrar as referências aos *sotaques* a partir da consciência das normas de cada variedade, do léxico e da pronúncia, ou do estilo.

(80) INF. – Na própria Bahia, lá de baixo, às vezes tem uma coisa de *oxe*, *oxe*, *oxe*, e aí *bichinho*? Como vai *bichinho*? A gente, às vezes, fala por causa da..., às vezes conhece uma pessoa assim, então na amizade com proximidade, mas o *sotaque* nosso é um *sotaque* diferente, porque não compara com Goiás, nem com Minas, nem com São Paulo, nem com Rio Grande... nem com o Sul todo... [Inf. 3/Santana-BA].

(81) INF. - Lá em São Paulo usa muito o S, né? É que o *sotaque* é diferente, né? O nordestino, o nordestino, já sabe, né? O modo dele falar né? Minas também, cada um... um estado tem um... um jeito de falar, né? Ce vê ó... nós vê o Rio Grande do Sul mesmo, o *sotaque* de lá é bem diferente do Rio, de São Paulo, né? [Inf. 3/Barra-BA].

Os informantes baianos nos excertos (80) e (81) apontam o *sotaque* como o elemento diferenciador entre as variedades de Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e da Região Sul. É nítida a capacidade que demonstram na percepção da diferença quanto ao *sotaque*, incluindo as falas do próprio Estado da Bahia, excerto (80), sem esclarecer

⁴² Aragão (1999, 2005); Callou, Serra e Cunha (2015); Freitag e Severo (2016); entre outros.

o que de fato são as características discordantes, como à atribuída a São Paulo pelo uso do /S/, excerto (81).

É na percepção do diferente que a consciência desperta para o igual, para o compartilhamento da mesma identidade, comunidade e linguagem. O que movimenta o igual é o diferente, o não reconhecimento das práticas intrínsecas a este grupo.

Apresentamos no Quadro 7 uma síntese das percepções atribuídas ao *sotaque*, organizadas de acordo com as variedades, faixas etárias (I e II) e localidades dos informantes.

Quadro 7 – Percepção dos nordestinos sobre as variedades com base no *sotaque*

Variedades	Nº Informante	Localidade
Paulista	1	Alagoinha-BA
	1	Jequié-BA
	1	Canto do Buriti-PI
	1	Petrolina-PE
	1	Jeremoabo-BA
	2	Valença-BA
	2	Picos-PI
	2	Limoeiro do Norte-CE
	2	Mossoró-RN
	2	Pau dos Ferros-RN
	2	Patos-PB
	2	Cabrobó-PE
	2	Estância-SE
	3	Santana-BA
	3	Santa Cruz Cabralia-BA
	3	União dos Palmares-AL
	3	Estância-SE
	3	Itapetinga-BA
	4	Alagoinha-BA
	4	Caetité-BA
4	Canto do Buriti-PI	
4	Limoeiro-PE	
4	União dos Palmares-AL	
Carioca	1	Ilhéus-BA
	1	Olinda-PE
	1	Estância-SE
	1	Jeremoabo-BA
	2	Limoeiro do Norte-CE
	2	Patos-PB
	2	Limoeiro-PE
	3	Vitória da Conquista-BA
	4	Alagoinha-BA
	4	Sobral-CE
	4	União dos Palmares-AL
Cearense	2	Limoeiro do Norte-CE

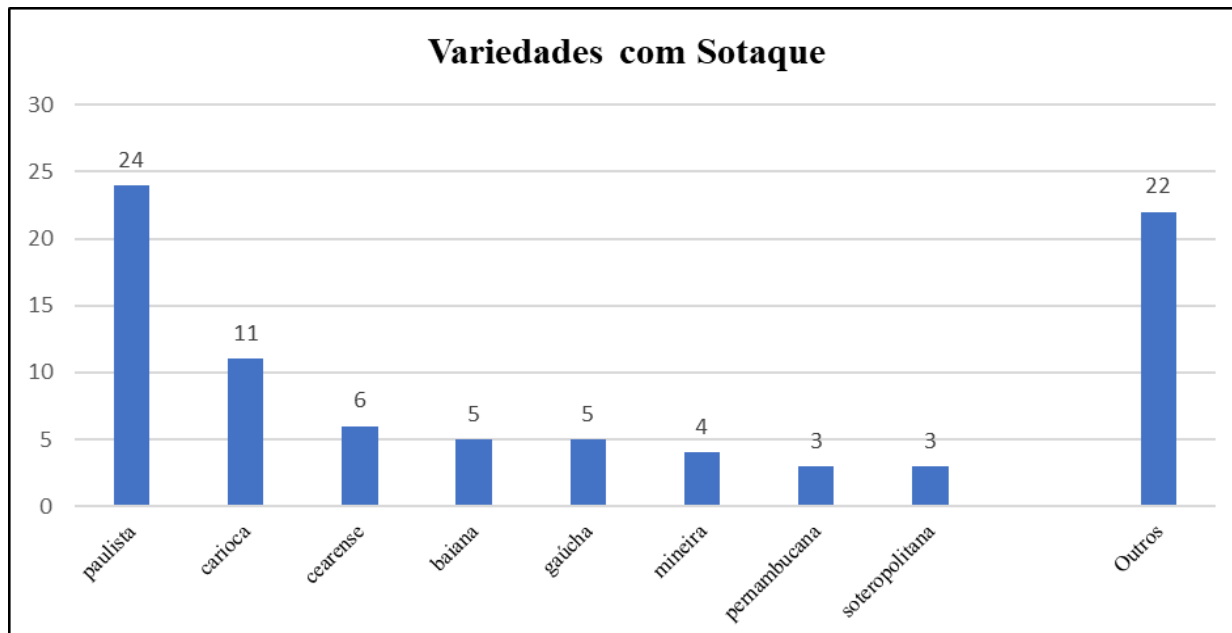
	2	Pau dos Ferros-RN
	3	Santa Cruz Cabrália-BA
	3	Canindé-CE
	3	Pau dos Ferros-RN
	4	União dos Palmares-AL
Baiana	2	Limoeiro-PE
	3	Petrolina-PE
	3	Arco Verde-PE
	3	Vitória da Conquista-BA*
	4	Ipu-CE
Gaúcha	1	Ilhéus-BA
	2	Santana-BA
	2	Sobral-CE
	3	Barra-BA
	4	Crateús-CE
Mineira	1	Jequié-BA
	2	Limoeiro-PE
	3	Vitória da Conquista-BA
	4	Caruaru-PE
Pernambucana	3	Santa Cruz Cabrália-BA
	3	Sobral-CE
	1	Arco Verde-PE
Soteropolitana	1	Euclides da Cunha-BA
	4	Euclides da Cunha-BA
	4	Caruaru-PE
Goiana	3	Santana-BA
	4	Santana-BA
Nordestina	1	Jeremoabo-BA
	1	Estância-SE
Paraibana	2	Pau dos Ferros-RN
	3	Crato-CE
Maranhense	2	Brejo-MA*
	3	Santana-BA
Recifense	2	Alagoinha-BA
	3	Arco Verde-PE
Sergipana	1	Petrolina-PE
	3	Vitória da Conquista-BA
Sulista	3	União dos Palmares-AL
	3	Canto do Buriti-PI

Alagoana	1	Estância-SE
Aracajuana	3	Salgueiro-PE
Brasiliense	2	Santana-BA
Paraense	1	Quixeramobim-CE
Paranaense	3	Barreiras-BA
Ludovicense	1	Jequié-BA
Potiguar	2	Pau dos Ferros-RN
*Referentes ao interior do próprio estado⁴³		

Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

Os resultados apontaram 83 referências a *sotaques*, distribuídas em 22 variedades diferentes. Para facilitar a visualização, sintetizamos no Gráfico 15, em ordem decrescente as variedades com *sotaque* apontadas pelos informantes nordestinos.

Gráfico 15 – Variedades com *sotaque* destacadas pelos informantes do Nordeste.



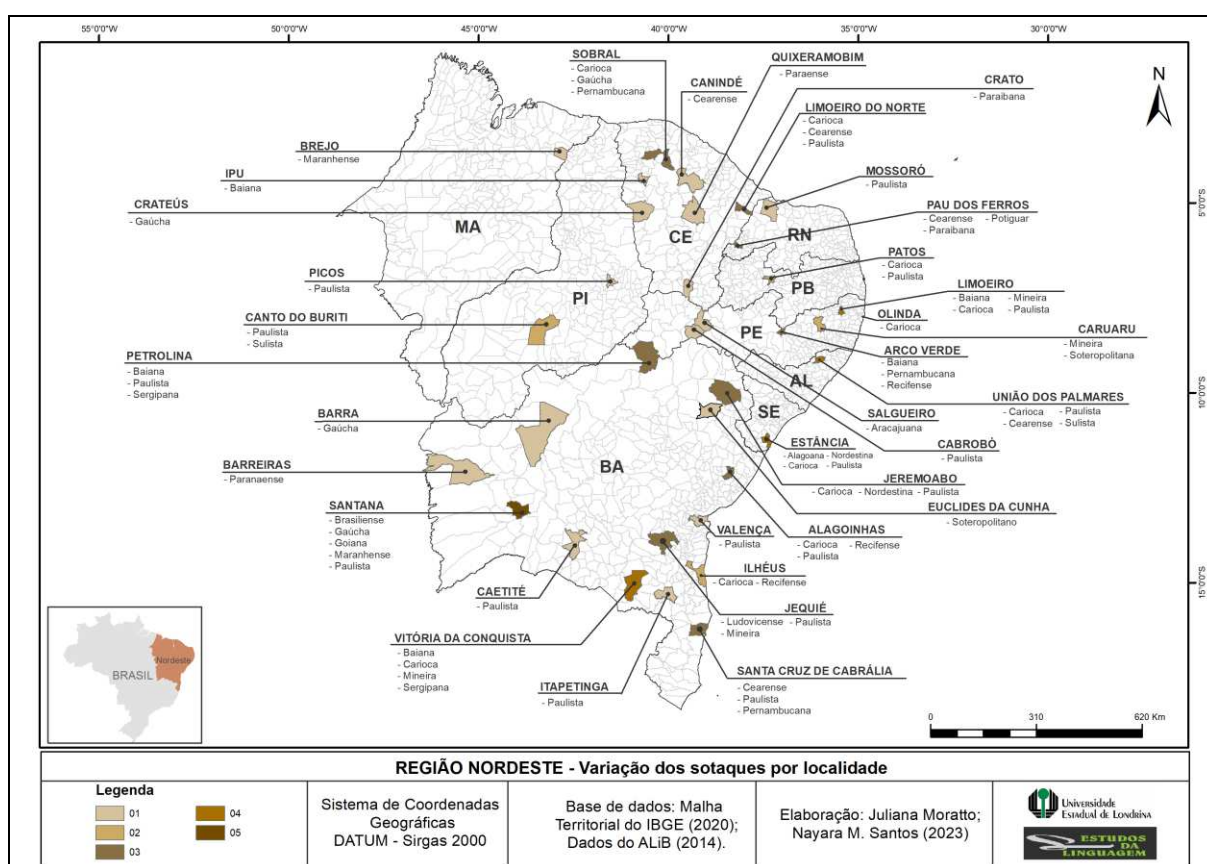
Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

⁴³ As referências ao sotaque do *interior* foram tratadas segundo o respectivo estado do informante (2/Brejo-MA e 3/Vitória da Conquista-BA).

O gráfico 15 mostra que o falar paulista ganha destaque em relação às demais, representando aproximadamente 30% (24 do total de 83 respostas). Além do paulista, outros sotaques são referidos: da Região Nordeste (*baiana, cearense, pernambucana e soteropolitana*); da Região Sul (*gaúcha*); e da Sudeste (*carioca e mineira*). São menos frequentes as percepções referentes às Regiões Centro-Oeste e Norte.

Para ilustrar a multiplicidade dos *sotaques* mencionados pelos informantes nordestinos elaboramos a Carta 2, incluindo, também, as menos frequentes.

Carta 2 – Variedades percebidas pelo *sotaque* segundo o relato dos informantes da Região Nordeste.



Fonte: Elaborada por Moratto e Santos (ad hoc) com os dados do Projeto ALiB.

A Carta 2 apresenta as manifestações de 22 variedades com *sotaque* na percepção dos informantes da Região Nordeste, representadas em 34 localidades. Observamos que o *sotaque* paulista é citado pelos informantes de todos os estados dessa Região.

Em Santana-BA, houve a maior quantidade de manifestações (5): brasiliense, gaúcha, goiana, maranhense e paulista. Com quatro referências, os informantes de Estância-SE

(alagoana, nordestina, carioca e paulista); Limoeiro-PE (baiana, carioca, mineira e paulista); União dos Palmares-AL (carioca, cearense, paulista e sulista) e Vitória da Conquista-BA (baiana, carioca, mineira e sergipana). Com três referências, Alagoinhas-BA (carioca, paulista e recifense); Arco Verde-PE (baiana, pernambucana e recifense); Jeremoabo-BA (carioca, nordestino e paulista); Jequié-BA (ludovicense, paulista e mineira); Limoeiro do Norte-CE (carioca, cearense e paulista); Petrolina-PE (baiana, paulista e sergipana); Pau dos Ferros-RN (cearense, potiguar e paraibana); Santa Cruz Cabrália-BA (cearense, paulista e pernambucana) e Sobral-CE (carioca, gaúcho e pernambucana). As demais variedades, com duas ocorrências ou menos, estão disponíveis para consulta no Quadro 7.

Selecionamos alguns fragmentos das entrevistas dos informantes nordestinos para ilustrar como percebem a fala do outro pelo *sotaque*.

(82) INF. – *Sotaques* diferentes, né?! Muda de cidade pra cidade, de estado pra estado e assim sucessivamente [Inf. 1/Cajazeiras-PB].

(83) INF. – Cada lugar tem um *sotaque* diferente [Inf. 2/Cajazeiras-PB].

(84) INF. – Em *São Paulo*, até *Paraíba* também, tem um *sotaque* diferente do da gente aqui do, do *Rio Grande*. *Ceará* também [Inf. 2/Pau dos Ferros-RN].

(85) INF. – É o *sotaque* da fala deles, eles falam uma língua diferente, uma pala... o *sotaque* de falar pra a gente é diferente. Eu vejo isso, nesses lugares, não é! São Paulo, Rio, Bahia, Minas [Inf. 4/Limoeiro-PE].

(86) INF. – É, a fala. Porque cada estado sempre a língua muda um pouco, sabe? É porque lá pro *Sul* mesmo é diferente, eles conversam mais, tem um *sotaque* bem diferente daqui do *Nordeste* [3/Canto do Buriti-PI].

Os trechos de (82) a (86) realizam uma abordagem diatópica e comparativa sobre a representação dos diferentes falares. Segundo os informantes, o diferencial é o *sotaque* intrinsecamente ligado à *localidade* (excertos 82 a 84) e à *fala* (excertos 85 e 86), sendo único em cada lugar.

Os trechos de (87) a (91) destacam a forma de falar dos paulistas, reconhecida por parte dos informantes, muitas vezes imitado por outros falantes independentemente da condição de migrante ou turista.

Evidências presentes nas falas dos informantes apontam a disseminação do dialeto paulista na Região Nordeste relacionada à mobilidade geográfica, causando grandes transformações na vida e na cultura da população autóctone e alóctone. Esses fatos compreendem duas situações de acordo com os relatos: i) pessoas itinerantes, nativos que

viajaram e retornaram; ii) pessoas de fora, paulistas que se estabeleceram nas localidades investigadas. Sobre o primeiro grupo, foram encontrados itinerantes nos estados de Pernambuco, Paraíba e Alagoas, registrados nos segmentos:

(87) INF. – Tem, tem muita gente que vai pra *São Paulo*, assim, com a voz portuguesa, e volta falando *paulista*.

INQ. – O seu marido voltou falando como o pessoal que muda? O que eles mudam mais? Muda o que mesmo...?

INF. – Muda a *voz*, tem uma *gíria* de maloqueiro e as *roupas* estranhas, só [Inf. 2/Arapiraca-AL].

(88) INF. – O *sotaque*. É, o *sotaque paulista* mesmo, de lá [Inf. 2/Estância-SE].

(89) INF. – Tem, o pessoal que passa um tempo em São Paulo, volta falando diferente, com um *sotaque* diferente.

INQ. – E como é falar diferente? Dê um exemplo.

INF. – É *chiando*, *chiando* a pessoa diz que vai pra São Paulo volta *chiando*. [Inf. 2/Cabrobó-PE].

(90) INF. – *São Paulo* mesmo, né? Quando meu cunhado vem, né! Cunhada, né? Já falam bem diferente [Inf. 4/Petrolina-PE].

(91) INF. - Mas eu tenho um tio meu que ele fala desse jeito ... Veio de *São Paulo*.

INQ. – Ele foi morar lá há muito tempo?

INF.– Ah, morou lá desde pequeno [Inf. 2/Itaporanga-PB].

Nos trechos transcritos (87 a 91), constatamos relações explícitas da dinâmica existente entre estar em contato com outra variedade, alimentar seu idioleto, retornar à terra natal e perceber que os seus notam a diferença, seja porque simplesmente é *diferente*, pela imitação do *sotaque* ou pela reprodução de *gírias*, excerto (87).

A informante da faixa I de Arapiraca-AL entende a influência do movimento **migratório de ida e volta**, devido à mudança no comportamento e na linguagem do marido, que absorveu o falar paulista. As diferenças incluem a *voz* (provavelmente o *sotaque*), o modo de falar utilizando *gírias* paulistas e o estilo das *roupas* (classifica como de maloqueiro⁴⁴). Esses fatores linguísticos e sociais causam estranheza e são manifestados por uma atitude negativa de reprova pelas mudanças, não apenas pelos traços linguísticos adquiridos, mas também pelo comportamento.

O segundo grupo, **pessoas de fora**, é representado por baianos, paulistas e cariocas que se estabeleceram no Maranhão, nas palavras da informante de Imperatriz-MA:

⁴⁴ Em Houaiss, temos: **Maloqueiro**: 1. Alagoas: menor que vagueia pelas ruas, ger. em grupo, pedindo dinheiro, praticando pequenos furtos, esp. os que pernoitam em maloca ('abrigo'). 2. Alagoas: indivíduo maltrapilho.

(92) INQ – Aqui tem muita gente de fora? De que lugares vem gente pra cá? Eu digo dos que... aparece mais gente... de que lugares são?
 INF – Vem, vem muita gente de fora. Vem gente de tanto lugar assim, de Bahia, São Paulo, Rio e é tudo diferente, que cada um é um *sotaque*, né! e tem uns que falam, que nossa mãe! [Inf. 4/Imperatriz-MA].

O excerto (92) retrata a perspectiva observada no sotaque da *gente de fora*. A narrativa da informante maranhense pode estar relacionada aos atrativos da sua cidade. Atualmente, Imperatriz é a maior cidade do Estado do Maranhão depois da capital São Luís, estrategicamente localizada no entroncamento que liga as Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Representa um polo populacional, econômico, político e cultural para todo o Estado, conseqüências do forte desenvolvimento industrial e agroflorestal e muito atrativo a trabalhadores. O período mais intenso das migrações internas para o Maranhão se deu entre os anos de 1970 e 1990, principalmente vindos do Ceará, conforme certificam os mapas de Simielli (2006) disponíveis na seção 3.3 desta tese.

Nos dados da Região Nordeste, os resultados apontam, também, para percepções das diferenças entre as variedades do interior e da capital. Os excertos (93), (94) e (95) ilustram a assertiva dos informantes baiano e pernambucano, referindo-se à capital do próprio estado, enquanto, no excerto (95), o informante indica o *sotaque* da capital de outro Estado:

(93) INF. – Falam, *Salvador* mesmo. Salvador, Feira. Já é outro *sotaque*, né! [Inf. 1/Euclides da Cunha-BA].

(94) INF.- Do *Recife*. Tem um bocado de gente de lá que *fala diferente* devido ao clima de lá. (...) Sei não! é uma fala você vê aqui, uma fala de um jeito, quando você chega lá, você vê uma fala mais diferente. Agora, os que forem de lá mesmo, os que nasceram lá, falam diferente. Agora os que vem de fora pra lá é quase a mesma coisa daqui [Inf. 3/Caruaru-PE].

(95) INF. – Aqui, quando mora, assim, em *São Luís*, pega o *sotaque* de São Luís, das coisa assim... Aí tem isso, o Bombril chama palha de aço, aí tem muita gente que chega com esse *sotaque* assim [Inf. 2/Brejo-CE].

A percepção linguística descrita nos últimos trechos evidencia as diferenças entre a fala da *capital*, apontadas pelos informantes, e do *interior* onde eles residem. A informante jovem do Brejo-CE associa o *sotaque* às variantes lexicais.

A interação linguística proporcionada pelo *turismo* é documentada nos excertos (96), (97) e (98):

(96) INF. – Não achei, não. Como baiana, não achei não. Porque eu já falei com um *baiano* que fala aquilo, assim, bem *puxado*, sabe?

INQ. – Como é?

INF. – Aquilo assim, sei lá, bem *demorado*, assim a palavra para dizer.

INQ. – É?

INF. – Porque eu trabalhava numa *loja de artesanato* e lidava muito, assim, *com essas pessoas que vinham conhecer*, né? [Inf. 3/Olinda-PE].

(97) INF. – Como aqui é uma *cidade muito praieira*, essas coisa assim, as pessoas vêm sempre pra cá... teve uma vez que teve um rapaz que alugou uma... uma casa na minha rua e ele falava é... em vez, tipo... a gente fala muito puxado no R e ele não, ele fala “co[]da”, entendeu? aí todo mundo dava risada [Inf. 2/Ihéus-BA].

(98) INF.- Mas tem muita gente aqui que às vezes, passa uma reportagem na televisão aí, *gente na praia*, gente que veio curtir por aqui, né? *Os turistas* [Inf. 4/Jequié-BA].

Os apontamentos, nos trechos descritos, sugerem que os informantes residentes em locais turísticos (Olinda-PE e Ihéus-BA) reconhecem os sotaques pela prestação de serviço na loja de artesanato (96) e na locação de imóveis na praia (97). Já a informante de Jequié-BA, refere-se ao turismo no litoral do Estado, setor que impulsiona a economia baiana também pelas atrações culturais, religiosas e artísticas.

Em síntese, a análise das percepções dos nordestinos sobre as 22 variedades com *sotaque* demonstra que elas se estendem às cinco regiões brasileiras, umas lembradas com mais frequência do que outras.

A próxima subseção analisa as adjetivações atribuídas pelos nordestinos aos falares exógenos.

6.2.4 Referências Linguísticas: *adjetivação*

Ao serem questionados sobre as variedades linguísticas, os informantes expressam suas impressões fundamentadas em referências linguísticas do seu cotidiano, que podem ser julgamentos positivos ou negativos.

A percepção do diferente se mostrou produtiva expressada por meio de adjetivações, algumas genéricas e outras mais específicas. Com base nos dados investigados, elaboramos o Quadro 8, no qual dispomos os adjetivos que caracterizam os dialetos (*arrastado*, *cantado*, *puxado*, *embolado*, entre outros):

Quadro 8 – Adjetivos atribuídos, pelos informantes da Região Nordeste, às variedades percebidas.

Adjetivos	Variedade	Informantes
	baiana	1/Caicó-RN; 2/Santo Amaro-BA; 3/Santo Amaro-BA;

arrastado puxado puxado no R embolado		3/Jequié-BA
	brasiliense	2/Corrente-PI
	capixaba	2/Itapetinga-BA; 4/Propriá-SE
	carioca	3/Santo Amaro-BA
	cearense	1/Tuntum-MA
	fortalezense	3/Crato-CE
	gaúcha	1/Brejo-MA; 1/Tuntum-MA; 3/Alto Parnaíba-MA; 2/Sobral-CE; 3/São João dos Patos-MA; 1/Balsas-MA
	goiana	3/Euclides da Cunha-BA
	nordestina	3/Vitória da Conquista-BA
	paulista	2/Canto do Buriti-PI; 2/Ipu-CE; 2/Cabrobó-PE; 3/Cabrobó-PE; 3/Juazeiro-BA; 3/Euclides da Cunha-BA; 2/Barra-BA; 2/Exu-PE; 1/Barra-BA; 4/Tuntum-MA; 4/Picos-PI; 1/Limoeiro do Norte-CE; 3/Itaporanga-PB; 4/Santana do Ipanema-AL; 1/Juazeiro-BA; 4/Irecê-BA; 3/Seabra-BA; 4/Seabra-BA; 2/Euclides da Cunha-BA; 1/Carinhanha-BA; 4/Propriá-SE; 4/Barra-BA; 3/Crateús-CE; 1/Irecê-BA
	catarinense	2/Caruaru-PE
	paraibana	4/Picos-PI
	piauiense	1/Tuntum-MA
	recifense	3/Crato-CE
soteropolitana	4/Garanhus-PE; 3/Alagoinhas-BA; 1/Caicó-RN; 4/Euclides da Cunha-BA	
potiguar	4/Russas-CE	
chiado puxado no S	paraense	2/Imperatriz-MA; 3/Crateús-CE
	carioca	3/Piripiri-PI; 4/Sobral-CE; 2/Ipu-CE; 4/Ipu-CE; 3/Crateús-CE; 2/Itaporanga-PB; 2/Floresta-PE; 3/Euclides da Cunha-BA; 3/Cuité-PB
	cearense	1/Mossoró-RN; 3/Santana do Ipanema-AL
	paulista	3/Canto do Buriti-PI; 2/Crateús-CE; 3/Crateús-CE; 1/Russas-CE; 3/Russas-CE; 1/Caicó-RN; 4/Caicó-RN; 2/Itaporanga-PB; 4/Patos-PB; 1/Exu-PE; 3/Exu-PE; 4/Exu-PE; 1/Afrânio-PE; 2/Afrânio-PE; 2/Cabrobó-PE; 1/Arco Verde-PE; 1/Garanhus-PE; 3/Barra-BA; 1/Floresta-PE; 3/Pau dos Ferros-RN
	recifense	3/Arco Verde-PE; 4/Arco Verde-PE
	soteropolitana	2/Jequié-BA
	bonito	gaúcha
curitibana		3/Propriá-SE
paulista		4/Estância-SE; 2/Propriá-SE; 4/Propriá-SE; 4/Itaporanga-PB
soteropolitana		4/Euclides da Cunha-BA
errado	baiana	3/Juazeiro-BA; 4/Valença-BA
	cearense	4/Camocim-CE; 4/Crateús-CE
	paraibana	4/Patos-PB
engraçado	paulista	1/Barra-BA; 2/Barra-BA; 4/Tuntum-CE
	soteropolitana	4/Euclides da Cunha-BA
cantado	baiana	1/Sobral-CE
	sergipana	4/Santo Amaro-BA

enrolado	pernambucana	2/Imperatriz-MA
	recifense	3/Afrânio-BA
certo	brasiliense	4/Patos-PB
	londrinense	4/Patos-PB
agradável baiano calmo claro-limpo	baiana	3/Petrolina-PE
		3/Carinhanha-BA
		1/Olinda-PE
		3/Estância-PE

Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

No Quadro 8, reunimos as características que consideramos similares como: *arrastado, puxado, puxado no R e embolado, como **arrastado**; chiado e puxado no /s/ como **chiado***. A variedade *baiana* apresenta seu próprio grupo formado pelas características: *agradável, baiano, calmo e claro-limpo*. Outros adjetivos, não passíveis de agrupamento, são listados como: *bonito, errado, cantado, enrolado e certo*.

6.2.4.1 Variantes com róticos na percepção dos falantes nordestinos

Sobre a percepção dos róticos como *arrastado*, buscamos na carta F04 C6 do ALiB, com dados das capitais, as variedades mais recorrentes no Português do Brasil. Sinteticamente, em coda silábica interna, o ALiB registrou a presença de três róticos nas falas nordestinas: 90 a 100% de fricativa glotal (*maranhense, piauiense, cearense, potiguar, paraibana, pernambucana, alagoana, sergipana e baiana*); 10% de fricativa velar (*maranhense, piauiense e baiana*); e 10% de tepe (*pernambucana, paraibana e alagoana*). A percepção da fala *nordestina*, que está arraigada no consciente linguístico dos falantes, é fundamentada no emprego da fricativa glotal em posição de coda interna. A partir dessa premissa, desdobram-se as atitudes. Nas palavras de Marroquim (1934, p. 22-25):

A pronúncia do nordestino é a que caracteriza em geral o falar brasileiro: é demorada, igual, digamos mesmo *arrastada*, em contraste com a prosódia lusitana, áspera e enérgica (...) a entonação do falar nordestino, no interior, principalmente, segue uma orientação descendente, as vogais são marcadas e abertas. Daí a fama de falarmos *cantando* (grifo nosso).

Os excertos (99) e (100) reúnem traços da fala baiana (*arrastada*) percebidos por informantes, potiguar e baiano.

(99) INF.- As baianas. O povo fala *arrastado*, é? Eu acho que é. *Oxente*, não sei o quê! né! [Inf. 1/Caicó-RN].

(100) INF.- Até o baiano fala meio *arrastadozinho* (...) Uns falam meio cantando, né? *Arrastando* as palavras. Baiano é meio *gaiato*⁴⁵ [Inf. 3/Jequié-BA].

Os trechos mencionam o *arrastado* da fala baiana documentado na capital pelo ALiB através do predomínio da glotal, pelos informantes de Caicó-RN e de Jequié-BA.

As marcas da fala da capital Salvador-BA aparecem nas percepções do potiguar e do pernambucano, registradas nos excertos (101) e (102).

(101) INF. - Em Salvador também eles *puxam* mais.
 INQ. - O que você diz puxa mais?
 INF.- Sei lá, eles puxam assim, falam mais *lento* [Inf. 4/Garanhuns-PE].

(102) INQ. - Você pode dar exemplos pra gente?
 INF.- Como o povo de Salvador, né?
 INQ. - Você acha que é *arrastado*?
 INF.- Eu acho que é. *Oxente*, não sei o quê! né! [Inf. 1/Caicó-RN].

A fala soteropolitana, quando se trata de ritmo, é considerada *puxada/lenta* e *arrastada*, pela informante da faixa II de Garanhuns-PE, excerto (101). No entanto, o jovem informante potiguar relaciona *arrastado* com a expressão *oxente*, no excerto (102).

Na percepção do informante maranhense de Tuntum, excerto (103), a fala *puxada* é percebida no falar do Ceará e do Piauí; e a percepção do cearense de Russas, excerto (104), considera *puxada* a fala no Rio Grande do Norte e no interior do Ceará:

(103) INF. – Tem gente do Ceará, tem gente do Piauí. É porque a fala deles é mais *puxada* [Inf. 1/Tuntum-MA].

(104) INF.- Rio Grande do Norte, eles têm um *puxado*, né!
 INQ. - Diga aí, como?
 INF.- Russas eles chamam... eu não sei te dizer, mas que eles falam diferente eles falam [Inf. 4/Russas-CE].

Sobre o aspecto *puxado* dos nordestinos, buscamos as cartas fonéticas do ALiB, as Cartas F04 de C1 a C6 tratam da realização dos róticos nas capitais. Verificamos nas cartas que a incidência da realização do /R em coda externa e interna, em nomes e verbos, tem baixa frequência entre os Estados do Nordeste. Contudo, quando realizado, o predomínio é da fricativa glotal em todas as capitais.

⁴⁵ Dicionário Houaiss On Line: 1. diz-se de ou rapaz travesso e vadio; garoto e 2. diz-se de ou indivíduo alegre, faceto, brincalhão.

O rótico é o aspecto fonético-fonológico mais saliente da variedade cearense na percepção de alguns informantes, como mostram os excertos (105) e (106):

(105) INF. – E no Ceará, a letra R, né.
 INQ. – É? Me diga aí como foi.
 INF. – Porque lá *puxa* no R. No Ceará, *puxa* a letra R. Tudo.
 INQ. – Tipo o quê? Carro, rua, rosa?
 INF. – Carro, é... carro... Aqui a gente vai dizer, vamos supor [...]. Uma quarta, a gente diz qua[h]ta, né! E lá não, tem que dizer, qua[x]ta, tem que explicar. Tem que explicar aquele R, viu! [Inf. 3/Arapiraca-AL].

(106) INQ. - Como é? Um exemplo assim de Fortaleza.
 INF.- Por que já é a língua um pouquinho mais diferente da gente aqui.
 INQ. - Poderia dar um exemplo?
 INF.- Eles *puxam* mais o /s/, outros pronunciam *mais o R* [Inf. 3/Crato-CE].

O informante alagoano de Arapiraca-AL considera diferente a fala dos cearenses pelo *r puxado*, representado pela fricativa glotal na palavra qua[h]ta, em contraponto com a preferência alagoana pela fricativa velar. A Carta F04 C5 registra na capital Fortaleza-CE, 100% de realização do /R/ em coda silábica interna para nomes e verbos, com predomínio da fricativa glotal. Em Alagoas, o ALiB registra a realização da fricativa glotal (90%) mas também há indícios da velar (25%), em consonância com o relato do excerto (105). O excerto (106) trata da percepção do informante de Crato-CE (interior) concentrando as diferenças na capital pelo *puxado* do S e do R.

Outras propriedades foram reunidas para formatar o falar gaúcho, como *puxar o R* e o sotaque *arrastado*, como mostram os excertos (107) e (108):

(107) INF. - Não, só gaúcho mesmo.
 INQ. - Como?
 INF. - Lá eles usam muito o *R* [Inf. 1/Balsas-MA].

(108) INF.- Só quem fala um pouquinho diferente é o povo gaúcho, né? Eu acho que *sotaque* que fala... É assim *arrastado*, uma coisa, né? Que eles falam... [Inf. 2/Sobral-CE].

Os jovens informantes, de Balsas-MA e de Sobral-CE, têm a fala gaúcha pela presença do *R puxado* no excerto (107), e pelo sotaque *arrastado*, excerto (108). Tais percepções remetem à realização dos róticos. Registram os dados do ALiB na capital Porto Alegre-RS, Carta F04 C6 (CARDOSO *et al.*, 2014), a realização do /R/ em coda silábica interna majoritariamente pelo tepe (90%) e em menor frequência, pela fricativa velar (25%). Em Fortaleza-CE (100%) e em São Luís-MA (90%) a preferência é da fricativa glotal. Essa

percepção resulta na distinção entre os falares das Regiões Nordeste e Sul, conforme a fala dos informantes.

Os itinerantes, expostos a outra realidade linguística, expõem suas percepções, assim como o fez a informante do Piauí no excerto (109):

- (109) INQ. - Você foi pra Brasília você percebeu algo de diferente, quando você foi pra lá?
 INF. – Não, só mesmo assim as falas, é diferente das pessoas daqui, né?!
 INQ. - É muito diferente?
 INF. - Eu acho assim, por que no final eles *puxam* muito, a gente aqui... [Inf. 2/Corrente-PI].

A jovem informante de Corrente-PI relata ter observado nas falas, quando esteve em Brasília, particularmente o fato de os brasilienses *puxarem* o som no final das palavras, algo que não considera comum entre os piauienses.

Os próximos trechos trazem as manifestações das variedades referentes às falas capixaba (excerto 110) e goiana (excerto 111):

- (110) INF. – Tem os capixabas também que eles há um tempo, mas a língua deles também é um pouco *puxada*.
 INQ. – Como é a diferença da língua deles?
 INF. – Eu não sei lhe dizer, é um jeito diferente deles falarem com a pessoa, que não dá nem pra pessoa entender [Inf. 2/Itapetinga-BA].

- (111) INF. – (...) o goiano também fala um pouco diferente também, *arrasta* um R no falar “ue[ɾ]” [Inf. 3/Euclides da Cunha-BA].

O informante de Itapetinga-BA, excerto (110), considera o falar capixaba *puxado* e desafiador para a compreensão de outros falantes. Já o goiano *arrasta* um R no falar, a exemplo do retroflexo de ue[ɾ], na percepção do informante de Euclides da Cunha-BA, excerto (111).

No entanto, a Carta F04 C6 do ALiB registra para capitais do Espírito Santo e de Goiás, róticos diferentes. Registra-se em Goiânia-GO a realização da vibrante retroflexa (75%), seguida da fricativa glotal (50%) e velar (25%); em Vitória-ES, predominam a fricativa glotal (75%) e a velar (50%), esta localidade não apresenta o retroflexo mas conta com uma pequena participação do tepe (25%). Enquanto em Salvador-BA, a preferência é pela fricativa glotal (90%) junto ao tepe (25%).

Retomando o Quadro 8, passamos para os casos do grupo do adjetivo *puxada*, *puxa* o R, iniciando pela fala *paulista*. Estudos a respeito do dialeto caipira associam esta marca à pronúncia do r retroflexo. Os excertos de (112) a (120) ilustram nossa análise:

- (112) INF. – (Os paulistas) Falam mais, eles *arrastam* [Inf. 4/Propriá-SE].
- (113) INF. – É... São Paulo usa mais um chiado, *puxa muito o R*, é um chiado danado [Inf. 3/Itaporanga-PB].
- (114) INF. – Já em São Paulo, o pessoal *puxa mais pelo R*, né! [Inf. 2/Ipu-CE]
- (115) INF. – São Paulo é aqui no Brasil, mas a língua é mais..., já tem diferença.
 INQ. - E qual é a diferença que a senhora notou?
 INF.- Eu acho é porque, eu não sei o porquê, por que a gente falar carne, né? Eles já não falam carne, eles falam ca[“ne. Ele tem um *puxado* é a mesma língua mais que tem uma pequena diferença, mas tem. Tem um gestozinho que pega a fala, e sai diferente [Inf. 4/Santana do Ipanema-AL].
- (116) INF. – (Paulista) Fala *porta*, fala... fala assim mais um *toque de R*, né! [Inf. 3/Cuité-PB].
- (117) INF. – São Paulo fala diferente... *Porta*, é o R, né? *Porta*, eles falam *porta* [Inf. 1/Juazeiro-BA].
- (118) INF. - É uma fala assim, meio *estranha* [...] É *porta*, *carne* [Inf. 4/Barra-BA].
- (119) INF.– Fala, porque em São Paulo fala tudo diferente daqui. É que aqui fala as coisas mais diferente assim, *puxado* [Inf. 3/Seabra-BA].
- (120) INF.– São Paulo também fala muito... São Paulo, eh... fala muito, sabe? aquela fala de São Paulo mesmo que quando a pessoa habita, mesmo baiano que mora em São Paulo já chega lá *puxando* mais a fala de lá, né? que mora lá a muitos anos lá já fala com a fala. Não sei, parece que fala assim mais *cantado*, sei não, como é a fala assim...[Inf. 4/Seabra-BA].

Os excertos de (112) a (120) trazem percepções sobre a variedade *paulista*, caracterizando-a como: *arrastada* (excerto 112) e *puxada/chiada/cantada/estranha* (excertos 113, 114, 115, 119 e 120); além de referirem-se diretamente ao rótico (excertos 115, 116, 117 e 118).

Amaral (2021, p. 33) fez observações a respeito da prosódia do interior paulista, “o tom geral das frases é lento, plano e igual, sem a variedade de inflexões, de andamentos e esfumaturas que enriquece a expressão das emoções na pronúncia portuguesa, ou seja, *puxada, arrastada, cantada*”.

Os excertos de (121) a (127) direcionam as percepções do r paulista, dados os exemplos:

(121) INF. – São Paulo fala diferente... Po[ɾ]ta, é os R, né? [Inf. 3/Juazeiro-BA].

(122) INF.- (paulista) Por exemplo: ca[ɾ]ne, tem, muitos que falam carne, ca[ɾ]ne. É, co[ɾ]ta, fala co[ɾ]tá. Tipo assim [Inf. 1/Carinhanha-BA].

(123) INQ. - Tem colega seu que já foi para São Paulo, você observa que eles chamam alguma coisa diferente?

INF. - Ah! Já veio cheio de frescura aí.

INQ. - Como é? Alguma coisa que você acha engraçado.

INF. - Ah! Tipo *calmo* essas... essas frescuras, que não pega não, zuado pá caramba, essas coisas, po[ɾ]ta, sho[ɾ]t, essas coisas, sabe? Aqui ninguém fala isso, é *estranho* [Inf. 1/Barra-BA].

(124) INF. - Tem gente que já vem de fora, aí fala de ...é... como é? São Paulo, né? Fala diferente, o pessoal de São Paulo.

INF. - É... deixa eu ver. Pra lembrar aqui... Fecha a po[ɾ]ta [Inf. 2/Barra-BA].

(125) INF. - Paulista, é. A minha neta, Ave Maria! chega dobrar, eu digo: Não, minha filha, eu não entendo o que tu tá dizendo, não! Ela chama é po[ɾ]ta, é... não sei o quê, não sei que mais. Ô, eu achei, eu custo entender a voz dela! [Inf. 4/Tuntum-CE].

(126) INF.- Por exemplo, nós chamamos porta, não tem como pronunciar, não tem como chamar po[ɾ]ta, nem dá pra mim falar. Mas, eu tinha um amigo aqui, paulista, que morou muito tempo, que eu brincava muito com ele, ele falava que lutou tanto pra dizer porta e ele dizia po[ɾ]ta. Então, não tem como ele falar do nosso jeito nem a gente falar do jeito dele. Algumas pessoas têm mais facilidade [Inf. 3/Crateús-CE].

(127) INF.– Paraibano, também, ele fala também, quase que nem o Paulista, né? É co[ɾ]da, é po[ɾ]ta, é po[ɾ]co, é essas coisas, assim. É tudo diferente de nós aqui, né? [Inf. 4/Picos-PI].

O rótico se apresentou como a percepção mais lembrada pelos informantes dos últimos excertos. O ALiB registra para São Paulo capital a frequência de 50% da realização dos róticos em coda externa, na Carta F04 C2. Destes 50%, a Carta F04 C4 registra o predomínio do tepe (90%) e da vibrante retroflexa (25%) do R em coda externa em verbos. Os exemplos: *carne, porta, corta, short, corda e porco*, destacados como elementos representativos da variedade paulista em palavras onde o rótico está em posição interna. Consultamos a Carta F04 C6 e constatamos que São Paulo, capital, também registra para o tepe (90%) e para o retroflexo (25%) quando realizado o R em coda interna. Portanto, os dados indicam que os informantes baianos de Juazeiro-BA, Caririnha-BA e Barra-BA (excertos 121, 122, 123 e 124), os cearenses de Tuntum-CE e Crateús-CE, excertos (125 e 126) e a piauiense de Picos-PI, excerto (127), apresentaram percepções em consonância com os dados registrados nas cartas fonéticas.

Seguindo o agrupamento dos róticos (Quadro 8), apresentamos o adjetivo *embolado*:

(128) INF. – (paulista) É ele fala: Po[☼]a, não tem a cebola! Pora, você vai cortar a cebola pra você botar! Aquele tipo *embolado*, ele fala mesmo é esse tipo [Inf. 3/Cabrobó-PE].

(129) INF. – Gaúcho ... A vó, a minha vó, a voz diferente... fala mais *embolado*... [Inf. 1/Brejo-MA].

(130) INF.- O homem mesmo na fábrica que eu estava trabalhando, falava, falava e ninguém entendia nada. E ele era brasileiro, era de Santa Catarina, era um senhor. Ele falava *embolado*, *embolado* a gente dizia, assim, o senhor não é daqui do Brasil, não!, e ele dizia: Eu sou sim!. Porque ele falava muito *embolado*! Quer ver *embolado* era quando ele falava *rápido* mesmo. Aí eu dizia: agora vai, e ninguém entendia nada! [Inf. 2/Caruaru-PE].

A característica *embolada*, documentada nos excertos (128), (129) e (130), está associada à fala dos “sulistas” (paulista, gaúcho e catarinense). O informante 3 de Cabrobó-PE considera o tepe paulista à uma fala *embolada*, como demonstra a Carta F04 C6 no registro do tepe em (90%) na capital paulista; já o informante da faixa I do Brejo-MA atribui a característica *embolado* relacionado à voz; e a informante jovem de Caruaru-PE relaciona o *embolado* com a rapidez da fala catarinense.

6.2.4.2 Variantes com *chiados* na percepção dos falantes nordestinos

Seguindo com a percepção das diferenças fonéticas apresentadas pelos informantes, o /S/ assume papel de destaque com a percepção do *chiado/puxado no /s/*, tanto em posição de coda silábica medial quanto final.

Dados do ALiB nas capitais nordestinas, sobre a percepção do chiado (/S/ em coda silábica interna e externa), apontam majoritariamente para as realizações palatais em posição média e, em menores proporções, em posição final, documenta a Carta F05 C1 (Cardoso *et al.*, 2014). As informações da carta indicam realização medial apenas para São Luís-MA, Fortaleza-CE e Natal-RN; enquanto as demais⁴⁶ também apresentam predomínio da realização em posição média, contudo registraram também, com baixa frequência, a realização em posição final.

O chiado no trecho (131), na percepção da informante maranhense, é apontado no falar paraense:

(131) INQ. – E além de Pernambuco, tu achas que em outros lugares se fala diferente daqui?

INF. – O Pará, o Pará a gente fala...

INQ. – Como é que é lá no Pará? Me fala aí.

⁴⁶ Teresina-PI, João Pessoa -PB, Maceió-AL, Aracaju-Se, Recife-PE e Salvador-BA.

manifestaram [iʃ] distribuídos por todo o estado; apenas dois informantes do sexo feminino) demonstraram preferência por [is].

As variedades mais produtivas com relação ao chiado, segundo a percepção dos entrevistados, são referentes à carioca e à paulista. Os excertos de (136) a (142) trazem as impressões do *chiado* carioca:

(136) INF.- Carioca. O sotaque do carioca é *diferente* do de Sobral.
 INQ. – Como assim? Dê um exemplo...
 INF.- Que tem um *chiado* carioca, né? [Inf. 4/Sobral-CE].

(137) INQ. - Todo mundo fala com o mesmo sotaque?
 INF. - Não, por exemplo, o Rio de Janeiro o pessoal *chia* muito, né! [Inf. 2/Ipu-CE].

(138) INF. - Às vezes, quando o pessoal vem do Rio de Janeiro, que vão daqui, quando chega, chega *chiando* mais que panela de pressão [Inf. 4/Ipu-CE].

(139) INF. – Pronto já no Rio... do carioca já muda daqui de nós, tem aquele *chiado*, não sei hoje, mas é [Inf. 3/Floresta-PE].

(140) INQ. – Como é o carioca? tem o quê?
 INF.– Sempre tem aquele som. Aquele *chiadinho*, né! [Inf. 2/Itaporanga-PB].

(141) INF. – É como o carioca, o carioca é o *chi*.
 INQ. – O che, né?
 INF. – O *chi*, o carioca tem um *chi*.
 INQ. – Qual a palavra que o senhor ouviu eles falarem que tem bastante chiado?
 INF. – É... É o *chi* mesmo, *chi*.
 AUX1. – Vamos ver se o senhor lembra aqui?
 INF. – Vai falar rapaz, fala rapai[ʃ] [Inf. 3/Euclides da Cunha-BA].

(142) INF. – A diferença é o *carioca*, eles falam dois, três [doiʃ, treiʃ] [Inf. 3/Piripiri-PI].

Nos excertos (136), (137), (138), (139) e (140), os informantes de Sobral-CE, Ipu-CE, Itaporanga-PB e Floresta-PE, apontam o chiado à fala carioca. Conforme documenta a Carta F05 C1, o Rio de Janeiro-RJ mostra uma frequência de realizações palatais de 90%, tanto em posição medial quanto final. Já as capitais dos estados nordestinos de origem dos informantes, conferem dados de menor frequência, como para Fortaleza-CE em 50% de palatalização em posição medial; Recife-PE em 75% medial e 50% em posição final e João Pessoa-PB com 50% medial e 25% final.

A percepção contida nos trechos (141) e (142) retratam o chiado em posição medial e final. O informante de Euclides da Cunha-BA pronuncia *rapai[ʃ]*, no excerto (139), está

demonstrando a diferença com passagem da alveolar para palato-alveolar, quanto à posição do /s/ medial. O informante de Piri-piri-PI, indica o uso palato-alveolar da fricativa registrados nos exemplos *doi*[ʃ] e *trê*[iʃ]. Assim, contrastam os dados do ALiB com as percepções ao informar que em Salvador-BA a frequência é de 50% para palatais mediais e 25% para finais e Teresina-PI com 25% para medial e 25% para final.

Há pelo menos duas formas de entender o significado de *chiado* no português brasileiro: um diz respeito à realização do /s/ pós-vocálico como palatalizada: [ˈfɛʃtɐ, ˈmɛzmu]; outro refere-se à realização africada de /d/ e /t/ diante da vogal alta [i]⁴⁷.

Para verificar a assertividade das percepções citadas nos comentários 143 a 152, buscamos os áudios das entrevistas feitas nos pontos: Canto do Buriti-PI, Pau dos Ferros-RN, Caicó-RN, Patos-PB, Itaporanga-PB, Afrânio-PE, Cabrobó-PE, Garanhuns-PE, Floresta-PE, Arco Verde-PE e Russas-CE e constatamos a predominância da variante dental seguida da vogal alta na fala dos informantes dessas localidades, o que justifica a percepção de que os *paulistas* falam *chiado* na realização de [tʃi] e [dʒi] conforme os comentários expressos nos excertos de (143) a (156):

(143) INQ. – O jeito de falar também é diferente?
 INF. – É, o jeito paulista de falar é diferente.
 INQ. – O senhor percebia bem, assim?
 INF. – Percebia. *Chia* muito, ele tem um *chiado* demais quando vai conversar. Eu achei isso bem diferente daqui [Inf. 3/Canto do Buriti-PI].

(144) INF. – Tem, o pessoal que passa um tempo em São Paulo, volta falando diferente, com um sotaque diferente.
 INQ. – E como é falar diferente? Dê um exemplo.
 INF. – É *chiando*, *chiando* a pessoa diz que vai pra São Paulo volta *chiando*. [Inf. 2/Cabrobó-PE].

(145) INF.- São Paulo o povo fala *chiando*. [Inf. 1/Caicó-RN]

(146) INF. – Lá, o povo *chia* muito, em São Paulo, é! [Inf. 3/Pau dos Ferros-RN].

(147) INF. - Mas eu tenho um tio meu que ele fala desse jeito ... Veio de São Paulo.
 INQ. – Ele foi morar lá há muito tempo?
 INF. – Ah, morou lá desde pequeno. (...)
 INQ. - Você entende o que ele fala?
 INF. – É. Mais... mais ou menos assim... sempre tem um *chiado* [Inf. 2/Itaporanga-PB].

47 O [i] pode ser fonológico /E/, como em /dE, tE/ > di, ti: forte, rede > [ˈfɔhti, ˈhedɪ, ˈfɔhte, ˈhede]; ou fonético [di], [ti]: dia, tia.

(148) INF. – Quando vai pra São Paulo, passa dois dias lá e vem *chiando* [Inf. 4/Patos-PB].

(149) INF. – São Paulo... diz de *chiadeira*, que começa a falar, né? [Inf. 1/Arco Verde-PE].

(150) INQ. – E São Paulo, você acha que fala diferente daqui?
INF. – Fala diferente, uma fala assim *chiante*, mas dá pra entender. [Inf.1/Floresta-PE].

(151) INF. - Ah! em São Paulo fala nada, em São Paulo, o povo fala diferente, o povo *chia* mais que um chocalho de cascavel. Lá em São Paulo? tem um monte de coisa que eles falam diferente. Ah, pronto! É tem um cabra que ele é colega de nós, aí ele foi para São Paulo, foi para São Paulo, ele saiu daqui meninão já, conhecendo tudo, aí saiu daqui, aí não tem jumento, aí esse cabra foi pra lá, passou meio mundo de tempo lá em São Paulo, aí quando ele voltou foi para casa do pai dele, aí chegou se amostrando [Inf. 1/Afrânio-PE].

(152) INF.- Em São Paulo, o *chiado* [Inf. 1/Russas-CE].

(153) INF.- Pela televisão a gente vê, paulista né, tem um *chiado* mais na voz. [Inf. 3/Russas-CE].

(154) INF.- Ah! Em São Paulo fala nada, em São Paulo, o povo fala diferente, o povo *chia* mais que um chocalho de cascavel [Inf. 1/Afrânio-PE].

(155) INF. – Só os de São Paulo, que chega com um negocio *chiando* a voz mas Salvador é normal, realmente eu tenho umas cunhadas que moram lá. [inf. 2/Afrânio-PE].

(156) Vai pra São Paulo, aí passa seis meses, aí chegam aqui falando paulista, começam a falar com mais S [Inf. 1/Garanhuns-PE].

Os relatos corroboram a mesma informação, o falar paulista é chiado. Dessa forma, recorremos à Carta F05 C1 do ALIB para entender que o chiado vem da realização das palatais em posição medial em 50% nos dados da capital. Analisando a Carta F05 C3, nota-se que 90% dos casos apresentam a presença de [tj]/[tʃ], enquanto 25% estão relacionados ao som de [t] e outros 25% envolvem outras consoantes.

Em análise às falas *carioca*, *paulista* e *caipira*, Alvim (2010) constatou que a pronúncia do /s/ da variedade *paulista* é implosiva assim como na maioria dos dialetos brasileiros, em contraste com o /s/ *chiante* do dialeto carioca.

6.2.4.3 Adjetivações diversas atribuídas a variedades exógenas pelos falantes nordestinos

Ao explorar os demais resultados, deparamo-nos com menções às variedades *catarinense* e *gaúcha* correlacionadas às semelhanças com línguas estrangeiras, evocando, além de outras características, o resgate linguístico da época da colonização brasileira.

(157) INF.- Santa Catarina mesmo, parece um *gringo*. O homem mesmo na fábrica que eu estava trabalhando, falava, falava e ninguém entendia nada. E ele era brasileiro, era de Santa Catarina, era um senhor. Ele falava *embolado*, *embolado* a gente dizia, assim, o senhor não é daqui do Brasil, não!, e ele dizia: Eu sou sim!. Porque ele falava muito *embolado*! Quer ver *embolado* era quando ele falava *rápido* mesmo. Aí eu dizia: agora vai, e ninguém entendia nada! [Inf. 2/Caruaru-PE].

(158) INF. - É uma diversidade grande é... no nosso...e sem falar no Rio Grande do Sul que é outra coisa, quase parece o *italiano* [Inf. 3/União dos Palmares-AL].

Os informantes de Pernambuco e Alagoas, nos excertos (158) e (159), expressaram suas concepções acerca das peculiaridades linguísticas reservadas às variedades do Sul do país, que se assemelham ou remetem a idiomas estrangeiros. Essas observações revelam um conhecimento histórico, por parte dos informantes, e às consequências da instalação dos imigrantes, incluindo os reflexos no idioma atual.

A informante jovem de Caruaru-PE manifestou atitude negativa frente à variedade catarinense, primeiramente porque *parece gringo*, no caso tão desconhecida ao ponto de não ser capaz de entender, excerto (158). Já o informante da faixa II de União dos Palmares-AL alega que no Rio Grande do Sul, a fala *parece o italiano*. Por isso, recorremos ao ALERS para obter informações que validem tais percepções.

A respeito dos imigrantes italianos na Região Sul, que se estabeleceram no nordeste do estado a partir de 1875 e trouxeram consigo variados dialetos que, certamente, levou uma nova configuração linguística para a região. O sotaque gaúcho apresenta influências de línguas estrangeiras, como o italiano, por resquícios da colonização e de trabalhadores em busca de oportunidades no século XX.

Ao consultar o ALERS, verificamos no Mapa Auxiliar IV a distribuição dos diversos grupos étnicos que compõem a Região Sul: italianos (40%), alemães (30%), poloneses (20%); os demais, ucranianos, russos, eslavos, japoneses, espanhóis, holandeses, franceses, árabes e indígenas, juntos representam 10%. A maioria dos italianos se concentra em Santa Catarina, ao norte do Rio Grande do Sul e dispersos por todo o Paraná em menor proporção.

Nos registros históricos, encontramos referências para a ocupação do Sul do país por imigrantes alemães e italianos, todos com objetivo de trabalhar a terra e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da região.

Os descendentes dos imigrantes alemães e italianos, já no início do século passado, em busca de terras para trabalhar, chegaram ao norte e ao noroeste do Rio Grande do Sul. Pouco depois, sempre pelo mesmo motivo, começaram a cruzar o Rio Grande para se instalar em Santa Catarina (SIMON, 2009, p. 111).

Os imigrantes italianos concentrados no Sul ocuparam principalmente a região da Serra Gaúcha, momento em que muitas colônias italianas se formaram em cidades como Bento Gonçalves, Caxias do Sul e Garibaldi (CENNI, 2003). Dessa forma, o informante que identificou a semelhança possivelmente teve contato com alguém natural de áreas onde as colônias italianas foram instaladas.

Destacamos algumas atitudes positivas, as que exibem sentimento de agradabilidade e prestígio pelo modo paulista de falar, destacando componentes afetivos como ter um falar *mais bonito, mais explicado, mais educado* e até mesmo, apreço pelo R retroflexo. Os trechos a seguir, sobre as variedades gaúcha e curitibana, documentam esta assertiva:

(159) INF – Gaúcho. Eles chamam as baianas de bausca. É... bausca. É, fala *bonita* é a deles [Inf. 4/Barreiras-BA].

(160) INF. – A de Curitiba é uma fala muito *bonita*. Chega os meninos aqui falando. As pronúncias dele, muito *bonita* [Inf. 3/Propriá-SE].

Os excertos (159) e (160) expressam sua estima pelas variedades gaúcha e curitibana. O informante da faixa II de Propriá-SE revela uma atitude positiva de agradabilidade fundada pela presença de curitibanos na sua localidade. O dialeto curitibano conta com uma tendência dialetal melódica, cantada, constataram as investigações de Milan (2015a, 2015b, 2017) em cooperação com o Projeto AMPER-POR⁴⁸.

Dentre os estudos de variação prosódica do português brasileiro, Milan e Kluge (2017) comprovaram que o falar de Curitiba apresenta a gama tonal sempre maior nas sílabas tônicas, seja nas declarativas ou nas interrogativas. Logo, as pós-tônicas podem ter seu valor de gama tonal alto, porém, as pretônicas não costumam ter grande variação de gama tonal. O valor da

⁴⁸ Projeto AMPER-POR: estudo da Prosódia do Português Europeu e do Português do Brasil – Atlas Multimédia Prosodique de l’Espace Roman (AMPER) – coordenado por Michel Contini. Os estudos relativos ao AMPER-POR (referentes ao português europeu e brasileiro) são coordenados pela Profa. Lurdes de Castro Moutinho da Universidade de Aveiro.

intensidade é mais significativo nas pretônicas das oxítonas da declarativa para a interrogativa, nas pretônicas e tônicas das paroxítonas (entre as duas modalidades) e nas pretônicas, tônicas e últimas pós-tônicas das proparoxítonas (também entre as sílabas das duas modalidades). Estas comprovações, e outras pertencentes aos estudos do projeto, idealizam o que conhecemos sobre o cantar da fala curitibana.

Os excertos de (161) a (164) contêm atitudes positivas com relação ao falar paulista expressas pelo adjetivo *bonita*

(161) INF. – O sotaque de lá (São Paulo) é mais *bonito*, o modo de falar é mais bonito.

INQ. – É, você acha? Por que você acha?

INF. – Eu nem sei, é a maneira das pessoas conversarem, é mais carinhosa, mais educada, totalmente diferente daqui [Inf. 2/Propriá-SE].

(162) INQ. - A senhora pode dar uns exemplos, assim, de gente que chega de fora de onde que chega falando diferente?

INF.- Às vezes, de São Paulo, né?

INQ. - Hum. A senhora acha que sempre fala diferente, quando vem desses lugares?

INF. - É. Eu acho *bonito* as falas do povo de fora, né, mais *educado* [Inf. 4/Itaporanga-PB].

(163) INF. - Eu acho assim, que eles falam mais *bonito*. O paulista mesmo, né? Eles falam, assim, o português mais explicado [Inf. 4/Propriá-SE].

(164) INF. – Tem, os paulistas... é porque lá a fala deles é muito *bonita*, né? é diferente da fala daqui.

INQ. – Você se lembra assim de alguma coisa, algum exemplo?

INF. – Assim, ele... carne mesmo, eles falam a palavra carne, ele fala é... tão *bonito*. Assim, não é como a gente fala carne, eles não. Eles sempre têm sempre um... um R, não sei como é naquela palavra carne. Portão, ele não fala portão, eles falam de outro jeito. Só que não dá para eu falar também, mas é bonito, a mane... assim como eles pronunciam a palavra, sabe? É... acho *bonito* [Inf. 4/Estância-SE].

Os excertos de (161) a (164) coincidem na percepção de como a variedade *paulista* é *bonita*, além de reunirem outras atitudes positivas sobre a variedade: é mais *carinhosa*, mais *educada*, afirmam os informante 2 de Propriá-SE e 4 de Itaporanga-PB; mais *explicada* segundo a informante de Propriá-SE; apenas a informante 4 de Estância-SE identificou o retroflexo como o fator motivador da agradabilidade da fala paulista.

(165) INF. Aqui no Brasil mesmo, né? Tem outros estados que falam diferente.

INQ. - Diga um exemplo que você acha interessante na fala deles...

INF.- Acho que é o modo deles se expressarem, é uma coisa mais *explicada*, é *bonito*! Eu admiro muito quem fala diferente [Inf. 2/Sobral-CE].

O excerto (165) compartilha a atitude positiva da informante jovem de Sobral-CE ao expressar afeto pelo diferente e admiração quem fala diferente. Esta atitude valoriza a diversidade por meio da simpatia pelas diferentes maneiras de se comunicar. Embora a informante enalteça as demais variedades, se sente excluída da comunidade daqueles que falam de forma mais *explicada e bonita*.

(166) INF. Porque em Salvador eles falam pra lá é *pá lá, pá lá, pá cá*, pra onde *pá onde*, vai *pá onde?* é assim (...) Eu acho *engraçado*, eu acho tão *bonito!* Tem uma pessoa de lá, que ele convive aqui, ele fala mermo jeito. Nunca, nunca pegou, o mermo jeito *pá lá e pá cá* [Inf. 4/Euclides da Cunha-BA].

A informante da faixa II de Euclides da Cunha-BA justifica com a redução de para > pá em expressões como *pá lá e pá cá*.

Ao considerar apenas um padrão linguístico como digno de aceitação social, os informantes ignoram a riqueza e a variedade que a diversidade linguística proporciona. Negar a aceitação social de outras formas de comunicação é limitar a expressão e a identidade dessas comunidades. Os informantes *baianos e cearenses* se dirigem aos falantes de seu próprio Estado por usarem uma norma *errada*, isto leva a sinais autodepreciativos para toda a comunidade de fala gerados a partir de um sentimento de desvalorização da própria variedade, como demonstram os excertos de (1687 a (170):

(167) INF. – O baiano, é que fala... é o que fala mais *errado*.
 INQ. – Como é que o baiano fala?
 INF. – Assim como eu tô falando [Inf. 3/Juazeiro-BA].

(168) INF. – Não fala baiano em São Paulo, no Rio. Fala de baiano, fala tudo *errado*, né? [Inf.4/Valença-BA].

(169) INF. - Quando vem do interior, fala tudo *errado*, assim: *pustêra, póstão, pastêru*. Uma mulher, não faz é muito tempo, morando aqui e sabe ler e tudo, ainda fala assim, desse jeito. Mudou o jeito de falar? Não! [Inf. 4/Camocim-CE].

(170) INF.- Aqui, por exemplo, tem muita coisa que a gente fala *errado*, por exemplo, a gente fala alguma coisa, uma palavra que, às vezes, é muito direta [Inf. 4/Crateús-CE].

A crença da fala *correta x errada* aparece como um autojulgamento dizem os baianos da faixa II. A autoavaliação negativa parte do modelo idealizado de *língua correta, norma padrão e escolaridade*, muitas vezes, por conceitos difundidos pela sociedade e pela mídia. Da mesma forma, as informantes cearenses da faixa II registram a mesma crença. Esta é uma típica demonstração da ideia de heterogeneidade que não existe no português, é um

pensamento que remete ao contexto social nordestino em geral, de grandes dificuldades, de necessidades incluindo a escolar, conduzindo à justificativa que usa palavras *diretas*, excerto (171), interpretadas por reações diretas.

Os adjetivos atribuídos às diversas variedades mencionadas cumprem o papel de ora exaltar, ora depreciar o objeto em questão. Esclareceram contrastes como: o falar de grandes cidades x cidades pequenas e identificar a crença da fala certa x errada, ainda presente no consciente linguístico dos informantes nordestinos. Dessa forma, podemos considerar as atitudes linguísticas que envolvem o falar baiano, positivamente quando se refere ao próprio dialeto e, negativamente, por considerar que a sua fala não é a correta.

O excerto (171) demonstra o pensamento do *certo x errado* a partir da fala dos grandes centros.

(171) INF. – Tem uns primos que moram lá em Brasília, que eu não vejo há um tempão, lá eles falma tudo *certo*, porque nós aqui falamos *errado*, eles falam certo não tem esse chiadeiro, não! Tenho uma prima que mora em Londrina, que já tá com trinta e poucos anos, ela fala certo, eles não chamam, não [Inf. 4/Patos-PB].

O excerto (171) expõe a crença da informante da faixa II de Patos-PB, cujo valor dado à variedade está ligado à ideia de *certo x errado*. Neste caso, as cidades maiores, Brasília-DF e Londrina-PR, são as que falam *tudo certo*. Esta atitude pode ser associada à ideia de crescimento urbano de um importante polo de trabalho, em contraste com a situação em que a informante se encontra, no interior da Paraíba. Por este motivo, elaboramos o Quadro 9 com informações do IBGE para validar o pressuposto.

Quadro 9 – Características geográficas das localidades presentes no excerto (175).

Localidades	População IBGE 2022	Área Total em Km ² IBGE 2018
Brasília-DF	2.871.381	5.760,78
Londrina-PR	555.965	1.652,57
Patos-PB	103.165	512,79

Fonte: A autora com os dados do IBGE (2018, 2022).

A apresentação das características populacionais e de área apresentadas no Quadro 9 dão uma perspectiva de que realmente temos uma disparidade entre as localidades, sendo Brasília-DF a maior e mais populosa, em seguida Londrina-PR e por último, Patos-PB.

Além do fator desenvolvimento, esta atitude pode estar associada a uma crença de que cidade grande tem melhores condições educacionais e, portanto, demonstram uma fala mais

correta. No entanto, dados do IBGE de 2010 sobre a taxa de escolarização de crianças de 6 a 14 anos revelam que Brasília-DF, Londrina-PR e Patos-PB apresentam índices muito semelhantes, com 97,5%, 97,3% e 97,8%, respectivamente. Portanto, esse tipo de atitude contribui para a perpetuação da ideia de que existem falas certas e erradas, melhores e piores, superiores e inferiores.

A identidade linguística baiana é reconhecida pela entonação regional típica, mostram os estudos de Meireles e Gambarini (2011) sobre a tipologia rítmica de dialetos do português brasileiro e Pacheco, Oliveira e Ribeiro (2013) a respeito das vogais médias pretônicas de um dialeto baiano, como também por sua caracterização sociocultural, muitas vezes estereotipada, através de expressões como *oxente* e por uma fala *cantada*:

(172) INF.- Em todos os aspectos, né? Bem, na Bahia oitenta por cento dos baianos são negros, oitenta por cento dos baianos são de descendência africana, foi por meio da Bahia que algumas religiões africanas entraram no Brasil umbanda, quimbanda, né? E o sotaque deles *oxente* ... Eles parecem que falam *cantando*: Ôh, menino entra pra dentro de casa, m[i]nino! [Inf. 1/Sobral-CE].

(173) INF.- Até o baiano fala meio arrastadozinho (...) Uns falam meio *cantando*, né? Arrastando as palavras. Baiano é meio gaiato [Inf. 3/Jequié-BA].

(174) INF. – Eu num sei falar do sergipano, não. Eu tinha até uma nora quera sergipana, mas ela foi embora, eu me esqueci. Fala *cantando* também. [Inf. 4/Santo Amaro-BA].

O informante da faixa I de Sobral-CE demonstrou conhecimento cultural e histórico sobre a formação populacional da Bahia, reconhecendo as raízes afrodescendentes. Esta atitude está em consonância com dados fornecidos pelo IBGE, apresentados na seção 4.2, e a prática das religiões – umbanda e quimbanda, excerto (172).

A referência ao sotaque e à fala corresponde à alteração na velocidade da fala e ao alçamento da vogal pretônica /i/ em *m[i]nino*, excertos (173) e (174). A esse respeito, Mendonça (2012, p. 80), em seus estudos a respeito da influência africana no português do Brasil, é categórico ao afirmar que: “ao lado da contribuição genérica e imprecisa que deu o africano para o alongamento das pretônicas e a elocução clara e arrastada, deixou sinais bem seus nos dialetos do interior”, principalmente.

A fala enrolada é destaque o dialeto gaúcho, de Pernambuco e de Recife:

(175) INF. – É. E o, e o gaúcho, é, o gaúcho, é, eles falam, assim, muito *enrolado* [Inf. 4/Balsas-CE].

A propósito da realização do /r/ gaúcho, que garante seu aspecto *puxado*, encontra-se registrado no ALERS as realizações de /r/ do QFF em cartas, que iremos consultar para contrastar com as percepções dos informantes. Selecionamos, para tanto, a carta 38.a (corta) pela proximidade com a palavra porta que nos permite analisar o /r/ em coda interna anterior à oclusiva dental /t/.

A carta 38.a (corta) indica a distribuição de cinco variantes produtivas do /r/ em todo o Sul do Brasil. Sinteticamente, o predomínio da alveolar [r] é registrada em grande parte dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e apenas em dez pontos do Paraná, alcançando cerca de 70% das ocorrências. Em segundo lugar, aparece a retroflexa [ɾ] com pouco mais de 20% concentrados, em grande parte, no território paranaense, litoral catarinense e em pequena proporção no Rio Grande do Sul. As demais variantes, as vibrantes [r] e [r̃] e outras, somam 10%.

A respeito das preferências gaúchas e da distribuição do /r/ pelos pontos investigados, destaca-se a predominância da alveolar [r] em 90% do estado; 5% de retroflexa [ɾ] e 5% de vibrante alveolar [r̃].

As demais variedades nordestinas, pernambucana, recifense e sergipana e potiguar, excertos de (176) e (177), foram classificadas como *enrolada*:

(176) INF. – Tem. Tem pernambucano, que é justamente tem um pernambucano que trabalha aí com a gente. Ele fala meio *enrolado* [Inf. 2/Imperatriz-MA].

(177) INF. – Em Recife eu vi pessoas falando lá que praticamente eu não entendo nada, só tenho uma noção, né? Assim, por exemplo, que eles tão chamando o Brasil, mas, porém, é um Brasil que é meio *enrolado*. Eles tão falando um nome de uma comida, ou uma bebida, que na minha concepção, eu sei só na lógica, mas que eu não entendo [Inf. 3/Afrânio-PE].

Retomando o Quadro 8, embora com menor frequência, agrupamos características positivas associadas à variedade baiana: *agradável, calma, clara/limpa e baiano*, de (178) a (181) ilustram a nossa assertiva:

(178) INF. – O baiano é *agradável*.
 INQ. – É? Não porque a gente tá aqui não, né?
 INF. – Né, não! eu já estive em Salvador e já gostei [Inf. 3/Petrolina-PE].

(179) AUX. – A gente que é baiano, você acha que falamos diferente? (...)
 INF. – Fala, sei lá, *calmo*.
 INQ. – Fala *calmo*, é? [Inf. 1/Olinda-PE]

(180) INF.- O baiano, todo baiano mesmo.

INQ. - O senhor tá achando diferente?

INF.- É, é. É diferente. O português mais *claro*, né? Mais *limpo*, né?

INQ. - Que nada, não é limpo, é diferente [Inf. 3/Estância-SE].

(181) INQ. E o senhor acha que tem gente que fala diferente aqui em Carinhanha?

INF.- Não. O português aqui tem, tem alguns aqui ... não, aqui não, é difícil. Aqui não...

INQ. - O senhor não fala...

INF.- É... só a língua baiana mermo. O *baiano*, a língua portuguesa [Inf. 3/ Carinhanha-BA].

A percepção do informante da faixa II de Petrolina-PE, a respeito do falar baiano, se manifesta por um sentimento de agradabilidade, presente no excerto (178). A atitude tem base afetiva, criada por memórias positivas da capital Salvador, demonstrando simpatia pela variedade.

O informante da faixa II de Estância-SE também expressa uma atitude positiva de apreço pela variedade baiana, prestigiada por apresentar um *português mais claro, mais limpo*.

O informante da faixa II de Carinhanha-BA demonstrou prestígio linguístico ao distinguir e nomear seu próprio dialeto dentro da língua portuguesa, a *língua baiana* ou *baiano*, excerto (181). O fato de os demais falantes praticarem a mesma variedade que o informante, o *baiano*, chama atenção para a força da linguagem como identidade e, por isso, os tornam diferentes dos outros usuários da língua portuguesa.

6.2.5 Outras referências linguísticas: *fonética*

Além dos casos dos róticos e das palatais, outras evidências fonéticas se sobressaem na percepção dos informantes nordestinos, como a *síncope* do [ʁ], o *rotacismo*, o *apagamento*, a *palatalização*, a *monotongação* e a *vocalização*.

(182) INF. - Todo lugar tem um sotaque que fala, né! porque aqui no Maranhão mesmo a gente percebe. Aqui a gente chama *galiinha*, em Santa Helena pra frente, aqui no interior do Maranhão eles falam de outro jeito. Eu fui trabalhar nesse garimpo, a muié, a cozinheira pediu pra gente comprar as coisas pra ela, daí ela botou ordem e falou: *esses copos eu quero desse jeito, desse, desse*. Tinha um copo que não tinha alça, não tinha orelha, daí o rapaz foi pegar o copo pra meter dentro do pote, e ela disse: *esse aí não, na zeia⁴⁹ não pode!*, ela chama zeia, orelha, é muito diferente de lá pra cá [Inf. 3/Turiaçu-CE].

49 Zeia - Para explicar zeia, termo utilizado pela cozinheira, o informante parte para alça, que é um termo dicionarizado, orelha usado na linguagem popular, e o termo não oficial zeia em substituição aos demais que representam o suporte para o copo (quicá xícara).

A percepção do informante cearense no excerto (182) parte do exemplo dado, galinha [ga'liɐ], realizada com a síncope do [n] na fala maranhense. Observa-se que o contato linguístico entre o informante cearense e os falantes maranhenses se deu pelo garimpo, o que confirma a conexão entre o contexto geográfico, histórico e social discutido na seção 4 da tese.

Na percepção da informante da faixa II de Santana-BA o sotaque *goiano* é *feito* e cheio *erros* atribuídos ao rotacismo de plano > *prano*, conforme exposto no excerto (183):

(183) INF. - (...) a Terezinha sempre achava ruim, falava assim: Oh! Maria do Carmo, a gente fala de um jeito que você tá criticando aí, mas a gente fala as coisas correto. E você, lá de Goiânia? Você além de ter o *sotaque feio*, fala tudo errado. Plano é *prano*. Do jeito que você fala é *prano* [Inf. 4/Santana-BA].

Trata-se de um caso de preconceito linguístico, reação negativa da informante de Santana-BA à variedade praticada pela conhecida goiana bem como uma demonstração de aversão ao sotaque regional. Lambert e Lambert (1968, p. 91) sugerem que a tolerância e o preconceito são mais do que meios aprendidos de reagir a grupos específicos; mais provavelmente, são traços da personalidade.

No trecho (184), fica expressa a percepção do *alçamento* de /o/ > /u/ em sílaba pretônica, fato pouco comum na região, onde a posterior é mais frequentemente realizada como aberta [ɔ]:

(184) INF. – Eu acho que o piauiense ele... eu acho, fala diferente.
 INQ. – Tu te lembrás de alguma coisa que eles dizem assim diferente que tenha chamado atenção?
 INF. – Botá, chama é *butá* [Inf.2/Tuntum-MA].

A informante jovem de Tuntum-MA, no excerto (184), destaca o termo *botar*, pela substituição de /o/ por /u/ - *botá* > *butá*, no falar piauiense.

Os excertos (185), (186) e (187) trazem casos de realização palatal do /d/ diante de [i], cujas percepções sugerem a pronúncia africada [dʒ].

(185) INQ. – Lembre aí de São Paulo, alguma coisa de sua irmã, que ela parece falando, que você estranha.
 INF. – A gente fala *di*, aí você fala [dʒi], é meio diferente, né? [Inf. 1/Limoeiro-PE].

(186) INF. – Que eu achei foi pouca não falam assim tanto não, mais em São Paulo. A diferença foi, um colega meu foi pra São Paulo, poucos dias não passou um mês lá, quando viu a gente chegou aqui: Oh *tia* [tʒia]!, coloque aí pra mim. Só foi uma vez e já chega assim [Inf. 1/Santana do Ipanema-AL].

(187) INF. – É. Não são daqui. Tem pessoas que é de São Paulo e fala diferente.

INF.– Só no falá tio [tʃiw] nesses lugares assim.

INF.– Eu falo tio [tiw], elas falam tio [tʃiw], meio puxado [Inf. 1/Irecê-BA].

A repetição dos comentários dos trechos mencionados, a Carta F06 C 1 do ALiB mostra que a palatalização de /t, d/ diante de [i] < /i/ e [i] < /E, I/ é categórica, o que fica evidente na fala dos informantes alagoano, pernambucano e baiano, nos excertos 185 a 187.

O [ɾ] na fala de paulistas muitas vezes é percebido, pelos informantes cearenses, como uma vocalização do rótico conforme observamos nos excertos (188) a (191): *voitá, cóida, coidão, póita e poitão*:

(188) INF. Fala, nessa casa que eu trabalhei essa senhora era paulista, fala é *voitá, coidão, cóida* [Inf. 4/Bacabal-CE].

(189) INF. – Eles, eles chamam, é, é *póita*, é porta, né! É, assim, é *cóida*, ... o meu genro, mesmo, eu falto não entender a voz dele... Paulista, é. A minha neta, Ave Maria! [Inf. 4/Tuntum-CE].

(190) INF. – Alguém que passa um tempo fora e volta falando diferente. Tem uns meninos, do Ceará, eles falam enrolado, *póita, poitão*, são de São Paulo [Inf. 1/Bacabal-CE].

(191) INF. – O cearense fala é poita, agora tem o Brasil pra frente. Mas eu alcancei lá, quando cheguei a: ei culmiréi, vai busca a *poica véia* ali, era uma porca amarrada ali [Inf. 3/Bacabal-CE].

As palavras em destaque reúnem algumas características comuns: são dissílabas, o /r/ está em coda medial e é percebido como uma vogal alta.

Em alguns dados do *corpus*, verificamos que a percepção negativa se dá pela fala diferente observada em outra localidade do interior do próprio Estado:

(192) INF. – Minha filha mesmo mora na Feitiolândia. É o lado de... Queimadas. De Feira de Santana, o lado lá de Queimadas. Mas a fala do pessoal de lá é uma fala *tonta*, «num sei o quê...», é uma fala assim *diferente*. Eu nem aprendi, que é uma fala bem diferente. Povo *canta*. *Sandália*, eles chamam *sandáia*. Aquela *sandália* de, de correia eles diz que é *sandáia de venta*. Bem assim. Diz que é de *venta*. Iss'aquí chama *venta*. Óia!? A *sandáia de venta*. Diga a Fulano que a *sandáia de venta* quebô [Inf. 4/Jequié-BA].

A informante da faixa II de Jequié-BA verificou, primeiramente, aspectos prosódicos como fala *tonta*, povo que *canta*, mas, também destacou o aspecto lexical do termo *sandáia de venta*, aspectos fonéticos da iotização em *sandaia* e monotongação e síncope do /r/ em quebrou > *quebô*. O depoimento da informante manifesta desvalorização em relação ao falar

baiano do interior, demonstrando certo desprestígio pela variedade de Feitiolândia-BA, interior do estado.

Nesta subseção, analisamos alguns aspectos fonéticos observados pelos informantes muitas vezes manifestados por atitudes de preconceito linguístico em relação à fala de outrem.

Na sequência, destacamos algumas referências lexicais e morfossintáticas extraídas do *corpus*.

6.2.6 Variantes lexicais

O léxico também atrai a atenção dos nordestinos que compõem o universo do ALiB. Entre eles, o emprego do verbo *por*, mais comum no falar paulista, e estranho para alguns falantes nordestinos, conforme ilustram os excertos (193) e (194):

(193) INF. – *Eu vou pôr isso aqui!* Não fala assim: eu vou colocar isso aqui, eu vô fazer isso, fazer não, tudo deles é *pôr!* [Inf. 1/Petrolina-PE].

(194) INF.- Lembro gente que, às vezes, vai pra São Paulo e passa, às vezes aprende um pouco, né! Vai pra São Paulo, aí passa seis meses, [...], começa a mudar assim, é que tem gente aqui que *coloca* aquele copo ali pra mim, *bota* aquele copo, o paulista já vem *põe* ali pra mim, aí já é diferente [Inf. 1/Garanhuns-PE].

Os informantes jovens de Petrolina-PE e de Garanhuns-PE destacam a preferência do verbo *pôr* no uso coloquial paulista, em detrimento dos verbos de uso local, *colocar* e *fazer/botar* para as mesmas atividades.

Além do verbo *por*, vários itens lexicais foram mencionados e identificados como diferentes e próprios de outras localidades.

Nesta subseção, organizamos uma compilação de referências linguísticas relacionadas ao léxico, expressões regionais e atitudes linguísticas pertencentes às variedades: *paulista*, *carioca*, *baiana*, *maranhense*, *piauiense*, *gaúcha* e *paranaense*, acompanhadas de seus respectivos excertos. A respeito das percepções baseadas em outras referências linguísticas, separamos o léxico das gírias devido ao volume de dados manipulados.

O Quadro 10 reúne as percepções linguísticas referentes ao léxico com destaque às variantes, extrínsecas e intrínsecas, indicadas pelos informantes nordestinos acompanhadas por correspondentes locais. As manifestações partem de comparações e da consciência de que são termos sinônimos. A organização preza pelas variedades da Região Sudeste, Nordeste e Sul.

Quadro 10 – Variedades e variantes lexicais

Variedade	Variante	Variante local	Informantes
paulista	Cândida®	Qboa®	2/Juazeiro-BA; 2/Alagoinhas-BA; 2/Itaberaba-BA
	cloro	corante	2/Itaberaba-BA
	baladeira	friso	4/Patos-PB
	birilo – friso	estilingue	4/Patos-PB
	macunzá	canjica	4/Patos-PB
	polenta	quarenta	4/Patos-PB
	moleque/moleca	menino/menina	4/Afrânio-PE
	abobrinha/ abóbora	jerimum	2/Brejo-CE; 3/Cuité-PB; 2/Limoeiro-PB
	jabá	charque	2/Limoeiro-PB
	feijão-branco	macaçá	3/Cuité-PE
	mexerica	laranja	4/Pau dos Ferros-RN
	bolo de leite	bolo de moça	4/Pau dos Ferros-RN
	pirulito	teló	4/Pau dos Ferros-RN
bengala	filão, pão	3/Canto do Buriti-PI	
carioca	picuinha	rixa, briga, muído	1/Itaporanga-PB
baiana	lamarina	candeeiro	3/Santana do Ipanema-AL
	picada	estrada/caminho	3/Santana do Ipanema-AL
	muriçoca	pernilongo	4/Floresta-PE
	aipim	mandioca	3/Arapiraca-AL
maranhense	gadanho	ciscador	2/Brejo-CE
	corante	colorau	2/Brejo-CE
	palha de aço	Bombri®	2/Brejo-CE
piauiense	jerimum	abóbora	2/Brejo-CE
gaúcha	bausca	menina	4/Barreiras-BA
	guri/guria	menino/menina	2/Santa Cruz Cabralia-BA
paranaense	foco	lâmpada	2/São João dos Patos-MA
	aipim	macaxeira	2/São João dos Patos-MA

Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

Os resultados apresentados no Quadro 10 destacam as 26 manifestações para as variedades da Regiões: Sudeste (*paulista* e *carioca*); Nordeste (*baiana*, *maranhense* e *piauiense*) e Sul (*gaúcha* e *paranaense*).

Nas seções anteriores, verificamos a influência que São Paulo exerceu e exerce na Região Nordeste, tanto em termos sócio-históricos quanto econômicos, fato que reverbera

também no caso da linguagem comprovada pelos apontamentos lexicais e gírias apurados nas falas dos inquiridos nordestinos.

Frequentemente, o léxico aparece como palavras-chave em diálogos espontâneos, em discursos moldados por circunstâncias sociais e representam a *indissociação de língua e cultura* que prega Labov (2008), percebida em grupos com identidades diferentes e por meio da interação têm a possibilidade de contribuir linguisticamente na disseminação do léxico e de sua cultura.

Os seguintes trechos trazem a nomeação da água sanitária como parte de um processo metonímico em ambas as variedades: a paulista (Cândida[®]) e a baiana (Qboa[®]), ocasionadas pela popularização de marcas comerciais de êxito com monopólios regionais.

(199) INF. – São Paulo mesmo, umas coisas lá é um nome que.... eu mesma quando eu fui morar com essa minha prima, [...] às vezes ela falava: Pegue isso aqui pra mim, aí que ficava sem saber o que era. Eu: - O que é isso? Por exemplo, *quiboa*, né? *Água sanitária de colocar em roupa*, ela é *cândida*: pega a *Cândida*, e eu: o que é isso? E ela: - Menina, aqui você chama *Qboa*, né? Mas é *Cândida*. Aí, eu pegava... [Inf. 2/Juazeiro-BA].

(200) INF.- Tem, que a gente... a *água sanitária* ele chama de *cândida*. Diz que lá em São Paulo chamam de *Cândida* [Inf. 2/Alagoinhas-BA].

(201) INF.- Porque lá ela fala que, *quiboa aqui* a gente chama de *quiboa*, lá não é *Qboa* lá é *Cândida* é... corante, aqui a gente fala que é corante, lá é Clo...Imitando *cloro* sabe? Assim, o nome, muita coisa ela fala que não é, aqui é errado, o que a gente fala é *errado* [Inf. 2/Itaberaba-BA].

A propósito do nome das marcas comerciais para *água sanitária*, constantes nos excertos (199), (200) e (201), as informantes jovens e baianas de Juazeiro, Alagoinhas e Itaberaba relatam o conhecimento de que ambos termos dizem respeito ao mesmo produto, Qboa e Cândida. No excerto (201), a atitude adotada revela certo desconforto ao comparar os termos, destacando a preferência variante paulista, enquanto afirma *o que a gente fala é errado*, ou seja, entende que Qboa é o termo correto pois é usado em São Paulo.

O excerto (202) registra variantes, num comparativo entre São Paulo e Paraíba, de palavras ligadas à brincadeira e alimentação:

(202) INF. – As pessoas quando vai pra São Paulo, as pessoa daqui vai pra São Paulo e já vem chiando, é um chiadeiro só [...] uns falam *baladeira*, outros falam *estilingue*, *biliro* que é o *friso*, tem algumas coisas que eu me lembro.

INQ. – E de comida, a senhora lembra?

INF. – Tem o *curau*⁵⁰, a *canjica* lá é *macunzá* e vice-versa, e *polenta* aqui geralmente pra gente é uma *quarenta*, lá é uma *polenta*. Só que eles fazem com sal, o quarenta a gente faz aqui com açúcar, lá eles fazem com sal [Inf. 4/Patos-PB].

A informante da faixa II de Patos-PB, citou as variantes *baladeira*, *biliro* e *friso* para *estilingue*. A Carta L19 do ALiB (CARDOSO, 2014) registra as variantes lexicais para o termo *estilingue*: *baladeira*, *atiradeira*, *badogue* e *funda*. Destas, nos interessam os termos *estilingue* e *baladeira*.

As capitais onde predomina o termo *estilingue* são: Goiânia-GO (100%), São Paulo-SP, Belo Horizonte-MG e Campo Grande-MT. *Baladeira* predomina na maior parte do Norte e do Nordeste; estados do Norte: Boa Vista-RR, Belém-PA, Macapá-AP, Manaus-AM, Porto Velho-RO e Rio Branco-AC; do Nordeste: Teresina-PI, São Luis-MA, Natal-RN, Aracaju-SE e Fortaleza-CE. Em João Pessoa-PB, capital do estado da informante, predomina *baladeira* (70%), *estilingue* (30%).

Alencar (2018) examinou as possíveis lexias para *estilingue* nos dados do Projeto ALiB em 48 localidades interioranas do Estado de São Paulo. Os resultados obtidos apontaram para 84% das preferências por *estilingue*, 11% por *setra*, 3% por *bodoque* e apenas 1% para *atiradeira*. Dessa forma, ao contrastar o excerto com os dados do Projeto ALiB, verificamos que há conformidade entre os registros e a fala da informante. A respeito dos vocábulos referentes à alimentação, o conhecimento do informante selecionou as comidas derivadas do milho: a *polenta* e a *canjica*, que são conhecidas em São Paulo por *macunzá* e *quarenta*, com modo de presparação diferentes da receita local, pois o paulista usa sal e o paraibano, açúcar.

Uma das informantes pernambucanas, a partir de suas observações, identifica variantes para *menino* e *menina* entre diferentes regiões.

(203) INF. – O pessoal daqui do Norte, como diz ele lá, todo mundo fala do mesmo jeito e lá, os paulistas falam bem diferente.

INQ. – A senhora lembra de alguma coisa que fala e a senhora achou diferente? (...)

INF. – É *trouxa*, é não sei o que, é qualquer menino que é *moleque*, *moleque* e *moleca*, estranho, né? *Moleca* e *moleque*, eu já ouvi muito.

INQ. – Aqui, vai chamar o filho de um de moleque pra ver se não vai parar no fórum, mas pára ligeirinho [Inf. 4/Afrânio-PE].

As percepções da informante da faixa II de Afrânio-PE, excerto (211), referem-se ao léxico: o termo *trouxa* usado pelos paulistas como sinônimo de *otário*, *idiota*, *babaca*, *tolo*,

⁵⁰ Curau – papas de milho verde (AMARAL, 1920, p. 130).

entre outros; e tratada como termo pejorativo pelo Dicionário Houaiss On-Line semelhante a iludido e tolo. Ainda acrescenta as variantes lexicais *moleque* e *moleca* para *menino* e, conseqüentemente para *menina*. O inquiridor atenta para o desprestígio do termo *moleque* em sua comunidade de fala, provocado pelo sentido negativo que carrega e atestado pelo Dicionário Priberam On-line⁵¹, uma acepção, especificamente no Ceará, associa a palavra a *diabo/satanás*, o que pode levar a reações negativas, inclusive ameaças por calúnia, como alerta o inquiridor.

Identificamos entre os resultados, outros termos ligados à alimentação na fala paulista, documentados nos excertos (204) a (205):

(204) INF. – São Paulo, fala no interior, fala com um toque... E, *abobrinha* não, é *jerimum*, *feijão branco* é o *macaça* daqui [Inf. 3/Cuité-PB].

(205) INQ. - Você disse que seu irmão mora em São Paulo?
 INF.- Em São Paulo, tem muitas coisas que ele fala, *jabá* que é *charque*.
 INQ. - Eu ia perguntar agora, pra você me dar exemplos de coisas que se fala diferente daqui, então de São Paulo mais algum exemplo? Só *jabá* que você lembra agora?
 INF.- Só *jabá*, e *abóbora* que é *jerimum* [Inf. 2/Limoeiro-PE].

(206) INQ. – A senhora falou da fruta de São Paulo que a senhora foi comprar, a *laranja*.
 INF. – *Mexerica*. Eu fui comprar um pedaço de *bolo de leite*, a moça disse *bolo de moça*, mas *bolo de moça*? Eu conheço aqui por *bolo de leite*. Aí eu disse: “Me dê aí um *pirulito!*”. Ela procurou, procurou e não achou aí perguntou: “Que é isso, *pirulito?*”, esse negócio aí não, pauzinho assim. Aí ela disse: “Aqui é *teló!*”. Aí eu falei: “Lá em Pau dos Ferros é *pirulito!* [Inf. 4/Pau dos Ferros-RN].

Nestes trechos (204) e (205), os resultados citam um alimento em comum: a *abóbora*, que em São Paulo se diz *jerimum*. Acrescenta o informante da faixa II de Cuité-PB, a variante paulista *feijão branco* para a local *macaça*; e a informante da faixa I de Limoeiro-PE, relata a variante *jabá* usada em São Paulo, enquanto no local se usa *charque*.

O excerto (206) registrou a diversidade lexical relatada pela informante da faixa II de Pau dos Ferros-RN, em experiência vivida em São Paulo. A primeira percepção da informante da faixa II de Pau dos Ferros-RN foi a diferença entre os termos *laranja* e *mexerica*. A análise da Carta L05 (tangerina) do ALiB confirma em São Paulo quase metade usa *mexerica* o

⁵¹ *substantivo masculino*: 1. [Brasil] Menino ou rapaz negro. = NEGRINHO; 2. Criança abandonada ou foragida que vive nas ruas; menino de rua; 3. Menino irrequieto, travesso; Brasil: Ceará] Diabo, satanás. *adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros*: 11. [Brasil, depreciativo] que ou quem revela maus sentimentos; que ou quem não tem integridade, não é sério. Canalha, velhaco. (MOLEQUE, *In*: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, <https://dicionario.priberam.org/moleque>).

restante se divide em *poncã*, *maricote*, *tangerina* e outros. No Rio Grande do Norte, 40% *tangerina*, 40% outros e 20% *mexerica*. Destacou também as variantes *bolo de moça* para *bolo de leite* e *teló* para *pirulito*. Dada a contribuição da informante a inquiridora relata que, na Bahia, se usam os termos *pirulito* e *bolo de leite*. Contudo, os termos *bolo de moça* e *teló* não estão dicionarizados.

(207) INF. – São Paulo tem aquele negócio de “*Oh pôra, carai!*”, tem um ditadozinho aí diferente. Agora aqui não. Eu não vou citá mais não porque eu não sei. (...) Do pão. É, isso aí... Foi a *bengala*. *Bengala* é *filão* e o *pãozinho*, sabe? [Inf. 3/Canto do Buriti-PI].

Consideramos no excerto (207) as variantes lexicais de *pão*, manifestadas pelo informante de Canto do Buriti-PI, para *bengala* como preferência em São Paulo, frente a *filão* e *pãozinho* como preferência local. Yida (2021) ao analisar o corpus do ALiB levantou as possíveis lexias para a questão 186 do QSL - *pão francês*. foram documentadas 48 variantes lexicais para o referente em pauta, das quais nos interessam *pão/pãozinho* (termos condensados na categoria pão), *bengala/bengalinha* (encontrados registros apenas para o termo *bengalinha*) e *filão*.

A investigação registrou 236 ocorrências para *pão* (19,28%), 22 para *filão* (1,80%) e apenas quatro para *bengalinha* (0,33%) nas capitais. Na região Nordeste, *pão* registrou 19,72% de produtividade e no Estado do Piauí esta variante registra 35%, enquanto *bengalinha* e *filão* estiveram ausente. O Sudeste registrou *pão* com 24,53%, *filão* com 5,15% e *bengalinha* com 0,93%. Destaque para o Estado de São Paulo com 30,43% para *pão*, 10,63% para *filão* e 1,93% para *bengalinha*.

Diante destes dados, verificamos que a percepção do informante não está em total acordo com os dados do Projeto ALiB, pois no Piauí não apareceram as variantes citadas. Contudo, em São Paulo predomina *pão*, enquanto *bengala* aparece com baixa frequência.

As variantes cariocas descritas no excerto (208), são produto das observações a um itinerante estabelecido na Paraíba por motivo comercial.

(208) INQ. – Você tinha dito um negócio de carioca, que foi um carioca que teve aqui. Você acha que ele fala diferente no Rio de Janeiro? Ele falava diferente de você?

INF. – Não achei diferença.

INQ. – Nem ele falou nada de nome das coisas que você estranhava?

INF. –Ele falou... ele falou alguma coisa, por exemplo, ele falou assim: *Cara*, tem uma pessoa que tá de *picuinha* comigo. Aí, eu parei, não perguntei, aí eu parei pra pensar. Fiquei assim: *Picuinha?* Aí, eu perguntei a ele: *Cara*, o que é *picuinha?* Aí, ele falou: Ah, *oxente*, tu não sabe o que é? Eu digo: Não, não sei o que é não. Aí, ele falou: É pessoa que fica de... de

rincha com a outra, de... de mastigar a língua. Sabe como é? Ah, eu digo: Ah, nunca que eu ia saber! Ele disse: Aqui, como é que vocês falam? Eu disse: Aqui, fala briga mermo, *rincha*, muído... um negócio assim. Ele disse: Lá, no Rio, é *picuinha*. Eu digo: Ah, nunca que eu ia saber. Tá vendo como é diferente as coisas? Aí, já aqui, ele não sabia quando eu falei assim: Eita, rapaz! Eu tô todo embodado, bicho. Ele disse: Como? Eu disse: *Tô embodado*, bicho. Ele disse: Não, não sei o que é isso não. Ah, é porque o cabra come muito, rapaz. Aí, ele disse: Ah, tô sabendo. É novidade para todo mundo assim, sabe? [Inf. 1/Itaporanga-PB].

O informante jovem de Itaporanga-PB expressa empatia pela variedade carioca, promovida pelo contato linguístico com um negociante carioca na localidade. Em suas palavras, o carioca usa *rixa* enquanto o paraibano diz *picuinha*, *rincha*, *briga*, *moído*. O falante carioca desconhecia o termo *embodado*, o paraibano descreve como *o cabra que come muito* e por este motivo, fica *embodado*.

A propósito das contribuições lexicais registradas nos excertos (209), (210), e (211), a Bahia conta com inúmeros dicionários informais do dialeto baiano disponíveis *on-line*, fruto do desenvolvimento histórico e linguístico do Estado conservados pela população.

(209) INQ. – E quando o senhor chegou (da Bahia), o senhor aprendeu a falar como se fala lá?

INF. – Humm, falava o mesmo jeito daqui, menina! A mesma fala dos baianos, chegava baiano lá, as palavras, quer dizer, as palavras não eram diferentes. Não é errada, é o nome das coisas.

INF. – Sei, os nomes das coisas são diferentes.

INF. – Por exemplo *candeeiro* aqui chama *candieiro*, lá chama *lamparina* não é!? *Lamparina*! Uma *estrada*, por exemplo, nós chamamos aqui um *caminho*, né!? E lá não, eles chamam uma *picada* é diferente, né! [Inf. 3/Santana do Ipanema-AL].

(210) INF. – A menina dela é da Bahia, o falar dela é todo *diferente*. Fala de um jeito e vocês falam de outro. Assim, o tipo daqui a gente chama com essa tal da *muriçoca*, né? Já lá não, sabe, é *pernilongo*, é outra coisa, né? E tudo assim, mais diferente [Inf. 4/Floresta-PE].

(211) INQ. – E Salvador, o que o senhor achou?

INF. – Achei lá, eu fui falando com um rapaz lá, eu achei sob as coisas de lá, né! *Mandioca*, não é *mandioca*, é *aipim*, né. E a respeito do jeito da fala mesmo, conversando com um colega, achei uma *diferençazinha*, não posso dizer direito como, mas achei, viu [Inf. 3/Arapiraca-AL].

O informante da faixa II de Santana do Ipanema-AL, no excerto (209), demonstra uma atitude de respeito pois não julga uma língua como superior à outra, nem como errada, apenas diferente, explica. Menciona conhecimentos lexicais por meio de variantes citadas: *candeeiro*

para *lamparina*, e *picada* para *caminho*; sendo as primeiras variantes baianas e as demais, usadas em Alagoas.

No excerto (210), a informante de Floresta-PE menciona as variantes *pernilongo* e *muriçoca*, este usado na Bahia. A respeito da palavra *pernilongo*, a Carta L14 (pernilongo) do ALiB (CARDOSO *et al.*, 2014), em Pernambuco predomina a variante *muriçoca* (60%), aparecem na região também os termos *pernilongo* (20%) e *mosquito* (25%); na Bahia a preferência é por *muriçoca* (60%), seguido por *pernilongo* (30%) e *mosquito* (10%); em São Paulo é *pernilongo* (90%) e *mosquito* (10%). A esse respeito, entendemos que a percepção do informante está de acordo com os dados apresentados na Carta L14 (pernilongo).

Segundo informações no excerto (211), o termo preferido em Salvador é *aipim* assegura o informante da faixa II de Arapiraca-AL, que registra *mandioca* como variante local. O ALiB registra na Carta L08 o termo *mandioca* para a questão do QSL 50: Como se chama a raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer? Em Salvador-BA predomina o termo *aipim* (100%); em Maceió-AL registra *macaxeira* (80%) e *aipim* (20%). Para a questão do QSL 51: Como se chama a raiz que não serve para comer e se rada para fazer farinha (polvilho, goma)?, a Carta L10, registra para Salvador-BA a preferência por *mandioca* (100%) e em Maceió-AL, *mandioca* (80%) e *mandioca brava* (20%).

No trecho (212), são apresentados os termos *gadanho*, *corante* e *palha de aço*, apontados na fala dos habitantes de São Luís-MA, conforme relatado pela informante da faixa I do Brejo-CE.

(212) INF. – Aqui, quando mora, assim, em São Luís, pega o sotaque de São Luís, das coisa assim. Por exemplo, o *ciscadô* que chamam aqui, lá chamam *gadanho*; aí o *corante*, nós chamamos *colorau*, aí, muita gente chega aqui costumado com corante, aí chega: *Ah, quero colorau!* Aí o pessoal vai saber o que é? Aí tem isso, o *Bombril* chamam *palha de aço*, aí tem muita gente que chega com esse sotaque [Inf. 2/Brejo-CE].

Nas palavras do informante cearense, excerto (212), na capital do Maranhão se usa a variante *gadanho*, no Ceará é *ciscadô*; *colorau* é *corante* e *palha de aço* é *Bombril*®. Considera, ainda, que aprender o sotaque de São Luís é incorporar, no caso, novas palavras, naturalmente.

Um dos informantes conta que já esteve em Teresina, capital do Piauí, e estabelece algumas comparações culturais com a atividade local, a partir de suas observações.

- (213) INQ. – E de, de Teresina, tu já foste. Tu me falaste ainda há pouco que tu foste a Teresina. Já observaste alguma diferença entre, por exemplo, Teresina e aqui, em Brejo? (...)
 INF. – Na hora que eles falam, pedir as coisas, também. E verdura, também, eles pedem *jerimum*, que é *abóbora*. Eles pedem, assim, cum um jeito, assim, que a pessoa, às vezes, quase nem entende [Inf. 2/Brejo-CE].

As observações expostas no excerto (213), a respeito da fala salientam o uso da variante lexical *jerimum* à local *abóbora* na capital do Piauí. Os termos *abóbora* e *jerimum* são sinônimos segundo constatado no Dicionário Houaiss On-Line, acrescido da informação etmológica do segundo termo, retratado como de origem tupi **yuru'mũ** no sentido de *fruto do jerimuzeiro*; *abóbora*; f.hist. 1587 *gerumú*, 1648 *jurumú*, 1853 *girimú*, 1853 *jurumú*, 1889 *jirimum*, 1889 *jurumum*. Esse termo se difundiu nas regiões Norte e Nordeste, especialmente nas áreas litorâneas, onde há uma forte influência da cultura indígena.

O linguajar gaúcho possui uma gama de palavras exclusivas que se destacam na memória dos brasileiros. Destas, identificamos, a partir dos excertos (214) e (215) a presença de duas variantes lexicais nos resultados, de baiana por *bausca*⁵² e de menina por *guria*, conforme relataram as informantes baianas:

- (214) INF. – Eles chamam as baianas de *bausca*. É...bausca. É fala bonita a fala deles [Inf. 4/Barreiras-BA].
 (215) INF.- Gaúcho. Ei, *guria* isso é *farofa*? – Não, isso é *feijão-tropeiro*. Hum, muito bom, *tchê!* [Inf. 2/Santa Cruz Cabralia-BA].

O excerto (214) confirma a proposição, ao observar que os gaúchos chamam as baianas de *bausca* (guasca), pois se sentem à vontade para expressar o prestígio que cultivam pela sua variedade; assim como a baiana por recepcionar o termo. O comportamento se repete no excerto (215) ao dirigir-se à informante jovem baiana pelo termo *guria*.

Os gaúchos ao migrarem para outras regiões, disseminaram sua cultura e tradições nas áreas de grande concentração que se formaram nestas terras. Estes mantiveram grande parte de seus hábitos sociais motivados pela lealdade cultural e linguística que os acompanharam. Dados da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CTG) e Piquetes no Brasil⁵³, registraram em 2019, 2.575 CTGs em atividade e 4.031 piquetes em todo o território nacional,

⁵² GUASCA: 3 rio-grandense-do-sul, gaúcho (GUASCA, In: Dicionário HOAUISS [em linha], 2009, https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#6).

⁵³ Dados do site: <https://www.cbctg.com.br/noticia/imprensa-e-relacoes-publicas/quantidade-de-ctgspiquetes-no-brasil/18/206/>

com a maioria localizada na Sul. Destes a Região Norte acolhe 12 CTGs e 10 piquetes, enquanto a Região Nordeste abriga 19 CTGs e 1 piquete.

Dos Estados da Região Sul citados, além do Rio Grande do Sul, o Paraná foi mencionado por preferências lexicais como *foco* e *aipim*, registradas no excerto (216).

(216) INQ. – Te lembrás de alguma coisa que chamou atenção, tu ouviste, ah essa pessoa disse isso, ela não é daqui.
 INF. – É, um amigo meu lá do Paraná, ele chama *lâmpada*, ele chama *foco*.
 INQ. – Foco? Ah, então tu ouves, tu já sabes que...
 INF. – *Macaxeira* ele chama *aipim*. Aí a gente já sabe que não é daqui, né?
 [Inf. 2/São João dos Patos-MA].

Nas palavras da informante jovem de São João dos Patos-MA, registram-se algumas variantes lexicais por meio da fala do amigo paranaense, foram citadas as palavras *foco* e *aipim*. Ela explica que o uso da variante local *lâmpada* é conhecida no Paraná como *foco* e *macaxeira* como *aipim*. A Carta L08 do ALiB retrata o predomínio do termo *aipim* com pouco mais de 50% na cidade de Curitiba-PR, ao lado de *mandioca* como resultados da Questão 50. Já a Carta L09, que trata da Questão 51, apresenta 100% da preferência do termo *mandioca* na mesma localidade. No Ceará, registra-se 75% de presença do termos *macaxeira* e 15% de *mandioca* para a Questão 50, e 100% de presença para *mandioca* para a Questão 51. Esta informação do ALiB está em conformidade à percepção do informante.

Aguilera (2015, p. 27) registra *foco* (*lâmpada*) e *aipim* (*mandioca*) como parte do léxico urbano paranaense, segundo o *corpus* do trabalho memorialista de Wanke (1995). Apesar disso, esclarece a autora que os termos *foco* e *aipim* estão mais presentes no léxico rural do que no urbano. Na Apresentação da obra *O Falar Paranaense*, os organizadores Fagundes; Loregian-Penkal e Menon esclarecem que não existe um único falar paranaense, mas o encontro de pelo menos três grandes áreas dialetais, assim representadas:

O falar paranaense tradicional corresponde à ocupação histórica vicentina: centro-sul-litoral; a segunda área se formou com a vinda de migrantes gaúchos e catarinenses, à cata de terras mais baratas, desbravando as matas do sudoeste e do oeste do Paraná, transformando-as em áreas agricultáveis. A terceira área linguística corresponde ao norte e noroeste do estado, colonizados por migrantes mineiros e paulistas, que vieram explorar a cultura do café na rica terra roxa (Fagundes; Loregian-Penkal; Menon, 2015, p.12).

Logo, os resultados de cada área dialetal estão vinculados à fixação de migrantes de diversas origens em áreas territoriais diferentes do Estado do Paraná, cada qual com seus

próprios interesses de exploração da terra. Dessa forma, segundo o autor, formaram-se três áreas dialetais distintas, a centro-sul-litoral; a sudoeste-oeste e a norte-noroeste do Paraná.

6.2.7 Variação morfossintática: tu X você

No campo da morfossintaxe, destacamos a percepção do uso de *você*, categórico no falar paulista, no lugar do *tu*, mais frequente em algumas localidades do Nordeste, conforme documentam os excertos (195) e (196):

(195) INF. – Em São Paulo todo mundo pronuncia *você*, aqui mais é *tu* [Inf. 1/Piripiri-PI].

(196) INQ. – Quando a senhora foi em São Paulo, a senhora achou o quê?
INF. – A fala lá, né? Que é *esquisita*. No Ceará lá, já é outro trato diferente, outra coisa diferente. Fala *tu*, não sei que *tu*, isso aqui é pra *tu*. Não sei o que é isso? [Inf. 4/Pau dos Ferros-RN].

Os excertos (195) e (196) salientam a realização na fala paulista de *você* como tratamento informal. A informante da faixa II de Pau dos Ferros-RN, conhecedora do Estado do Ceará, revela que o cearense, normalmente, usa o pronome *tu*, inclusive em substituição ao oblíquo *ti* exemplificado na frase: *isso aqui é pra tu!*

O sistema pronominal brasileiro, nos últimos dois séculos, vem sofrendo mudanças linguísticas que incluem, dentre alguns temas constantemente estudados, o uso dos sujeitos pronominais *tu* e *você*. Rumeu (2013, p. 545) investigou o tema e demonstrou *você* como uma forma inovadora oitocentista, e acrescenta: “O fato de você ainda resguardar o prestígio da forma nominal de tratamento para a realeza que a originou (Vossa Mercê) demonstra o conservadorismo do português brasileiro”. Em outras palavras, *você* era utilizado pela elite, representado nas cartas de D. Pedro II, no decorrer dos anos, se transformou em uma *forma vulgar* produtiva nas relações descendentes de *superior para inferior* (grifos do autor).

Conforme explicam os falantes dos excertos (197) e (198), o emprego do *tu* não é categórico em Natal e no interior da Bahia:

(197) INF.- Por exemplo, em Natal o povo fala muito: *tu vê, né! Tu viste não sei o quê?* O povo chama muito com o *tu* é sim, não sei o quê, foi sim, é sim, mas *tu viu mesmo, véi!* [Inf. 1/Caicó-RN].

(198) INF. – Mas até mesmo, na Bahia mesmo tem locais que pessoa, aqui a gente não fala o *tu*, mas Feira o pessoal fala muito *tu*: “*Tu vai, tu vem*” tudo é *tu* [Inf. 2/Santo Amaro-BA].

Em análise à Carta M02 do ALiB que aborda o tratamento do interlocutor *tu* e *você*, constatamos o registro da realização de *você* na capital paulista com índice de 100% de preferência. Enquanto nas capitais dos estados do Piauí, Rio Grande do Norte e Ceará, apresentam 20% de frequência para *tu* e 80% para *você*. As percepções dos entrevistados não estão alinhadas com as informações presentes no ALiB, uma vez que predomina o uso de *você* nas capitais Teresina-PI, Fortaleza-CE e Natal-RN.

6.2.8 Os regionalismos e as gírias

Reunimos no Quadro 11 os termos referentes a *gírias*, *regionalismos* e marcas da *oralidade* consideradas particularidades linguísticas de uma variedade, sem correspondentes dialetais na variedade local. Registram estes fenômenos da linguagem informal as variedades: paulista, baiana, cearense, paraibana, pernambucana, potiguar, nordestina e mineira.

Quadro 11 – Variedades e marcas dialetais manifestadas pelos informantes nordestinos.

Variedade	Termos	Informantes
paulista	Cara, tipo assim, pô, morô?	1/Ipu-CE
	Ô meu!	1/Arapiraca-AL; 3/Quixeramobim-CE; 1/Vitória da Conquista-BA
	Ô tio! Comequetá?	1/Arapiraca-AL
	Ô bicho!	3/Quixeramobim-CE
	Mano	1/Seabra-BA
	Pora	3/Cabrobó-PE
baiana	Bichinho, oxe	1/Santana-BA
	Mainha, painho	2/Crato-CE
cearense	Macho	1/Picos-PI; 3/Pau dos Ferros-RN
gaúcha	<i>Tchê</i>	2/Santa Cruz Cabralia-BA; 2/Canindé-CE; 1/Crateús-CE
mineira	Uai, Trem	4/Balsas-CE; 3/Patos-PB; 3/Itapetinga-BA; 3/Picos-PI
nordestina	Oxente	1/União dos Palmares-AL
paraibana	Embodado	1/Itaporanga-PB
	Meu irmão!	1/Cuité-PB
pernambucana	Visse!	3/Exu-PE; 4/Sangueiro-PE
potiguar	Visse!	1/Canindé-CE

Fonte: Elaborado pela autora com os dados do Projeto ALiB.

O conteúdo sintetizado no Quadro 11 está relacionado ao contraste da distribuição regional: Sudeste e Sul (*paulista, mineira e gaúcha*) e Nordeste (*nordestina, baiana, cearense, paraibana, pernambucana e potiguar*).

Os falantes identificam os falares por meio de características dialetais que fazem parte da linguagem popular, criando uma marca, uma identidade. Os próximos trechos selecionados apresentam diferentes tipos de gírias, da variedade *paulista*, conhecidas pelos informantes da amostra:

(217) INF. Lembro, no caso do pessoal daqui que gosta muito de ir à São Paulo, trabalhar passear e muitas vezes vai e quando chega, chega falando diferente, só que às vezes é safadeza, um pouco. Passa um mês em São Paulo e já chega: *Ô meu*, não sei o quê? Eu tenho uma sobrinha pequena que mora em São Paulo e quando fala comigo *ô tio! Comé que tá?* [Inf. 1/Arapiraca-AL].

(218) INF. – O paulista, né?! É: *Ô, meu! Ô, bicho!* Que é um pouco diferente do nosso [Inf. 3/Quixeramobim-CE].

(219) INF. – São Paulo: *Cara, tipo assim, é: Pô! Morô ?* [Inf. 1/Ipu-CE].

(220) INF. – Tem uns que falam: *Sei lá, mano!* Não sei o quê! [Inf. 1/Seabra-BA].

(221) INF.- Eles falam: *Meu*, não sei quê!... *Meu*, tudo bom? [Inf. 1/Vitória da Conquista-BA].

(222) INF. – (paulista) É ele fala: *Pora, não tem a cebola! Pora, você vai cortar a cebola pra você botar!* Aquele tipo embolado, ele fala mesmo é esse tipo [Inf. 3/Cabrobó-PE].

No excerto (217), o informante de Arapiraca-AL contribui com as expressões: *Ô meu! Ô tio! Comé que tá!*; no (218) o informante de Quixeramobim-CE registra *Ô meu! Ô bicho!*; no excerto (219) o informante de Ipu-CE considera as gírias paulista: *Cara, tipo assim! Pô! Morô!*. No excerto (220), o informante de Seabra-BA expõe: *Sei lá, mano!* E eo de Vitória da Conquista-BA, *Meu!*, excerto (221). O excerto (222), registra: *Pora!* pelo informante de Cabobró-PE. *Cara, meu, mano e bicho* desempenham a mesma função como interlocutório pessoal. Neste caso, os termos aparecem com sentido positivo considerados bem aceitos na região (especificamente nos Estados do Ceará, Alagoas, Bahia e Pernambuco).

As marcas dialetais da Bahia foram amplamente difundidas nas músicas e na literatura, telenovelas e demais canais de mídia. Como exemplos, no excertos (223) e (224), foram citados: *oxe, bichinho, mainha e painho*:

(223) INF. – Na própria Bahia, lá de baixo, às vezes tem uma coisa de *oxe*, *oxe*, *oxe*, e aí *bichinho*? Como vai *bichinho*? [Inf. 3/Santana-BA].

(224) INF.- Lá na Bahia, que fala *mainha*, *painho* [Inf. 2/Crato-CE].

O excerto (223) traz uma atitude que divide o falar baiano, em geral, do Sul do Estado, onde afirma o informante da faixa II de Santana-BA que na própria Bahia – *lá de baixo* – há quem fale: *oxe* e *bichinho*, em contextos informais. Já a informante da faixa I de Crato-CE indica a constância do uso de *mainha* e *painho* por toda a Bahia como vocativos: *painho* e *mainha*. Essas expressões são conhecidas como estereótipos do dialeto baiano, caracterizadas pelo uso de diminutivos transmitindo um sentido afetoso.

Os informantes dos excertos (225) e (226), não concordam com a prática cearense no uso do termo: *macho!*, em desacordo com suas concepções a respeito da língua.

(225) INQ. – Quando você foi pra Juazeiro mesmo?

INF. – Em Juazeiro, lá o cabra vai falar com o homem, aí diz: Ei, *macho*, comé que vai? Aí fala com a mulher: Ei, *macho*, comé que vai? Aí eu digo: “Não, isso pra mim não tá certo não. Eu vou caçar meu rumo de volta...” [Inf. 1/Picos-PI].

(226) INF. – Logo aqui, no estado do Ceará, eles têm um linguajar, um sotaquezinho diferente, né? Ou, não sei o quê, assim, assim, assim, *macho*. No Ceará, né? Não sei que, não sei que, *macho*. Nós aqui somos diferentes, né? Como nós aqui costuma dizer, qualquer coisa mais, assim, assim, Ave Maria, Ave Maria! Já tem esse hábito de falar assim, né? Agora o Ceará, né! Assim não: Não sei o quê, não sei o quê, *macho*. E a gente aqui Ave Maria! Meu Deus! Ave Maria! [Inf. 3/Pau dos Ferros-RN].

O informante de Picos-PI e o informante de Pau dos Ferros-RN não aceitam o costume linguístico do Ceará ao usar o vocativo *macho!* sem distinção de gênero, o cearense iguala os sexos. Os excertos (225) e (226) expõem um pensamento preconceituoso ligado a elementos da fala cearense.

Uma das marcas do discurso gaúcho é o elemento *tchê*, usado como marcador oral, indicando final de turno ou como interjeição. Os excertos (227) e (228) exemplificam essa característica dialetal amplamente conhecida.

(227) INF.- Os gaúchos falam *tchê!*[Inf. 2/Canindé-CE].

(228) INF.- O Rio Grande do Sul.

INQ. – Por exemplo, uma coisa que você acha diferente da fala de lá.

INF.- O sotaque, né? Aquela coisa *tchê*, não sei quê [Inf. 1/Crateús-CE].

Pelos excertos acima verifica-se que o *tchê* é uma forma de expressar a identidade e a cultura dos gaúchos, que pode variar de acordo com o contexto, o objetivo, o interlocutor e o

estilo de cada um. O termo já se encontra dicionarizado, no Dicionário Houaiss On-Line registra o verbete como substantivo de dois gêneros de uso informal e traz os seguintes usos: i) como interlocutório pessoal; i.i) como bordão e ii) antes de antropônimo como forma de tratamento para indicar intimidade. Sua existência traz forte ligação com a cultura de países de língua espanhola, Uruguai ao sul e Argentina a oeste, dos quais faz fronteira e compartilha alguns costumes inclusivos linguísticos. A Real Academia Española legitima esta hipótese ao considerar *Che* como interjeição: *Che, com que se llama personas y animales*, é reconhecida formalmente em Valência, Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai para chamar, deter ou pedir atenção a alguém, ou para denotar assombro ou surpresa.

O falar mineiro, reconhecido por sua entonação melódica e ritmo cadenciado, resulta de influências históricas e culturais, da presença de imigrantes portugueses e africanos, entre outros, estabelecidos na região. As expressões *uai* e *trem* são frequentemente utilizadas na linguagem coloquial de Minas Gerais, demonstram os excertos de (229) a (232):

(229) Também, o mineiro, é *uai*! [Inf. 4/Balsas-CE].

(230) INF. – É... o mineiro fala muito é... *uai*, *trem* e esses negócios assim... [Inf. 3/Patos-PB].

(231) INF. – Daqui só tem o estado de Minas que é diferente daqui.
INQ. - Como é lá?

INF. – Tem um modo de falar *uaie* nós aqui não temos [Inf. 3/Itapetinga-BA].

(232) INF- Minas Gerais. *Uai*, no Estado de Minas até não, a parte lá da Bahia, estremado também fala, mas acho que é em Minas mesmo.
[Inf. 3/Picos-PI].

Nos excertos (229) a (232), os informantes de Balsas-CE, Patos-PB, Itapetinga-BA e Picos-PI apontam as expressões *uai* e *trem* como elementos diferenciadores da variedade mineira. As duas expressões estão dicionarizadas⁵⁴ e carregam o conceito de regionalismo atribuído à Minas Gerais. Amadeu Amaral (2020 [1920], p. 218) propõe a origem para a expressão *uai*, como variação de *olhai*.

O informante jovem do interior da Paraíba tem uma constatação acerca da linguagem da capital, embora haja o uso de gírias, há quem fale *normal*.

(233) INF. – Em João Pessoa é *gíria*, né?

INQ. – Hum...

INF. – Ei, *meu irmão*, *beleza*? Aqui não, aqui é mais... tem também, mas tem gente que fala o *certo*, *normal*, né? [Inf. 1/Cuité-PB].

⁵⁴ Dicionários On-Line: Dicio; Priberam e Michaelis.

O informante jovem de Cuité-PB, excerto (233), identifica no falar de João Pessoa: o uso de gírias, *Ei, meu irmão, beleza?*; e o falar *certo, normal*. Esta percepção sugere dois tipos de fala na capital, uma associada a *gírias* como prática não-padrão, e a *correta/normal*, padrão na concepção do informante.

Os excertos (234), (235) e (236) destacam o uso do termo *visse* na capital Recife-PE e no Rio Grande do Norte.

(234) É assim, a fala do povo lá do Recife é assim, não sei o quê? Ele disse que *visse*, ele ficava *visse* [Inf. 3/Exu-PE].

(235) INF.- Pronto, no Recife mesmo, a fala de Recife é diferente, ele tem um fala diferente, um *puxado*, um *visse*, todo mundo é *visse, visse* [Inf. 4/Salgueiro-PE].

(236) INF. Por exemplo, aqui em Canindé as pessoas falam *viu*, e lá no Rio Grande eles falam *visse* [Inf. 1/Canindé-CE].

As colocações dos informantes pernambucanos de Exu, Salgueiro e Canindé evidenciam a marca dialetal *visse*, na função de interjeição de reforço, sinônimo de *viu* ou *ouviu*, um contraponto entre a fala do interior e da capital de Pernambuco, excertos (234) e (235). O informante jovem de Canindé-CE, no excerto (237), destaca a marca dialetal *visse* no falar do Rio Grande do Norte, apontando a variante no Ceará é *viu*.

De modo geral, as *gírias*, além de serem lembradas como identificadoras de grupos, são apreciadas pelos entrevistados e ocupam um lugar de destaque em seu repertório linguístico.

6.2.9 Influência da TV sobre a percepção linguística

No século XX a televisão foi um dos meios de comunicação mais popular entre os brasileiros, capaz de impactar a forma como os expectadores se comunicam ao expô-las a programas com diferentes sotaques, enriquecendo o repertório linguístico dentro de suas casas. Além disso, as variadas programações também são meios para ensinar novas palavras, expressões e gírias.

Proença Filho analisa os vários estilos de linguagem presentes na televisão, observando que

notadamente no noticiário, observa-se uma tendência a uma padronização generalizadora. Telenovelas e minisséries, por seu turno, abrem-se ao coloquialismo e a variantes diatópicas e diastráticas, numa mescla de

registros vários; os programas humorísticos, ao uso informal (PROENÇA FILHO, 2017, p. 573).

Além de suas múltiplas funções (informativa, ideológica, de entretenimento, entre outras), há um monitoramento quanto ao conteúdo e ao público, ora formal como nos noticiários, ora informal como nas telenovelas, embora não haja controle sobre este tipo de influência. Proença Filho (2017, p. 616) adverte para a tendência de mudança de linguagem que a mídia, em geral, pode causar aos telespectadores:

Os meios de comunicação de massa convertem-se em agentes poderosamente direcionadores de comportamento heterodirigido (...) promovem e disseminam padrões. Tendem a homogeneizar os usos da língua. Alteram vocabulário. Interferem no uso do ritmo do idioma, em suas variantes regionais. Geram condicionamento.

Os informantes da Região Nordeste, em suas entrevistas, afirmaram perceber a diversidade linguística veiculada nos programas da TV, conforme documentam os excertos de (237) a (242):

(237) INF. – Na televisão eles dizem: isso aqui no *Norte* é isso, e aqui no *Sul* é isso [Inf. 4/Limoeiro-PE].

(238) INQ. –Você percebeu já alguma coisa? Pela televisão, por exemplo, você percebe alguma diferença?
INF. –É... os *cariocas* falam bem diferente, né? [Inf. 2/Cuité-PB].

(239) INF.– Não, na televisão acho, porque o *carioca* sempre tem um chiadinho [Inf. 2/Itaporanga-PB].

(240) INF. – Fala. Já. Televisão já. Eh... *Gaúcho*. Achei que fala diferente [Inf. 2/Tuntum-MA].

(241) INF.- Pela televisão a gente vê, *paulista* né, tem um chiado mais na voz. [Inf. 3/Russas-CE].

(242) INF.- Fala, tem otros lugares que falam diferente. Tem gente que fala mais arrastado. Eu tiro pela televisão, lá em *Santa Catarina*, lá o *gaúcho*. Tem aquelas coisas, é muito diferente [Inf. 4/Arco Verde-PE].

Os fragmentos anteriores revelam os tipos de variedades que foram conhecidas pelos informantes, por meio da televisão: a do Norte e do Sul, excerto (237); a *carioca*, excertos (238) e (239); a *gaúcha*, excertos (240) e (241); a paulista, excerto (241); a catarinense, excerto (242).

(243) INF. – Hoje...os meninos hoje, o povo lá do... (int.) por causa da televisão. Que vê aquelas coisas da televisão, sabe, e começa a falar as coisas diferentes. Se a televisão hoje... a televisão hoje ensinou muito. Ensinou coisas boas, coisas ruins [Inf. 3/Propriá-SE].

(244) INF. – Na nossa cidade? Eu creio que sim, eu não lembro da gente falando diferente, mas eu acredito, acredito que, que falava diferente, porque hoje, hoje a nossa cidade ela tá totalmente contaminada, de pessoas com palavrões, através da... da inovação da nova era, a vinda da nova era, a vinda da televisão, a vinda da internet, tem modificado bastante o linguajar das pessoas, né? Tem modificado bastante o linguajar das pessoas. Eu sou assim, uma pessoa de pouco conhecimento, pouco estudo, não sou falante [Inf. 1/Estância-SE].

Os informantes sergipanos, de Propriá-SE e Estância-SE, excertos (243) e (244), expõem suas percepções sobre a influência da televisão na linguagem, sobretudo entre os jovens (243), passíveis ao aprendizado que poderão ser em suas falas e comportamentos.

(245) INQ. – E, na televisão, a se... a senhora acha que alguém fala diferente na televisão?

INF. – Acho. Muito bem, né? Que fala muito bem, muito *explicado*, muito... né? Eu acho [Inf. 4/Cuité-PB].

(246) INQ. – Certo. E outros lugares pela televisão, você acha que fala diferente? Quando você vê a televisão, você acha que tá falando diferente?

INF. – Tá. Bem diferente.

INQ. – O que você percebe que é diferente?

INF. – Eu acho assim que é outro... *outra língua*, né? [Inf. 1/Cuité-PB].

As percepções apresentadas pelos informantes de Cuité-PB coincidem ao informar que observam falas diferentes na televisão, mas, no excerto (245), a informante avalia positivamente a linguagem, *fala muito bem/explicado*, enquanto no excerto (246) o informante tem a percepção de se tratar de uma outra língua.

CONCLUSÃO

Após um minucioso processo de investigação, que incluiu leituras, oitivas, análises de dados e revisões, acreditamos ter conseguido atingir o objetivo principal desta tese: o de descrever e analisar as percepções e atitudes linguísticas dos informantes das Regiões Norte e Nordeste, a partir dos dados do Projeto ALiB, quanto às variedades do português brasileiro.

No decorrer desse processo, perpassamos por áreas que nos permitiram novas perspectivas sob a ótica da Dialetologia Perceptual, da Sociolinguística, da Psicologia Social, da Geolinguística e da História do Brasil.

Assim, pudemos identificar os falares presentes na consciência linguística dos informantes, apontar os níveis da língua presentes na percepção dos informantes e discutir os juízos de valor atribuídos às percepções e atitudes linguísticas manifestadas pelos inquiridos. Acreditamos que os resultados apresentados estão alinhados entre si com os objetivos propostos para esta tese.

A análise das respostas dadas à Questão 5 pelos informantes das Regiões Norte e Nordeste confirmaram as três hipóteses levantadas inicialmente, conforme constam da seção introdutória desta tese: i) as variedades regionais são evidentes e caracterizadas majoritariamente por adjetivos; ii) os resultados apresentam relações históricas e sociais com as migrações internas do Brasil no século passado; iii) os aspectos linguísticos recorrentes para caracterizar a fala diferente são o sotaque, a fonética, o léxico e as gírias.

Em síntese, podemos afirmar que os dados resultantes da **Questão 4** para as regiões investigadas, certificam que 100% dos informantes da Região **Norte** e mais de 99% dos entrevistados da Região **Nordeste**, reconhecem a existência de falares diferentes do seu, demonstrando uma compreensão da diversidade que compõe o português brasileiro.

Os dados da **Questão 5** foram analisados separadamente para cada uma das regiões, levando em consideração as particularidades de cada uma delas.

Os resultados referentes às percepções dos 72 informantes do ALiB, naturais da Região Norte, mostram o reconhecimento das diferenças sob várias óticas, que reunimos segundo: (i) a Região geográfica do outro (nordestino, nortista; sudestino, sulista e centro-oestino); (ii) o Estado de origem (mais frequentes: gaúcho, carioca, paulista, maranhense, cearense, baiano e goiano)⁵⁵; (iii) a relação capital (belenense, brasiliense, cuiabano,

⁵⁵ Ver os Gráficos 2, 4, 5 e 7 que constam, respectivamente, das páginas 98, 101, 103 e 105).

manauara e recifense) e interior do próprio Estado (cametaense, marajoara, santamariense, caboclo), ou de outros Estados (anapolino).

Destacamos, as menções às variedades do Norte, especialmente referentes aos estados do Amazonas e do Pará, distinguindo as variedades da capital e do interior, por meio das manifestações ao falar manauara e ao belenense, e das indicações para o interior da própria região, a partir da presença de caboclos amazonenses e marajoara paraenses.

Das características manifestadas, a mais lembrada foi o sotaque, assim distribuído e cartografado: Regiões Norte (*paraense, belenense e manauara*); Nordeste (*baiana, cearense, nordestina, maranhense, pernambucana e piauiense*); Sul (*sulista e gaúcho*), Sudeste (*capixaba, carioca, mineira, paulista*) e Região Centro-Oeste (*mato-grossense*).

A adjetivação, como referência linguística manifestada, foi sintetizada em três grupos: (i) o *rótico* (arrastado, o puxado, puxado no R, embolado), praticado pelas variedades: gaúcha, goiana, cearense, nordestina, carioca, sulista e catarinense; (ii) o *chiado* (chiado, chiante e puxado no S), atribuído às variedades: belenense, manauara, recifense, paulista, paraense, carioca e catarinense; e (iii) adjetivos diversos, incluindo: engraçado (mineira, baiana, carioca e gaúcha), esquisito/estranha (maranhense), (recifense, alagoana), errado (nordestina, paraense), feio (sulista e cametaense), certo (belenense), educado (brasiliense), enrolado (catarinense), claro (maranhense), apressado (baiana).

No caso das demais percepções de natureza fonética, foram apuradas a palatalização na fala maranhense e a omissão da palatal [ɲ] nas variedades amazonense, maranhense e nordestina.

Por fim, o léxico e as gírias tiveram lembranças significativas para as variedades gaúcha (tchê, guria, guri, chinoca); baiana (mainha, painho); maranhense (juçara, piau); amapaense (açai, aracu); nordestina (cabra da peste); Baixo Xingu (pirralho); paraense (mexerica), goiana (poncã), carioca (caracas!, mermão!).

Destacamos a importância da presença das línguas indígenas na Região Norte e, por isso, investigamos suas referências na Questão 3, considerando várias percepções relevantes. As línguas mencionadas pelos informantes foram: palikur, curupí, tukano, pira-tapuias, anamã, desana, baniwa, tariana, guayana, baré e munduruku.

As percepções linguísticas dos informantes nortistas estão associadas aos movimentos sócio-históricos e econômicos efetivados, sobretudo, pelos incentivos políticos federais para a povoação e o desenvolvimento da Região Norte. Essas oportunidades trouxeram trabalhadores

de diversas regiões do país, proporcionando o contato dos habitantes locais com inúmeras variedades e culturas que deram origem às percepções aqui discutidas.

Analisando as respostas dadas pelos 253 informantes distribuídos pelas 69 localidades do interior da Região Nordeste, observamos que a diversidade de percepções linguísticas dos informantes nordestinos refere-se aos gentílicos, sob a perspectiva (i) da Região (nordestino e sulista), do Estado (paulista, carioca, gaúcho, mineiro e baiano, entre outros), da capital (principalmente o soteropolitano, aracajuano, recifense), além de referências ao interior do próprio Estado (feirense e itabunense), ou de outros Estados (brejense) e de grupo étnico (cigano).

Os indicativos regionais resultantes das manifestações dos informantes nordestinos, estão reunidas em dois grupos: (i) Sudeste, Sul e Centro-Oeste; (ii) Norte e Nordeste. A análise dos dados do Nordeste revela uma estreita relação entre os movimentos demográficos internos, de idas e retornos, caracterizados pela busca por trabalho e melhores condições de vida, e pelo êxodo motivado pelas frequentes secas que assolam a Região. Esses fatores desempenham um papel significativo na configuração socioeconômica desta região.

Além das manifestações diatópicas, a referência ao *sotaque* se mostrou relevante. Para os informantes do Nordeste, os *sotaques* mais salientes são o paulista, o carioca, o cearense, o baiano e o gaúcho.

Procedemos também à análise das adjetivações mais frequentes, segundo o fenômeno fonético: i) dos róticos, variedades consideradas *arrastadas* (baiana, brasiliense, capixaba, carioca, catarinense, cearense, fortalezense, gaúcha, goiana, nordestina, paulista, paraibana, pernambucana, piauiense, sergipana, soteropolitana e potiguar); ii) do /s/, do /di/ e do /ti/ como *chidados* (paraense, carioca, cearense, paulista, recifense e soteropolitana).

No nível do léxico, destacamos algumas percepções do diferente, como o emprego paulista do verbo *pôr* versus o uso nordestino do verbo *botar*. Nos depoimentos, foram frequentes as percepções das diferenças lexicais observadas no falar paulista, carioca, gaúcho e paranaense, entre outros

No nível morfossintático, a percepção mais citada refere-se ao emprego do pronome *tu*, mais frequente entre os nordestinos e o *você*, mais usual na fala paulista.

Além desses, as expressões regionais, as gírias e o papel da televisão foram outros aspectos dignos de comentários dos informantes de ambas as Regiões.

Em se tratando de percepções e atitudes linguísticas, também registramos manifestações avaliativas sobre o falar diferente de outras localidades, muitas delas positivas:

bonita, agradável, calma e clara/limpa (gaúcha, curitibana, paulista, soteropolitana, baiana); além disso, ainda persiste a crença no falar certo x errado (brasiliense, londrinense x baiana, cearense e paraibana).

Ao analisar as percepções e atitudes dos informantes das Regiões Norte e Nordeste, buscamos compreender como as pessoas se relacionam com a linguagem, explorando suas opiniões, crenças e valores associados às diferenças linguísticas diatópicas e, muitas vezes, diastráticas.

Nossa proposta consistiu em combinar diferentes elementos, como percepções e atitudes individuais e coletivas, com base em registros históricos e em depoimentos dos falantes, a fim de apresentar um panorama abrangente do cenário linguístico na voz de nortistas e nordestinos que compõem o acervo sonoro e transcrito do Projeto ALiB.

A partir de uma abordagem dialetológica, investigamos como os falantes dessas regiões avaliam e reagem aos diferentes falares da língua portuguesa, considerando as variáveis sociais, geográficas e históricas que influenciam a diversidade linguística. Os resultados mostraram que há uma complexa relação entre identidade, prestígio e estigma no consciente linguístico os informantes, que reflete as tensões, conflitos e influências regionais e nacionais, e as representações sociais da língua.

Por meio dos resultados obtidos nesta tese, verificamos que o conhecimento subjetivo de um falante revela valores sociais através de comentários, avaliações e percepções. Esses valores também se manifestam nas atitudes voltadas à fala de outrem. As questões metalinguísticas propostas pelo Projeto ALiB buscam compreender essa complexidade refletida na língua portuguesa brasileira.

Por fim, esperamos que este estudo contribua para o conhecimento e a valorização das variedades do português brasileiro, bem como para a promoção de uma educação linguística crítica e inclusiva.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. P.; LAGO, L. A. A economia brasileira no Império (1822-1889). *In: A origem do Progresso: dois séculos de política econômica no Brasil*. 2ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.
- AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *In: Estudos Linguísticos*. n. 37. São Paulo, 2008.
- AGUILERA, V. A. O léxico paranaense: uma viagem pelas veredas rurais e pelos caminhos urbanos. WANKE, E. T. *Vocabulário paranista: brasileirismos do Paraná*. Rio de Janeiro: Plaquette, 1995.
- AGUILERA, V. A.; MILANI, G. A.; MOTA, J. A. (orgs.). *Documentos 1 – Projeto Atlas Linguístico do Brasil ALiB*. Salvador: ILUFBA: UDUFA, 2003.
- ALENCAR, B. A. Brinquedos e diversões no estado de São Paulo: designações para estilingue a partir dos dados do Projeto ALiB. *In: Revista Estudos Linguísticos*. 2018. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1999>>. Acesso em 08 de nov de 2023.
- ALLPORT, W. G. *La naturaleza del prejuicio*. Buenos Aires: Editorial Universidade de Buenos Aires, 1971.
- ALMEIDA, J. E.; ARAUJO, J. B. Um modelo exaurido: a experiência da SUDENE. *In: Revista Teoria e Evidência Econômica*. v. 23, n.12. disponível em: http://cepeac.upf.br/download/rev_n23_2004_art5.pdf. Passo Fundo: UFP, 2004.
- ALVES, M. I. P. M. *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo: uma abordagem previa*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas-SP, 1979. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000056349>>. Acesso em: 15 fev 2023.
- AMARAL, A. *O Dialeto Caipira*. Parábola: São Paulo, 2020 [1920].
- APTIDÃO. *In: Dicionário Houaiss [em linha]*. 2009. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#11. Acesso em 25 de jan de 2024.
- AUGUSTO, V. L. D. S. *Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás*. Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2012.
- BASSI, O. F. O. *Atitudes linguísticas e variáveis sociais na fronteira Brasil – Bolívia* (dissertação). Universidade Federal do Acre, 2013. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=124519>. Acesso em 10 dez 2022.
- BASSO, R. M. *Descrição do Português Brasileiro*. Col. Linguística para o Ensino Superior. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- BEM, D. J. *Convicções, atitudes e assuntos humanos*. Trad. Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: EPU, 1973.

BISINOTO, L. S. J. Atitudes sociolinguísticas em Cáceres-MT: Efeitos do processo migratório. Disponível em: < <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalle/198270>>. Acesso em 05 fev 2022.

BOTASSINI, J. O. M. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolinguística. *Revista Signum*. n 18/1. Londrina, 2015.

BOTASSINI, J. O. M. *Crenças e atitudes linguísticas : um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2013.

BOTASSINI, J. O. M. Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica. *In: Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera*. (org.) Altino, F. C. Londrina: Midiograf, 2012.

BRANDÃO, C. R. *Identidade e Etnia*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1986.

BRIGHT, W. Dialeto social e história da linguagem. *In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Orgs.). Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

CABRA DA PESTE. *In: PRIBERAM, Dicionário da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024*. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/cabradapeste>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

CABOCLO. *In: HOUAISS, Dicionário da Língua Portuguesa Online*. Rio de Janeiro: Objetiva/Instituto Antônio Houaiss, 2009. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#3. Acesso em: 20 de jun de 2022.

CAMPOS J.; REIS, C. S.; SATHLER D., Caracterização espacial da migração de retorno ao Nordeste: uma análise dos fluxos migratórios intermunicipais nos quinquênios 1995-2000 e 2005-2010. *In: Blucher Social Sciences Proceedings*. 3 vol. Disponível em: <[www.proceedings.blucher.com.br/article-details/caracterizacao-espacial-da-migracao-de-retorno-ao-nordeste-uma-anlise-dos-fluxos-migratrios-intermunicipais-nos-quinquennios-1995-2000-e-2005-2010-27585](http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/caracterizacao-espacial-da-migracao-de-retorno-ao-nordeste-uma-analise-dos-fluxos-migratrios-intermunicipais-nos-quinquennios-1995-2000-e-2005-2010-27585)>. Acesso em 25 de out de 2021.

CARDOSO, D. C. *Atitudes Linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. Rio de Janeiro: Ed. Edgard Blücher Ltda, 2015.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T.; RIBEIRO, S. C. (orgs.). *DOCUMENTOS 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2013.

CARDOSO, S. A. M. A Dialetoлогия no Brasil: Perspectivas. *In: D.E.L.T.A. 15v. PUC : São Paulo*, 1999. Disponível em : <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/2872>>. Acesso em 14 de dez de 2023.

CARDOSO, S. A. M. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, S. A. M. S. *et al. Atlas linguístico do Brasil*. 1v. Londrina: EDUEL, 2014.

CARDOSO, S. A. M. S. *et al. Atlas linguístico do Brasil*. 2v. Londrina: EDUEL, 2014.

CENNI, F. Italianos no Brasil: *Andiamo in "Merica"*. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P. *La Dialectologia*. Madrid: Visor Libros, 1994.

CHE. *In*: Real Academia Española [em línea]. 2010. Disponível em: <https://www.asale.org/damer/che>. Acesso em 25 de jan de 2024.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (2001). *Atlas Linguístico do Brasil: questionários*. Londrina: Ed. UEL, 2001.

CORBARI, C. C. *Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*. Tese (Doutorado em Letras). Salvador: UFBA, 2013.

COSERIU, E. *O homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro: Presença, Coleção linguagem, 1987.

COSTA e SILVA, A. População de sociedade. *In*: *Crise colonial e independência (1808-1830)*. Alberto Costa e Silva (coord.) Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

FAGUNDES, E.; LOREGIAN-PENKAL, L.; MENON, O. P. S (orgs.). *O falar paranaense*. 1 ed. Curitiba: Ed. UTFPR, 2015.

FAUSTO, B. A vida política. *In*: GOMES, A. C. (Coord.). *Olhando para dentro: 1930-1964*, vol. 4 de SCHWARCZ, Lilia Moritz (Dir.). *História do Brasil nação: 1808-2010*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2013.

FERREIRA, C. D. S. Percepções dialectais e atitudes linguísticas. O método da Dialectologia Perceptual e suas potencialidades. *In*: *Textos Selecionados*. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL, 2009.

FREITAG, R. M. K.; *et al.* Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul do Nordeste. *Revista Todas as letras*. 18v, n. 2. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/9166/6191>>. São Paulo, 2016. Acesso em: 26 de fev de 2023.

FREITAS, D.G.; CARVALHAES, M. A.; BEZERRA, V. S. Boas Práticas na Cadeia de Produção de Açaí. EMBRAPA. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/226998/1/CPAF-AP-2021-Boas-praticas-cadeia-producao-acai.pdf>>. Brasília: 2021. Acesso em: 20 jul. de 2023.

GARCÍA MOUTON, P. El Atlas Lingüístico y etnográfico de Castilla-La Mancha. Materiales fonéticos de Ciudad Real y Toledo. *In*: GARCÍA MOUTOUN, P. (ed.). *Geolingüística. Trabajos europeos*. Madrid: CSIC, 1994.

GENTÍLICO. *In*: HOUAISS, Dicionário da Língua Portuguesa Online. Rio de Janeiro: Objetiva/Instituto Antônio Houaiss, 2009. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#5. Acesso em: 26 de jun de 2022.

GÍRIA. *In*: HOUAISS, Dicionário da Língua Portuguesa Online. Rio de Janeiro: Objetiva/Instituto Antônio Houaiss, 2009. Disponível em:

https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#5. Acesso em: 26 de jun de 2022.

HAESBAERT, R. *Des-reterritorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste*. Niterói: EDUF, 1997.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades: Belém-PA. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. SIDRA – Sistema IBGE de recuperação automática. *Atlas geográfico*. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. SIDRA – Sistema IBGE de recuperação automática. *Atlas geográfico*. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JARDIM, A. P. A investigação das migrações internas, a partir dos Censos Demográficos brasileiros de 1970 a 2010. In: OLIVEIRA, L. A. P.; OLIVEIRA, A. T. R. (orgs). *Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil*. IBGE, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: < <https://www.biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49781.pdf>>. Acesso em 22 de dez de 2023.

JERIMUM. In: HOUAISS, Dicionário da Língua Portuguesa Online. Rio de Janeiro: Objetiva/Instituto Antônio Houaiss, 2009. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#2. Acesso em: 15 de dez de 2023.

KLEIN, H. S.; LUNA, F. V. *População e Sociedade*. In: *Modernização, ditadura e democracia (1964-2010)*. 5v. 1ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1968 [1966].

LIRA, Z.; DA HORA, D. *Dialeto Nordestino: prosódia e representação social*. Anais Abralín, 2009.

LÓPEZ MORALES, H. *Sociolingüística*. 3 ed. Madrid: Gredos, 2015 [1993].

MALOQUEIRO. In: Dicionário HOUAISS [em linha]. 2009. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1. Acesso em 25 de jan de 2024.

MARROQUIM, M. *A Língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. São Paulo: Companhia Editoria Nacional, 1934.

MATTOS e SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MILAN, P.; KLUGE, D. C. Diferenças na região pré-nuclear entre sentenças assertivas e interrogativas do dialeto curitibano: produção e percepção. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas-SP: UNICAMP, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8649275>. Acesso em: 16 nov. 2023.

MORENO-FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. 4 ed. Barcelona: Ariel, 2009 [1998].

MOTA, J. A. Como fala o nordestino: a variação fônica nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. In: LIMA-HERNANDES, M. C.; MARÇALO, M. J.; MICHELETTI, G.; MARTIN, V. L.R. (orgs.). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH-USP, 2008.

MOTA, J. A.; RIBEIRO, S. S. C.; OLIVEIRA, J. M. *Atlas linguístico do Brasil: comentários às cartas linguísticas - 1*. 3v. Londrina: EDUEL, 2023.

MOTA, J. A.; JESUS, C. S. O /S/ em coda silábica. In: MOTA, J. A. ; RIBEIRO, S. S. C.; OLIVEIRA, J. M. *Atlas linguístico do Brasil: comentários às cartas linguísticas - 1*. 3v. Londrina: EDUEL, 2023, p. 101-117.

NASCENTES, A. *Bases para Elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].

NIEDZIELSKI, N.; PRESTON, D. R. *Folk Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

OJIMA, R.; FUSCO, W. Migrações e nordestinos pelo Brasil. In: OJIMA, R. FUSCO, W. *Migrações Nordestinas no Século 21: Um Panorama Recente*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015.

OLIVEIRA, A. T. R. Algumas abordagens teóricas a respeito do fenômeno migratório. In: *Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil – Estudos e análises*. 1v. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

OUSHIRO, L. Avaliações e percepções sociolinguísticas. In: *Revista Estudos Linguísticos*, v.50, n. 1. Campinas: UNICAMP, 2021.

PASTORELLI, D. S. Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato. Tese (doutorado). 2011. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000163357>>. Acesso em 07 de dez de 23.

PRESTON, D. R. 2010. Language, people, salience, space: perceptual dialectology and language regard. In: *Dialectologia*. 2010. Disponível em: <https://scholar.google.com/scholar_lookup?hl=en&volume=5&publication_year=2010&pages=87-131&journal=Dialectologia&author=Dennis+R+Preston&title=Language%2C+people%2C+salience%2C+space%3A+Perceptual+dialectology+and+language+regard>. Acesso em 14 de dez de 2023.

PRESTON, D. R. *Handbook of Perceptual Dialectology*. 1v. Amsterdam y Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1999.

PRESTON, D. R. Métodos em Linguística Popular (aplicada): o que pensa o povo? *Revista Estudos da Lingua(gem)*. 19v. n2. Vitória da Conquista, 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/356768433_Metodos_em_Linguistica_Popular_aplicada_o_que_pensa_o_povo_Methods_in_applied_folk_linguistics_getting_into_the_minds_of_the_folk>. Acesso em 14 de dez de 2023.

PRESTON, D. R. O que é Linguística Popular? Uma questão pertinente para as ciências. In: *Linguística Popular – Folk Linguistics: Saberes Linguísticos de meia tigela?* BARONAS, J. L. CONTI, T.C; GONÇALVES, M. R. B. (orgs). Campina Grande-MS: Ed. UFMS, 2021.

PROENÇA FILHO, D. *Muitas Línguas Uma Língua: a trajetória do português brasileiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

RODRIGUES, A. *Psicologia Social para principiantes: Estudo da interação humana*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012 [1933].

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D. Dados geolinguísticos sob uma perspectiva estatística: a variação lexical no Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil. *Rev. Estudos Linguísticos*. Belo Horizonte, v. 22, n. 2. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/6356/pdf>>. Acesso em 10 jul de 2023.

RONCARATI, C. N.; UCHOA, J. A. C. Enfraquecimento das fricativas sonoras na fala do Ceará. *Revista de Letras*: Fortaleza, 2014.

RUMEU, M. C. B. *Língua e sociedade: a história do pronome Você no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca (FAPERJ), 2013.

SANCHES, R. D.; DAY, K. C. N. Políticas Linguísticas Na Área Indígena Dos Karipuna Do Amapá: O Caso Do Kheuól. *Revista Linguagem & Ensino*. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/18513>. Acesso em 14 de fev de 2024.

SILVA, H.; AGUILERA, V. A. O Poder de uma Diferença: um Estudo Sobre Crenças e Atitudes Linguísticas. In: *Revista Linguística*. Vol. 58. São Paulo: UNESP, 2014.

SILVA, R. O. *Características acústicas e articulatórias das vogais postônicas na variedade do português brasiliense*. Dissertação (Mestrado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística: teoría y análisis*. Madrid: Alambra, 1988.

SIMON, P. *A diáspora do povo gaúcho*. Brasília: Senado Federal, 2009.

SOTAQUE. In: Dicionário CALDAS AULETE [em linha]. 2008. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/sotaque>. Acesso em 20 de maio de 2022.

TCHÊ. In: DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO, Etimologia e Origem das palavras, 2008. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/busca/?q=tche>. Acesso em: 15 de dez de 2023.

THUN, H. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. (org.) *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005.

THUN, H. La geolingüística como lingüística variacional general: con ejemplos del *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay*. In: *Dialettologia, geolingüística, sociolingüística*. Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1998.

TRINDADE, J. R. B.; OLIVEIRA, W. P.; MACHADO, N. M. *Borracha, nordestino e floresta: a economia e a sociedade amazônica nos dois ciclos gomíferos*. Cadernos CEPEC, [S.l.], v. 1, n. 1-6, mar. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/cepec/article/view/6773/5365>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

TROUXA. In: HOUAISS, Dicionário da Língua Portuguesa Online. Rio de Janeiro: Objetiva/Instituto Antônio Houaiss, 2009. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#2. Acesso em: 15 de dez de 2023.

TRUDGILL, P.; HERNÁNDEZ CAMPOY, J. M. *Diccionario de Sociolingüística*. Madrid: Gredos, 2007.

VARIEDADE. In: HOUAISS, Dicionário da Língua Portuguesa Online. Rio de Janeiro: Objetiva/Instituto Antônio Houaiss, 2009. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#2. Acesso em: 26 de jun de 2022.

YIDA, V. As designações para o pão nosso de cada dia: a norma lexical do português brasileiro com base no corpus do Projeto ALiB. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. 2021. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/17260>>. Acesso em: 07 de nov de 2023.